UNE ✦ SACRA

Roma Antiga

Eneida

✦ ✦ ✦

Virgílio

Tradução de Odorico Mendes (1854)

Créditos

Autor	Virgílio
Data	29–19 a.C.
Idioma original	Latim
Versão	Tradução de Odorico Mendes (1854)
Edição	1.5
Tradução	Manuel Odorico Mendes
Fonte	Wikisource
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Poema épico latino de Públio Virgílio Marão (70–19 a.C.), escrito nos últimos dez anos de sua vida, sob o imperador Augusto, e publicado depois de sua morte, inacabado.

Em 12 livros, narra a fuga de Eneias, príncipe troiano filho da deusa Vênus, da Troia em chamas até a Itália, onde seus descendentes fundariam Roma: a tempestade enviada por Juno, o amor e a morte da rainha Dido em Cartago (livros I a IV), os jogos fúnebres em honra de Anquises e a descida de Eneias ao mundo dos mortos guiado pela Sibila de Cumas, onde vê as almas dos futuros romanos (V e VI), e a guerra no Lácio contra Turno, rei dos rútulos, que termina com a morte de Turno (VII a XII).

Virgílio quis dar a Roma o que Homero dera à Grécia: a primeira metade da Eneida ecoa a Odisseia, e a segunda, a Ilíada. O poema tornou-se a obra central da escola latina por dezoito séculos; na Idade Média, Virgílio foi lido como profeta (a Écloga IV) e é o guia de Dante no Inferno.

Fonte: https://pt.wikisource.org/wiki/Eneida_Brazileira

Consulte a fonte indicada acima para os termos de uso desta versão. O desenho deste arquivo é da Une Sacra (CC BY-NC-SA 4.0); o texto segue a licença indicada acima.

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens



Eneias e a Sibila na entrada dos Campos Elísios (livro VI), no Vergilius Vaticanus, um dos manuscritos mais antigos de Virgílio, copiado e ilustrado em Roma por volta do ano 400.

Vergilius Vaticanus (Vat. lat. 3225), fol. 52r — Biblioteca Apostolica Vaticana — Wikimedia Commons · Alta resolução



Retrato de Virgílio no Vergilius Romanus, manuscrito das obras do poeta feito no século V.

Vergilius Romanus (Vat. lat. 3867), fol. 14r — Biblioteca Apostolica Vaticana — Wikimedia Commons · Alta resolução

Sumário

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Livro VI

Livro VII

Livro VIII

Livro IX

Livro X

Livro XI

Livro XII

LIVRO I

✦

1-10 Eu, que entoava na delgada avena
Rudes canções, e egresso das florestas,
Fiz que as vizinhas lavras contentassem
A avidez do colono, empresa grata
Aos aldeãos; de Marte ora as horriveis
Armas canto, e o varão que, lá de Troia
Prófugo, á Italia e de Lavino ás praias
Trouxe-o primeiro o fado. Em mar e em terra
Muito o agitou violenta mão suprema,
E o lembrado rancor da seva Juno;

11-14 Muito em guerras soffreu, na Ausonia quando
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:
Donde a nação latina e albanos padres,
E os muros vem da sublimada Roma.

15-18 Musa, as causas me aponta, o offenso nume,
Ou por que mágoa a soberana déa
Compelliu na piedade o heroe famoso
A lances taes passar, volver taes casos.

19 Pois tantas iras em celestes peitos!

20-26 Colonia tyria no ultramar, Carthago,
Do ítalo Tibre contraposta ás fozes,
Houve, possante emporio, antigo, asperrimo

N'arte da guerra; ao qual, se conta, Juno
Até pospoz a predilecta Samos:
Lá coche, armas lá teve; e annúa o fado,
No orbe enthronal-a então já traça e tenta.

27-31 Porêm de Teucro ouvira que a progenie,
Dos Penos subvertendo as fortalezas,
Viria a ser, desmoronada a Libya,
Á larga rei bellipotente povo:
Que assim no fuso as Parcas o fiavam.

32-41 Saturnia o teme, e a pró dos seus Achivos
Recorda as lides que excitara em Troia;
Nem d'alma aggravos risca, dôres cruas:
No íntimo impressa a decisão de Páris,
A injúria da belleza em menoscabo,
E a raça detestada e as honras duram
Do rapto Ganymedes. Nestes odios
Sôbre-accesa, os da Grecia e immite Achilles
Salvos Troas, do Lacio ia alongando,
Por todo o plaino undísono atirados;

42-44 E, em derredor vagando annos e annos,
De mar em mar a sorte os repulsava.
Tam grave era plantar de Roma a gente!

45-48 De Sicilia, amarando, mal velejam
Ledos e o cobre rompe a salsa espuma,
Juno, dentro guardada eterna chaga:

«Eu, diz comsigo, desistir vencida!

49-52 Nem vedar posso a Italia ao rei dos Teucros!
Ah! tolhe-me o destino. A esquadra argiva
Não queimou Pallas mesma, submergindo-os
Só de um Ajax Oileu por culpa e furias?

53-60 Do Tonante o corisco ella das nuvens
Darda, os baixéis desgarra, o ponto assanha;
Ao triste, que varado expira chammas,
N'um torvelinho em rocha aguda o crava:
E eu, que raínha marcho ante as deidades,
Mulher e irmã de Jove, tantos annos
Guerreio um povo! E a Juno ha quem adore,
Ou súpplice inda a incense, a invoque e honre?»

61-65 No âmago isto fermenta, e a deusa á patria
De austros furentes, de chuveiros prenhe,
A' Eolia parte. Aqui n'um antro immenso
O rei preme, encarcera, algema, enfreia
Luctantes ventos, roncas tempestades.

66-77 Em tôrno aos claustros de indignados fremem
Com gran'rumor do monte. Em celsa roca
Sentado Eolo, arvora o sceptro, e as iras
Tempera e os amacia. Que o não faça,
Varridos mar e terra e o céo profundo
Lá se vam pelos ares. Cauto, em negras
Furnas o omnipotente os aferrolha,

E, um cargo de montanhas sobrepondo,
Lhes deu rei, que mandado a ponto as bridas
Suster saiba ou laxar. Dest'arte Juno
O exora humilde: «Eolo, o pae dos divos
E rei dos homens te concede as ondas

78-82 Sublevar e amainal-as; gente imiga
Me sulca as do Tyrrheno, Ilio e os domados
Penates para Italia transportando:
Ventos açula, as pôpas mette a pique,
Ou dispersas no ponto as espedaça.

83-85 Quatorze esbeltas nymphas me cortejam,
Das quaes a mais formosa, Deiopeia,
Prometto unir comtigo em jugo estavel;

86-87 Que em paga para sempre a ti se vote,
Meiga te procreando egregia prole.»

88-90 A quem Eolo: «Que o desejes basta;
Meu, raínha, he servir-te. Quanto valho
Tu m'o grangêas, e este sceptro e Jove;

91-92 Tu dás-me á diva mesa o recostar-me,
Ser em tufões potente e em tempestades.»

93-99 Dice; e um revez do conto a cava serra
A um lado impelle: em turbilhão, cerrados
N'um grupo os ventos, dada a porta, ruem,
As terras varejando. Ao mar carregam,

E horrísonos revolvem-lhe as entranhas
Nôto mais Euro, e de borrascas fertil
Africo; ás praias vastas ondas rolam.

100-104 Homens gritam, zunindo a enxarcia ringe.
Some-se ao nauta o céo, tolda-se o dia;
Pousa no pelago atra noite; os polos
Toam, o ether fuzila em crebros raios:
Tudo ameaça aos varões presente a morte.

105-108 Frígido, arripiado, Enéas geme,
E alça as palmas e exclama: «Afortunados
Oh! tres e quatro vezes, d'Ilio ás abas,
Os que aos olhos paternos feneceram!

109-115 Ó dos Danaos fortissimo Tydides,
A alma em Troia vertendo-me essa dextra,
Não ficar eu nos campos, onde o bravo
Heitor d'Eacide ás lançadas, onde
Sarpédon jaz magnanimo, onde o Simois
Corpos e elmos de heroes e escudos tantos
Arrebatados na corrente volve!»

116-119 Bradava; e a sibilar ponteiro Bóreas
Rasga o panno, e a mareta aos astros joga.
Remos estalam; cruza a proa, e o bórdo
Rende; escarpado fluido monte empina-se.

120-122 As naus já no escarcéo pendem, já descem
N'um sorvedouro á terra entre marouços:
Remoínha o esto na revôlta arêa.

123-125 Tres rouba Nôto e avexa n'uns abrolhos,
Abrolhos sob o mar, que Italos aras
Nomêam, dorso horrendo ao lume d'agua;

126-133 Tres no parcel (que lastima!) Euro esbarra,
Encalha em vaos, de marachões rodêa.
Uma, em que Oronte fido e os Lycios vinham,
Ante Enéas, d'avante humido rôlo,
Do maior pino desabando, em pôpa
Fere-a; do baque o prono mestre vôlto
Cahe de cabeça. O vagalhão tres vezes
Torce-a, revira, um vortice a devora.

134-140 Raros no vasto pégo a nadar surdem;
Taboas e armas viris e alfaias troicas,
Prêa das ondas. A tormenta escala
A nau robusta de Ilioneu, de Abante,
As de Alethes grandevo e Achates forte:
Todas, frouxadas as junturas, sorvem
A inimiga torrente, e em fendas gretam.

141-146 Mugir seu reino e o temporal desfeito,
Caixões do imo a brotar, sentiu Neptuno,
Torvo, abalado, e acode acima e exalta

A placida cabeça. A frota esparsa
Vê sossobrando, oppressos os Troianos
Da marejada e do ruído ethereo.

147-150 De Juno irosa o dolo o irmão percebe;
Euro e Zephyro chama: «Herdastes, ventos,
Tal presumpção, que sem meu nume, ousados,
Terra e céo confundis e equoreas brenhas?

151-157 Eu vos... Mas insta abonançar as vagas:
Caro m'o pagareis, guardo o castigo.
Ao rei vosso intimai, já já, que em sorte
Não lhe coube este imperio, que o tridente
Fero he só meu. Tem elle enormes fragas,
Euro, vossas mansões: nessa aula ufano
Sôbre enclaustrados ventos reine Eolo.»

158-160 Nem cessa, e o mar se lança, o tempo alimpa
E abre o Sol. Finca a espadoa, e com Cymóthoe
As naus Tritão do escolho desengasga;

161-163 Mesmo o padre as alliva com seu sceptro,
Amplas syrtes afunda, aplaca os mares,
Por cima em rodas se deslisa leves.

164-166 Como, enraivado em popular tumulto,
Despara ignobil vulgo, e o facho e o canto
Já voa, as armas o furor ministra;

167-172 Mas, se um pio ancião preclaro assoma,
Calam, para escutar o ouvido afiam;
Elle os convence e os animos abranda:
Assim baixa o fragor e o pégo amansa,
Quando olha o deus, que os brutos no ar sereno
Dobra, e dá loros ao ligeiro carro.

173-182 Da costa proxima em demanda, á Libya
Os cansados Eneadas aproam.
N'um golpho alli secreto, com seus braços
Faz barra ilha fronteira, onde a mareta
Quebra e se escoa em sinuosas rugas:
Penedia em redondo, e ao céo minazes
Ha dous picos irmãos, a cujo abrigo
Dorme diffuso o mar; de coruscantes
Selvas prolonga-se eminente scena,
Descahe de atra espessura horrida sombra;

183-186 No tôpo ha gruta em pêndulos cachopos,
Com doce fonte, e em viva rocha bancos
Das nymphas séde: aqui não prende amarra
Nem mordaz ferro adunco as lassas quilhas.

187-192 Com sete naus ao todo arriba Enéas;
E amorosos da terra, alvoroçados
Saltando os seus, do sal tabidos membros
Na arêa espraiam. Lume eis fere Achates,
Toma em folhas, e em roda as accendalhas,
Nutre a faisca, e em lenha a chamma atêa.

193-195 Mareados pães e cereaes aprestos
Já desembarca a trabalhada chusma,
E os grãos põe-se a torrar e em pedra os pisa.

196-199 Trepa emtanto um penhasco, e ao largo Enéas
Regyra, a vêr se undívagos alcança
Antheu ou Capys, as biremes phrygias,
Ou armas de Caíco em altas pôpas.

200-202 Baixel nenhum; avista só tres cervos
Na praia errantes; segue atrás o armento,
E enfileirado pelos valles pasta.

203-205 Retem-se, e o arco aferra e as settas ageis
Que armam Achates fido, e os guias logo,
De arboreas pontas entonados, prostra;

206-208 Embrenha a demais turba e acossa a tiros,
Té que derriba sete ingentes corpos,
E iguala as naus. De vólta, elle os divide.

209-216 E os barris que, á partida, o heroe trinacrio
Bom de vinho atestara, aos seus larguêa;
Dulcíloquo os mitiga: «Os males, socios,
Nada estranhamos; oh! mais agros foram:
Deus porá termo a estes. Vós de Scylla
De perto a raiva e escolhos resonantes,
Vós cyclopeos rochedos affrontastes:
Animo! esse temor bani tristonho;

217-220 Talvez isto com gôsto inda nos lembre.
Por varios casos, transes mil, nos vamos
Ao Lacio onde o repouso os fados mostram:
Resurgir deve alli de Troia o reino.

221 Tende-vos duros, da bonança á espera.»

222-225 Tal discursa, e affectando um ar seguro,
N'alma inferma suffoca a dôr profunda.
Lestos á presa atiram-se: este esfola,
Aquelle desentranha, outro esposteja;

226-229 Qual trementes no espeto enrosca os lombos,
Qual fogo atiça aos caldeirões na praia.
Fartos, na relva espalham-se, refeitos
De velho baccho e veação opíma.

230-232 Repleta a fome, e as mesas removidas,
Dubios indagam, sôbre os seus praticam
Entre medo e esperança: estam com vida?

233-236 Ou na extrema agonia ao brado surdos?
Mormente o pio rei de Amyco chora
Ou de Lyco o desastre, o ardido Oronte,
E o forte Gyas e Cloantho forte.

237-240 Das alturas, no fim, Jove esguardando
O mar velívolo e as jacentes plagas
E amplas nações, no vertice do Olympo
Quedo, os olhos fitou nos lybios reinos.

241-247 Quando o absorviam taes cuidados, Venus
Triste, os gentis luzeiros orvalhando:
«O' tu, queixou-se, que os mortaes e os deuses
Reges eterno e horrísono fulminas,
O que te fez meu filho, o que os Troianos,
Que após tragos lethaes, não só d'Italia,
Do universo os cancellos se lhes fecham?

248-251 Roma delles tirar, delles os cabos
Que, eras volvendo, restaurado o sangue
De Teucro, o mar e a terra sofreiassem,
Nos prometteste: quem mudou-te, ó padre?

252-261 Do occaso ao menos e desgraças d'Ilio
Isto, uns fados com outros compensando,
Me consolava. Igual fortuna arrasta
Ora os varões a riscos e a trabalhos:
Quando os findas, gran'rei? De Acheus escapo,
Entrar salvo Antenor d'Illyria o seio
E internar-se em Liburnia, e a fonte obteve
De Timavo transpôr, donde por bôcas
Nove, a montanha a rimbombar, despenha-se
Ruidoso mar que empola e o campo alaga.

262-268 Sentou Patavio aqui, deu casa a Teucros,
Nome á gente, e os brasões fixou de Troia;
Descansa em doce paz. Nós tua estirpe,
Nós da celeste côrte, as naus submersas,

Ah! de uma por furor, victimas somos,
Longe expulsos d'Italia? Deste modo
Se honra a piedade, os sceptros nos reservas?»

269-275 Sorrindo-se o autor de homens e numes,
C'um gesto que a tormenta e o céo serena,
Da filha osculos liba, e assim pondera:
«Poupa esse medo, Cypria; immotos jazem
Dos teus os fados: nas lavinias tôrres
Has de revêr-te, e alar sôbre as estrellas
Teu grande Enéas. Jupiter não muda.

276-287 O heroe na Italia (esta ancia te remorde,
Vou rasgar-te os arcanos do futuro)
Guerras tem de mover e amansar povos,
E instituir cidades e costumes,
Ao passo que reinando o vir no Lacio
Terceiro estio, e os Rutulos domados,
Forem-se tres invernos. Posto ao leme
Ascanio, que hoje Iulo cognominam
(Ilo, em quanto florente Ilion se teve),
Cerrando os mezes trinta largos gyros,
Ha-de, a séde lavinia trasladada,
Alba longa munir e abastecel-a.

288-290 Os Hectoreos aqui trezentos annos
Já reinarão, quando a vestal princeza
Ilia parir a Marte gemea prole.

291-293 Da nutriz loba em fulva pelle ovante,
Romulo ha de erigir mavorcios muros,
E á recebida gente impôr seu nome.

294-298 Métas nem tempos aos de Roma assino;
O imperio dei sem fim. Té Juno acerba,
Que o mar ciosa e a terra e o céo fatiga,
Transmudada em melhor, tem de amparar-me
Do orbe os senhores e a nação togada.

299-301 Praz-me assim. Manem lustros, que inda a casa
De Assaraco ha de ser de Phthia e de Argos
Senhora, e agrilhoar Mycenas clara.

302-304 D'Iulo garfo egregio, em nome e glória
Succedendo, as conquistas no oceano
Cesar teminará, nos céos a fama.

305-314 Nos astros sim, de espolios do oriente
Onusto, o acolherás; e humanas preces
Tem de invocal-o. Então, deposta a guerra,
Se amolgue a ferrea idade; a encanecida
Fé com Vesta, os irmãos Quirino e Rhemo
Dictem leis; Jano trave as diras portas
Com trancas e aldrabões; sôbre armas cruas
Dentro o impio Furor sentado, e roxos
Atrás os pulsos em cem nós de bronze,
Hediondo ruja com sanguinea bôca.»

315-319 Não mais; e expede o génito de Maia,
Porque a recem Carthago hospicio aos Teucros
Franquêe, nem, do fado inscia, a raínha
Os extermine. O deus pelo ar patente
De azas remando, em Libya o vôo abate;

320-322 Fiel ás ordens, a fereza aos Penos
Despe; e Dido primeira em pró dos Phrygios
Brandos affectos placidos concebe.

323-331 Toda a noite pensoso o heroe velando,
A alma luz mal branqueja, onde arribara
Dispõe sondar; e vendo incultas margens,
Inquirir quem as tem, se homens, se feras,
E aos seus noticial-o. As naus mettidas
N'abra de uns bosques sob cavada penha,
Entre verde espessura e negras sombras,
Elle só, mais Achates, sahe brandindo
Duas hastes que empunha de ancho ferro.

332-338 Da selva em meio a mãe se lhe apresenta,
Virgem no trajo e aspecto, em armas virgem
Lacena; ou qual Harpálice a threícia
Cansa os corseis e o Euro vence alífugo:
Pois do hombro o arco destro, á caçadora,
Pendura, e ás auras a madeixa entrega,
Dos joelhos nua e a falda em nó colhida.

339-342 Eil-a: «Ó jovens, errante aqui topastes
Irmã minha, a gritar quiçá no encalço
De javali sanhudo? A cinta aljava
Tem sobre a pelle de um manchado lynce.»

343-352 Isto Venus; e o filho assim responde:
«Nenhuma ouvi nem vi das irmãs tuas,
Ó... quem direi? Não tens mortal semblante
Nem voz de humano som; es deusa, ó virgem:
Irmã de Phebo ou nympha? As nossas penas
Tu, por quem es, minora: e nos ensina,
Pois vagueâmos sem saber por onde,
O paiz, clima ou povo, a que arrojou-nos
Vento e escarcéo medonho. Hostias sem conto
Havemos de immolar nas aras tuas.»

353-355 «Não mereço honras taes, replíca Venus;
Usam de aljava, e ao bucho as virgens tyrias
Atar das pernas borzeguim purpúreo.

356-359 Punicos reinos e agenorios muros
Vês, nos confins da indomita e guerreira
Libyca raça. O imperio atêm-se a Dido,
Que, por fugir do irmão, fugiu de Tyro.

360-361 He longa a injúria, tem rodeios longos;
Mas traçarei seu curso em breve summa.

362-364 Sicheu, Phenicio em lavras opulento,
Foi da misera espôso, e müito amado:
Com bom preságio o pae lha dera intacta.

365-369 Pygmalion, façanhoso entre os malvados,
Barbaro irmão, do estado se empossara.
Interveio o furor: de fome de ouro
Cego, e á paixão fraterna sem respeito,
Perfido, impio, a Sicheu nas aras mata;

370-375 O facto encobre, e a credula esperança
Da amante afflicta largo espaço illude
Com mil simulações. Mas do inhumado
Consorte, com esgares espantosos,
Pallida em sonhos lhe apparece a imagem:
Da casa o crime e trama desenleia;

376-381 A ara homecida, os retalhados peitos
Desnuda, e á patria intíma-lhe que fuja:
Prata immensa e ouro velho, soterrados,
Para o exilio descobre. Ella, inquieta,
Apressa a fuga, e attrahe os descontentes
Que ou rancor ao tyranno ou medo instiga;

382-384 Acaso prestes naus, manda assaltal-as;
Dos thesouros do avaro carregadas
Empégam-se: a mulher conduz a empresa!

385-388 Chegam d'alta Carthago onde o castello
Verás medrando agora e ingentes muros:
Mercam solo (do feito o alcunham Byrsa)
Quanto um coiro taurino abranja em tiras.

389-394 Mas vós-outros quem sois? donde he que vindes?
Que regiões buscais?» Elle ás perguntas
Esta resposta suspirando arranca:
«Ó déa, se recorro á prima origem,
E annaes de angústias não te pejam, Vesper
No Olympo encerra o dia antesque eu finde.

395-397 Da antiga Troia (se has notícia della),
Vagos no equoreo campo, arremessou-nos
Casual tempestade ás libyas costas.

398-400 Enéas sou, com fama alêm dos astros,
Que livrei de hostil garra os meus penates,
E piedoso os transporto á patria Ausonia;

401-403 Do summo Jove a geração procuro.
Por guia a deusa mãe, submisso aos fados,
Em vinte naus commetto o phrygio ponto;

404-407 Rôtas do Euro e das ondas, restam sete.
Pobre, ignoto, percorro africos ermos,
D'Asia e d'Europa excluso...» Nem mais Venus
Lamentos comportou, na dôr o atalha:

408-410 «Quem sejas, creio, não do céo malquisto,
Gozas d'aura vital, que a Tyro aportas.
Eia, ao regio palacio te encaminha.

411-413 Sem risco os socios, ancorada a frota,
Com o rondar dos áquilos, te auguro,
Se em arte vã meus paes não me instruiram.

414-417 Attenta cysnes doze em bando alegres:
No espaço, o ether fendendo, os perseguia
A ave de Jove; n'um cordão agora
Ou tem no pouso a mira, ou vam pousando;

418-421 Juntos batendo as estridentes azas,
Brincam cingindo o pólo, a salvo cantam:
Bem como os teus as pôpas atracaram,
Ou de véla enfunada a foz embocam.

422 Sus, alli te dirige, a estrada he esta.»

423-428 Dá costas, e a cerviz rosada fulge,
De ambrosia odor celeste a coma expira;
A veste escoa aos pés; no andar se ostenta
Vera deusa. Elle atrás da mãe fuginte,
Reconhecendo-a, brada: «Porque o filho
Com taes ficções, cruel, enganas tanto?

429-431 Ligar dextra com dextra, ouvir-te ás claras,
Conversar-te em pessoa me he defeso?»
Tal a argúe, e ás muralhas se endereça.

432-438 Ella porêm de ar fusco os viandantes
Tapa e os embuça em nevoa, que enxergal-os
Ou tocar ninguem possa, nem detel-os
Ou da vinda informar-se. A deusa a Paphos
Remonta, a espairecer no sítio ameno
Onde o sabeu perfume arde em cem aras,
E recentes festões seu templo aromam.

439-441 Eis da azinhaga pela trilha cortam,
E um teso galgam já, que olha imminente
A fronteira torrígera cidade.

442-445 Palhaes d'antes, a mole admira Enéas,
Admira o estrondo e as portas e as calçadas.
Tyro aferventa-se, a lançar os muros,
A avultar o castello, e a rolar pedras.

446-448 Parte com sulcos marca os edificios;
Santo augusto senado, e o foro e a curia,
Se cria e elege: aqui se escavam portos;

449-451 Fundam-se alli magnificos theatros,
De marmor collossaes talham columnas,
Pompa e decoro das futuras scenas.

452-455 Quaes abelhas ao sol por floreos prados
Lidam na primavera, quando ensaiam
O adulto enxame; ou doce fluido espessam,
Do nectar flavo retesando as cellas;

456-459 Ou quando a carga das que vem recebem;
Ou em batalha expulsam da colmêa
Os zangãos, gente ignava. A obra ferve,
E a tomilho recende o mel fragrante.

460-462 «Ditoso quem seus tectos já levanta!»
Exclama o heroe, e os coruchéos contempla.
Na cidade não visto, oh maravilha!

463-474 Se mistura ennublado. Em meio havia
Luco umbroso e fresquissimo, onde os Penos,
De ondas jogados e tufões, cavaram
O tésto de um corsel, de Juno régia
Mostra e penhor que o povo, asado á glória,
Pugnaz e duro, insultaria os evos:
Lá punha Dido a Juno insigne templo,
Que dons e a rica effigie realçavam:
No bronzeo limiar da bronzea escada,
Craveja o bronze as traves, e a couceira
Range em portões de bronze. Um novo objecto
N'este bosque a lenir entra os receios;

475-483 Aqui primeiro ousou fiar-se Enéas
E prometter-se allívio em seus pezares:
Pois quando, á espera da raínha, o templo
Nota peça por peça, quando o enlevam
De Carthago a fortuna, o gôsto fino,
O artificio, o primor, acha em pintura

A fio as guerras d'Ilion, pelo orbe
Já soadas; o Atrida, o rei troiano,
E terror de ambos sobresahe Achilles.

484-487 Pára, e em lagrimas diz: «Que sítio ou clima
Cheio, Achates, não he dos nossos males?
Eis Priamo! o louvor tem cá seus premios,
Doe mágoa alheia, e remanece o pranto.

488 Coragem! que em teu bem conspira a fama.»

489-493 Dice, e em vãos quadros se apascenta, e as faces
Gemebundo humedece em largo arroio.
Vê de Pérgamo em roda a hoste graia
Do phrygio ardor fugir, fugir a teucra
Do instante carro do emplumado Achilles.

494-498 Ai! perto a Rheso por traição Tydides,
No primo somno, arrasa as niveas tendas,
De carnagem cruento; e os acres brutos
Volve ao seu campo, sem gostado haverem
De Troia os pastos, nem bebido o Xantho.

499-504 Triste! as armas perdendo, alêm, Troílo,
Que arrostou-se menino ao proprio Achilles,
He dos corséis tirado, e resupino,
Mas tendo os loros, do vazio carro
Pende; e a cerviz no pó, de rojo a coma,
Virada a lança hostil na arêa escreve.

505-511 Em cabello, as Iliades afflictas
Ao templo iam tambem da iniqua Pallas,
O peplo humildes offertando, e os peitos
Com punhadas ferindo: aversa a déa
Olhos no chão pregava. A Heitor Pelides
Tres vezes arrastara em tôrno aos muros,
De ouro a pêso vendia-lhe o cadaver.

512-514 Do imo um gemido grande Enéas sólta,
No olhar o espólio, o coche, o amigo exanime,
E a Priamo estendendo as mãos inermes.

515-521 A si se reconhece entre os mais chefes.
Do negro rei do eôo a turma e as armas
A'testa de milhares de Amazonas
Com lunados broquéis, Penthesiléa
Se abraza em furia, bellicosa atando
Sob a despida mama um cinto de ouro,
E virgem com varões brigar se atreve.

522-524 Quando extatico o heroe se embebe e enleia,
Ao templo a formosissima raínha
Marcha, de jovens com loução cortejo.

525-528 Qual nas ribas do Eurotas ou do Cyntho
Pelos serros Diana exerce os coros,
E, de infindas Oreadas seguida,
Carcaz ao hombro, em garbo as sobreleva;

529-531 Rega-se em gôzo tacito Latona:
Tal era Dido, airosa e prazenteira,
Do seu reino a grandeza apressurando.

532-535 No adyto sacro, em meio do zimborio,
De armas cercada, em solio majestoso
Senta-se. Os pleitos julga e leis prescreve,
Regra ou sortêa os publicos trabalhos.

536-541 Subito Enéas no tropel devisa
A Cloantho brioso, Antheu, Sergesto,
E os mais que atra borrasca a longes costas
Remessara dispersos. Elle e Achates
Varados ficam de alegria e susto,
Avidos ardem por travar as dextras;

542-546 Fôrça ignota os perturba. Dissimulam;
Qual a sorte dos seus do encêrro espreitam
Nebuloso, e onde surta a frota seja,
E com que fim das naus os mais conspicuos
Clamando, a pedir venia, ao templo acodem.

547-554 Introduzidos, quando a vez tiveram,
Rompe o idoso Ilioneu, facundo e grave:
«Raínha, ó tu que por favor supremo
Ergues nova cidade, e justa enfreias
Suberbas gentes, os Troianos ouve,

Que, dos ventos ludíbrio, os mares cruzam:
Livra do infando incendio a pia armada,
Poupa innocentes, nossa causa attende.

555-557 Nem vimos nós talar com ferro e fogo,
Nem saquear os lybicos penates:
A vencidos não cabe audacia tanta.

558-566 Paiz antigo existe, em grego Hesperia,
Armipotente e uberrimo, colonia
Já de enotrios varões; agora he fama
Que, de um seu capitão, se diz Italia:
Esta era a nossa róta; eis que em vaos cegos
Deu comnosco de salto Orion chuvoso,
E, em sanha o pelago e os protervos austros,
Nos derramou por ondas e ínvias fragas:
Poucos ganhámos pé nas vossas praias.

567-569 Patria e raça feroz! barbara usança!
Pisar em terra mãos hostis nos vedam;
Da arêa o asylo a náufragos prohibem.

570-576 Se as armas desprezais e as leis humanas,
O céo mede as acções, premeia e pune.
Rei nosso Enéas he, que a ninguem cede,
Pio e inteiro, valente e bellicoso:
Se aura ethérea o sustenta e o guarda o fado,
Se os manes o não tem, sem medo somos,
De o penhorar primeira não te pezes.

577-580 Cidades em Sicilia e campos temos,
E do sangue troiano o claro Acestes.
Amarrar nos permitte a lassa frota,
Mastros, remos cortar, falcar antenas;

581-589 Com que ledos, se Italia nos espera,
Os socios e o rei salvo, ao Lacio vamos:
Mas, se te ha consumido o lybio pégo,
Optimo pae dos Teucros, nem d'Iulo
Nos resta a segurança, ao pôrto embora,
Donde arribámos, a lograr voltemos
A apercebida sicula hospedagem,
E o regio amparo.» O Dárdano termina:
Lavra entre os seus approvador sussurro.

590-595 O rosto abaixa Dido, e foi succinta:
«Sus, Teucros, esforçai. Recente o estado
Ao rigor me constrange, e a defender-nos
Guarnecendo as fronteiras. Quem de Enéas
Desconhece a prosapia, e as guerras d'Ilio,
Seu valor, seus heroes, seu vasto incendio?

596-600 Nem somos nós tam broncos, nem de Tyro
Tam desviado o Sol junge os cavallos.
Quer da saturnia Hesperia, quer as margens
D'Erix opteis, em que domina Acestes,
Contai com meu auxílio e salvaguarda.

601-603 Folgais de aqui ficar? Esta cidade
Que erijo, he vossa; as naus que se approximem:
Não farei destincção de Phrygio a Peno.

604-607 Fôsse o rei vosso á Libya compellido
Do mesmo Nôto! O litoral já mando
E os sertões perlustrar; se he que o naufragio
Em povoado ou brenha o traz perdido.»

608-611 Ambos álerta, o padre e o companheiro
Ha müito almejam por quebrar a nuvem.
A Enéas se antecipa o forte Achates:
«Nado de Venus, que tenção meditas?

612-614 Tens a frota em seguro, os teus bemquistos;
Um só que falta, sossobrar o vimos:
Ao que a mãe te esboçou quadra o mais tudo.»

615-623 Mal acabava, a nuvem circumfusa
Se rompe e funde nos delgados ares.
Um deus na espalda e vulto, á claridade
Resplende Enéas; que n'um sôpro a deusa
Ao filho a cabelleira em fulgor banha,
Em luz purpúrea o juvenil semblante,
Em vivo terno agrado os olhos bellos:
Qual, pela indústria, com entalhos de ouro
Pário marmore, ou prata, ou marfim brilha.

624-630 De improviso á raínha e a todos clama:
«Eis quem buscais, dos libyos vaos escapo,
Enéas sou. Ó tu que só tens mágoa
De tanto horror, que a nós de Troia restos,
Da Grecia escarneo, em terra e mar batidos,
Falhos de tudo, exhaustos, em teu reino,
Em casa, nos recolhes e associas!

631-633 Nem pagar-te as finezas dignamente
Podêmos, Dido, nem os Phrygios todos
Quantos pelo universo peregrinam.

634-641 Se para os bons ha numes, he justiça,
Pague-te o céo e a propria consciencia.
Que seculo feliz, que paes ditosos
Te houveram filha? Em quanto os vagos rios
Forem-se ao mar, em quanto em gyro a sombra
Vier do monte ao valle, em quanto o pólo
Pascer os astros, onde quer que eu viva
Vivirá com louvor teu nome e fama.»

642-644 Dice; a dextra offerece ao velho amigo,
A sinistra a Seresto, e uns após outros,
A Gyas, a Cloantho, e aos mais guerreiros.

645-648 Da presença do heroe pasma a Phenissa,
Tal successo a commove, e assim se exprime:
«Que fado te urge, ó filho da alma Venus,
A arduos perigos e a bravias plagas?

649-654 Es o Enéas que a deusa ao nobre Anchises
Gerou de Simoente ás phrygias margens?
Bem me lembra que Teucro, expatriado,
Veio a Sidonia, para um novo assento,
Pedir a Belo ajuda: a opima Chypre
Já vencedor meu pae vastara e tinha.

655-658 De Troia os casos desde então conheço,
Teu nome, e os rêis pelasgos. Sempre ufano
Da anciã linhagem teucra, elle offendido
Com enthusiasmo elogiava os Teucros.

659-662 Eia, á minha morada, ó moços, vinde.
Por transes mil trazida, iguaes destinos
Cá me fixaram. Não do mal ignara
A soccorrer os miseros aprendo.»

663-668 Isto a Enéas memora, e o guia aos paços,
E em solemne festejo occupa as aras.
Nem de enviar aos nautas se descuida
Touros vinte, co'as mães cem gordos anhos,
Cem corpulentos sedeúdos porcos,
E o doce mimo do jocoso Bromio.

669-671 Luxo esplende real no interno alcaçar,
E opiparos banquetes se adereçam:
Primoroso o tapiz, de ostro suberbo;

672-674 Nas mesas prataria; em ouro a historia
Patria esculpida, successão longuissima
De uns a outros varões desde alta origem.

675-677 Saudoso, impaciente, o pae de Ascanio
Todo em seu filho está; para informal-o
E o conduzir de bórdo, expede Achates.

678-681 De troico exicio as preservadas prendas
Venham tambem: de escamas de ouro um manto
Brocado, um véo com orlas e recamos
De croceo acantho, ornatos peregrinos.

682-687 Dons maternos de Leda á bella Argiva,
Que a Pérgamo os trouxera de Mycenas
Á incasta boda; e o sceptro que Ilione,
Filha a maior de Priamo, hastiava,
E engranzado collar de perlas finas,
E aurea coroa de engastadas gemmas.

688 Executivo ás naus caminha Achates.

689-693 Nova traça urde a Cypria, alvitres novos;
Que Amor, no meigo Iulo transformado,
Com os dons nos ossos á raínha infiltre
Insano fogo. A estancia ambigua, os Tyrios
Bilingues teme; Juno atroz a inflamma;

694-698 Tresnoitada a pensar, por fim conjura
O alígero Cupido: «Ó filho, esteio
Unico e meu poder, filho, que em pouco

Tens as typhéas soberanas armas,
Es meu refúgio, teu soccorro imploro.

699-707 Sabes que a teu irmão de praia em praia
Fluctívago arremessa a iniqua Juno,
E doe-te a nossa dôr. Com mil caricias
Tem-no a Sidonia Dido; e o paradeiro
Dos junonios hospicios mal enxergo:
O ensejo he de tental-a. Eu receosa
Previno os dolos, accender projecto
A raínha; que um nume a não trastorne,
Mas firme, quanto eu mesma, a Enéas ame.

708-711 Ouve o como ha de ser. O infante regio,
Desvelo meu, do genitor chamado,
Levar a Byrsa as dadivas propõe-se,
Das vagas restos e das teucras chammas.

712-714 Sopito em somno o esconderei no idalio
Jardim sacro, ou nos bosques de Cythera,
Porque os ardis não turbe inopinado.

715-720 Tu nelle te disfarça uma só noite,
Do menino as feições veste menino;
E, entre o lieu licor e as reaes mesas,
Quando em seu gremio Dido, em cabo leda,
Amplexos te imprimir e doces beijos,
Fogo lhe inspires e subtil veneno.»

721-723 Á voz da cara mãe depondo as azas,
Finge gozoso Amor de Iulo o porte.
Ella em somno abebera o neto amado;

724-726 No collo amima e o sobe ao luco idalio,
Onde molle e suave mangerona,
Entre flores o abraça e fresca sombra.

727-728 E obediente os regios dons Cupido
Leva aos Tyrios, folgando após Achates.

729-731 Já d'aurea tela em sumptuoso leito
Acha a Dido, bizarra entre os magnatas.
Com sequito luzido o heroe concorre;

732-734 Tomam seu posto em purpura excellente.
Dá-se agua ás mãos, em canistréis vem Ceres,
Toalhas servem de tosada felpa.

735-738 Cincoenta moças frutas e viandas
Arrumam dentro, aos divos thurificam;
Cem outras e iguaes moços põem nas mesas
A baixella, a bebida e as iguarias.

739-748 Em mó nas salas festivaes, os Tyrios
De ordem recostam-se em coxins lavrados.
O padre, o falso Ascanio, o vulto admiram
Flagrante e a voz do deus; o manto, as joias,
De croceo acantho o véo. Não farta a mente
A misera Phenissa, á mortal peste
Votada, e mais e mais se abraza olhando

O menino e seus dons. Do pae fingido
Elle nos braços, do pescoço appenso,
Mal sacia-lhe o amor, vai-se á raínha.

749-754 Com olhos e alma se lhe apega Dido,
No collo o assenta, sem saber, coitada!
Que deus afaga. O alumno de Acidalia
Sicheu aos poucos remover começa,
E intenso ardor insinuar procura
N'um coração já frio e ha müito esquivo.

755-766 A primeira coberta alçada, os vinhos
Bolham, coroados, em bojudas copas.
Retumba o tecto, o estrepito por amplos
Atrios reboa; de aureas architraves
Pendentes lustres e os brandões accesos
A noite vencem. Grave de ouro e gemmas
Pede-a logo a raínha, e do mais puro
Enche a taça, que desde Belo usaram
Seus avós. Nos salões tudo em silencio:
«Jupiter, se he que aos hóspedes legislas,
Tam fausto alegre dia aos meus e aos Phrygios
Faze aos vindouros memoravel: Baccho

767-768 Porta-jubilo assista, e a boa Juno;
Vós o convite celebrai-me, ó Tyrios.»

769-773 Em honra então na mesa o vinho entorna,
Com seus labios o toca, e o dá libado
A Bycias provocando: elle aguçoso
Empina a espumea taça, em transbordante
Ouro se ensopa: toda a côrte o imita.

774-776 Logo entoa as lições do sabio Atlante
Em aurea cithara o crinito Iopas:
Canta a solar fadiga, a Lua instavel;

777-781 Donde homens e animaes, bulcões e raios;
Donde o nimboso Arcturo, e os Triões gemeos
E as Hyadas provêm; como apressados
Se tingem no aceano os soes hybernos,
Ou que demora estorva as tardas noites.

782 Penos e Troas á porfia o applaudem.

783-787 O serão entretida ia estirando
A infeliz Dido, e longo o amor bebia,
Müito de Priamo, inquirindo müito
De Heitor; que armas da Aurora o filho tinha,
Diomedes que frisões; que jando Achilles.

788-791 «Do princípio antes, hóspede, as insidias
Graias, dice, nos conta, e o patrio excidio,
E errores teus; que já seteno estio
De praia em praia todo o mar voltêas.»

LIVRO II

✦

1-9 Promptos, á escuta, emmudeceram todos,
Ao passo que exordia o padre Enéas
Do excelso tóro: — Mandas-me, ó raínha,
Renove a dôr infanda; o como os Danaos
D'Ilio a pujança e o reino lamentavel
Derrocaram; miserias que eu vi mesmo
E em que fui grande parte. Ao relatal-as,
Dolope ou Myrmidon, de Ulysses duro
Ha soldado que as lagrimas estanque?

10-20 E humida a noite já do céo descamba,
E as estrellas cahindo ao somno induzem:
Mas, se he teu gôsto ouvir os nossos casos,
E em breve o extremo afã saber de Troia,
Bem que á lembrança lucto e horror me esquivam,
Narral-os vou. Repulsos, quebrantados,
Pós tantos annos de fataes revezes,
Os Danaos um cavallo em ar de monte,
Divina arte de Pallas, edificam,
Lavram de abeto as intecidas costas:
Ser da tornada um voto á surda espalham.

21-23 No cego lado, os bravos sorteando,
A escolha incluem, de hoste armada enchendo
O antro profundo e lobregas entranhas.

24-28 Jaz Tenedos á vista, ilha famosa,
Próspera á sombra do priameo sceptro;
Hoje ermo pôrto, ás quilhas mal seguro:
N'uma abra alli se escondem. Nós os cremos
Velejando na róta de Mycenas.

29-33 Teucria do largo nojo emfim respira:
Abrem-se as portas, vai-se ao dorio campo;
Grato he vêl-o deserto e a praia nua:
«Os Dolopes aqui, Pelides fero
Se abarracava; aqui das naus a estancia;

34-38 Combatia-se aqui.» Mirando a turba
A offerta exicial da innupta deusa,
A mole a espanta: e lembra-nos Thymetes,
Ou fôsse dolo ou sina já de Troia,
Dos muros pôl-o dentro e no castello;

39-42 Mas Capys aconselha, e os de mais tino,
Que ao pégo o dom suspeito e grega insídia
Se atire ou queime em sotopostas chammas,
Ou se broque e tentêe o bôjo escuro.

43-46 Emquanto incerto e vário alterca o vulgo,
Ardendo Laocoon da cidadella
Corre com basto sequito, e de longe:
«Miseros cidadãos, que tanta insania!

47-51 De vólta os Gregos ou de engano exemptos
Seus dons julgais? desconheceis Ulysses?
Ou este lenho he couto de inimigos,
Ou máchina que, armada contra os muros,
Vem cimeira espiar e acommetter-nos.

52-58 Teucros, seja o que fôr, ha damno occulto:
No bruto não fieis. Mesmo em seus brindes
Temo os Danaos.» De esguelha, assim fallando,
A' curva liação do ventre equino
Com braço válido hasta ingente arroja:
Pregada está tremendo, e ao rijo encontro
Longo geme e retumba a atra caverna.

59-62 E, a não ser o destino e a mente avessa,
Nos movera os argolicos recantos
Com ferro a devassar: e inda em pé Troia,
Inda, alcaçar de Priamo, estarias.

63-70 Eis atrás maniatado alguns pastores
Ao rei com vozeria um moço trazem;
Que arteiro, ignoto, adrede os encontrara,
De animo firme em dar aos Gregos Troia,
Ou na empresa acabar. Curiosa acode,
E ávida se atropela e o cérca e apupa
A rapazia. Agora ouve a tramoia,
Por um crime avalia os Danaos todos.

71-73 Perante a multidão, turbado, inerme,
Pára, e olhando circumda as phrygias turmas:
«Que mar, grita, ou que terra ha de acolher-me?

74-75 Ai! que me resta? A patria proscreveu-me,
E os Dardanos meu sangue infensos pedem!»

76-78 Tal pranto nos demove e o furor quebra:
Sua estirpe o exhortamos a contar-nos;
Que intento o conduziu, que fé mereça.

79-83 Perde o susto o captivo, e assim responde:
«Toda a verdade, ó rei, sincero expendo.
D'antemão que sou Grego não t'o nego:
Tornar pode a Sinon fortuna escassa
Misero sim, mas embusteiro nunca.

84-90 Talvez já te soasse o nome e a glória
Do afamado Belídes Palamedes;
Que, sendo opposto á guerra, atroz calúmnia
O accusou de traição, e hoje os Pelasgos
Com tardio pezar extincto o choram:
Pobre meu pae, com elle seu parente,
Mandou-me inda novel seguir as armas.

91-96 Quando o reino o attendia e assim medrava,
De algum nome e esplendor tambem gozámos:
Depois que a inveja do manhoso Ulysses,

Deste mundo o tirou, como he notorio,
Mesto arrastando a vida em treva e lucto,
O supplício traguei do insonte amigo;

97-99 Té que, insano a bramir, vingal-o juro,
Se vencedor voltasse ao gremio de Argos,
E asperos odios imprudente afio.

100-102 Daqui mana meu mal; daqui terrivel
Sempre a assacar-me Ulysses novos crimes,
A espargir pelo vulgo ambiguas vozes;

103-105 Sempre em remorsos e a tecer meu damno.
Não descansou, sem que o ministro Calchas...
Mas que importuna historia em vão recórdo?

106-109 Porque detêr-me? Se os Achivos todos
Tendes na mesma conta, assás ouvistes,
Em mim puni-os: o Ithaco o deseja,
Pagal-o-ão por bom preço os dous Atridas.»

110-113 Do ardil pelasgo e infamia tanta ignaros,
Com ardor á porfia o interrogámos.
Pavido o gesto, o perfido prosegue:
«Lassos da guerra, o assedio erguer tentaram...

114-116 Oxalá que os Argivos o acabassem!
Mas, no abalar, os retiveram sempre
Crespas tormentas, carrancudos austros.

117-119 Prompta essa mole de tecidos lenhos,
Mais borrascoso trovejou. Perplexos,
Ao delio templo Eurypilo enviámos;

120-122 Que este oraculo triste annunciou-nos:
«Com sangue, ó Danaos, de immolada virgem,
Ao vir a Troia, os ventos aplacastes;

123-126 Sangue requer a vólta, e de hostia grega.
Divulgada a sentença, o espanto cala,
Gêlo os ossos traspassa, e tremem todos
Sôbre a quem busque a Parca e o deus condemne.

127-130 Então com grande estrondo ao campo Ulysses
Traz Calchas, e insta que o mysterio aclare:
Muitos, já do perverso lendo n'alma,
Em silencio o porvir me adivinhavam.

131-134 Dez dias encerrado, o vate abstêm-se
De delatar alguem e á morte expôl-o.
Do Laercio ao clamor, como por fôrça,
A voz desata emfim, me fada ás aras.

135-138 O assenso foi geral: cada um tolera
Que a sorte que temia em mim recaia.
Negreja o dia infausto: o rito encetam,
Cingem-me a venda, o salso farro aprestam.

139-141 Rompo as cordas, confesso, a morte evito;
Nos juncos de um paul me abriga a noite,
Emquanto ás vélas davam, se he que as deram.

142-148 Nem mais espero vêr meu ninho antigo,
Nem meu querido pae, meus doces filhos,
Que víctimas quiçá por mim padeçam,
Esta fuga expiando. Pelos deuses
Que attesto, exoro, se entre humanos inda
Ha limpa fé, tem mágoa de ancias tantas,
Perseguida innocencia te commova.»

149-152 De puro dó a vida lhe outorgámos;
E o mesmo rei, mandando allivial-o
De algemas e prisões, lhe dice affavel:
«Qual sejas, serás nosso, os teus deslembra.

153-155 Quem, falla-me a verdade, o immano vulto
Fabricou desse monstro? a que o destinam?
He religião? he máchina de guerra?»

156-161 Imbuído o falsario em dolo argivo,
Sôltas palmas levanta, e aos astros clama:
«Eternos fogos, inviolavel nume,
Aras, cutellos, que evadi, nefandos,
Mortal banda que a fronte me adornavas,
Testemunhas me sêde: os meus renego;

162-165 Trahido eu possa ao claro descobril-os:
Juramento nem lei me liga á patria.
Se alto arcano revelo, em ti fiado,
Tu, salvada por mim, salva-me ó Troia.

166-171 Sempre a Grecia no auxílio de Tritonia
Estribou seu triumpho, até que ousaram
Impio Tydides, sceleroso Ulysses,
Matando os guardas, o fatal palladio
Roubar do santuario, e á deusa as fitas
Virgineas profanar com mão cruenta.

172-178 Os Danaos, da esperança decahidos,
Afrouxam de energia. Bem mostraram
Varios prodigios a aversão de Pallas:
Posta a effigie entre nós, dos hirtos lumes
Fuzis desprega, em salso humor escorre,
Do chão tres vezes, oh milagre! pula,
E a rodela desfere e a lança trémula.

179-182 Que o mar se tente asinha o canta o vate:
Que em vão dardejam Troia, se indo em Argos
O auspicio renovar, não reconduzem
O em curvos bojos transportado nume.

183-186 E, se á patria Mycenas já navegam,
Vam refazer-se e grangear os deuses;
Mas, repassando o pelago, improvisos
Serão comvosco: a profecia he esta.

187-189 Da diva em desaggravo, amoesta-o Calchas,
De ligneas traves, em lugar da estatua,
Esta mole estupenda construíram;

190-193 Que pelas portas, altaneira ás nuvens,
Nem possa entrar na praça, nem do povo,
Segundo a crença antiga, ser custodia:
Pois, se braço troiano o dom violasse...

194-198 (Antes ao vate o agouro os céos convertam)
Raso iria este imperio; e, se vós mesmos
Dentro o mettesseis, desceria armada
Asia em pêso ás muralhas pelopéas,
Fado que abarcaria os nossos netos.

199-202 Do perjuro Sinon foi crido o engano;
E aos que Tydides, nem o Larysseu,
Dez annos, quilhas mil, nunca domaram,
Vencem dolos e lagrimas traidoras.

203-206 Nisto, o monstro maior, mais formidavel,
Improvidos nos turba. Á sorte eleito,
O antiste Laocoon com sacra pompa
A Neptuno immolava um touro ingente.

207-212 De Tenedos (refiro horrorisado)
Juntas, direito á praia, eis duas serpes
Des espiras cento ao pelago se deitam:
Acima os peitos e as sanguineas cristas
Entonam; sulca o resto o mar tranquillo,
E se encurva engrossando o immenso tergo.

213-216 Soa espumoso o páramo salgado:
Já tomam terra; e, em sangue e fogo tintos
Fulmineos olhos, com vibradas linguas
Vinham lambendo as sibilantes bôcas.

217-225 Tudo exsangue se espalha. O par medonho
Marchando a Laocoon, primeiro os corpos
Dos dous filhinhos seus abrange e enreda,
Morde-os e come as descosidas carnes:
E ao pae, que armado occorre, eil-as saltando
Atam-no em largas vóltas; e enroscadas
Duas vezes á cintura, ao collo duas,
O enlaçam todo os escamosos dorsos,
E por cima os pescoços lhes sobejam.

226-230 De baba e atro veneno untada a faxa,
Elle em trincar os nós co'as mãos forceja,
E de horrendo bramido aturde os ares:
Qual muge a rez ferida ao fugir d'ara,
Da cerviz sacudindo o golpe incerto.

231-233 Vam-se os dragões serpeando ao santuario,
E aos pés da seva deusa, ennovelados,
Sob a egide rotunda ambos se asylam.

234-238 Cresce o pavor, os corações retremem:
Pregoam justa a pena ao temerario
Que a ponta de impia lança no costado

Fincou do sacro roble; e o simulacro
Bradam que se recolha e se ore a Pallas.

239-244 Ferve a gente; a muralha e as portas rasga,
Leves rodas por baixo e ao collo ageita
Cabos tendidos. Prenhe de armas, sobe
A máchina fatal: em tôrno a coros
Cantam meninos e devotas virgens,
De tocarem na corda mui contentes.

245-247 Atravez da cidade ella suberba
Vai minaz resvalando. Ó patria! ó Ilio!
Invictos muros, divinal estancia!

248-251 Berço de heroes! Á entrada quatro vezes
Pára, e quatro restruge um rumor de armas.
Surdos, cegos instando, o monstro infausto
Ah! no augusto recinto o collocamos.

252-255 Fadada a não ser crida, então Cassandra
Abre o futuro; e os templos nós dementes
Naquelle de Dardania último dia,
De virentes festões velando fomos.

256-260 Vira o céo, no oceano a noite cahe,
E em basta sombra involve a terra e o pólo
E a myrmidonia astucia: ante as muralhas
Derramada em silencio, a troica gente
Em modorra ensopava os lassos membros.

261-267 Já, da tacita Lua ao mudo amparo,
De Tenedos partia ás notas praias
A instructa armada, e a capitânea régia
Sinal flammeo iça á ré. De iniquos deuses
Sinon valído, a furto os pineos claustros
Laxa; e o cavallo, devassado, ás auras
Rende as phalanges que no ventre aloja.

268-273 Por um calabre escorregando, alegres
Baixam do cavo seio os cabos Thoas,
Tissandro e Sthenelo, o maldito Ulysses,
Athamante e Pelídes Neoptolemo,
E Macaon primeiro e Menelao,
E autor da máchina o engenheiro Epeu.

274-276 Troia invadem sepulta em somno e vinho:
Matam a guarda, os seus na brecha esperam,
E os batalhões de accôrdo se encorporam.

277-282 Era quando aos mortaes começa e côa,
Divino dom, gratissimo descanso:
Tetrico Heitor em sonhos se me antolha,
Debulhando-se em pranto; como outrora,
Negro do pó cruento a biga o arrasta,
Os loros arrochando os pés tumentes.

283-285 Ai quam mudado! Aquelle Heitor não era
Que no espólio volveu do proprio Achilles,
E lançou teucra flamma ás pôpas graias.

286-290 Pegada a grenha em sangue, a barba esquálida,
Crivam-no golpes cem, que junto aos muros
Paternos recebeu. Chorando eu mesmo
Parecia arguíl-o em mesto accento:
«Ó luz dardania, segurança e apoio!

291-293 Donde vens? que detença! Em tal estado
Só te avistámos, caro Heitor, agora
Que a cidade agoniza e os teus perecem?

294-301 Que acto indigno afeiou teu rosto ameno?
Que feridas sam essas?» Elle nada,
De vãs queixas não cura, e grave arranca
Fundo suspiro: «Hui! foge, o incendio medra,
Foge, filho da deusa: em prêa aos Danaos
Rue do fastigio Troia. Assás fizemos
Pelo rei, pela patria. Esta só dextra,
A haver defensa, defendera Pérgamo.

302-304 Seu culto Ilio te fia e seus penates:
Toma-os comtigo; o pelago discorram,
Té que lhes fundes majestoso alcaçar.»

305-306 Dice, e tirou dos penetraes as fitas
E a poderosa Vesta e o fogo eterno.

307-310 A cidade se afunde em grita e pranto;
E, indaque n'um retiro entre arvoredos
Meu pae habite, mais clarêa o estrondo,
Recresce mais e mais o horror das armas.

311-313 Sacudo o somno, ao pincaro da tôrre
Trepo, ouvidos apuro. Tal, se a queima
Soprando o bravo sul cahe na seara;

314-318 Tal, se grossa torrente despenhada
Arrasa o campo e as ledas sementeiras,
Prostra o lavor dos bois, aluídas selvas
Arrebatando; lá do saxeo cume
Pasma nescio o pastor que o ruído escuta.

319-321 Eil-a a fé grega manifesta, e nua
A traição: de Vulcano ao vivo impulso
A ampla casa a Deiphóbo já desaba;

322-324 Já proximo arde Ucalegon; ao largo
Nos fretos do Sigeu reluz a flamma:
Clangor de tubas e alaridos soam.

325-329 Das armas ferro, desatino, e em armas
Doudo onde vá não sei; mas na ancia fervo
De soccorrer com gente a fortaleza:
A ira me precipita; e quanto he bello
O morrer pelejando á mente occorre.

330-334 Eis Pantho escapo d'entre achivas lanças,
Pantho, filho de Otreu, de Phebo antiste,
Com sacro espólio, com vencidos numes,
Do alcaçar pela mão traz um netinho,
Fóra de si vem vindo á estancia minha.

335-337 «Ah! Pantho, que he da patria? onde o conflicto?
A que posto acudir?» E elle em soluços:
«O termo veio, o ineluctavel dia;

338-340 Já fomos, Troia foi-se e a gloria sua:
A Argos transferiu tudo o fero Jove;
Na cidade combusta a Grecia impera.

341-350 Assuberbando a praça, o monstro equino
Batalhões verte; e ufano atêa incendios
O insultante Sinon: da gran' Mycenas
Quantos jamais vieram, se apinhoam
Nas bipatentes portas, e aos milhares
As gargantas e ruas pejam de armas:
O gume do aço agudo a ferir prestes
Nu lampeja: o combate apenas tentam
Das portas as primeiras sentinellas,
E em cego marte resistir se atrevem.»

351-354 O Otriades me instiga e ethereo influxo:
Vôo, entre o ferro e o fogo, onde a sinistra
Erynnis por mim chama, onde o bramido,
Onde o clamor nos astros retroando.

355-357 Com Ripheu se me aggrega o extrenuo Iphito,
E em refôrço ao luar Dymas e Hypanis
Reconheço, e o Mygdonides Corebo;

358-361 Joven que, por Cassandra insano ardendo,
A Ilion pouco havia era chegado
Em auxílio do sogro e do seu povo:
Ai! que a presaga voz descreu da espôsa.

362-370 Ao vêr tam nobre audacia: «Ó peitos, brado,
Fortissimos em vão, se a todo o extremo
Vosso anhêlo he seguir-me, o torvo aspecto
Olhai das cousas. Deste imperio esteios,
Os deuses, desertando aras e templos,
Foram-se todos: á cidade accesa
Tarde accorreis: morramos, pelas armas
Rompamos. Salvação para os vencidos
Uma, esperarem salvação nenhuma.»

371-374 Isto os provoca e atiça. Quaes rapaces
Lobos que, cegos de faminta raiva,
Sahem por nevoa escura, ávidas crias
De guelas sêccas nos covis deixando;

375-377 De morrer certos, por dardos, por hostes,
Troia, abrindo caminho, atravessamos:
Circumvoa atra noite em ouca sombra.

378-380 Quem poderá contar o estrago horrendo,
Quem dessa noite as funebres tragedias,
Ou lagrimas terá que a pena igualem?

381-384 A soberana antiga das cidades
Baquêa; e de cadaveres sem conto
Ruas, casas, vestibulos sagrados
Se alastram. Nem só mana o teucro sangue;

385-387 Brio innato os vigora: a terra mordem
Os vencidos de involta e os vencedores:
Tudo he lucto e pavor, crueza he tudo;

388 Multiplica-se a morte em vária fórma.

389-391 Cópia a guiar de Acheus, primeiro Andrógeos,
Do seu bando nos crendo: «Avante, amigos,
Avante ó bravos; que molleza e inercia!

392-394 Outros saquêam Pergamo abrazada;
Vós de alterosas naus desceis agora?»
Dice, e a resposta ambigua o desengana;

395-403 Em laço hostil sentiu-se: estupefacto
Reprime o passo e a lingua. O viandante,
Que entre aspero sarçal em cobra occulta
Senta o pesado pé, trépido salta,
Foge ao reptil, que desenrola as iras
E incha o ceruleo collo: assim tremendo
Recúa Andrógeos. Pela ferrea mata
Arremettemos, e aos montões prostramos
Gente ignara do sítio e espavorida.

404 Deste ensaio e bafejo da fortuna

405-409 Animado Corebo, exulta e grita:
«Por onde, ó socios, fado amigo aponta,
Eia, sigamos. Os broquéis mudemos,
E insignias graias adaptemos. Vença
Manha ou valor, quem do inimigo o exige?

410-412 Elles armas nos dem.» Logo o de Andrógeos
Luzido escudo enfia, e o elmo enlaça
Comante, e ajusta ao lado argiva espada.

413-416 Ripheu, Dymas, o imita; os moços folgam;
Do recente despôjo armam-se todos.
Entre a caterva hostil, sem fausto nume,
Por cega noite prelios mil travamos;

417-420 Remettemos ao Orco infindos Gregos.
Uns ás praias fiéis e ás naus se acolhem;
Parte com torpe medo o bruto escalam,
E entram de novo o conhecido bôjo.

421-424 Ah! sem querer divino o que he seguro?
Do adyto de Minerva eis desgrenhada
Cassandra arrastam priameia virgem,
De balde ao céo levando ardentes olhos;

425-427 Olhos, que as tenras mãos lhe atavam cordas.
Não o soffreu Corebo, e em fogo e sanha
Perecedouro aos esquadrões se atira;

428-432 E após vamos forçando um bosque de armas.
Do summo templo os nossos, enganados
Pela armadura e argolicos pennachos,
Nos despedem chuveiros de arremessos,
E miserrima clade se origina.

433-440 N'um corpo os Danaos, retomada a virgem,
De ira a gemer, daqui dalli carregam;
Acerrimo insta Ajax e os dous Atridas,
E a hoste dolopeia. Assim contendem
Sôltos n'um turbilhão Zephyro e Nôto,
E o Euro ovante nos frisões da Aurora:
Zune a selva; Nereu braveja e espuma,
De tridente remexe o equoreo seio.

441-452 Quantos pela cidade afugentámos
Entre a nocturna treva, outravez surdem;
Por nosso estranho accento o embuste e as armas
Descobrem. Turba immensa nos esmaga:
Primeiro, ás mãos de Peneleu, Corebo
De bruços ante a deusa armipotente
Tomba, e succumbe o espelho dos Troianos,
O unico justo, equissimo Ripheu:
Divino alto juizo! O mortal trago
Bebe a golpes dos seus Dymas e Hypanis:
Nem singular piedade, nem te vale
Na quéda, ó Pantho, a infula de Apollo.

453-456 Dos meus última flamma e patrias cinzas,
Testemunhai que nunca em vosso occaso
Dardo ou risco evadi; que, a ser meu fado
Morrer então, meu braço o merecia.

457-464 Eu dalli me desprendo, e Iphito e Pelias,
Pesado e annoso Iphito, e Pelias tardo
De Ulysses vulnerado. Á estancia régia
Nos tira o ruído: a guerra se encruece,
Qual se, o restante em paz, lá só reinasse
Toda a matança e horror: o infrene Marte
Compelle os Danaos, que o palacio atacam
E a testudem cerrando as portas cercam.

465-468 Arduas escadas fixam nas paredes,
E junto aos postes nos degraus se estribam;
A sinistra no escudo apara os tiros,
Cimalha e capitéis a dextra aferra.

469-471 Os Dardanos de cima, as cumieiras
E as tôrres demolindo, com taes armas,
Vendo-se já no extremo, se defendem;

472-474 E aureas traves, de avós decoro e pompa,
Devolvem; densa intrepida cohorte
Dentro a fios de espada o ingresso embarga.

475-476 De soccorrer o paço o ardor nos toma,
De esforçar os vencidos e ajudal-os.

477-481 Atrás communicava os edificios
Postigo innóto e corredor escuso,
Por onde, ai della! aos sogros vir sohia,
Durante o reino, Andrómacha sózinha,
Seu Astianaz ao caro avô trazendo.

482-492 Lá monto ao cimo, e estavam pobres Teucros
Sem fructo a dardejar. Tôrre em declive
Pendente, ás nuvens sôbre o tecto alçada,
Troia estendida, a frota e arraial grego
Descortinava: em cêrco das junturas,
Onde as vigas do solho a enfraqueciam,
A investimos a ferro, e do alto assento
Destroncada impellimol-a. De chofre
O baque estronda: a ruína ao longe abafa
Turmas de Argivos; mas succedem outras:
Nem dardo ou pedra cessa, he tudo tiros.

493-499 Pyrrho á entrada no portico ufanêa,
Com aço e brilho aheneo relumbrando:
Tal, cevada em má grama, á luz a cobra,
Que prenhe o brumal frio a soterrava,
Nova a pelle, se empina, e môça e nedia,
Lúbrico dorso enrola, ardua o Sol mira,
Fulge e vibra a trisulca ardente lingua.

500-502 Com Periphas membrudo e a flor dos Scyrios,
Assalta o paço Automedonte o pagem,
Que os de Achilles picava ardegos brutos;

503-505 Lançam fachos ao cume. Á frente Pyrrho
A machadadas racha os umbraes duros,
E ereos portões descrava da couceira;

506-508 Traves descose, firmes robles fende,
E cava ampla abertura. O interno centro
Apparece, e atrios longos patentêa;

509-516 Apparecem de Priamo os retretes,
Mansões de priscos rêis; e um corpo em armas
Cobre o limiar. Invôlta a casa em prantos
Longo ecchoa; as abobadas ululam
Com femineo gemer, triste alarido,
Que aureas estrellas fere. Apavoradas
Andam mães pelas vastas galerias,
E osculos pregam nos portaes que abraçam.

517-520 Pyrrho, emulando o pae, no ataque insiste;
Nem ha barreira ou guardas que o sustenham.
Do crebro ariete abolada a porta,
Rue dos gonzos rendida. Á fôrça rompem;

521-526 No ádito em postas aos primeiros talham,
E tudo enchem de tropas e de estragos.
Bem menos, quando inchado o espumeo rio
Marachões quebra e vallos sobrepuja,
Agros furioso inunda, e na torrente
Roja armento e curraes de campo em campo.

527-530 Eu vi Pyrrho na brecha encarniçado
E os dous Atridas; Hecuba e as cem noras,
E o rei no altar vi mesmo com seu sangue
Maculando os que alli sagrara fogos.

531-534 Os thalamos cincoenta, em que esperava
Tantos netos, magnificas portadas
De ouro e espólio barbarico, arruínam:
Possue o Danao quanto poupa a chamma.

535-540 Talvez de Priamo o destino inquiras.
Troia em destroço, o paço contemplando
Derruído e hostilmente profanado,
De ociosa armadura o velho os hombros
Tremulos veste, inutil ferro á cinta,
Entre basto inimigo a morrer parte.

541-543 N'um pateo, exposto ao eixo nu celeste,
Louro antigo os penates obumbrava,
Sôbre ara ingente os ramos espalmando.

544-546 Qual da borrasca fugitivas pombas,
N'um grupo alli pousando, Hecuba e as filhas
Comsigo em vão seus divos apertavam.

547-549 Sob armas juvenis ao rei que assoma:
«Que dira insania! diz; misero espôso!
Onde em bellico apresto assim caminhas?

550-554 Tal defensa não basta e humano auxílio;
Nem que o meu proprio Heitor surgisse agora.
Vem nesta ara abrigar-te, ou vem comnosco
Morrer.» Nisto, ao longevo a mão pegando,
Em sagrada cadeira a par o assenta.

555-561 Fugindo á morte um filho seu, Polites,
Eis ferido, entre lanças, entre imigos,
Por atrios longos, porticos desertos,
Gyra: de golpe feito, o acossa, o apanha
Já já Pyrrho feroz, de um bote o aterra:
Ao tempo que ante os paes ia chegando
Baquêa, e dessangrado a vida exhala.

562-568 A sua o rei sentiu no extremo fio,
Mas reprimir não poude a voz e a ira:
«Pelo attentado, exclama, e audacia tanta,
Se ha no céo providencia e piedade,
Pague-te o céo com merecido premio,
A ti que o matas ás paternas barbas,
E estas cãs me funestas e enxovalhas!

569-571 Não, tal não se houve Achilles, meu contrario,
De quem te finges prole: ao supplicar-lhe
Enrubeceu, direito e fé guardou-me;

572-576 Sepultar permittiu-me Heitor exsangue,
Revêr meus reinos.» Dice, e arroja o velho
Dardo imbelle sem gume, que repulso

Pelo rouco metal, á superficie
Do embigo do broquel frustrado pende.

577-579 «Pois vai contal-o ao genitor Pelides;
Nuncio narrar te lembre estas baixezas,
E o quanto o degenero. He tempo, morre.»

580-582 Fallando Neoptolemo o arrasta ás aras
Tremebundo, e do filho em quente sangue
A resvalar: na esquerda a coma enleia;

583-589 Com a dextra saca a lamina fulgente,
No vasio lh'a embebe até aos copos.
De Priamo este o fado, assim finou-se
Troia arder vendo e Pergamo assolar-se:
Quem d'Asia em povos cem reinou suberbo
He cadaver; na praia o tronco informe
Jaz sem nome, e a cabeça decepada.

590-592 Pasmei de horror, confesso: o pae querido,
No equevo rei que derramava o alento
Pela crua estocada, eu me figuro;

593-597 Figuro ao desamparo o tenro Ascanio,
Creusa em pranto, os lares saqueados.
Olho atrás, e procuro os companheiros,
Todos lassos e em dôr me abandonaram,
Despenhando-se em terra ou sôbre as chammas.

598-605 Já só de amigos, ao clarão do incendio
Érro, e em tôrno espreitando a cada passo,
No santuario escondida e taciturna
A Tyndarida enxergo aos pés de Vesta:
Dos nossos pela quéda exasperados,
Dos seus medrosa, do offendido espôso,
Essa Erynnis commum de Grecia e Troia,
Execrada, entre as aras se acoutava.

606-608 A alma abrazou-se-me; iracundo anceio
Vingar na infame a patria agonizante.
«Que! soberana ir esta á sua Espartha?

609-611 Incolume, em triumpho, entrar Mycenas?
Vêr a casa, o marido, e os paes e os filhos?...
E ornem-lhe a pompa iliacas escravas!

612-616 E a ferro acabe o rei, queime-se Troia,
E suem teucro sangue as teucras praias!...
Não: se he nulla a victoria, se he desdouro
Punir de morte a feminil fraqueza,
Louvor seja extinguir este impio aborto;

617-618 Farto ao menos a sanha e ardente sêde,
Saciarei de prazer dos meus as cinzas.»

619-623 De furias transportado isto profiro,
Quando a meus olhos, como nunca, pura
A alma Venus, a noite alumiando,

Em divindade manifesta brilha,
Tal qual sohe aos celícolas mostrar-se;

624-626 E segurando em mim, com rosea bôca
Me atalha a genitriz: «Que mágoa, ó filho,
Que indomita paixão te desatina?

627-631 Que he dos nossos penhores? onde o idoso
Cansado pae largaste? onde o filhinho?
Vive ainda Creusa? Atroz caterva
Lhes voltêa em redor; sem meus desvelos
Já tragado os houvera ou gladio ou fogo.

632-634 Páris não culpes e a Lacena odiosa;
Dos deuses sim, dos deuses a inclemencia
He que abate e subverte a excelsa Troia.

635-637 Repara: a nuvem que ora os mortaes visos
Te embota humida e baça, eu vou tirar-t'a:
Sem temor obedece á voz materna.

638-642 Lá onde esparsas moles e arrancadas
Rochas e rochas vês, e undante fumo
E ennovelado pó, Neptuno a golpes
Do gran'tridente os muros e alisserces
Alue, e do orbe desarreiga Troia.

643-647 Sevissima e em furor, de aceiro e malha,
Convoca Juno, alli nas portas Scéas,
Das naus os batalhões. Já sôbre as tôrres,

Nota, sentada em lampejante nuvem,
Tritonia agita a Gorgona terrivel.

648-650 Jove mesmo acorçoa e esforça os Gregos,
Suscita os immortaes contra Dardania.
Foge, anda, filho meu, põe termo ás lidas.

651-655 Em salvo ao pae te guio, eu não me aparto.»
Dice, e na sombra involve-se. Apparecem
De infensos numes cataduras torvas:
Ilio esboroar em cinzas se me antolha,
Fundir-se toda a neptunina Troia.

656-661 Assim nos altos montes orno antigo,
Se extirpal-o a machado em crebro assalto
Lenhadores porfiam, nuta, ameaça,
Trémula a coma, sacudido o cume,
Té que aos poucos cerceado, alfim gemendo,
Cahe dos cabeços com ruidoso estrago.

662-665 Côo entre o ferro e o fogo, a par de Venus;
Recúa o fogo e se desvia o ferro.
Chego á patria morada, ao velho corro,
No Ida amparal-o mais que tudo anhélo;

666-670 Nega-se elle ao destêrro, a vida enjeita
Sem Troia: «Ó vós, nos clama, a quem robora
Viçoso inteiro sangue, afervorai-vos,
Parti. Se os deuses me quizessem vivo,
Conservavam-me agora o avito assento.

671-676 Sobra uma vez remanecido termos
Da captiva cidade após o excidio.
Dizei-me o adeus supremo, ah! despedi-vos
De um cadaver. A morte eu mesmo a apresso,
Ou dê-m'a compassivo e me despoje
Qualquer Danao: que importa a sepultura?

677-679 Pêso inutil, ha muito o céo me odeia,
Dês que o divino padre, o rei dos homens,
Assombrou-me e tocou-me com seu raio.»

680-687 Com tal dicurso, pertinaz resiste
Ás lagrimas de Ascanio e de Creusa,
Ás da familia inteira, que lhe instamos
Pae não ajude a sorte a aniquilar-nos:
Quedo á tenção se amarra. Eu tórno ás armas,
Meu desejo he morrer. Que mais conselho,
Que alternativa ha mais? «Oh! crime... e cuidas
Que eu possa arredar pé, que te abandone?

688-693 Tu blasfemas, senhor? Se he lei superna
Que d'Ilio nada fique, e os teus pretendes
Juntar comtigo á moribunda Troia,
A estrada franca tens: não tarda Pyrrho,
Que, o sangue regio gottejando, á face
Do pae degole o filho e o pae nas aras.

694-697 Que? de lanças, de incendios me resguardas,
Porque, ó madre, em meus lares o inimigo
Ante mim proprio immole a espôsa minha,
E um no sangue do outro Iulo e Anchises?

698-701 Armas, armas, varões: para os vencidos
Acena o último dia: ah! consenti-me
Que volte aos Danaos, que a peleja instaure:
Nem todos hoje inultos morreremos.»

702-706 De novo empunho a espada, embraço o escudo,
E no acto de sahir se me atravessa
Á soleira Creusa, os pés me abraça,
E o meu tenrinho Ascanio me apresenta:
«Vais perecer? a transe igual nos leva;

707-710 Se inda em pericia e esfôrço te confias,
O que primeiro cumpre he defender-nos.
A quem teu pae, a quem teu filho entregas,
E esta que nomeavas tua espôsa?»

711-719 Quando esturgia o tecto em ais desfeita,
Oh prodigio estupendo! estando Iulo
De afflictos paes entre osculos e abraços,
Um resplendor subtil, igneo turbante,
Lhe coroa a cabeça, e em molle tacto
Ás fontes se apascenta e lambe as comas

A innocua flamma. Trepidos de medo,
O flagrante cabello sacudimos,
Jorros d'agua a deitar no sacro lume.

720-724 Mas ledo o genitor na etherea côrte
Fita os olhos, e orando as palmas tende:
«Jupiter summo, se te abrandam preces,
Attende ao menos; se á piedade es grato,
Auxilia-nos, padre, o agouro assella.»

725-727 Com subito fragor, mal finda o velho,
Toa á esquerda, e nas sombras deslisando
Pelo céo alva estrella accende a cauda;

728-731 Vemol-a escorregar pelos telhados,
Na selva idéa, a esteira assinalando,
Sumir-se: longo sulco abre em centelhas,
Á larga odor sulfureo exhala e estende.

732-736 Meu pae rendido se ergue, invoca os deuses,
E adora o astro santo: «Ó patrios numes,
Presto vos sigo o acêno; impulso he vosso:
Protegei, resalvai-me o neto e a casa:
Troia está sob a vossa potestade.

737 Nem mais recuso, filho, eu vou comtigo.»

738-743 Nos muros claro então crepita o fogo,
De perto volve am ala e o esto esparge.
«Sus, meu pae, eu te ajudo, ás nossas costas

Sobe-te, ó caro, não me aggrava o pêso:
Em successo qualquer, teremos ambos
A mesma salvação, commum perigo.

744-750 Ladêe-me o filhinho, e atrás Creusa
Não se afaste de mim. Sentido, ó servos:
Ao sahir, n'um outeiro está de Ceres
Velho templo deserto, ao pé de antigo
Cypreste, com respeito religioso
Dos avós longamente conservado:
Por diverso caminho alli seremos.

751-753 Tu, padre, o que ha sagrado e os patrios divos
Toma: tinto em matança, impio he tocal-os,
Sem que eu me expurgue em vívida corrente.»

754-762 Nisto, o vestido pelos hombros dóbro,
Envergo de um leão a fulva pelle,
Curvo-me e o pae carrégo: o tenro Iulo
Trava-me a dextra, amiuda os curtos passos
Por alcançar os meus; não longe, a espôsa
Nos vai na trilha por opacos sitios:
E eu, que ha pouco arrostava hostes e dardos,
De um sôpro agora tremo, um som me espanta,
Pela companha e carga temeroso.

763-765 Propinquo ás portas, já me conto livre;
De repente um tropel ouvir cuidamos;
Na treva Anchises lobrigando: «Filho!

766-777 Grita; apressa-te, filho; eil-os: deviso
Broquéis ardentes, fulgurantes malhas.»
Não sei que nume infausto hallucinou-me:
Por dévia estranha róta extraviado,
Ai! misero perdi minha Creusa:
Se o fado m'a roubou, se errou a estrada,
Ou lassa recostou-se, he duvidoso:
Nunca mais a avistei. Inadvertido
Pela ausencia não dou, senão no outeiro,
Proximo ao templo já da prisca Ceres:
Ahi feita a resenha, ella só falta,
Mallogrando o marido e o filho e os socios.

778-781 Que homem, que deus não accusei demente?
Que houve de mais cruel no excidio horrivel?
N'um fundo valle escondo, e aos companheiros
Os divos encommendo e Ascanio e Anchises.

782-784 Corro á cidade em refulgentes armas,
Firme em revirar Troia e em novas luctas
Pôr a cabeça na arriscada empresa.

785-789 Lesto ás muralhas, ao limiar escuro
Da porta vólto que me deu passagem;
Retrocedendo, pela noite apalpo,
Os olhos canso em busca das pégadas:
Tudo aterra, o silencio o pavor dobra.

790-794 Talvez, talvez regressaria á casa;
E lá me envio: os Danaos a invadiram,
Dominavam-na toda: o voraz fogo,
Dos ventos irritado, os altos ganha,
Rolando em labareda os ares cresta.

795-803 Prosigo; á régia e á cidadella passo:
E já nos vacuos porticos, no asylo
De Juno, eleitos a velar na presa,
Se postam Fenix e o nefando Ulysses:
Os thesouros de Troia em montões vejo,
De accesos tectos, saqueados templos,
Vasos de ouro massiço, alfaias, mesas,
Vestes sacerdotaes: á roda em fila
Estam pavidas mães, tenros meninos.

804-806 Ousei bradar na treva, e mesto as ruas
Enchi de vozes; por demais gemendo,
Chamei, chamei e rechamei Creusa.

807-809 Furente as casas lustro, e saio e tórno,
Quando a sombra da espôsa, imagem triste,
Maior que d'antes se me avulta aos olhos.

810-812 Pasmo, hirta a coma, a voz se apega ás fauces.
Eil-a affavel me alenta e assim me acalma:
«Que vale a dôr sobeja, ó doce expôso?

813-818 Sem nume isto não he: levar Creusa
Te veda o fado, o regedor sublime
Do Olympo o não consente. Em longo exilio
Tens de arar vasto pégo até á Hesperia,
Onde entre pingues populosos campos
O lydio manso Tibre inclina a vêa.

819-824 Com saudades não chores da consorte:
Um reino alli te espera e uma princeza.
Nem eu, Dardanida e de Venus nora,
Irei servir as Téssalas altivas,
Nem dolopeias damas: cá me impede
A grande mãe Cybele. Adeus, Enéas;

825-827 Todo na prenda nossa o amor emprega.»
Nisto, o fallar me corta, e ás minhas lagrimas
Se furta, e se esvaece em tenues auras.

828-830 Tres vezes fui lançar ao collo os braços;
Tres presa em balde se desfez a imagem,
Igual ao vento leve ou somno alado.

831-836 Os socios, gasta a noite, emfim revisto;
Dos que acho novos a affluencia admiro:
Velhos e moços, donas e donzellas,
Vulgo infeliz, concorrem para o exilio
Com quanto salvam, pressurosos querem
Peregrinar comigo o mar e a terra.

837-839 A Alva, dos cimos do Ida resurgindo,
Já traz o dia, e occupa o Grego as portas;
Nem ha mais de esperança um só vislumbre.

840 Cedo, e aos hombros meu pae, subo a montanha.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III

✦

1-5 Depois que em mal os deuses derribaram
Asia e a nação priamea, altivos muros
E Ilio a neptunia em fumo resolvendo,
A buscar nos suadiu celeste aviso
Varios desterros e desertos climas;

6-8 E no Ida phrygio, ao pé da mesma Antandro
Fabricámos as naus, do fado incertos,
Do rumo e pousadia. Alisto os socios;

9-13 E, entrada a primavera, ordena Anchises
Vélas dar á ventura: então da patria
Deixo os portos chorando, a borda e campos
Onde foi Troia; com Iulo e os Teucros
Exul me engolpho, e os divos e os penates.

14-17 Campinas que regera o audaz Lycurgo,
Vasta mavorcia terra, os Thraces lavram:
Nella doce agasalho e amigos lares,
Emquanto quiz fortuna, achava Troia.

18-22 Ruim fado ahi me aporta, e em curvo seio
Planto Eneia e do meu seu nome formo:
Aos de começos taes auspices numes
E á mãe Dionea sacrifico, e um touro
Nedio immolo na praia ao deus superno.

23-31 Um combro alli, coroava-o de hastes crespa
Densa touça de murta e pilriteiro.
Cheguei-me, e no arrancar o verde mato,
Para os altares enfolhar com ramos,
Assombroso portento arripiou-me:
O arbusto que primeiro desarreigo
De negro-rubras gottas o terreno
Tabido mancha. Os membros me convulsa
Frigido horror, coalhado gela o sangue.

32-36 Puxo outro lento vime, o arcano sondo;
Atro cruor de novo a casca estilla.
Mil cuidos penso; ás Hamadryas oro,
Ao do getico chão fautor Gradivo,
Que a visão ominosa em bem convertam.

37-42 Firmo os joelhos na arêa, o esfôrço envido,
Terceira haste acommetto; eis de um sepulcro
(Fallar devo ou calar?) imo suspiro,
Gemente som, no ouvido me estremece:
«Ai! porque me laceras? poupa, Enéas,
Um finado; as mãos pias não profanes.

43-45 Gerou-me Troia, nem te sou estranho,
Nem este humor do tronco mana. Ah! foge,
Foge o paiz cruel, a avara praia.

46-54 Sou Polidoro: aqui varou-me e cobre
De hastas ferrea seara, que em vergonteas
Agudas verdeceu.» De susto oppressa
Tituba a mente, estaco horripilado,
Presa a voz á garganta. Ao rei threício
Com grande pêso de ouro ás escondidas
Mandara o infeliz Príamo este filho
A se educar, já quando, estreito o assedio,
Do successo das armas receava.

55-57 Troia abatida, o perfido servindo
A victoria e fortuna agamemnonia,
Degola o moço e empolga-lhe o thesouro.

58-61 Os corações mortaes a que os não fórças,
De ouro fome execranda! Assim que os ossos
Deixa o pavor, consulto os mais conspicuos,
E primeiro a meu pae conto o prodigio.

62-69 Convem todos que, á frota os austros dando,
Do malvado lugar, polluto hospicio,
Nos afastemos. Logo a Polidoro
O funeral se instaura, e amontoamos
Sôbre o túmulo terra. Altar aos manes,
De azues listões e exequial cypreste
Enluctado, elevamos; destrançadas,
Como he rito, as Iliades o cercam.

70-73 Tepido espumeo leite e de hostias sangue
De navetas e taças lhe infundimos;
A alma a vozes no túmulo encerramos,
Tres vezes proferindo o extremo vale.

74-76 Mal abonança o mar, segura o tempo,
E Austro brando sussurra e ao largo invita,
Em nado a praia enchendo, as naus velejam;

77-79 Vai recuando a praia e os novos muros.
Sacra á mãe das Nereidas e a Neptuno
Egeu, ilha gratissima cultivam;

80-82 Que a errar boiava, e o pio arcitenente
Com Mycon celsa atou-a e com Gyaro,
E a fez immota, que dos ventos zombe.

83-85 Lá fui ter; placidissima cansados
Nos recebe e agasalha. Ao desembarque
A cidade acatamos apollinea.

86-89 Anio rei, que une o sceptro e o sacerdocio,
Do phebeu louro e fitas adornado
Sahe, reconhece o amigo velho Anchises,
Nos toma a dextra, nos recolhe e hospéda.

90-93 Venero o templo erecto em penha antiga:
«Lassos dá-nos, Thymbreu, dá-nos progenie
E estaveis muros; salva estoutra Pérgamo,
Restos dos Gregos e do immite Achilles.

94-97 Quem nos guia? onde ir cumpre? onde assentarmos?
Padre, em nós te insinua, o agouro aclara.»
Então, sinto agitar-se e tremer tudo,
Portas, louro do deus, e o monte em roda;

98-102 Muge a cortina, aberto o santuario.
No chão prostrados esta voz nos soa:
«O uberrimo terrão, Dardanos duros,
Vossa origem primeira, ha de acolher-vos:
Ao gremio vos tornai da prisca madre.

103-110 A casa alli de Enéas no orbe inteiro
Tem de imperar, e os filhos de seus filhos,
E os que delles nascerem.» Tal annúncio
Ledo alvorôto inspira; indagam todos
A que paragem Phebo os mande errantes
E a reverter convide. Anciãs memorias
Recordando meu pae: «Ó chefes, dice,
Ouvi-me, roborai vossa esperança.

111-115 Creta, berço de Troia e do alto nume,
Equorea jaz, com o Ida e estados pingues
E amplas cidades cem; donde abordando
Junto ao Rheteu, se a tradição me lembra,
Teucro, avô nosso, ao reino escolheu sitio.

116-121 Ilio nem seu castello inda existia,
Inda em profundos valles se habitava.
Daqui Rhéa cultora, e os corybantios

Sistros, e o monte Ideu; fiel silencio
Daqui veio aos mysterios, e jungidos
Leões tirarem da senhora o carro.

122-125 Eia, o céo quer, os ventos aplacando,
Vamos já demandar as gnosias ribas:
Não distam muito, com favor de Jove
Lá podemos surgir á luz terceira.»

126-128 Termina; e um touro mata, honras devidas
A Neptuno; a ti outro, ó bello Apollo;
Rez negra aos temporaes, branca aos favonios.

129-136 Expulso Idomeneu do patrio solio,
Corre que, evacuada de inimigos,
Livre Creta ficou. Largando a Ortygia,
No pelago a voar, passamos Naxos
E os montes seus que em bacchanaes resoam,
Donysa verde, Oleáro e a nivea Paros,
Na azul campanha as Cycladas esparsas,
Fretos de bastas ilhas semeados.

137-140 Na faina se ergue a nautica celeuma.
Vozes cruzam: Á Creta, ao ninho avito.
De ré nos venta a briza, e dos Curetes
A veterrima plaga emfim tocamos.

141-143 Avido a nova Pérgamo coméço;
E, ufana com tal nome, incito a gente
A exalçar o castello e amar seus fogos.

144-148 Já varadas em sêcco as pôpas eram;
Cuida-se em bodas, cuida-se em lavouras;
Casas regúlo e marco: eis plantas e homens
Saltêa corrupção que infecta os ares,
Triste anno, peçonhento ás sementeiras.

149-152 Ia-se a doce vida, ou se arrastavam
Corpos a definhar: queimando Sirio
Estereis agros, resequidas hervas,
Enfezada a seara o pão negava.

153-156 Que eu, resulcando o mar, de novo em Delos
Consulte humilde a Phebo exhorta Anchises:
Onde o refúgio, o termo a tanta angústia,
Convem tentar; que róta nos prescreva.

157-162 Noite era, e o somno os animaes prendia:
As divinas effigies e os penates,
Que do iliaco incendio resalvámos,
Resplendecendo em sonhos me apparecem,
Donde pelas janellas mal cerradas
Cheia a Lua enfiava o argenteo raio;

163-167 Eil-os que do cuidado assim me tiram:
«Não mais o ortygio oraculo demandes;
Por nós de grado Apollo aqui t'o envia:
Nós, Troia em chammas, sob as armas tuas,
Remedimos comtigo o inchado pelago;

168-170 Aos teus glória perenne, eterno imperio
Daremos nós: tu longo afã não temas,
Procura a tal grandeza igual cidade.

171-178 Muda-te, parte, o Delio o determina;
Nem elle aconselhou-te a vir a Creta.
Um paiz ha vestuto, em grego Hesperia,
Fecundo e bellacissimo, colonia
De Enotrios a princípio; Italia he fama
Que, de um rei seu, modernos a nomêam:
Lá, por Dardano e Jasio, a estirpe nossa
Origem teve; o assento lá teremos.

179-181 Vai-te ledo ao bom velho, e o desengana;
Sus, de Coryto e Ausonia a róta segue.
Jupiter nega-te as dictéas lavras.»

182-187 Desta falla e visão estupefacto
(Nem foi lethargo, não; veladas comas,
Vultos, feições, eu devisar cuidava,
E em suor frio o corpo me escorria),
Da cama salto; ao céo tendendo as palmas,
Oro, e holocausto intemerato libo.

188-191 Completo o sacrificio, expendo alegre
Tudo a meu pae; que os troncos dous e a prole
Ambigua reconhece, e o novo engano
Em que antigos lugares o induziram.

192-195 «Filho, a quem de Ilion persegue o fado,
Rememorando ajunta, só Cassandra
Tal me predice, e uns reinos prometteu-nos,
Que ou Hesperia ou Italia appellidava.

196-198 Mas quem tam longe crêra a estancia nossa?
E a quem jamais persuadiu Cassandra?
Phebo o melhor nos mostra, eia, cedamos.»

199-201 Tudo ovante obedece. Alguns se ficam;
Os mais soltamos novamente as vélas,
Cursando em cavo lenho o immenso plaino.

202-205 Ao largo os barcos, desparece terra,
Céo daqui, mar dalli. Bulcão ceruleo
Feia borrasca sobre nós carrega,
Treva e horror pelas aguas estendendo.

206-212 O vento em brenhas escarcéos levanta,
Nos joga e espalha pelo vasto pégo.
Tolda-se o dia, e pluviosa a noite
Nos rouba a luz polar; rasgadas nuvens
Trovejam, relampêam. Fluctuamos
Sem rumo á toa; Palinuro mesmo
Perde o tino, e confunde a noite e o dia.

213-216 Nem fulge estrella nas opácas horas,
E em cerração tres dubios soes vagamos:
Ao quarto, arrumação, que a olho augmenta,
Serros descobre, os topes já fumêam.

217-224 O panno arreia-se, a vogar surdimos:
Estribada a maruja a espuma estorce,
Varre o páramo azul. Das ondas livre,
Ilhas do grande Jonio, em grego Stróphades,
Nas praias me recebem: nestas ilhas
Mora a cruel Celeno e as mais Harpyas,
Dêsque, enxotadas, os festins medrosas
E a vivenda phineia abandonaram.

225-229 Monstro maior, nem divinal flagello,
Nem peste mais voraz brotou da Estyge:
Tem laxo immundo ventre e garra adunca,
Aves nojosas, com virginios rostos,
Magros, pallidos sempre e esfomeados.

230-233 No arribar, gordo armento se offerece,
Fato, sem pegureiro, pelo prado:
Investimos a ferro, e aquinhoamos
Na presa o mesmo Jove e os outros numes.

234-237 Camilhas na enseada construímos;
Regalado manjar nos banquetêa.
Subito em lapso horrifico as Harpyas
Descem dos montes, a adejar ruídosas;

238-245 Pilham tudo, enxovalham, contaminam,
Mesclando a tetro odor funestos gritos.
Sob saxea lapa ao longe retirados,
Cobertos de arvoredo e escura sombra,

N'ara o fogo outravez e as mesas pomos:
De outro escondrijo lobrego, estrondando,
Revoa a turba em roda, e as iguarias
Pollúe com bôca impura e tortas unhas.

246-255 Arma, arma, á dira gente eis guerra intímo.
Dito e feito; escondemos sob a relva
Prestes gladios e escudos. Mal deslisam
Por curvas praias a grasnar, Miseno,
Que do alto espreita, o cavo bronze entoa:
Tenta-se, estranho ataque! a ferro obscenas
Marinhas aves escalar; mas golpes
No dorso ou plumas nem lesão consentem,
E em fuga, alando-se ás estrellas, deixam
A presa mossegada e infecto rasto.

256-258 N'um alcantil Celeno só pousando,
Rompe aziaga em taes vozes: «Guerra, em cima
De novilhos e bois nos estragardes!

259-263 Guerra e esbulhar quereis do patrio reino
As insontes Harpyas! Pois ouvi-me,
Gravai n'alma o que a Phebo, ó Laomedoncios,
O summo rei predice, e a mim Apollo,
E eu raínha das furias vos declaro.

264-268 Italia demandais, á Italia os fados
Com viração galerna ir vos concedem;
Mas antes que mureis o assento vosso,

Desta matança em pena, ha de obrigar-vos
Crua fome a roer as proprias mesas.»

269-272 Cala, e de surto á selva se recolhe.
Gelido o sangue, esmorecemos todos.
Armas não mais; com votos paz rogamos,
Sejam déas, ou furias, torpes aves.

273-275 Da praia as mãos levanta, e os grandes numes
Com devida offerenda implora Anchises:
«Deuses, fóra o ameaço, arrédo o agouro;

276-278 Á vossa pia gente auxílio, ó deuses!»
Depressa faz colher a amarra, e soltos
Os calabres safar. Nôto incha as vélas;

279-284 Arando o espumeo golpho, navegamos
Á discrição do vento e do piloto.
Já surge á flor Zacynthos nemorosa,
Dulichio e Samos, Néritos alpestre:
Do Ithaco sevo a praguejar o berço,
Os laercios cachopos esquivamos.

285-287 Descobrem-se de Leucate os nimbosos
Topes, e Apollo aos nautas formidavel:
Subimos lassos o pequeno burgo.

288-292 Da proa áncora deita-se, amarramos
Á borda as pôpas. Do insperado solo
De posse emfim, celebro o lustro a Jove,

Com votos ara accendo, e em troicos ludos
A acciaca ribeira festejamos;

293-295 Taes, nus e ungidos, patria lucta exercem:
He grato, a salvo de inimigos, termos
Tanta cidade argólica passado.

296-300 Do anno maior a vólta o Sol completa,
Gêlo hiemal com nortada escrespa os mares.
O ereo cavo broquel do grande Abantes
Do portão prego em meio, e em baixo inscrevo:
«Ao Danao vencedor ganhou-o Enéas.»

301-309 Largar mando, e em seus bancos os remeiros
Varrem, qual mais, as percutidas vagas.
Dos Pheaces escondo aerios cimos,
Costeio o Epiro, aporto na Chaonia,
Monto á celsa Buthroto. Incrivel soa
Que reina aqui Priamides Heleno,
Que do Eacide o tóro e graio sceptro
Elle os desfructa, e Andrómacha de novo
A cahir veio a natural marido.

310-312 Confuso e em curiosa ância abrazado
De escutar ao varão tamanhos casos,
Traspasso o pôrto, praia e naus deixando.

313-318 N'aba de um Simois falso, á hectorea cinza
Festim solemne acaso e dons funereos,
N'um luco fóra, Andrómacha libava,

Os manes evocando ao que de hervosa
Céspide vacuo túmulo sagrara,
E altares dous, a prantear motivo.

319-322 Ao destinguir-me e ao vêr troianas armas,
Se espanta e embaça, attonita desmaia;
Só quando os ossos o calor cobraram:
«Vives? murmura; es tu, divina prole?

323-325 Ou se incorporeo nuncio a luz não gozas,
Que he de Heitor?» E inundando-se-lhe as faces,
De lamento enche o bosque e de suspiros.

326-328 Bem pouco respondendo a seus transportes,
Conturbado boquejo em troncas phrases:
«Sim vivo, e a todo o extremo arrasto a vida;

329-331 He real quanto vês. Ai! despenhada
Do inclito espôso a tanto aviltamento,
Como o decoro emfim recuperaste?

332-343 Andrómacha de Heitor, inda es de Pyrrho?»
De pejo o rosto abaixa, e em tom submisso:
«Ó só feliz a priameia virgem
Que immolada morreu sôbre hostil campa
Nos patrios muros! Não provou da sorte
Lance algum, nem captiva a heril alcova
Tocou do vencedor! Nós, Troia em fogo,
De mar em mar rojadas, supportámos,
Na servidão parindo, o fausto e orgulho

Do Achileo caprichoso; o qual á Espartha
Indo alliar-se a Hermione Ledéa,
Escrava me transmitte a Heleno escravo.

344-346 Mas, do roubo da espôsa ardendo em zelos,
Das furias agitado, o atroz Orestes
De improviso o degola ás patrias aras.

347-349 Recahiu, morto Pyrrho, em parte o reino
A Heleno, que chamou Chaonio o campo,
Chaonia a terra, de Chaon Troiano;

350-352 Pérgamo, Ilio, he no morro a cidadella.
Qual porêm te dirige ou vento ou fado?
Que deus te arroja ignaro ás nossas praias?

353-355 Onde o que te nasceu já Troia em sítio?
D'aura mantem-se Ascanio? inda saudoso
Da mãe se lembra que perdeu na infancia?

356-358 Hombridade lhe inspira e esfôrço antigo
Ser Enéas seu pae e Heitor seu tio?»
Tal n'um contínuo chôro em vão carpia;

359-362 Quando com toda a côrte o heroe priameo
Das murulhas se adianta, e prazenteiro,
Os seus reconhecendo, os encaminha,
E entre fallando largo pranto verte.

363-365 No irmos, deparo as tenues Ilio e Troia,
E arido arroio que simula o Xantho;
Abraço-me aos umbraes da porta Scéa.

366-369 Desta socia acolhida os meus se logram:
Regios porticos amplos os recebem.
Copos do paço em meio a Baccho encetam,
Sôbre ouro comem, taças de ouro empunham.

370-381 Corre dia após dia: ao sôpro austrino,
Que nos convida, o cárbaso intumece.
Entro a Heleno e o conjuro: «Ó troico vate,
Que, dos divos intérprete, os influxos
Do Clario Phebo, as tripodes, os louros,
Que os astros, que dos passaros as linguas
Sentes, e avisos da ligeira penna
(Pois feliz curso oraculos me cantam,
E, a ir dos deuses todos persuadido
Da Italia em busca a regiões remotas,
Celeno só me augura um monstro infando,
E iras fataes e depravada fome),

382-391 Dize, eia, que perigo evitar urge?
Como superarei trabalhos tantos?»
Já do uso as rezes mata, e exora o antiste
Aos divos paz, da fronte sacra a touca
Desata, e a mim venerabundo e absorto
Pela mão, Phebo, ao templo teu me guia,
E a prophetica bôca desencerra:

«Com mór auspicio he fé que tu navegas,
Filho de Venus: tal baralha as sortes,
E as encadêa e liga o rei dos numes.

392-394 Porque sulques melhor ignotos mares,
E ancores a teu salvo em pôrto ausonio,
Vai do muito expender-te um pouco Heleno;

395-399 Que o mais, sabel-o as Parcas me prohibem,
Ou fallar veda-me a Saturnia Juno.
Primeiro, a Italia proxima, onde cuidas
Que aportas breve, t'a separa e afasta
Com longas terras ínvia longa via.

400-403 N'agua sicana o remo vergar deves,
E o salso golpho Ausonio, o lago Averno,
E a ilha percorrer de Circe Eéa,
Antes que assento firme estabeleças.

404-409 Dou-te os sinaes, conserva-os: quando achares,
Cuidoso á margem de secreto rio,
De enzinha litoral deitada á sombra,
Grande e recemparida, uma alva porca
A trinta alvos leitões amamentando,
Alli terás descanso, alli cidade.

410-414 Quanto a roer as mesas, não te assustes:
Rumo ha de achar o fado e ouvir-te Apollo.
Destas partes porêm, da extrema Italia

Que as das marés do Jonio enchentes lavam,
Safa-te; sam de Gregos infestadas.

415-425 Aqui fixaram-se os Narycios Locros,
E o Lyctio Idomeneu cercou de tropas
Os campos de Salento; aqui munida
A pequena Petilia Philoctetes
Melibeu tem. Mas quando, alêm dos mares
Surta a frota e na praia erguidas aras,
Os votos cumpras, de purpúreo amicto
Véla a cabeça; a fim que hostil aspecto
Não turbe o agouro. Aos teus nos sacrificios
Tal seja o rito, observa-o; permaneçam
Nesta religião sem falha os netos.

426-429 Como á Sicania te approxime o vento,
Já claro o estreito passo do Peloro,
Costêa á esquerda com circuito longo,
A dextra borda foge e dextras ondas.

430-436 Por convulsão violenta e vasta ruína,
Este lugar, se conta, ha largas eras
(Do tempo o que não muda a vetustade?)
Se espedaçou; formava um continente:
Neptunina irrupção rasgou da Hesperia
Sicilia; angusto braço as lavras parte,
Banha as cidades e limita as praias.

437-440 Scylla a direita occupa; e d'agua, á sestra,
Grandes golpes tres vezes no atro abysmo
Charybdes implacada a pique sorve,
Tres revéssa e esguichando açouta os astros.

441-445 Presa arreganha a bôca e as naus ás pedras
Scylla attrahe, em cego antro: cara de homem,
Do collo ao pubis môça linda, em ceto
Remata enorme, e em utero de lobos
Se lhe articulam de delphins as caudas.

446-449 O Pachyno dobrado, em roda a viagem
Antes ir prolongando, que a disforme
Scylla encarar sequer, e a furna horrenda
Com seus ceruleos cães saxi-sonante.

450-457 Sôbre tudo, se has fé no auspice Heleno,
Se prudencia lhe assiste e o enche Apollo,
Só te isto, ó prole diva, amoesto e prégo,
E repito e reitero: a Juno excelsa
De grado o nume adora, e a soberana
Preces, votos e súpplicas abrandem:
He como finalmente victorioso,
A Trinacria trasposta, irás á Italia.

458-462 A Cumas tu chegado, e aos lagos santos
Lucrino e Averno de sonoras matas,
Verás no imo rochedo a vate insana

Que os fados canta, e letras, nomes, carmes
Grava e encommenda ás folhas, e os numera.

463-469 Na gruta elles fechados, não se bolem,
Em ordem se mantem; mas, se uma aragem
Da porta os gonzos vira, encana, e as tenras
Folhas baralha, avoejar a virgem
Pela caverna os deixa, nem mais cura
De arranjar, de os colher: e os inconsultos
Vam-se, a cóva e a Sybilla esconjurando.

470-476 Postoque da tardança os teus murmurem,
Que plenas vélas amarar te possam
Boleadas á feição, dalli não partas,
Sem que a teus rogos ella a voz desprenda
E oraculos resolva. Ha-de a Cuméa
As guerras te explicar, d'Italia os povos,
Trabalhos como evites, como os soffras;

477-479 E obter-te venerada o salvamento.
Basta; nem de al me he lícito avisar-te.
Anda, engrandece a Troia, aos céos te exalça.»

480-486 Tal prophetava amigo, e ás naus dons manda
Graves de ouro e elephantico embutido,
De argenteos vasos e dodoneos cassos
Abarrota os porões; de malha ajunta

Loriga auri-trilice e um capacete
De comante cocar, cimeira insigne,
De Pyrrho arnez. Presentes faz a Anchises.

487-490 De praticos nos supre e de remeiros,
Cavallos doa, os socios provê de armas.
Meu pae de vêrga d'alto apresta a frota,
Que os ventos de servir não desperdice.

491-494 Cortez o augur o acata: «Acceito espôso
Da Cypria em celso tóro, ó caro aos deuses,
Das perdas ambas de Ilion salvado,
Eil-a, á fronteira Ausonia aproa e voga.

495-497 Todavia has mister passar avante:
Dista a paragem que te Apollo inculca.
Vai-te, ó pae venturoso de um tal filho!...

498-501 Que! tardo, estórvo os astros que já surgem?»
Não menos boa Andrómacha, á partida,
Phrygia chlamide a Ascanio traz saudosa,
E roupas de matiz de aureo brocado;

502-509 De finas têas o accumula, e falla:
«Do proprio meu lavor, toma estes mimos,
Que testefiquem sempre e te relembrem
Da viuva de Heitor, filho, a ternura:
Dos teus recebe as derradeiras prendas,

Só do meu Astianaz tu viva imagem:
Tinha teus olhos, tuas mãos, teu rosto,
E equevo hoje comtigo embubescera!»

510-512 O adeus lhes digo, em lagrimas desfeito:
«Vivei felizes, vosso fado encheu-se;
De transe em transe o nosso nos repulsa.

513-517 Já descansais; de arar não tendes mares,
Nem de ir á Italia, que se furta e alonga:
D'Ilio e do Xantho contemplais a effigie,
Feitura vossa; com melhor auspício,
Oh! menos seja exposta ao dolo argivo!

518-523 Se os campos chego a vêr que banha o Tibre,
E á minha gente os promettidos muros,
Das propinquas cidades consanguineas
E dos povos irmãos, no Lacio e Epiro,
Faremos na harmonia uma só Troia:
Guarde-se este cuidado aos nossos netos.»

524-533 Os litoraes Ceraunios perpassamos,
Donde á Italia he brevissimo o trajecto.
Cahe o Sol, cobre a treva opacos montes:
Sortêam-se os remeiros, e encostados
No sêcco doce gremio, á borda, em ranchos
As fôrças reparamos; lassos corpos
Rega um somno ferrado. Em meio gyro

Nem inda a noite as horas conduziam:
Da cama esperta Palinuro; explora,
Cata os ventos, fareja e escuta os ares;

534-540 Fita as constellações que resvalavam
No mudo espaço; as Hyadas chuvosas,
Os geminos Triões, o Arcturo observa,
E Orion de alfange de ouro. O céo sereno
Acha; e ao claro sinal que fez da pôpa,
Tentando a via, os arraiaes movemos,
E ás naus as pandas azas desfraldamos.

541-543 Já rubra aurora afugentava os astros,
Quando obscuros outeiros enxergamos
E a baixa Italia. Italia eis brada Achates;

544-549 Todos Italia a jubilar saúdam.
Uma grande cratera o padre Anchises
Então coroa, do mais puro cheia,
E em pé na celsa pôpa: «Ó deuses, clama,
Que regeis mar e terra e tempestades,
Facil caminho e sopros dai favonios.»

550-556 Refresca o vento; e, a barra já patente,
N'um morro o templo de Minerva altêa.
Colhida a véla, ao pôrto proejamos:
Elle ao nascente arquêa; em face, espumea

Salsi-aspergida rocha o esconde, o abrangem
Com duplo muro torreadas penhas,
Vai-se da praia o templo retirando.

557-560 Primeiro agouro, aqui ginetes quatro,
Alvos de neve, o prado á larga tosam.
E meu pae: «Guerra inculcas; para a guerra
Se armam, solo hospedeiro, esses cavallos;

561-572 Guerra o armento ameaça. Ao carro afeitos
Todavia os quadrúpedes no jugo
Inda podem soffrer concordes freios:
Esperança ha de paz.» Á deusa oramos
Armísona, que á entrada agasalhou-nos
Ovantes; e, ante as aras phrygio amicto
Nos velando as cabeças, como Heleno
Prescrevera, incensada especialmente
Juno honramos Argiva. Á risca e em ordem
Cumprido o voto, as pontas reviramos
Das antenas velíferas, suspeitos
Sitios que habitam Gregos desertando.

573-580 De Tarento se avista o seio, herculea,
Se he vera a fama: em frente se levanta
Lacinia diva, e o Scylaceu navífrago,
E as tôrres de Caulon. Distante assoma
O siculo Etna: ouvimos longe o equoreo

Rouco gemido, o embate nos cachopos,
Quebrado o eccho na praia; os vaos resaltam,
As arêas remexe a marulhada.

581-583 E Anchises: «Não me engano, esta he Carybdes,
O de Heleno cantado immano escolho.
Certa a voga puxai, livrai-nos, socios.»

584-586 Dice e cumprem: no instante Palinuro
Contorce á esquerda a rugidora proa;
Marêa á esquerda a frota, á esquerda rema.

587-589 Curvado o pégo ao ether já nos sobe,
Já desfeito o escarcéo nos baixa aos manes.
O saxeo boqueirão tres vezes ronca;

590-592 Tres espadana a espuma e os céos orvalha.
Fatigados nos deixa o Sol e o vento:
Dos Cyclópes á costa arribo ás cegas.

593-597 Vasto e abrigado o pôrto, ao pé, cimeiro
Com horrificas ruinas o Etna toa:
Ora, atra picea fumegante nuvem
E candentes fagulhas borbotando,
Flammeos globos despede e os astros lambe;

598-600 Ora extirpadas visceras do monte
Vomita e expulsa, e a lava no ar glomera,
E a mugir no imo abysmo o volcão ferve.

601-603 De um raio chamuscado, he voz que pésa
Sôbre Encelado a mole do Etna ingente,
Que das rôtas fornalhas fogo expira;

604-608 E, se de lado por cansaço muda,
Do rebramar toda a Trinacria treme
E o céo do fumo tolda. A noite, occultos
Nas selvas, taes phenomenos cortimos,
Sem do horroroso estrondo a causa vermos;

609-611 Que astro nem ar sidereo esclarecia
O carregado pólo, e involta a Phebe
Tinha em manto nimboso a escuridade.

612-615 O albor já despontava, e a nova aurora
Removera a nocturna humente sombra:
Da mata rompe estranha fórma de homem,
Magro e myrrhado, inculto e miserando;

616-618 E ás praias supplicante as mãos estende.
Olhamos: sujo, ascoso, hirsuta a barba,
De espinhos cobre-o andrajo apontoado;

619-621 Grego no mais, dos que invadiram Troia.
A armadura avistando e o phrygio trajo,
Retem-se um pouco, aterrorado estaca;

622-629 Logo precipitando-se, a nós corre
Com pranto e rôgo: «Pelos céos obsecro,
Pelos deuses e est'aura que respiro,
Por onde fordes me levai, Troianos:

He quanto basta. Fui da armada grega,
Sim fiz guerra aos iliacos penates:
Se he tamanho o meu crime, ao ponto fundo
Atirai-me, afogai-me nestas vagas.

630-633 De homens se morro ás mãos, contente morro.»
Prostra-se, os pés me abraça, e tem-se ás vóltas,
A confessar quem seja o acorçoamos,
Qual sua origem, que fortuna o agite.

634-639 Sem mais demora dá-lhe a dextra Anchises;
Deste penhor se anima, e diz afouto:
«Ithaco sou, do infortunado Ulysses
Companheiro, Acheménides me chamo:
Pobre (oxalá durara nesse estado!)
Adamasto meu pae fez-me ir a Troia.

640-644 Na pressa de escapar da estancia crua,
Os meus cá me olvidaram, do Cyclópe
Na cóva. Opaca, enorme, em sanie escorre
Da carniça: elle (ó ceos, bani tal peste!)
Arduo empinando-se, as estrellas pulsa;

645-651 Taciturno, feroz, desconversavel,
Cruor o ceva e entranhas de infelizes.
Eu mesmo o vi, na furna resupino,
A mão disforme a dous lançar dos nossos,

N'um rochedo esbarral-os, e em sangueira
A espelunca nadar; vi mastigados,
Tabido humor os membros estillando.

652-654 Tepidos entre os dentes lhe tremerem,
Que impune folgue, Ulysses não supporta,
Nem de quem he se esquece em tanta affronta.

655-659 Mal, sepulto em vinhaça e farto himpando
Pousa o inflexo pescoço e jaz na gruta
Immenso, e carnes e o bebido e o sangue
Alija a resonar; por sorte a postos,
Orando, a um tempo e em roda o acommettemos;

660-663 E, em vingança dos manes dos amigos,
D'haste aguda o só lume lhe furamos,
Na torva testa occulto, e na grandura
Broquel argivo ou lampada phebéa.

664-668 Sus a amarra picai, fugi, mesquinhos;
Pois taes, qual Polyphemo em antro escuro
O lanigero gado amalha e munge,
Moram Cyclópes cem por essas praias,
Descompassados pelos montes vagam.

669-674 Tres luas tem de luz enchido os cornos,
Dêsque entre brenhas por covis me arrasto,
De um sêrro espreito os monstros, e estremeço

Do estrupido e da voz. Misero pasto,
Colho bagas, pilritos lapidosos,
De herva e raizes arrancadas vivo.

675-677 Sempre álerta, avistando a frota vossa,
De ir-me a ella assentei, qualquer que fôsse:
Não he pouco evadir-me á gente infanda.

678-684 Matai-me, se o quereis; prefiro a morte.»
Nem acabava, e n'um cabeço vêmos,
Entre os gados movendo a vasta mole,
O pastor Polyphemo, ás notas praias
A descer; monstro horrendo, informe, ingente,
A quem vazou-se o ôlho, e tenteando
N'um pinheiro esgalhado se abordoa.

685-690 Grei lanosa o acompanha, o só deleite,
O allívio seu: do collo a flauta pende.
Depois que as aguas toca e mais se engolpha,
Do ôlho escavado lava o humor cruento,
E a gemer range os dentes. Já no meio
Anda, e as altas espadoas não molhava.

691-694 Accelerando a fuga, o supplicante
Com razão recolhido, nós cortamos
Tacitos as amarras, e encurvados
Remando á competencia, o mar varremos.

695-699 Sentiu-nos, e ao sonido os passos torce.
Mas, deitar-nos a dextra não podendo,
Nem no alcance igualar do Jonio a altura,
Desmarcado urro dá, com que de espanto
Tremeu toda a Trinacria, e o ponto e as ondas;

700-702 Do Etna as cavernas oucas remugiram.
Da espessura e montanhas rue e acode
Dos Cyclópes a raça e inunda as praias.

703-708 Quedos e em balde a olhar com torvo lume,
Esses etneus irmãos, congresso horrivel!
Mostram-se desferindo aos céos as frontes:
Quaes aerios carvalhos, no mór auge,
Ou cyprestes coníferos topetam,
De Jove em mata ou luco de Diana.

709-716 Urge o medo a soltar cabos e vélas,
E ir á feição dos ventos. Mas Heleno
Entre Scylla e Carybdes prohibiu-nos
Seguir a lethal via: á orça o linho,
Toca a virar. Eis Boreas venta amigo,
Do estreito do Peloro: a foz transponho
Do Pantagias aberta em roca viva,
E o sino de Megara e Tapso humilde.

717-720 Tendo a costa Achemenides corrido
Com o Ithaco infeliz, tudo apontava.
Contra o Plemmyrio undoso, ilhota ao golpho

Siculo oppõe-se: a Ortygia dos antigos.

721-724 O Alpheu d'Elide, he fama, aqui rompera
Submarino; hoje mescla-se, Arethusa,
Por tua bôca nas sicanas ondas:
Lembrado, os numes do lugar venero.

725-730 Passo do Heloro o pingue alagadiço;
Terra a terra, os penedos do Pachyno
E o saliente cabo. A não mover-se
Fadada, lá nos surge Camarina,
De Gela os campos e a cidade amplissima,
Que do rio que os banha se appellidam.

731-735 O arduo Agragante, gerador outrora
De briosos corséis, de longe ostenta
Gran' muralha. De ti me aparta o vento,
Palmífera Selinis; e traspasso
Os parcéis lilibeus de escolhos cegos;

736-741 Drépano desalegre emfim me aloja.
Aqui, repulso á fôrça de borrascas,
Ah! perco o genitor, na angústia e penas
Meu só confôrto: a mim desconsolado
Ai! tu, de riscos mil vãmente illeso,
Aqui, óptimo pae, tu me abandonas.

742-746 Taes luctos, augurando Heleno horrores,
Não m'os predice, nem a infausta Harpya.
Eis o último trabalho, eis a baliza

De navegações longas. Deste pôrto
Um deus fez-me arribar ás vossas praias.»

747-750 Assim, tudo em silencio, o padre Enéas
Divinos fados enarrava, e expunha
Tanto peregrinar. Calou-se a ponto,
E, findo o seu dizer, foi repousar-se.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV

✦

1-4 Já traspassada, em vêas cria a chaga,
E se fina a raínha em cego fogo.
O alto valor do heroe, sua alta origem
Revolve; estampou n'alma o gesto e as fallas;

5-7 Do cuidado não dorme, não socega.
A alva espanca do pólo a noite lenta,
Lustrando o mundo a lampada phebéa;

8-10 Louca á irmã confidente então se explica:
«Suspensa que visões, Anna, me aterram?
Que hóspede novo aporta ás nossas plagas?

11-14 Quam gentil parecer! que acções! que esfôrço!
Creio, nem creio em vão, provêm dos deuses.
Temor vileza argúe. Dos fados jôgo,
Ai! que exhaustas batalhas decantava!

15-19 Se em grilhões nupciaes não mais prender-me
Fixo não fôsse em mim, dêsque trahiu-me
Com morte o amor fallaz; ao tóro e fachas
Tedio se não tivesse, eu talvez, Anna,
A esta só culpa succumbir podera.

20-24 Depois que o meu Sicheu me foi roubado,
Mão fraterna os penates cruentando,
Este único abalou-me, eu t'o confesso,

E a vontade impelliu-me titubante:
Sinto os vestigios da primeira chamma.

25-30 Mas engula-me o abysmo, antes me arroje
Do Omnipotente um raio ás sombras fundas,
Pallidas sombras do ennoitado inferno,
Que eu te viole, ó Pudor, e as leis te infrinja:
Quem a si conjuntou-me e a flor colheu-me,
Comsigo minha fé sepulto guarde.»

31-34 Cala, e em seu seio as lagrimas borbulham.
E Anna: «O' mais do que a vida irmã dilecta,
Murcharás teu verdor, viuva e triste,
Sem de Venus gozar, sem doces filhos?

35-39 Crês disto a campa cure e a cinza e os manes?
Bem: magoada enjeitaste esposos tyrios,
E ha pouco Iarbas e outros que em triumphos
Africa nutre: pois tambem repugnas
Ao grato amor? Nem onde estás reflectes?

40-43 Cá te cérca a pugnaz Getulia invicta,
E a Syrte inhospita e Numidia infrene;
Lá por sequiosa a região deserta,
E á larga soltos os Barceus furentes.

44-50 Das guerras que direi que em Tyro engrossam?
Das ameaças do irmão? Divino auspicio,
Mercê de Juno, esta arribada julgo
Das quilhas de Ilion. Como a cidade

Verás crescer? com tal consórcio, quantos
Reinos pular? A que auge irá das armas
Teucras a glória punica ajudada?

51-55 Venia, irmã, pede aos céos, e abençoados
Os sacrifícios, o hóspede agasalha;
De o retêr causas tece, até que as ondas
A invernada embraveça e Orion chuvoso,
e, em destrôço os baixéis, embrusque o tempo.»

56-66 Com taes razões lhe atiça o interno incendio,
E alenta de esperança o ânimo dubio,
E desata o pudor. Primeiro correm
Aos delubros, e a paz nas aras catam:
Bimas ovelhas rituaes degollam
A' legifera Ceres, mais a Phebo
E ao pae Lieu, mormente a Juno, guarda
Dos vinculos jugaes. Taça na dextra,
Por entre os cornos de alvadia vaca
Verte-a Dido pulcherrima, ou dos deuses
Passêa em face pelas aras pingues;

67-69 Sagra o dia a oblações; consulta, as rezes
Pelos peitos abertas, respirantes
Entranhas, congoxosa. Ai! nescios vates!

70-73 Delubros, votos, á paixão que montam?
Roe as medullas molle flamma, e a chaga
No amago vive tacita. A raínha

Arde insana, e infeliz vaga a cidade;

74-78 Qual cerva, a quem de sibilante setta,
A atirar o pastor nos cressios bosques,
Varou de longe incauta, e inscio o volatil
Farpão lhe prega e deixa: ella na fuga
Discorre as selvas e dictéas matas;

79-82 A lethal canna ao lado se lhe aferra.
Ora o guia entre as obras, e as riquezas
Tyrias e prestes a cidade ostenta:
Vai fallar, e se atalha a voz troncando;

83-85 Ora, o Sol descahindo, á mesa os casos
D'Ilio outravez sem tino ouvir demanda,
E da narrante bôca outravez pende.

86-92 Já retirados, quando á Lua obscura
Encolher toca o lume e somno infundem
Cadentes astros, só na vacua sala
Mesta ao sofá se encosta em que elle esteve:
N'ausencia o escuta e o vê n'ausencia; ou tendo
No gremio Ascanio, enleva-se na imagem
Do pae, como illudindo o amor infando.

93-95 Nem medram tôrres, nem se exerce em armas
A mocidade; os portos não concertam,
Nem, defensas da guerra, os baluartes;

96-104 Impendentes merlões, fábricas param;
Já não labora a máchina altaneira.
Tantoque a persentiu da peste iscada,
Sem á paixão a fama obstar, Saturnia,
Cara espôsa de Jove, nestes termos
Commette a Venus: «Tu e o teu menino,
Certo, eximio louvor e espolios amplos
Ganhais e gran'renome, a ser vencida
Uma mulher por dolo de dous numes!

105-107 Não me escapou, receaste os nossos muros,
D'alta Carthago a estancia te he suspeita.
Onde isto irá? tantas contendas onde?

108-110 Porque antes não firmamos paz eterna
E ajustes conjugaes? Lograste o intento:
Ama Dido, o furor nos ossos prende.

111-113 Os povos em commum, partindo o auspicio,
Rejamos pois: servir marido phrygio,
Com seus Tyrios dotar-te, se lhe outorgue.»

114-117 Venus, sentindo-a cavillar, da Italia
Porque o reino transfira ás margens libyas,
Retorque assim: «Quem ha que a tal se furte,
Ou doudo queira guerrear comtigo?

118-122 Seja o que lembras, se a fortuna o approva.
Mas traz-me o fado incerta se he do gôsto
De Jupiter manter n'uma cidade

Com os de Troia os Tyrios, ou lhe apraza
Os povos confundir ou federal-os.

123-126 Es consorte: com preces a ti cabe
Tentar seu pensamento. Anda, eu te sigo.»
«Tómo isso a mim, replíca a real Juno:
De effeituar o que urge ao plano attende.

127-129 A miserrima Dido ir com Enéas
Caçar propõe-se, mal Titan no oriente,
O orbe arraiando, crástino desponte.

130-133 Eu com basto granizo atro chuveiro,
No açodar-se o tropel de alãos e tralhas
Cingindo a mata, soltarei das nuvens,
Crebros trovões estremecendo o pólo.

134-138 Derramada a companha, ha de abafal-a
Noite opáca: o Troiano ir-se-á com Dido
A' mesma gruta. Eu lá, se teu consenso
Me asseguras, atada em jugo estavel
Lh'a offertarei, sendo Hymeneu presente.»

139-145 Não adversando, ao rógo Cytheréa
Annúe, e riu do solapado engano.
A aurora do oceano emtanto surge:
Dos mancebos a flor madruga ás portas,
Com laços, redes raras, com venabulos
De larga choupa; os equites massylos
Com farejantes cães de trote rompem.

146-149 No camarim detendo-se a raínha,
A' entrada os Penos principaes a esperam;
Em ostro e ouro o palafrem cosido,
Tasca o freio espumante, ardego e fero.

150-154 Assoma alfim da côrte ladeada:
A chlamyde sidonia lhe circumda
Multicôr franja; á banda aljava de ouro,
Trança em ouro a madeixa, e lhe conchega
Fivela de ouro a purpurina veste.

155-157 Não falta a phrygia companhia, e alegre
Marcha Iulo. Galhardo mais que todos,
Socio Enéas se aggrega, e a sua escolta.

158-166 Phebo, quando abandona a Lycia hiberna
E o caudal Xantho; e, ao visitar a Delos
Materna, instaura os coros, pelas aras
Mistos Cressos e Dryopes fremindo
E Agathyrsos pintados; por cabeços
Do Cyntho airoso pisa, e o crino undante
Atilando, enredado em molle folha,
De ouro ennastra; o carcaz aos hombros tinne:
Não menos senhoril Enéas ia;

167-170 Tanto garbo transluz no egregio rosto!
Chega-se a alpestres montes e ínvias furnas:
Eis, de ingrime rochedo despenhando-se,
Bravias cabras pelos picos pulam;

171-173 D'alêm cervos, ligeiros a planicie
Transpondo, aos esquadrões pulverulentos
Ennovelam na fuga, e as brenhas deixam.

174-178 Mas no ardido ginete o moço Ascanio
Dos valles folga em meio; e aquelles passa,
Estes pretere, e anhela que um javardo
Surda espumante d'entre o bando inerte,
Ou que fulvo leão da serra desça.

179-184 Entra a embrulhar-se o céo múrmuro e rouco:
De involta cahe saraiva e grossa chuva;
E a tyria comitiva e os jovens teucros,
Do medo atropelados, e o dardanio
De Venus neto, agreste abrigo esparsos
Buscam: ribeiras das montanhas ruem.

185-188 Vam-se á mesma caverna Dido e Enéas;
Tellus sinal deu logo e Juno prónuba:
Corisca, e o ether sabedor das bodas
Fulge, e no cimo as nymphas ulularam.

189-191 Este o dia lethal, dos males causa:
Reputação, decoro, nada a move;
Nem mais Dido medita amor furtivo;

192-194 Chama-o consórcio, e o nome he véo da culpa.
Já corre a Fama as lybicas cidades;
Nem ha contagio mais veloz que a Fama.

195-197 Mobil vigora, e fôrça adquire andando:
Tímida e fraca, eis se remonta ás auras;
No chão caminha, e a fronte ennubla e esconde.

198-201 Da ira dos deuses Terra mãe picada,
Posthuma a Celo e Encelado, he constante,
De pés leve engendrou-a e de azas lestes:
Horrendo monstro ingente, que, oh prodigio!

202-209 No corpo quantas plumas tem, com tantos
Olhos por baixo véla, tantas linguas,
Tantas bôcas lhe soam, tende e alerta
Ouvidos tantos. Pelo céo de noite
Revoa, e ruge na terrena sombra,
Nem os lumes declina ao meigo somno:
De dia, em celsa tôrre ou summo alcaçar,
Sentada espia e as capitaes aterra;

210-216 Do falso e ruim tenaz, do vero nuncia.
Vária e palreira então com gaudio os povos
Aturde, e o feito e por fazer pregoa:
Que o varão teucro he vindo, ao qual dignava
Juntar-se a bella Dido: e, longo o inverno,
Em braços da volupia, em luxo torpe
Se acalentando, os reinos esqueciam.

217-219 Isto de bôca em bôca a feia deusa
Diffunde, e o curso para Iarbas torce;
Brada, inflamma-lhe o peito, iras cumula.

220-223 De Ammon filho e da rapta Garamante
Nympha, em amplo dominio ao pae cem bravos
Templos, cem aras poz; e um fogo eterno
Sagrou, dos deuses vivas sentinellas;

224-232 E o solo pingue do cruor das rezes,
E em mil festões florentes liminares.
Fóra de si, da nova amarga acceso,
He voz que aos céos humilde alçara as palmas:
«Soberano, a quem brinda a maura gente,
Banqueteada em marchetados leitos,
Reparas nisto, ó padre? ou com torcidos
Raios, cegos fuzis, trovões ruídosos,
Por demais nos assustas e apavoras?

233-236 Mulher que merca, errante em nossa extrema,
Para exigua cidade um chão foreiro
E ara uma praia, as bodas repulsou-nos,
No reino admitte por senhor a Enéas!

237-242 E esse Páris, guiando uns semiviros,
Guedelha mádida em meonia mitra
Sob o mento enlaçada, o rapto logra:
Templos encher-te, fomentar nos baste
Esteril nome»! - Assim queixoso, e ás aras
Pegado, ouvido foi do Omnipotente;

243-251 Que os olhos volve á côrte em que os amantes
A fama esquecem: «Vai, Mercurio, invoca
Os zephyros, nas pennas te deslisa,
Filho; e a Byrsa, onde aguarda em ocio Enéas,
Sem respeito ás muralhas concedidas,
Sôbre as azas do vento este recado
Leva-lhe. Tal a genitriz formosa
Não nol-o prometteu, nem duas vezes
Para isso o vendicou das armas gregas;

252-258 Antes seria quem regesse a Italia
De imperios grávida e a bramir por guerras,
Quem, propagando o altivo sangue teucro,
Avassallasse o orbe. Honra tamanha
Se o não incende, nem se afana e lida
No alcance do louvor; he pae de Ascanio
E lhe inveja as romanas fortalezas?

259-261 Que faz? que espera entre inimiga gente?
Nem lhe importa Lavino e a prole ausonia?...
Navegue: em summa, esta a messagem; parte.»

262-270 A' voz do excelso pae se inclina e apresta:
Calça os aureos talares com que adeja
Sublime sôbre as terras, sôbre os mares,
Como rapido sôpro. A vara empunha,
Com que as pallidas almas do Orco evoca,
No Tartaro sombrio outras afunda,

Tira e dá somnos, e da morte o sêllo
Nas palpebras imprime. Afouto as brizas
Com ella parte, e os nevoeiros trana.

271-278 E já no surto avista o pino e encostas
Arduas de Atlante duro, que em seu tope
Aguenta o firmamento; o velho Atlante
Que de assiduos bulcões tolda a cabeça
Pinífera, açoutado de aguaceiros
E vendavaes: de infusa neve a espadoa
Fórra, do queixo precipita rios,
E em caramello enrija horrida barba.

279-285 Mercurio, equilibrando-se nas azas,
Paira; de chofre atira o corpo ás ondas:
Qual gaivota que, as praias e piscosos
Cachopos rodeando, humilde alêa
A' flor das aguas; entre o céo e a terra
Cyllenio, ao longo da arenosa costa,
Do avô desce materno e os ares sulca.

286-294 Assim que a planta alada os palhaes toca,
A fundar casas, torreões, castellos,
Descobre Enéas, cuja espada o fulvo
Jaspe estrellava, e aos hombros a descuido
A capa em tyrio múrice lhe ardia,
Lavor das proprias mãos da rica Dido,

De aurea tela a mais fina entrelaçado:
«Que! lanças de Carthago os alisserces
E lindos muros maridoso traças?

295-303 Teu reino, ah! tudo esqueces! O alto nume,
Cujo acenar abala o Olympo e o mundo,
Veloz do claro pólo a ti me envia:
Que meditas? na Lybia com que intuito
Gastas esse vagar? Se não te excita
Glória tanta, nem lidas e te afanas
Trás o louvor, no teu herdeiro attenta,
No pullulante esperançoso Iulo,
De Italia ao sceptro e a Roma destinado.»

304-308 Nem acaba o Cyllenio, e os mortaes visos
Depondo, em fumo se esvaece tenue.
Deste aspecto hirta a coma, a lingua presa,
Do aviso e mando summo o heroe pasmado,
Ir-se e largar anceia as doces margens.

309-311 Ai! que ousará? frenetica a raínha,
Com que ambages dispôl-a, com que exordios?
Aqui e alli, por tudo a mente versa;

312-320 Muda, varía, alterna, emfim resolve.
Cloantho convocou, Mnesteu, Sergesto;
Que, á surda apparelhando e a marinhagem
A' frota recolhendo, apromptem armas,
Da novidade a causa dissimulem:

Que elle, como romper-se amor tamanho
A bonissima Dido não recêe,
De conversal-a o ensejo tentaria,
A senda mais suave e o melhor geito.

321-324 Todos com alvorôço as ordens cumprem.
Mas a raínha os dolos (quem a amante
Pode enganar!) pressente, e o que se urdia
Primeiro aventa, e o mais seguro teme.

325-331 Impia a Fama a exaspera, e lhe delata
Que a vogar se arma a frota. Urra, chammeja,
Debaccha pelas praças, pelas ruas:
Qual Thyas quando, ao sacudir dos vultos
E thyrsos incitada, evoé bramindo,
Trietericas orgias a estimulam,
E o Cytheron nocturno a invoca a brados.

332-334 Topa a Enéas por fim: «Perfido, exclama,
Poder inda encobrir tam feio embuste
E te escoar do meu paiz contavas?

335-342 Nosso amor, a fé dada não te embarga,
Nem de Elisa a funesta morte crua?
E até na hyberna quadra as naus fabrícas,
E na fôrça dos áquilos te apressas
A emmarar-te, cruel? Que! se não fôsses

A estranho solo e clima, Troia antiga
Se em pé tivesses, pelas crespas vagas
Navegaras a Troia?... A mim me foges?

343-349 Por este pranto meu, por essa dextra
(Pois nada já me reservei mesquinha),
Por nosso matrimonio, pelas nupcias
Encetadas, se um' hora te fui doce
Ou bem te mereci, doa-te a minha
Casa em ruína, e, se he que as preces valem,
Despe tal pensamento, eu t'o supplico.

350-353 Por ti me odeiam nómades tyrannos,
E a Libya inteira, infensos os meus Tyrios;
Por ti mesmo extinguiu-se o pejo, e aquella
Fama que d'antes me elevava aos astros.

354-362 Moribunda em que mãos me desamparas,
Hóspede?... Este só nome á espôsa resta.
Que mais me falta? que os fraternos muros
Pygmalion me tale? que á Getulia
Seu rei me leve escrava? Antes da fuga,
Se de ti concebera, se em meus paços
Pequenino outro Enéas, cópia tua,
Me brincasse, eu de todo escarnecida
Nem em tanto abandono me julgara.»

363-366 Dice. Elle, immota a vista e a mente em Jove,
Sopêa a dôr a custo, emfim responde:
«Eu nunca negarei favores tantos,
E outros que enumerar, senhora, podes;

367-369 Nem de Elisa a lembrança ha de enfadar-me,
Emquanto eu mesmo fôr de mim lembrado,
E est' alma o corpo reja. A escusa he breve.

370-372 Nem a furto ausentar-me, tal não penses,
Cuidei; nem pretendi jamais as tedas,
Ou vim nunca em firmar esta alliança.

373-375 Se a meu gôsto compôr se me outorgasse
Da vida o curso, preferira em Troia
As dos meus cultivar doces reliquias;

376-382 Refizera de Priamo os palacios,
Reconstruira Pérgamo aos vencidos.
Mas Grineu Phebo a Italia, a Italia agora
As sortes lycias demandar me ordenam:
Este o amor, esta a patria. As libyas tôrres
De Carthago se a ti Phenissa prendem,
Na Ausonia estranhas que os Troianos fundem?

383-387 Novos reinos he lícito habitarmos.
A mim do padre Anchises, quantas vezes
De humida sombra a noite enlucta o globo,
Quantas surgem igníferos luzeiros,
Insta em sonhos, me aterra a torva imagem;

388-390 Turba-me o tenro Ascanio, o vituperio
De cabeça tam cara, a quem defraudo
Do hesperico dominio e fataes campos.

391-395 Inda ha pouco, da parte do Tonante
O intérprete divino (ambos attesto)
Frechando as auras trouxe-me recados:
A's claras eu vi mesmo entrando os muros
O deus, bebi-lhe a voz nestes ouvidos.

396-398 De inflammar cessa a mágoa tua e minha:
Não espontaneo para Italia sigo.»
Emquanto elle discorre, aversa o encara;

399-402 Tacitos lumes volve, e o mede e estronda:
«Nem mãe deusa, nem Dárdano has por tronco;
Gerou-te o Caucaso em penhascos duros,
Traidor! mamaste nas hircanas tigres.

403-405 Que dissimulo? a que desdem me guardo?
Deu-me ao pranto uma lagrima, um suspiro?
Da amante se doeu! dignou-se olhar-me?

406-410 Que affronta he mais pungente?... Ah! que até Juno
Nem Saturnio isto vê com rectos olhos.
Fé segura não ha. Naufrago e pobre
O recolhi, demente o puz no throno,
Do estrago as naus remi, da morte os socios.

411-414 Ai! que incendida as furias me arrebatam!
Ora agoureiro Apollo ou sortes lycias,
Ora expedido o intérprete de Jove
Traz pelas auras horridos mandados.

415-418 Dos supremos que emprêgo! uma tal ância
Quebra o seu repousar. Nem te detenho,
Nem te refuto. Para Italia segue,
Sim, busca imperios pelas bravas ondas.

419-421 Se os numes valem pios, certo espero
Que entre escolhos supplicios mil devores,
E invoques a miude o nome Dido.

422-424 Com negro facho ao longe hei de acercar-te;
E, quando a morte fria aos orgãos solva
O almo alento, ser-te-ei contínua sombra;

425-429 Terás o pago, hei-de, perverso, ouvil-o,
A nova ha de baixar-me ao centro escuro.»
Nisto, corta-lhe a práctica, á luz foge,
Some-se afflicta, e o deixa embaraçado,
Muito dizer querendo e receando.

430-435 Levam-na em braços á marmorea alcova,
E a deitam nos coxins desfallecida.
Bem que deseje mitigal-a Enéas
E remover-lhe as penas compassivo,
Sôlto em ais, do amor grande combalido,
Cumpre as ordens comtudo, as naus revista.

436-440 Afervoram-se os Teucros, desencalham
Celsos baixéis; crenado o casco nada;
Frondentes remos trazem, toscos robles,
No afôgo de abalar. De muda os viras,
Da cidade em torrentes borbotando.

441-445 Em tulha assim de farro dam formigas
E em casa o põem, do inverno precatadas;
Campêa o negro exército, entre as hervas
Por trilha estreita acarretando a presa:
Parte hombros mette e grossos grãos empurra;

446-448 Parte urge os pellotões, pune as ronceiras:
Da pressa e afã toda a vereda ferve.
Ao contemplal-o, que sentias, Dido?

449-451 Quaes teus gemidos, de cimeira tôrre
Das praias enxergando o borborinho
E antolhando com grita o mar fundir-se?

452-455 Os mortaes, fero amor, a quanto obrigas!
De novo ao rôgo, ás lagrimas recorre,
Do amor se humilha ao jugo; porque ao menos
Por tentar nada fique antes que expire.

456-458 «Anna, eis revôlto o litoral; de roda
Concorre a chusma; o brim convida as auras,
E as pôpas já coroa o alegre nauta.

459-462 Se eu esperasse, irmã, soffrera o golpe.
Anna, um serviço: o ingrato, que te estima,
Só comtigo se abria, só conheces
O modo e ensejo de amolgar esse homem;

463-467 Ao suberbo inimigo vai, supplíca,
Por mim lhe falla, irmã: que eu nunca aos Danaos
Em Aulide jurei de Troia o excidio,
Nem contra Pérgamo esquipei navios,
Nem os ossos cavei do padre Anchises;

468-470 Porque duro a escutar-me se recusa?
De tropel onde corre? A' triste amante
Renda um favor: monção aguarde e fuja.

471-474 O trahido hymeneu já não requeiro;
Nem do reino desista e pulchro Lacio.
Curto espaço ao furor, vã tregoa peço,
Té que a sorte me vença e á dôr me aveze.

475-480 Da irmã tem pena, esta mercê me obtenhas;
Ser-lhe-á paga sobeja a morte minha.»
Taes lamentos, miserrima, taes preces
Anna leva e releva; elle inconcusso
Razões nem chôro admitte: os fados obstam,
Um deus lhe obstrue os placidos ouvidos.

481-491 Se, de annos rijo o válido carvalho,
Daqui dalli soprando alpinos bóreas,
Extirpal-o porfiam, berram, silvam,

E, do tronco as entranhas sacudidas,
Juncam o solo as folhas; aos rochedos
Elle se agarra, e quanto com seu pico
Penetra o ethereo céo, tanto profunda
No Tartaro a raiz: não de outro modo
Assiduas vozes mil o heroe combatem,
E a grande alma suspira; a mente immovel
Persiste, e rodam lagrimas baldias.

492-497 Dos fados treme Dido e a morte exora;
Da azul abobada aborrece o aspecto.
Na tenção mais se afinca e a luz detesta,
Quando o leite (que horror!) nos sacros vasos
Vê negrejar, e os derramados vinhos
Irem-se convertendo em sangue impuro.

498-501 Tal visão cala, nem da irmã confia.
Ao defunto Sicheu nos paços houve
Marmoreo templo, em que ella se esmerava,
De vellos niveos e festões ornado.

502-507 Alli, tantoque a noite obumbra as terras,
Crê perceber queixumes e o marido
Mesto chamal-a, e solitario bufo
Nas grimpas feral verso estar carpindo
E com tristura em flebil tom piando:
Cem velhas predicções a aterrorisam.

508-517 Enfurecida, o mesmo fero Enéas
Em sonhos a perturba, e se imagina
Sempre sózinha, ao desemparo sempre,
Ir por veigas extensas, por desertos,
Em busca dos seus Tyrios. Tal, demente,
Pentheu figura batalhões de Eumenides,
Gêmeo o Sol, duas Thebas: tal, nas scenas,
Da mãe foge aos brandões e ás negras serpes
Vexado o Agamemnonio, e as flagellantes
Erinnyes topa ao limiar sentadas.

518-523 Mal que á dôr cede e, as furias concebendo,
Morrer decreta, o como e o quando elege;
E a triste Anna accorrendo, com disfarce,
De serena esperança a fronte ameiga:
«Os parabens, irmã, que achei maneira
De attrahil-o ou soltar-me desse ingrato.

524-535 Nos confins do Oceano, para o occaso,
Um lugar derradeiro ha na Ethiopia,
Onde o maximo Atlante ao hombro o ardente
Eixo estrellado vira. Entre os Massylos
Dalli sacerdotiza me inculcaram
Do templo das Hesperides, que os sacros
Ramos guardando n'arvore, a comida
Ao dragão ministrava, untada em succo
De mel e dormideiras. Com seus carmes

Solver, gerar paixões; rios promette,
Astros atrás tornar, e infernos manes
Revocar: sob os pés mugindo a terra,

536-538 Verás descerem da montanha os ornos.
Pelo céo, cara irmã, por vida tua,
Juro que invita á mágica recorro.

539-543 Tu lá dentro ergue ao ar secreta pyra,
E a roupa e as armas sobrepõe desse homem,
Que impio as deixou na camara pregadas,
E o tóro em que eu perdi-me: do malvado,
A maga o ordena, apaguem-se as memorias.»

544-548 Cala, e tingiu-se de pallor. Comtudo
Que os funeraes no sacrifício encubra
Nem Anna o crê, nem tal furor suspeita,
Ou nada mais sinistro que na morte
De Sicheu teme: tudo emfim prepara.

549-552 Ao ar, com achas de azinheira e pinho,
N'um claustro escuso erecta ingente pyra,
Colgado de capellas, a raínha
De rama funebre o lugar coroa;

553-559 Não do futuro ignara, sôbre o leito
Colloca a teucra espada, a roupa, a effigie.
De altares cérca-se, e em cabello a saga
Toa a invocar trezentas divindades,

O Erebo, o Chaos, e a trina Hecate virgem,
Tergemina Diana. Alli despeja
Simulado licor da fonte Averna;

560-567 Segadas ao luar com fouce ahenea,
O leite espreme de pubentes hervas,
Veneno tétrico; extrahido ajunta
O amor da fronte de nascente poldro
E subtrahido á mãe. Frouxa a petrina,
Mola nas pias mãos, de um pé descalça,
Dido, entre as aras morredora, os deuses
Attesta e os astros, do seu fado conscios;

568-571 E, se ha nume que amantes patrocine,
Da ingratidão vingança lhe depreca.
Era noite, e em socêgo os lassos corpos
Descansam: dorme a selva, o mar sanhudo;

572-577 Em meio gyro os astros escorregam;
Todo o campo emmudece; as alimarias
E aves de côres mil, quanto povoa
Liquidos lagos, asperas charnecas,
No silencio nocturno os seus trabalhos
Adormentando, a pena alliviavam.

578-586 Só nos olhos ou peito a insomne Tyria
Não colhe a noite: as afflicções lhe brotam;
Surgindo e resurgindo o amor braveja,
N'um fervedouro de iras fluctuando,

E a mente em si voltêa: «Que! zombada,
Requestando os primeiros pretendentes,
Hei-de em Numidia mendigar consorcios
Tam rejeitados? ou partir na frota,
Conforme ás teucras derradeiras ordens?

587-594 Gratos ao beneficio, oh! quam lembrados
Dos meus favores sam! E ha, quando eu queira,
Quem m'o consinta, ou nos suberbos lenhos
Execrada me acceite? Nem tu sabes,
Nem inda sentes, misera, os perjurios
Da raça laomedoncia? E então! sózinha
Irei atrás de aventureiros nautas,
Ou com todo o poder dos meus Sidonios?

595-597 E os que arranquei de Tyro, hei de arriscal-os
De novo, e dar as vélas?... Antes morre,
Que o mereces; com ferro a dôr atalha.

598-601 Tu por meu pranto, irmã, tu me aggravaste
O furor e ao tyranno me exposeste.
Não podera eu viver de crime izenta,
Como fera, solteira e sem martyrios?

602-608 Fementida a Sicheu manchei as cinzas.»
Taes do seu peito as queixas rebentavam.
Já, tudo a ponto, certo de ir Enéas
Adormecia a ré. Torna-lhe em sonhos

E o reprehende a visão: Mercurio he toda
Em vulto, em côr, em voz, na loura coma,
No talhe esbelto e juvenil meneio.

609-614 «Como! filho da deusa, em tal perigo
No somno pégas? nem, demente! enxergas
O que ha de roda? os zephyros suaves
Não ouves respirar? Perecedoura,
Ella enganos rumina e atroz maldade,
E n'um fluxo e refluxo irosa ondêa.

615-619 Podes inda, e o fugir não precipitas?
Com madeiros verás turbar-se o pégo,
Tochas luzir, ferver em fogo as praias,
Se a aurora aqui te apanha. Eia, a tardança
Rompe: he sempre a mulher vária e mudavel.»

620-624 E assim na treva se involveu da noite.
Espavorido acorda: «Acima, alerta,
Brada o heroe; pannos fóra, gente aos remos:
Insta comigo o messageiro ethereo
A que abale no instante e pique amarras.

625-629 Nós, santo deus, quem sejas, te seguimos,
E ovantes outravez te obedecemos.
Oh! sê propicio e placido, e nos tragas
Faustas estrellas.» Dice, e da baínha
Saca o fulmineo gume e os cabos talha.

630-632 Tudo arde, á faina acode; as bordas largam:
De naus coalha-se o pelago; estribados,
Varrendo a azul campina, a espuma enrolam.

633-640 Já, de Tithon deixando a crocea cama,
A Aurora de luz nova alaga o mundo:
Mal Dido alvorecer e arfar em cheio
Viu da atalaia a frota, e a praia e os portos
Nus da chusma sentiu, quatro e mais vezes
Lacera o bello peito e os aureos fios
Arrepella: «O' deus summo! ha-de um estranho
Ir-se do nosso reino escarnecendo?

641-643 Meu povo armas não toma, e o corre e os vasos
Dos arsenaes despede?... Já, de prompto,
Brandi fachos, dai vélas, forçai remos.

644-646 Que profiro? onde estou? desvairo insana?
Ai! Dido, hoje em ti pesa a mão do fado!
Quando entregaste o sceptro, he que era tempo.

647-649 Que fé, que dextra aquella! E he quem se affirma
Que da patria os penates conduzira,
Que o pae caduco aos hombros carregara?

650-657 E empolgal-o não pude, esquartejal-o,
Pelo mar desparzil-o, os seus á espada
Passar, e o mesmo Ascanio, e por comida
Pôl-o á paterna mesa? Mas do prelio
Fôra a fortuna duvidosa... Fôsse:

Vou morrer; qual o medo? A's naus, de assalto,
De fogo enchera o bôjo; com tal raça
Pae e filho extinguira, e a mim com elles.

658-666 Sol, que lustras o globo e tudo aclaras;
Juno, intérprete e conscia destas penas;
Pelas cidades em nocturnos trivios
Tu Hecate ululada, ultrices Furias,
Ouvi-me, ó deuses da expirante Elisa,
Vosso nume volvei contra os perversos,
E attendei nossos rogos. Se he fadado
E quer Jove que o monstro, em fixo termo,
Poje em terra, audaz povo o ataque e avexe;

667-669 E errante, foragido, arrebatado
Dos abraços de Iulo, auxílio implore,
Veja dos seus os funeraes indignos;

670-673 Ou, curvo á iniqua paz, não goze o reino
E appetecida luz; mas ante tempo
Caia, e insepulto sôbre a arêa jaza:
Com meu sangue esta praga última verto.

674-680 Tyrios! vosso rancor lhe acosse a estirpe,
De offerta á cinza minha: a alliança os povos
Nunca irmane. Dos ossos tu me nasce,
Taes colonos persegue a fogo e ferro,

O' vingador: já, logo, em todo o sempre
Que haja fôrças, com praias travem praias,
Ondas com ondas guerra, armas com armas;

681-689 Com seus netos, impreco, os meus pelejem.»
Por tudo o ânimo versa, e a têa odiosa
Traça em breve troncar. A Barce falla,
Do bom Sicheu nutriz, que em pó na antiga
Patria a sua ficou: «Nutriz querida,
Chama cá minha irmã; que asperja o corpo
Com agua fluvial; não tarde, e as rezes
Venham com ella e as purgações prescriptas:
E tu com pia fita as fontes venda.

690-694 Os que encetei solemnes sacrificios
A Jove Estygio concluir tenciono,
Findar meus males e entregar á pyra
A imagem do infiel.» Termina; a serva
Com senil zelo accelerava o passo.

695-701 Trépida e em fera empresa encarniçada,
Vibrando olhos sanguineos, e ás trementes
Faces de nodoas salpicada, o interno
Claustro penetra, pallida a raínha
Já da futura morte, e furibunda
Sobe á fogueira, o troico ferro despe,
Não para tal crueza reservado.

702-707 No iliaco despôjo e nota cama
Depois que attenta, em lagrimas, cuidosa,
Um pouco está suspensa, e reclinada
Finaes vozes repete: «Ó doces prendas,
Quando o queria um deus e o fado, est'alma
Recebei, libertai-me de pezares.

708-710 Vivi, perfiz o destinado curso:
Grande irá minha sombra agora ao Orco.
Fundei clara cidade, eu vi meus muros;

711-714 No troculento irmão vinguei o espôso.
Feliz, ah! mui feliz, se as quilhas teucras
Aqui nunca abordassem!» Dice, e o rosto
No leito impresso: «Inulta morreremos?...

715-718 Pois morramos, sussurra; assim aos manes,
Assim desço contente. O cru Dardanio
Do mar embeba os olhos nestas chammas,
E estes mortaes agouros o acompanhem.»

719-724 Não acabava; e sôbre o estoque as damas
A vêm cahir, de sangue as mãos tingidas
E a lamina espumando. O clamor altos
Atrios atroa; ás tontas corre a Fama
De cabo a cabo; com soluços, gritos,
Com femineo ululado os tectos fremem;

725-734 Todo o ar retumba do alarido e pranto:
Qual, de hostil assaltada, se em ruínas
Carthago, ou Tyro antiga ardesse em alas
Furentes, ateadas nas dos homens,
Nas cumieiras dos deuses. Aturdida,
A irmã convulsa, exanime, açodada,
Carpe-se, afeia o rosto, os peitos fere,
Rompe o tropel, á moribunda exclama:
«Irmã, tu me illudias? Que! foi isto
Que aras, tochas, fogueiras me aprestavam?

735-737 Qual mais doe? o abandono, o desprezares
Por socia a irmã? Teus fados repartisses;
Uma hora, um ferro, uma ancia nos tragasse.

738-741 Armei-te a pyra eu mesma, e os deuses patrios
Invoquei, para assim, cruel, jazeres
Na minha ausencia? A mim e a ti mataste,
E o povo e os padres e a cidade tua.

742-751 Dai-me agua, eu lave o golpe; e nos seus labios,
Se alento algum vaguêa, os meus o colham.»
Não mais, e os degraus salva; ao collo aperta,
Beija a irmã semiviva; entre ais enxuga
Na touca o tetro sangue. Os olhos graves
Quiz ella alçar, desmaia: a chaga dentro
Range a golfar. Tres vezes, arrimada

Ao cotovello foi-se erguer, tres vezes
Rolou no tóro; e, baça a vista errante,
A luz no céo procura, e achando-a geme.

752-763 A omnipotente Juno da agonia
E angústia longa então commiserada,
Do Olympo Iris despacha, que a luctante
Alma desate dos liados membros:
Pois nem de merecida ou fatal morte,
Mas subito immatura ah! perecia
De ira accesa; tirado a flava coma
Não lhe tinha Prosérpina, e a cabeça
Á Estyge condemnado. Em croceas pennas,
Cambiando côres mil do Sol opposto,
Roscida a nuncia vem parar sôbre ella:
«O tributo a Plutão mandada levo;

764-765 Do corpo eu t'o desligo.» Dice, e o corta:
Foi-se o calor e evaporou-se a vida.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO V

✦

1-7 Firme o heroe já dirige ao meio a frota,
Com o Aquilão talhando as negras vagas;
Olha atrás, e da pobre Elisa os muros
Em chammas vê luzindo. A causa os Teucros
De tanto incendio estranham; mas conhecem
O amor polluto como doe, o que ousa
Feminea raiva, e triste agouro tiram.

8-11 Some-se a terra aos empégados lenhos,
Tudo he céo, tudo he mar; torvo negrume
Sôbre as cabeças borrascoso pésa,
E horrenda espessa treva ennoita as ondas.

12-15 Té lá da pôpa o cauto Palinuro:
«Hui! que feia tormenta enlucta o pólo!
Tu que ameaças, Neptuno?» Dice, e a tolda
Manda desempachar, pôr peito aos remos;

16-18 Mette á orça, e voltou-se: «Inclito Enéas,
Nem que m'o affirme Jove, eu não prometto
C'um tempo destes abordar a Italia.

19-25 De travez salta o vento, engrossa e ruge
Do atro Vesper, e o ar se ennubla e densa.
Nem aguentar-nos nem surdir podemos:
Quer e acena a fortuna, ora de rumo

Toca a mudar. Não longe as d'Eryx julgo
Fraternas praias, a fiel Sicania,
Se os remedidos astros não me illudem.»

26-31 A quem Enéas: «Claro observo há muito
Que o pede o vento, e por demais resistes:
Ronda e curva o caminho. Onde mais doce
As lassas naus refocillar me fôra
Que no grato paiz do troico Acestes,
Dos ossos de meu pae jazigo amado?»

32-34 Zephyro, então servindo, o panno atesa:
Por vagalhões a frota ao pôrto voa,
E alegre emfim atraca á nota arêa.

35-37 De excelso cume enxerga os socios vasos,
Admira a vinda, e em pelle de ursa libya
E em dardos ouriçado, accorre Acestes.

38-41 Que em mãe teucra o gerou Crimiso rio
Não lhe esquece: os parentes que alli tornam
Gratulando consola, e com refrescos,
Lhana agreste abundancia, acolhe e trata.

42-48 O albor os astros mal do eôo expulsa,
De toda a praia os seus convoca Enéas,
E de elevado combro assim lhes falla:
«Dos deuses prole, ó Dárdanos sublimes,

A annual vólta os mezes completaram,
Dêsque as reliquias de meu pae divino,
Funebre altar sagrando, sepultámos.

49-54 Se não érro, eis o dia (oh! céo, quizeste-o)
Sempre agro para mim, sempre solemne.
Fôsse eu nas syrtes Gétulas banido,
No seio Argolico e em Mycenas preso,
Celebrara com pompa o anniversario,
De acceitos votos cumulando as aras.

55-57 Não, dos deuses não foi sem providencia
Esta nossa arribada a pôrto amigo:
Junto ás cinzas de Anchises nos achamos.

58-61 Eia, a memoria sua honremos todos:
Peçamos-lhe bom vento, e em novos muros
Templos dicar me outorgue, onde cad'anno
Estes meus sacrificios lhe offereça.

62-64 Duas rezes por nau vos dá benigno
O hóspede e sangue nosso: os patrios divos
Convidai para a festa, e os que elle adora.

65-70 E, se arraiando o mundo a nova aurora,
Limpo o dia trouxer, proporei jogos,
Pela esquadra ligeira começando:
Quem agil tenha o pé, quem destro e forte,
Ou tire o dardo e a setta, ou mais se atreva
A cru césto brigar, nenhum se exima;

71-72 Devido premio cada qual espere.
Orai, silencio! as frontes enramai-vos.»

73-82 Cessa, e velou-se do materno myrto;
Helymo, o ancião Trinacrio, o moço Ascanio
Fel-o, e a mais juventude. Infindo povo,
Mesto cortejo da assembléa o seguem
Para o sepulcro. Alli de mero baccho,
Libando em regra, jarras duas vasa,
Duas de leite fresco, cheias duas
De cruor sacro, e esparge rubras flores:
«Salve, dice, alma santa, ó sombra salve,
Cinzas do caro pae, que em vão recóbro!

83-84 Comtigo não me coube entrar na Italia,
Gozar desse fatal ausonio Tibre.»

85-91 Subito, em roscas sete e sete gyros,
Sahe de imo penetral vultosa cobra;
Mansa o túmulo abraça, pelas aras
Lúbrica resvalando: azul o dorso,
A maculada escama em aureas pintas
Fulgura accesa; o arco assim nas nuvens
Toma do opposto Sol mil várias côres.

92-95 Della Enéas pasmou. Desenrolando-se
Entre os copos serpêa e lisas taças,
E, iguarias e altares delibados,
Busca o túmulo e innócua se recolhe.

96-100 Incerto se he de Anchises a ministra,
Se o genio do lugar, mais fervoroso
Ao pae renova as honras: cinco ovelhas
Bimas conforme ao rito: cinco porcos,
Tergi-nigrantes corta almalhos cinco;

101-105 Vinhos das copas vérte, e a alma evoca
E do Acheronte os remettidos manes
Do grande genitor. Segundo as posses,
Ninguem se escusa: as aras espontaneos
De dons oneram, víctimas derribam;

106-108 As caldeiras em fila outros collocam,
Ou, na relva espalhados, em brazidos
Viram espetos e as entranhas assam.

109-113 Alvo o dia anhelado já conduzem
De Phaetonte os cavallos; e os vizinhos
O ruído alvoroça, e o claro nome
De Acestes: quaes por vêr o heroe e os socios,
Quaes promptos ao certame, a praia inundam.

114-118 Laureas no medio circo se alardêam,
Trípodes sacras, preciosas palmas
Aos vencedores; vestes purpurinas,
Talentos de ouro e prata, e ricas armas:
D'alto apregoa a tuba e os ludos canta.

119-128 O pário encetam com pausado remo
Quatro cascos irmãos, da frota eleitos.
Mnestheu, que de Italo o appellido teve,
Mnestheu, de Memmio tronco, a veloz Pristis
Com acre chusma; e a gran'Chimera Gyas
Manda, mobil cidade e mole immensa,
Que os Teucros jovens de concerto impellem,
Com tres acclamações ás tres pancadas
Da voga desferida: autor Sergesto
Dos nobres Sergios, na Centauro ingente;

129-136 E na azul Scylla embarca-se Cloantho,
Que he, Romano Cluencio, a origem tua.
Contra a espumosa praia, alêm demora
Penedo, que submerso, emquanto o hyberno
Cauro os astros esconde, o açoutam vagas
Tumidas: calmo o tempo, adormecido
Cala, e da immovel onda um campo surge,
De apriscos megulhões jucundo pouso.

137-139 Lá de frondente azinho o padre aos nautas
Poz verde meta, que o regresso marque,
Depois de em longo cêrco o tornearem.

140-146 Regra os postos a sorte; e á pôpa alçados,
Ostro e ouro trajando, os cabos fulgem.
De choupo engrinaldada, a mais companha
Nus reluzindo em oleo ostenta os hombros:

Abancam-se, estirando ao remo os braços
E ouvidos ao sinal; da ância de glória,
Do afôgo e susto, os corações latejam.

147-154 Ao clangor da trombeta, eil-os despedem;
Os ares fere a nautica alarida;
Revôlto o mar ao retrahir dos buchos,
De iguaes sulcos trilhado, alveja e ferve,
Dos remos todo e dos tridentes rostros
Convulso e hiante. Em bíjugo certame,
Carros do carcere precipitados
Na liça menos desinvolto rodam;

155-160 Nem tanto aurigas, aos fogosos tiros
Undantes loros sacudindo, pendem
Pronos a verberar. Do estrondo e applauso,
Do parcial favor consôna o bosque:
O eccho, nas praias concavas rolando,
Repulsado retumba nos outeiros.

161-167 Entre os vivas da turba, avante Gyas,
Primeiro escoa-se: ao depois Cloantho,
Melhor de remo, se o pinho o retarda
Ronceiro. Á cola, a Pristis e a Centauro
Competem no marchar: vence ora a Pristis,
Ora a Centauro; ou pares, frente a frente,
Aram com buco extenso os vaos salgados.

168-170 Aproximam-se á meta, e ao pé do escolho,
Já no perau, o dianteiro Gyas
Grita ao piloto: «A' dextra assim me empuxas?

171-175 Anda a bombórdo; a pá que rasque as penhas;
Abeira a praia: quem quizer se amare.»
Ordens vãs; teme o velho occulto banco,
Desvia ao largo a proa. «Onde, Menetes,
Onde ao revez te vais? Á esquerda, ás pedras.»

176-180 Gyas brama e rebrama; e olha a Cloantho,
Que interno, á sestra, forcejando o aperta;
Que entre as sonantes lages e a Chimera
Deslisa, e a meta subito pospondo,
O pretere, e em mais fundo vai nadando.

181-191 Nos ossos arde ao moço a dôr violenta,
Não sem agua nas faces; e esquecido
De si, do commum risco, o frouxo mestre
D'alta pôpa despenha, e salta ao leme:
Piloto, os nautas exhortando, o clavo
A's praias torce. A custo acima veio
Menetes já pesado; e, gottejando
O mádido vestido, á roca trepa,
E em sêcco alli se assenta. A rapazia
Riu do seu tombo, do mergulho e nado,
Riu das salsas golfadas que alijava.

192-196 Atrás, Mnestheu, Sergesto aqui se inflammam,
A Gyas contam superar moroso.
Junto ao cachopo, não com todo o casco,
Sergesto avança; em parte só, que em parte
O cerra com seu beque émula a Pristis.

197-202 Mnestheu de banco em banco a gente incita:
«Forçai-me a voga, Hectoreos verdadeiros,
Que de Troia escolhi no extremo arranco:
Mostrai-me agora o brio, o alento agora,
Qual nas Lybicas syrtes, qual no Jonio,
Qual do Malea em correntes impulsoras.

203-208 Mnestheu já pela palma não contende:
Oh! se eu... primem, Neptuno, os teus mimosos.
Ser derradeiro, amigos, he vergonha:
Poupai-nos o labéo.» Quem mais, se afanam
Deitados sôbre o remo; aos vastos golpes
Retreme a bronzea pôpa, o chão subtrahe-se;

209-214 Crebro o anhelito abala os membros todos,
E as bôcas sécca; em bica o suor mana.
O acaso trouxe o lanço a que aspiravam:
Acostado Sergesto, avante a proa
Cose á rocha, e abocando um passo estreito,
Ai! que em recife protendido péga.

215-223 Ao choque ronca a pedra, e n'uma ostreira
Pontuda os remos se estribando estralam;
Contusa a proa suspendeu-se. Em gritos
Consurge, pára a chusma, e os croques safa
E agudas varas; os partidos remos
Do pégo apanha. Então, com mais vehemencia,
Ledo Mnestheu os ventos convocando,
Certa e basta a remada, ao som das ondas,
Facil no aberto pelago decorre.

224-231 Qual a pomba, que aninha em ouca lapa
Seus doces ovos, salteada ao campo
Foge, e ao sahir com a aza dá medrosa
Rijo encontrão no tecto; e escorregando
Pela fluida via, o ar sereno
Rasa, nem move as expeditas pennas:
Tal Mnestheu, com tal impeto, enfiada
Pelas últimas aguas, voa a Pristis.

232-234 Já deixa ás luctas no rochedo e alfaques
A Sergesto, que auxílio em vão clamando,
A andar aprende com lascados remos.

235-240 Presto a Gyas se bota, e a nau possante
Cede, que está sem mestre. Só lhe falta
Quasi no fim Cloantho; em cujo alcance
Urge com summo afinco. Esperta a grita,
Aura geral o instiga a lhe dar caça,
E rimbomba o fragor no espaço ethereo.

241-251 Uns raivam de perder o ganho e as honras,
Trocam pela victória a propria vida;
Alenta os outros o sucesso: podem,
Porque julgam poder. E compartiram
Parelhos esporões talvez o premio,
Se em rogos sôlto, ao ponto as mãos tendidas,
A si Cloantho os numes não chamasse:
«O' deuses, cujo imperio equoreo trilho,
Voto alegre immolar-vos nestas praias
Branco touro, e entornando castos vinhos
As entranhas verter no salso argento.»

252-256 Dice; e o côro de Phorco e das Nereidas
De baixo o attende, e Panopéa virgem;
Té do ancião Portuno o braço grande
O empurra: mais que Nôto ou leve xara,
A nau se lança á terra, e o pôrto ganha.

257-259 Ao povo o Anchiseo, com pregões do estilo,
Então proclama vencedor Cloantho,
Venda-lhe a fronte com virente louro;

260-262 De prata um mór talento ás naus, de mimo,
Tres novilhos á escolha e vinhos manda;
Com dons especiaes destingue os chefes.

263-272 Ao vencedor, orlando-a recamada
Purpura melibéa em dous meandros,
Aurea chlamyde annexa: inda na téla

Regio menino, sofrego, açodado,
No Ida selvoso os despedidos cervos
Corre e a dardo os fatiga; e lá nas garras
Altaneira ás estrellas o arrebata
A armígera de Jove; em balde as palmas
Velhos aios levantam, contra as auras
Dos galgos o ladrar se assanha em balde.

273-282 Ao segundo em valor, de fina malha,
Que o decore e defenda, auri-trilice
Loriga dá, que a Demoleu vencido
Ante o rapido Simois, de Ilio ás abas,
O heroe tirou: multiplice a textura,
Mal carregavam-na ajoujados pagens
Sagaris e Phegeu; com ella o dono
Punha em vil fuga os Troas. O terceiro
Dous caldeirões de cobre e umas navetas
De prata obteve com gentis relevos.

283-291 Já se ia cada qual suberbo e rico,
De puniceos listões bandada a fronte,
Quando apenas Sergesto, á fôrça de arte
Do sevo escolho despegado, a barca,
De remos falha, um bórdo raso e debil,
Traz inglorio entre vaias. Qual serpente,
Se no lombo da estrada a colhe obliqua
Enea roda, ou com seixo grave a esmaga,
Deixando-a semimorta, o viandante;

292-297 Fugindo em vão se torce em largos orbes;
Parte feroz sibila, incende os olhos,
Altiva empina o collo; manca em parte
Pelo golpe, retem-se, e ennovelada
Em seus membros se implica e se revolve:
Tal vogando a nau tarda se movia;

298-302 Mas, cheio o panno, á vela a foz remonta.
Salvos navio e gente, alegre Enéas
A Sergesto não falta: a Cressa Phóloe,
Perita escrava em obras de Minerva,
Doa-lhe, e os gemeos filhos que amamenta.

303-307 Findo o jôgo, a relvado ameno valle,
Que outeiros fecham curvos e frondosos,
Passa Enéas: milhares o acompanham
Ao circo theatral que entremeiava,
E, a turba acommodada, o heroe se assenta.

308-318 Com dons que expõe de preço, excita a quantos
Certar queiram na rapida carreira.
Mistos concorrem Teucros e Sicanos:
Primeiros Niso e Euryalo, este em verde
Juventude e belleza, aquelle insigne
Do moço em pio amor; depois, Diores,
Priameo garfo egregio; e logo Salio
Com Patron, um Tegeu de arcadio sangue,

De Acarnania o segundo; e os de Trinacria
Jovens monteiros, Hélymo e Panopes,
Que assiduos ao bom velho a selva batem;

319-324 E muitos que sepulta escura fama.
Delles o heroe cercado: «Ouvi-me attentos,
Folgai, mancebos; que nenhum sem premio
De mim se irá: de assacalado ferro
A cada um darei dous gnosios piques,
E de entalhos de prata uma bipenne.

325-327 Terão de flava oliva ornada a fronte
Os vencedores tres: guardo ao primeiro
Magnífico ginete ajaezado;

328-332 Ao outro, cheia de threícias frechas
Uma aljava amazonia, á qual circula
Boldrié largo de ouro, e ata fivela
De arredondada gemma; o derradeiro
Com este argólico elmo vá contente.»

333-338 Todos postados, ao sinal que escutam,
Sôlto chuveiro, á despedida rompem,
Do ponto pelo corro se desparzem,
Olhos fitos na meta. Os contendores
Traspõe Niso, e ligeiro deslumbrando
Excede os ventos e do raio as azas.

339-345 Segue-o, mas com larguissimo intervallo,
Salio. Não longe, Euryalo he terceiro.
Helymo he quarto. Proximo Diores
Arranca, e ao hombro a vezes se lhe encosta,
Roça-o de ilharga, artelho com artelho:
E houvesse espaço, avante escapolira,
Ou balançara ao menos a victória.

346-348 Quando ao termo affrontados se appropinquam,
Niso escorrega dos novilhos mortos
No cruor que a verdura e o chão molhara.

349-351 Já de vencida e ovante, o infeliz moço,
Titubando-lhe os pés, de bruços tomba
Sôbre o sagrado sangue e esterco immundo.

352-354 Mas não lhe esquece Euryalo querido:
A resvalar se erguendo, a Salio oppõe-se,
Que tropeça e revôlto jaz na arêa.

355-357 Salta Euryalo; e, graças á amizade,
Voa o primeiro com ruídoso applauso.
Vence Hélymo em segundo, e alfim Diores.

358-362 A amplidão da platéa atroa Salio,
Perante os padres reclamando a glória
Que se lhe rouba. A Euryalo defende
Geral favor, e as lagrimas decoras,
E a virtude mais bella em gentil corpo.

363-365 Gritando o apoia com fervor Diores,
Que, último vindo, a palma não consegue,
Se conferem a Salio as móres honras.

366-368 Decide Enéas: «Socegai, mancebos,
Que do triumpho a ordem não se altera:
Compadecer me caiba o insonte amigo.»

369-374 E a Salio dá, vellosa e de aureas unhas,
A de um leão numidio ingente pelle.
Niso aqui: «Dos vencidos que resvalam
Se has dó tamanho, a Niso o que reservas,
Que, a não têr ao de Salio igual desastre,
Merecera a coroa e a primazia?»

375-380 E ao fallar mostra a cara e os membros torpes
De atra sangueira. O padre riu benigno,
E um, que do umbral sagrado de Neptuno
Os Danaos despregaram, trazer manda
Broquel dydimaonio, obra excellente
Com que brinda e compensa o moço egregio.

381-383 Quando os cursos termina e os dons reparte:
«Agora quem valor no peito encerra,
Sus, os braços levante, as mãos ligadas.»

384-390 Então propõe dous premios da peleja:
De ouro coberto e fitas, um novilho
Ao vencedor; fino elmo e fina espada,
Ao vencido confôrto. Sem demora

Dares, entre murmurios e alvorôto,
Sahe a terreiro, válido e robusto:
He quem sohia combater com Páris;

391-394 E a Butes giganteu, que vir de Amico,
Rei de Bebrycia, invicto blasonava,
Junto á campa do excelso Heitor ferindo,
Moribundo o estendeu na fulva arêa.

395-397 Tal o campião se ostende: espadaúdo,
Alta a cabeça, alterno os braços tesos
Esgrime, e açouta os ares com punhadas.

398-409 Buscam-lhe um contendor: nenhum de tantos
Ousa contra o varão travar dos céstos.
Triumpho pois cantando, aos pés de Enéas
Ficou; sem mais detença, ao touro os cornos
Da esquerda ferra e diz: «Se a contrastar-me
Ninguem, filho da deusa, aqui se afouta,
Que me retem? que espero? O touro ordena
Me conduzam.» Nos seus lavra um sussurro,
Querem que se lhe entregue. Eis vôlto Acestes
A Entello ao pé sentado em leito hervoso,
Turvo o acoima e aguilhoa: «O' dos antigos
Tu fortissimo heroe, soffres, Entello,

410-413 Que premios taes se levem sem combate?
Onde Eryx, nosso deus, frustrado mestre,
Onde o renome teu, que enche a Trinacria,

E os cem trophéos que nos salões penduras?»

414-416 «O medo, retorquiu-lhe, o amor da glória
Não me embotou; mas tardo gela o sangue,
E o vigor se me esfria e se entorpece.

417-423 A me assistir a idade em que ora ufano
Confia esse arrogante, eu sim viera,
Não do preço movido ou guapo touro:
De intêresses não curo.» E nisto á praça
Dous céstos arrojou desmesurados,
Que o bravo Eryx nos prelios maneava,
No duro tergo os braços enlaçando.

424-428 Tudo enfiou: de bois sete amplos coiros
Reforçava cosido o ferro e o chumbo.
Dares he que mais pasma e até recusa:
O bizarro Anchisíades sopesa,
Volve a enleiada massa e vulto enorme.

429-433 «Quanto mais, torna o velho, se alguem visse
Os de Hercules tremendo, e a lucta infausta
Sôbre esta mesma praia! Eil-as, Enéas,
Do teu valente irmão contempla as armas,
De cerebro e de sangue inda com laivos.

434-437 Com ellas arrostou-se ao proprio Alcides;
Servi-me eu dellas, quando me aquecia
O verdor, nem velhice porfiosa
Pelas fontes esparsa branquejava.

438-440 Mas, se rejeita o Phrygio as armas nossas,
Com Enéas se approva o autor Acestes,
Não temas, renuncío os coiros d'Eryx;

441-443 Despe esses teus: iguale-se a contenda.»
Do hombro duplice capa então desprende,
Desnuda a ossada, as juntas e os lagartos;

444-449 Musculoso e nervudo está na arena.
Céstos iguaes presenta o Anchisio padre,
E ata-os ás palmas de ambos. Sôbre os dedos
Cada qual se endireita, e no ar os pulsos
Vibra intrepido e firme. Ardua a cabeça
Do vulnífico aceno atrás afastam;

450-455 Misturam mãos com mãos, e a pugna incitam.
Um por moço he ligeiro; outro he forçoso,
Grande e membrudo, mas dos joelhos frouxo,
Tardo e tremente, a vastidão lhe agita
Egro anhelar. Muita ferida baldam,
Muita no lado côncavo amiudam;

456-458 Os peitos aos varões harto rouquejam;
O punho erra por fontes, por ouvidos;
Ao crebro aspero embate os queixos ringem.

459-463 Afincado n'um posto, o grave Entello
Aos tiros vigilante o corpo furta.
Dares, como quem bate uma alta praça,

Ou roqueiro castello opugna e cérca,
Por esta aberta e aquella, o assalta e urge;

464-471 Frustra os tentames, os ardis mallogra.
Minaz Entello se alça, e a dextra brande;
O outro prevendo o sobranceiro bote,
N'um salto o esquiva: Entello pelas auras
Derrama as fôrças, por si mesmo em terra
Com o vasto pêso mais pesadamente
Rue, como em cimos do Ida ou no Erymantho
Desraigado baquêa ouco pinheiro.

472-474 Phrygios, Trinacrios, emulos consurgem;
Monta o clamor ao céo; primeiro acode
E ergue Acestes com pena o equevo amigo.

475-479 Sem perturbal-o a quéda, o heroe mais agro
Vólta impavido á lucta, e a ira o esforça;
Pejo, conscio valor o abraza, e ardendo
Rapido pelo campo acossa a Dares:
Ora a dextra, ora a esquerda os golpes dobra.

480-483 Nem respiro, nem pausa: qual nos tectos
Saltão granizo crepitando chove,
Tal com uma e outra mão basta pancada
Desfecha, e traz n'um vortice o contrário.

484-487 Que o furor se encrueça, e Entello em sanha
Mais se exaspere, o padre o não consente:
Á pugna se interpondo, ao moído joven

Salva, e o mitiga assim: «Que insania a tua!

488-499 Triste! um poder não sentes sobre-humano?
Cede ao nume.» E fallando a briga aparta.
Fiéis socios com Dares, que a nutante
Cabeça e os fracos joelhos mal sustendo,
Mistos coalhado sangue e dentes cospe,
Vam-se ás naus; advertidos, com a espada
O elmo tomando, a rez e a palma deixam
Ao vencedor, que altivo se ufanêa:
«Olhai, de Venus filho, e vós Troianos,
O que eu seria em moço, e a morte certa
De que o livrastes.» Pára, em se affrontando
Ao touro, premio seu, que em pé se tinha;

500-503 Libra-se a prumo, atrás retira a dextra,
Entre os cornos assenta os duros céstos,
Quebra-lhe o craneo, o cerebro esmigalha:
Prostra-se, arca e no chão se estira o boi.

504-506 Sôbre elle o heroe exclama: «Em vez do Phrygio
Melhor te sagro est'alma; os céstos, Eryx,
E a arte victorioso aqui reponho.»

507-518 Já, com dons, a quem jogue a setta alada
Convida Enéas; faz que a gente erija
Do baixel de Seresto um mastro, e appensa
Do tope n'um cordel volante pomba,
Alvo dos tiros. Os varões concorrem,

E em bronzeo capacete as sortes lançam:
Começou pelo Hyrtacio Hippocoonte
Com ruídoso favor; Mnestheu seguiu-se,
Mnestheu que inda cingia a verde oliva
Do certame naval; sahiu terceiro
Teu irmão Eurycion, Pandaro eximio,
Que, mandado a romper outrora os pactos,

519-521 Contra os Acheus a vira desparaste:
Do elmo ficou no fundo o velho Acestes,
Que lidas juvenis tentar ousava.

522-533 Com ância cada qual seu flexil arco
Forte encurva, e da aljava o tiro aprompta.
Primeiro o Hyrtacio, o nervo rechinando,
Zimbra agilissimo as voluveis auras,
E no fronteiro mastro a ponta ferra:
Treme a arvore, assustada esvoaça a pomba,
E em roda estronda o applauso. Ardego e lesto,
Arma o lanço Mnestheu, põe alto a mira,
Olhos estende e a setta: ah! que não poude
Na ave tocar; do pé só quebra os fios
De que innexa pendia: ella adejando
Por entre nôtos e negrumes foge.

534-539 Mas, prestes e embebida a frecha tendo,
Invocando Eurycion fraterno auxílio,
Fita a que o céo fendendo alêa e exulta,

E sob a nuvem bruna a encrava: a pomba
Cahe morrendo, e nos astros larga a vida,
E traz cahindo a farpa atravessada.

540-549 Resta Acestes sem palma; e o tiro aos ventos,
De arco sonoro e de arte gloriando,
Emfim remette. Aqui subito occorre
Monstro e agouro espantoso, que o futuro
Vindo acclarar, terríficos os vates
Tarde o cantaram; pois que ardeu, voando,
E igneo sulco traçou na etherea via
A haste arundinea, e em ar se esvaiu tenue:
Qual se descrava a estrella, o céo transcorre,
E no vôo inflammada arrasta o crino.

550-556 Phrygio ou Trinacrio, estaticos de assombro,
Levantam preces: nem repulsa o aviso,
Mas a Acestes abraça o heroe prestante,
Largo o premeia, e ajunta: «Acceita, ó padre,
Senão da sorte, por insigne auspicio
Do summo rei do Olympo, esta esculpida
Cratera, deixa do longevo Anchises;

557-561 Gage, com que o prendou Cisseu de Thracia,
De amizade e lembrança.» E ás fontes o orna
De verde louro, vencedor o acclama:
Sem ciume Eurycion, que só das nuvens
A ave precipitou, de grado accede.

562-564 Entra o que o nó desfez proximo em honras;
Ultimo, a frecha quem pregou no tronco.
Inda os certames não despede Enéas;

565-569 Chama a Epytides, aio e companheiro
Do impube Iulo, e diz-lhe á puridade:
«Anda; e Ascanio, se instructo o equestre ludo
E os meninos jà tem, que as turmas guie,
E em memoria do avô se mostre em armas.»

570-574 Dalli faz que esvazie o infuso povo,
E haja campo. Ante os paes, medindo o passo,
Por igual em cavallos enfreiados
Os meninos relumbram. Sorprendida
Freme a sicana e a teucra mocidade.

575-577 Do uso os coroa tonsa rama: trazem
Dous hastis de corniso em ferreas choupas,
E alguns ao hombro aljavas luzidias;

578-580 Retorcida lhes desce aurea cadêa
Do collo ao peito em círculo flexivel.
Tres as turmas, tres chefes as percorrem;

581-590 Sob cada chefe doze cavalleiros
Bizarrêam, fulgindo em sua esquadra.
Uma folga, ó Polites, de que a reja
O teu Priamo, herdeiro de um tal nome,
Que ha-de a Italia augmentar: cavalga em thracio
Ginete bicolor de brancas malhas,

Que a mão calça de branco, e fero ostenta
Branca silva na testa. O guia he de outra,
Caro ao menino Iulo, Atys menino,
Atys o tronco dos Latinos Attios.

591-595 Mais que todos formoso, o lindo Ascanio
Trota postremo n'um corsel phenicio,
Que em monumento e prova de ternura
Deu-lhe a candida Elisa. O resto monta
Em trinacrios frisões do velho Acestes.

596-602 Pavidos marcham; dos avós retratos,
Com júbilo os aviva o troico applauso.
Depois que alegres ante os seus campêam,
Promptos á senha, Epytides gritando
Longe o flagello estala. A par desfilam,
Formam-se em corpos tres, e á voz dos cabos
Infestas lanças, desandando, enrestam.

603-614 Carreiras a carreiras contrapondo,
Vóltas impedem com trocadas vóltas;
Baralham-se em renhida escaramuça,
De um conflicto arremêdo: ora dam costas,
Ora atacam de frente; ou, pazes feitas,
Levam-se emparelhados. N'alta Creta
O labyrintho, he fama que o teciam
Paredes cegas, mil dolosas ruas
De incomprehendido error, que inextricavel

Enganados vestigios transviava:
Não com diverso enrêdo embaraçada,
A prole teucra folgazã correndo,

615-617 Fugas urde e pelejas; como a nado,
No humido pélago os delphins brincando,
Ondas carpathia e libyca retalham.

618-623 Ao munir Alba-longa, estes Ascanio
Cursos, torneios, quaes jogou na infancia,
No prisco Lacio introduziu: de Albania
Transmittiram-se a Roma; e Roma augusta
Em honra avita os guarda: o jôgo Troia,
O pueril esquadrão se diz Troiano.

624-629 Ao divo padre a festa ia findar-se:
Instavel a fortuna então falsêa.
Durante os ludos funebres Saturnia
Envia á troica armada Iris celeste,
Com ventos a aligeira, e em cem projectos
A inveterada queixa não sacia.

630-633 Pelo arco multicôr, de golpe a virgem
Ganha um declive atalho; attenta invisa
Tropel tam basto, e vê, lustrando as praias,
Deserto o pôrto, abandonada a frota.

634-637 Lá sós, em borda escusa, o morto Anchises
As Troadas choravam, e o profundo
Ponto olhavam chorando: «Ai! tam cansadas

Que abysmo que nos resta!» á uma exclamam.

638-642 Pedem cidade; a róta longa entejam.
Nada innoxia, deposto e o trajo e o vulto,
Chega-se a deusa, em Béroe disfarçada,
Conjuge annosa do Ismaro Doryclo,
Célebre d'antes por fecunda e nobre;

643-645 Entre ellas se insinua, e diz: «Mesquinhas!
Que ás mãos gregas a morte não tragámos
Sob os muros da patria! Infeliz gente!

646-651 A que exicio a desgraça te reserva?
Volvem sete verões que, accesa Troia,
Fretos medindo, inhospitos rochedos,
Climas tantos e céos, por mar tamanho
Da fugitiva Italia em busca, vamos
Pelas ondas rolando. Hóspede Acestes.

652-654 D'Eryx quem lhe obsta no paiz fraterno
A nos fundar cidade? Ó patria! ó numes
Do inimigo sem fructo arrebatados!

655-657 Nunca um sítio verei que eu chame Troia?
Nunca os rios de Heitor, um Xantho, um Simois?
Presto, abrazai comigo infaustas pôpas.

658-660 Cassandra em sonhos, dando accesas tochas,
Me bradava esta noite: Ilio aqui tendes,
Aqui vossa morada. Obrai, que he tempo;

661-663 Nem taes prodigios dilação permittem:
Eis sacros a Neptuno altares quatro;
O mesmo deus ministra ânimo e fachos.»

664-672 Nisto, agarrando infenso, a dextra eleva,
Brande um tição com fôrça, e coruscante
O propelle. As Iliades suspensas
De espanto enfiam. Pyrgo, a mais idosa,
Que tantos filhos a seu rei criara:
«Esta, ó matronas, dice, a de Doryclo
Beroe não he Rheteia: o ar divino,
O garbo lhe notai, da vista o fogo,
O halito, o som da voz, o andar e o gesto.

673-675 A Beroe eu venho de deixar doente,
Pezando-lhe só ella em taes exequias
Faltar com dons e merecido pranto.»

676-681 Cala; e as matronas os malignos olhos
Nos lenhos cravam, balançando ambiguas
Do ficar entre o misero desejo
E as fatídicas ordens; quando as azas
Libra e desfere a deusa, e á retirada
Assinala entre as nuvens arco ingente.

682-687 Em furia, do prodigio estupefactas,
Do imo foco bramindo a chamma tiram:
As aras despojando, ás naus remessam

Galhos, folhas, tições: Vulcano em bancos
E em remos enfurece, á redea sôlta
Raiva de abeto nas pintadas pôpas.

688-692 Ao sepulcro, á platéa, Eumelo a nova
Do incendio leva; e em rôlo atra fagulha
Se enxerga a revoar. Primeiro Ascanio,
Quam ledo conduzia a equestre pugna,
Agil galopa aos arraiaes turbados;

693-698 Aios retêl-o exanimes não podem.
«Que intentais, cidadãs? que insania! ai tristes!
Não pavilhões hostis, não graias quilhas,
Queimais vossa esperança. Aqui me tendes,
Eis vosso Ascanio.» E aos pés o elmo vão lança,
De que armado exercia a falsa guerra.

699-703 Enéas se accelera, e o phrygio bando.
A buscar brenha ou lapa em que se escondam,
Pelas praias com medo ellas se esgarram:
Á luz fogem de pejo, e arrependidas
Juno removem d'alma, aos seus tornadas.

704-707 Nem por isso domou-se a voraz peste:
Sob o molhado roble viva a estopa
Tardo fumo vomita, e o vapor lento
Roe os porões, no amago se atêa;

708-710 Não valem jorros d'agua e heroico esfôrço.
Dos hombros rasga a veste, e aos céos Enéas
Supplice as palmas tende: «Ó Jove excelso!

711-714 Se um por um, padre, os Phrygios não detestas,
Se inda humanos trabalhos te apiadam,
Da chamma agora a frota me preserves,
D'Ilio a tenue reliquia ao menos poupes;

715-718 Ou, que mais resta? esmague-me o teu raio,
Mata-me, se o mereço.» Acaba; e ronca
Desmedida, furiosa, atra procella,
Dos trovões estremece o monte e o valle;

719-723 Turvo, engrossado pelos densos austros,
Aguaceiro estupendo alaga as pôpas:
Semi-ardidos carvalhos se humedecem,
Té que extincto o vapor, tragadas quatro,
No corpo das demais cessa o contagio.

724-733 Do agro desastre Enéas combatido,
Cem razões versa n'alma, hesita incerto
Se na fertil Sicilia esqueça os fados,
Ou se á Italia prosiga. O velho Nautes,
Sabio adivinho de Minerva alumno,
Tramas de irosos deuses explicando
E o que ordena o destino, assim o anima:

«Da fortuna aos vaivens nos resignemos,
Ó dionéa prole; em todo apêrto
Soffrendo he que se vence a adversidade.

734-741 Tens cá divina estirpe, o troico Acestes:
Consulta o seu querer. Das naus combustas
Lhe confia o sobejo, e os que se anojam
Da empresa tua; as abhorrídas madres,
Decrepitos e inválidos segrega,
E os que affrontar comtigo os riscos temem:
Em terra hajam descanso; ergam cidade,
A que Acestes conceda o nome Acesta.»

742-750 Nos conselhos do amigo o heroe se accende;
Mas os projectos seus medita e pesa.
Na biga a parda Noite o pólo occupa:
Eis do céo deslisando a sombra anchísea
Taes vozes diffundir se lhe afigura:
«Filho, que em vida mais amei que a vida,
Filho, a quem de Ilion molesta o fado,
A ti me expede Jove, que do Olympo
Doeu-se e desviou da armada o incendio.

751-753 De Nautes o maduro aviso adopta:
Vais debellar gente aspera indomada;
Dos teus conduz ao Lacio a flor guerreira.

754-756 D'antemão baixa a Dite e ao centro escuro;
Pelo alto Averno, ó filho, vem fallar-me:
Não no impio Tartaro, entre os manes tristes;

757-762 Moro sim, entre os bons, no Elysio ameno.
Muita rez negra fere, e a mim te guie
Casta Sibylla; aprenderás teus netos,
E o dado imperio. Adeus; que humida a noite
Vira e descahe, e já do sevo oriente
Respirando os Ethontes me bafejam.»

763-768 Dice, e em ar se esvaece. «Onde, onde partes?
Tem-te, espera; a meus braços quem te arranca?»
Tal Enéas discorre, e esperta o lume
Sopito em cinza; humilde á branca Vesta
O sacrario venera e os teucros lares,
Com thuribulo pleno e farro pio.

769-771 Depois consulta o rei, declara aos socios
De Jove o mando, os paternaes preceitos,
E o seu pensar. De prompto annúe Acestes.

772-775 Para a cidade o vulgo e as mães se alistam,
Almas a quem não toca o amor da glória.
Gastos robles da chamma outros renovam,
Remos, bancos, enxarcias apparelham;

776-779 Poucos sim, mas de vívida coragem.
Risca os muros Enéas com o arado;
Sortêa as casas; manda alli ser Troia,

Pérgamo alli. Do augmento folga Acestes;

780-783 O senado institúe, regula o foro.
Templo, aos astros vizinho, á deusa Idalia
No Eryx se eleva; ao túmulo de Anchises
Um luco amplo se annexa e um sacerdote.

784-787 Festins e oblatas novenaes se fazem,
Emquanto aragem meiga aplane as vagas.
Fresco ao largo de novo o sul convida:
Nas curvas praias se ouve um mesto chôro;

788-791 Dia e noite abraçados se demoram.
E agora as mães, e aquelles que assustava
Do aspero mar a torva catadura,
As fadigas do mar padecer querem.

792-795 Terno os conforta, e lagrimoso Enéas
Ao regio consanguineo os recommenda.
A Eryx vitellos tres e ás tempestades
Cordeira immola, e vai desamarrando.

796-798 Tonsa oliva na testa, em pé na proa,
Taça na dextra, as visceras despeja,
De estremes vinhos o salgado asperge.

799-808 De pôpa o vento surge; e os navegantes
Varrem, qual mais, as percutidas ondas.
Entretanto, a Neptuno afflicta Venus
Taes queixas despregou: «Senhor, a activa
Atroz ira de Juno insaciavel

Me abate a supplicar. Nem dó, nem tempo,
Jove nem o destino, infandos odios
Quebra ou lhe adoça. Haver não basta aos Phrygios
Consumido e apagado a gran'cidade,
E as reliquias trazer de transe em transe;

809-814 De Troia inda persegue a cinza e os ossos:
Desta sanha o motivo ella que o saiba.
Longo não ha que em Libya (es testemunha)
Mal afouta em Eolo, o pégo em brenhas,
Misturou de repente os céos e os mares:
E isto ousar em teus reinos! Eil-a, oh crime!

815-818 Illiça as Teucras, incendeia as pôpas,
Naus estraga, e a largar meu filho obriga
Socios em terra estranha. O resto, ó padre,
Possa, eu t'o rógo, navegar seguro;

819-823 Aborde, se he que as Parcas lh'o concedem,
Ao Tibre laurentino, e assentos funde.»
Do alto oceano o domador Saturnio:
«He justo, respondeu, que em mim confies
E em reinos, Cytheréa, origem tua.

824-833 Mereço-o; que não raro hei por teu filho
Marulhos comprimido e o céo raivoso.
Nem menos (testefique o Xantho e o Simois)
Delle em terra curei: quando ás muralhas
Pallidas turmas rebatendo Achilles,

Milhares dava á Estyge e o Xantho, os rios
Entulhados gemendo, não sabia
Como volver-se ao mar; eu mesmo em nuvem
Cava ao Pelides fero Enéas roubo,
Que, impar em fôrça e divos, o acommette;

834-836 Bem que anhelasse, destas mãos erectos,
D'Ilio extirpar os fementidos muros.
No mesmo ânimo estou; bane os temores.

837-839 Aportará no Averno quem desejas:
Deve um só perecer no aquoso fundo;
Uma cabeça pagará por todos.»

840-845 Tendo assim amimado a leda Venus,
Junge os brutos, e impondo espumeos freios,
Elle a brida relaxa, e á tona equorea
Voa de leve no ceruleo carro:
Cahe sob o eixo tonante o inchado argento,
Amansa a vaga, espalham-se os negrumes.

846-848 Surde a marinha escolta: Glauco e Phorco,
Seu velho coro, formidaveis cetos,
Tritões ligeiros, Melicerta Inôo;

849-853 Thetis á esquerda, Pânope e Niséa,
Melite e Spio, Cymódoce e Thalia.
Brandos gostos revesam-se de Enéas
Na mente absorta: erguer faz logo os mastros,
Desenvergar o panno e desfraldal-o.

854-856 Toda a frota n'um ponto escotas ala;
Solta a bombórdo os seios, a estribórdo;
Arduos os lais braceia, rebraceia;

857-859 Té que o sôpro á feição lhe enfuna as vélas.
Palinuro abre o rumo á densa armada;
De lhe irem na conserva os mais tem ordem.

860-865 Da celeste baliza ao meio a noite
Já rorida attingia; de cansaço
Por duros bancos a maruja os membros
Em seus remos pousava: he quando o Somno
Do ether sidereo placido escorrega,
Afugenta e dissolve a espessa treva;

866-870 Busca-te, Palinuro, a ti mesquinho
Funestos sonhos traz: na pôpa, em Phorbas
Transformado, se assenta, e arteiro falla:
«Iaside Palinuro, ao som das aguas
Deslisa a frota; a viração he certa;

871-875 Encosta a fronte, as palpebras descansa,
Furta uma hora ao trabalho: espaço breve
Tomo o teu cargo.» Palinuro os olhos
Descerra a custo: «Queres que eu, lhe torna,
Creia em tal monstro, em céo risonho estribe?

876-880 Que entregue Enéas a traidores austros?»
Em discursando, ao clavo mais se aferra,
Fito os astros contempla: as fontes ambas

Eis lhe borrifa, em Lethes embebido,
Por fôrça estygia um ramo soporado;

881-885 Nadam-lhe os frouxos renitentes lumes.
Indo-lhe adormecendo o corpo laxo,
Morpheu se achega; ao líquido elemento,
Com pedaço da pôpa e o leme, o empurra:
Despenha-se elle, em vão clamando aos socios;

886-890 O deus nos ares desappareceu.
Inda assim, em Neptuno assegurada,
Sulca impavida a frota o plaino amaro:
Já remonta os cachopos das Serêas,
Que, então riscosos, de ossos alvejavam;

891-896 Roucas do salso choque as rochas soam.
Sem piloto á matroca o barco Enéas
Sente, e em pessoa por nocturnas ondas
Magoado o rege, lamentando o amigo:
«Ai! nu, que em céo fiaste e em mar tranquillo,
Jazerás, Palinuro, em praia ignota.»

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VI

✦

1-4 Assim prantêa, e ás naus demitte as redeas;
Vai-se a Cumas euboica e manso aborda.
Tenaz dente as fundêa; ao largo aproam,
E as curvas pôpas a ribeira cobrem.

5-8 Moços na praia hesperia ardidos saltam:
Quem sementes de chamma em siliciosas
Vêas cata; quem, denso alvergue ás feras,
Esmouta a selva, e os rios mostra achados.

9-12 O piedoso varão penetra o alcaçar
Em que Apolo preside, e as profundezas
Onde á horrenda Sibylla ânimo e alento
O delio vate inspira e abre os futuros.

13-19 Sobem da Trivia os lucos e aureos tectos.
Dedalo, he fama, dos minoios reinos
Fugindo, ao céo fiou-se em lestes pennas,
Por via insólita ao gelado Arcturo
Audaz navega; e alfim na cidadella
Chalcidica assentando, os remos de azas
Te sagra, ó Phebo, e erige um bravo templo.

20-22 Nas portadas insculpe o morto Andrógeo,
E em castigo os Cecrópidas multados
Ah! na perda annual de sete filhos;

23-29 A urna está do sorteio. Ao mar suberba
Corresponde fronteira a gnosia terra:
Aqui do touro o amor cruel, e ao furto
Submettida Pasiphe, e a raça mista
Poz, monumentos da nefanda Venus,
Minotauro biforme; aqui da estancia
Afadigosa o enrêdo inextricavel;

30-32 Dolos que, da princeza apaixonada
Com pena, o mestre solve, e em taes desvaires
Cegos vestigios por um fio rege.

33-35 Não fôsse, Icaro, a dôr, nessa obra prima
Teu caso entrara: foi graval-o em ouro,
Duas vezes fallece a mão paterna.

36-38 Mais perlustraram tudo, se expedido
Não regressasse Achates com Deiphobe
De Glauco, a Phebe e Apollo consagrada;

39-43 Que se endereça ao rei: «Não mais, Enéas,
De espectaculos basta; ora te cumpre
De intacta grei matar novilhos sete,
Sete ovelhas do rito.» E ao santuario,
Aviado o sacrificio, os Teucros chama.

44-46 Rasgou-se antro espaçoso em roca eubéa,
Com cem bôcas, cem largas avenidas,
Donde oraculos cem troa a Sibylla.

47-50 Já no limen a virgem: «Toca os fados
A interrogar; o deus, eis o deus» clama.
Subito, ás portas, o semblante muda,
A voz não uma, não composta a coma;

51-54 Rabido incha-lhe o peito, arqueja e offega;
Maior parece, em tom mortal não soa,
Quando a bafeja de mais perto o nume:
«Tu cessas, Phrygio, de orações e votos?

55-65 Cessas? pois de outro modo a casa attonita
Não se escancara.» Dice, e emmudeceu.
Aos Teucros frio horror nos ossos coa,
E orou do íntimo o rei: «Phebo, a quem sempre
D'Ilio o mal consternou, que a troica frecha
De Páris dirigiste contra Achilles,
Tu guia, o pelago arrostei que abrange
Terras taes, e os Massylos tam remotos,
E o dilatado chão que as Syrtes orlam:
Já que aportámos na arredia Italia,
De Pérgamo a desgraça aqui termine.

66-68 Vós ó deuses e deusas, que empecera
Dardania e a glória sua, he justo que ora
Todos poupeis a geração dos Phrygios.

69-71 E tu me dá, santissima vidente,
(O indevido não peço) em Lacio os numes
Nossos fixar e os vagabundos lares.

72-76 De marmore massiço a Phebo e á Trivia
Templos e festas crearei phebéas.
A ti no reino espera-te um sacrario,
Que te guarde as respostas e os arcanos
Dictados, alma vate, á gente minha;

77-80 Hei-de eleitos ministros dedicar-te.
Não confies, t'o rógo, ás folhas versos,
Nem dos ventos ludibrio aos ares voem:
Tu mesma os cantes.» Á oração poz termo.

81-84 Torva e indocil ao deus, por sacudil-o
Do anciado peito, a debacchar braveja:
Tanto elle mais fatiga a bôca irosa,
E o fero coração lhe opprime e doma.

85-91 Eis do antro os cem portões, de si patentes,
Vaticinios despedem pelas auras:
«Oh! quite emfim do pégo, em terra a transes
Mais graves te prepara. Ham de ir os Troas
A Lavino, socega; antes comtudo
Lá não têr ido: guerra, horrida guerra,
Do sangue o Tibre inchado espumar vejo.

92-98 Nem dorios arraiaes, nem Xantho ou Símois,
Te faltarão; tambem de deusa filho,
Ha no Lacio outro Achilles: nunca os Teucros
Tenaz deixará Juno. A quem, na angústia,

A que italas nações, a que cidades
Não tens de supplicar! E sempre a causa,
Uma hóspita mulher, um tóro externo.

99-101 Tu não fraquêes; mais que a sorte ousado,
Resiste aos males. De livrar-te o meio
Te abre graia cidade, o que nem pensas.»

102-105 Do adyto canta ambages taes medonhos,
Muge na gruta, o vero embrulha em trevas:
Á furibunda os freios bate Apollo,
N'alma excitada estimulos vertendo.

106-109 Muda a Sibylla, mais quieta a sanha,
Começa o teucro heroe: «Nenhum trabalho,
Por novo e inopinado, estranho ó virgem:
Um por um antevi, ponderei todos.

110-113 Pois que he do inferno a entrada e aqui, me affirmam,
Do revêsso Acheronte o lago obscuro,
Ir, só te imploro, ao caro pae me caiba:
Mostra-me e patentêa as sacras portas.

114-118 Eu, nestes hombros, d'entre a chamma e infindas
Chuças hostis o arrebatei, salvei-o;
Elle infermo comigo affrontou mares,
O pélago aturava e o céo minazes,
Com mais vigor do que á velhice he dado.

119-122 Requerendo ordenou-m'o, e humilde que hajas
Dó do filho e do pae deprecar venho:
Tudo se te faculta; Hecate em balde
Não te prepoz, ó casta, ao luco averno.

123-128 Se Orpheu poude avocar da espôsa os manes,
Em thracia accorde cithara fiado;
Se, com alterna morte o irmão remindo,
Pollux tanto essa via anda e desanda,
(Porque a Theseu citar e o grande Alcides?)
Eu provenho tambem do rei supremo.»

129-138 Dest'arte orava, ás aras apoiado;
E ella accrescenta: «Anchisea e diva estirpe,
Descer a Dite he facil; dia e noite
Seus cancellos o Tartaro franquêa:
Tornar atrás e á luz, eis todo o ponto,
Eis todo o afã. Do recto Jove amados,
Ou por virtude ardente ao céo subidos,
Poucos, filhos dos deuses, o alcançaram:
Medeia um bosque, e sinuoso em tôrno
Enfuscado o Cocyto a espriguiçar-se.

139-145 Mas vezes duas se tranar a Estyge
E a lobrega morada vêr cubiças,
Se tanto folgas do ímprobo trabalho,
Ouve e á risca o executa. Arvore opaca,

Dicado á inferna Juno, occulta um ramo
N'haste e nas folhas aureo: em valle umbroso
O encobre e fecha a denegrida selva.

146-148 Sem que destronque o aurícomo rebento,
No Orco ninguem se interna: he dom que exige
E instituiu Prosérpina formosa.

149-151 Um fóra, brota o novo, e do luzente
Metal frondesce a vara. Em alto a mira,
Indaga, e achando respeitoso o apanhes;

152-154 Que, a te ser destinado, elle espontaneo
Logo te cederá; senão, com fôrça
Nem duro ferro poderás sacal-o.

155-161 Porêm, desta consulta emquanto pendes,
Ai! mal sabes que as naus te incesta agora
De amigo exanime o feral cadaver:
No sepulcro o aposenta; em negras rezes
Encete a expiação. He como aos vivos
O ínvio reino sombrio e estygios lucos
Has de avistar.» Calou-se, e os labios cerra.

162-167 De olhos fixos, tristonho, eventos cegos
A cogitar, a gruta Enéas larga:
Trilhando-lhe a pégada, o fido Achates
Volve iguaes pensamentos. Sôbre o socio
Que, ao dizer da Sibylla, enterrar devem,
Travam conversação comprida e vária;

168-171 Té que a Miseno vêm de indigna morte
Jazer em sêcco; o Eólides Miseno,
Sem superior com bronze alticanoro
No incitar os varões e accender Marte.

172-180 Pagem de Heitor, pugnava á sua ilharga,
No lituo singular, na lança eximio.
Extincto o grande Heitor ás mãos de Achilles,
O fortissimo heroe juntou-se a Enéas,
Não somenos senhor. Mas quando, enchendo
Acaso o mar com resonante concha,
Louco a tanger os deuses desafia,
Á falsa fé, de inveja entre uns penedos
O afogou (se he de crêr) Tritão nas vagas.

181-184 Todos, mórmente o pio Enéas, fremem,
Cercam-no pranteando; e obedientes
Á douta guia, ao céo funerea pyra
D'arvores cumulada erguer porfiam.

185-187 Covil de feras, velha mata exploram:
Prostra-se o pinho alvar, grita o machado
No sôbro rijo, nas fraxíneas traves;

188-191 O fendivel carvalho as cunhas racham;
Vem dos montes tombando ingentes ornos.
Primeiro no trabalho, exhorta os socios,
Dos mesmos instrumentos se arma Enéas;

192-196 E a mata olhando immensa, mil cuidados
No ânimo revolvendo, em preces rompe:
«Oh! se nesta espessura esse aureo garfo
Deparassemos nós; como ai! tam certa
Foi contra ti, Miseno, a prophecia.»

197-202 Inda fallava, e ante elle duas pombas
Do céo voando na verdura pousam.
As aves maternaes o egregio cabo
Conhece e brada: «Se ha caminho, ó guias,
Inclinai vosso adejo aos bosques onde
Rico sombrêa o ramo ao pingue solo!

203-211 No lance, ó diva mãe! não me falleças.»
Então retem-se a observar das pombas
A tendencia e os sinaes. Pascendo aos vôos,
Só quanto a vista alcance dos que as seguem,
Ellas avançam: perto das gargantas
Do pestilente Averno, alando-se ambas,
Sulcam o ethereo fluido, e emfim descahem
Na duplice anhelada arvore, donde
Reluz discorde brilho entre a ramagem.

212-214 Qual visgo sohe, no alheio pé gerado,
Verdecer e enramar-se ao brumal frio,
Nos troncos enrolando os croceos gomos;

215-218 Na enzinha opaca tal vegeta esse ouro,
E a folheta crepita á branda aragem.
Delle, inda assim tardio, ávido Enéas
Péga, rapido o quebra, e á vate o leva.

219-222 Não menos a Miseno os seus lamentam,
Na praia honras prestando á ingrata cinza.
Formam de achas de roble e piceas têas,
De atras folhas tecida, a excelsa pyra;

223-227 Põem-lhe adiante exequiaes cyprestes,
No alto a decoram de fulgentes armas.
Aquecem caldeirões que em ondas fervem,
Lavam-lhe o frio corpo, e todo ungido,
A gemer e a chorar, no esquife o deitam;

228-231 Vestem-lhe o usado purpurino manto:
Outros o ingente féretro carregam,
Triste mister, sustendo, ao modo avíto
Averso o rosto, os sotopostos fachos;

232-235 Conjunto na fogueira o incenso fuma,
Viandas, copas de infundidos oleos.
Com vinho, assente a cinza e quêda a chamma,
O borralho poroso e o resto apuram;

236-239 Coryneu colhe a ossada em eneo cado:
De fausta oliva um galho ensopa n'agua,
Tres vezes borrifando asperge os socios,
Tres profere as novissimas palavras.

240-243 Da campa sôbre a mole impoz Enéas
O remo do varão, o arnez e a tuba,
No monte Aereo, que he Miseno agora
E ha-de este nome conservar perenne.

244-249 Isto feito, prosegue e as ordens cumpre.
De amplo hiato espelunca alta e lapídea,
Fusca selva a munia e lago immano,
Sôbre o qual transvoar impune as aves
Nunca poderam, tal das fauces turvas
Odor exhala pelo azul convexo;

250-255 Donde em grego o lugar chamou-se Aornon.
Quatro almalhos alli tergi-nigrantes
A vate expõe, nos téstos vinho entorna,
Entre os cornos tosquia, e em sacro fogo
Lança em primicia o pello; vocifera
Hecate no Erebo e nos céos potente.

256-260 Facas ao sangradouro, alguns em taças
Cruor tepido aparam. Mesmo á espada
Enéas das Eumenides á madre
E á Terra irmã cordeira preta immola,
E a ti, Prosérpina, uma toura;

261-263 Alça da Estyge ao rei nocturnas aras;
Em holocausto as vísceras bovinas,
Derrama azeite no debulho ardente.

264-270 Eis sob os pés, ao primo albor do dia,
A remugir o chão, mover-se os cumes
Do arvoredo; e na sombra, ao vir a deusa,
Surde um canino huivar. «Profanos, longe,
Oh! longe deste bosque, a vate exclama:
Tu, Phrygio (aqui denodo, aqui firmeza),
Desembaínha o ferro, a estrada invade.»

271-277 Nisto, furiosa estranha-se na gruta;
Com não tímido passo a iguala Enéas.
Deuses! que imperio sôbre as almas tendes,
Caladas sombras, Phlegetonte e Chaos,
Taciturnos vastissimos contornos,
Dai-me o que ouvi narrar, dai-me os arcanos
Do abysmo descoser caliginoso.

278-282 D'erma noite iam sós no escuro involtos,
Por vã plutonia estancia e vacuos reinos,
Qual se anda á luz fallaz da incerta Lua
Por matas, quando Jove embrusca o pólo
E ás cousas tira a côr tristonha treva.

283-291 No vestibulo mesmo, ás fauces do Orco
Se aninha o ultriz Remorso, e o Lucto e o Medo;
Pallidos Morbos e a Velhice triste,
Má conselheira a Fome e a vil Penuria,
Visões de horror; da mente os ruins prazeres,
E a Morte e a Lida, e o Somno irmão da Morte:

De fronte a lethal Guerra, e em ferreo catre
As Furias, e a Discordia insana que ata
Cruentos nastros na viperea grenha.

292-294 No centro, annosos braços largo e opaco
Olmo expande, e nos ramos se diz moram
A cada folha os sonhos vãos pegados.

295-298 Monstros mil aos portaes, biformes Scyllas,
Os Centauros, as Górgonas se alojam,
Mais o animal de Lerna horri-stridente,
E o phantasma tricorpore e as Harpyas.

299-303 Eis de pavor o gume saca Enéas,
Tem-se á espera; e, se a mestra não lhe adverte
Que eram sem corpo avoejantes vidas
E oucas fórmas subtis, elle investira
E de aço inutil açoutara sombras.

304-306 Daqui parte o caminho do Acheronte,
Que em funda bólha férvida voragem,
E ao Cocyto arrebeça arêa e lodo.

307-312 Fero esqualido arraes guarda estas aguas,
Charonte hediondo, cuja barba espessa
Branquêa inculta, os lumes lhe chammejam,
E aos hombros suja capa em nó lhe pende:
Puxando á vara, ou mareando as vélas,
Em cymba enfarruscada os vultos passa;

313-322 Velho, mas como um deus, robusto e verde.
Tropel confuso ás margens se arremessa:
Bravos guerreiros de alma luz privados,
Varões, meninos, mães, innuptas virgens,
Jovens ante seus paes á queima entregues:
Quantas no outono as despegadas folhas
Cahem aos primeiros frios; ou quam bastas
Glomeram-se aves do alto pégo á terra,
Quando alêm-mar a temperados climas
Gelido anno as envia e as afugenta.

323-325 No transporte rogando a preferencia,
Avidas mãos á opposta riba estendem:
Brusco admitte o barqueiro estes e aquelles;

326-330 Muitos porêm da praia arreda esquivo.
A Enéas o tumulto espanta e abala:
«Porque, ó virgem, das almas o concurso
Busca este rio? porque enxotam-se umas,
E o vao lívido a remo as outras varrem?»

331-334 Breve torna a longeva: «Ó nobre cabo,
Diva prole certissima, o estagnado
Cocyto vês profundo e a crua Estyge,
Por quem temem faltar jurando os numes.

335-339 Pobre turba inhumada he quanto avistas;
Charonte, o arraes; sepultos, os que embarcam.
Nem pode algum, se os ossos não descansam,

Montar a margem torva e rouca vêa:
Cem annos volteando anciosos vagam;

340-346 O estanque alfim revêr, transpôr conseguem.»
O Anchisiades pára, e a sorte iniqua
Detem-se a contemplar. Devisa afflicto
Mestos, sem funeraes, Leucaspe e Oronte,
Chefe da lycia esquadra; os quaes, de Troia
Partidos, por tormentas sossobraram,
Austro n'agua involvendo a nau e a gente.

347-349 Seu piloto apresenta-se, que ha pouco
Na róta libya, emquanto observa os astros,
Da pôpa resvalou, foi de mergulho.

350-357 Na escuridão lhe grita ao lubrigal-o:
«Que deus a nós roubou-te, ó Palinuro,
E te afundou no ponto? Nunca em falha,
Só nisto, Apollo achei, pois me cantava
Incolume n'Ausonia abordarias:
E eil-a a promessa!» O nauta replicou-lhe:
«Nem de Phebo a cortina, ó forte Anchiseo,
Te illudiu, nem ha deus que me afundasse.

358-366 Regendo o curso, ao leme eu me aferrava;
Arrancado com fôrça, elle comigo
Se precipita. Aos crespos mares juro,
Nada temi por mim, senão que a tua
Nau, sem leme, sem mestre, perecesse,

Crescendo os escarcéos. Violento Nôto
Me rojou pelo immenso equoreo golphão
Tres noites invernaes: ao quarto lume
De cima de uma vaga enxergo a Italia.

367-370 Vou nadando, e em seguro já me agarro,
Grave e molhado, ás quinas de um rochedo,
Quando, encontrar suppondo grosso espólio,
Homens crueis a ferro me acommettem.

371-379 Ora o vento, a maré, me joga á praia.
Pela jucunda luz, celestes auras,
Pelo augmento de Iulo e por Anchises,
Desta ancia me descarga: ou tu me enterra,
Que o podes indo a Velia; ou, se ha maneira,
Se a genitriz, invicto rei, t'a indica
(Nem creio navegar desassistido
Queiras taes rios e a palude horrivel),
Dá-me a dextra e me leva pelas ondas;

380-384 Do remanso da morte eu goze ao menos.»
«Donde, o atalha a Sibylla, ó Palinuro,
Donde esse impio desejo? não mandado
A severa corrente olhar das Furias,
Traspassando insepulto a estygia borda!

385-390 Não penses em dobrar com rôgo os fados.
Mas por confôrto e allívio attento escuta:
Dessa comarca, instados por assombros,

Ham-de os vizinhos suffragar teus ossos,
Com dons solemnes tumular-te, e o sítio
Terá de Palinuro o nome eterno.»

391-393 Deste nome se paga, e um tanto as penas
Do coração modera e desafoga.
Marchando avante, ás aguas se appropinquam.

394-397 Do lago o arraes, que os avistou no mudo
Bosque andando, á ribeira encaminhados,
Os saltêa e os exprobra: «Tu, quem sejas,
Nestas margens armado o que pretendes?

398-400 Nem mais um passo; aqui sómente as sombras
E a soporosa Noite e o Somno habitam:
Os vivos não transporta o casco estygio.

401-406 Nem me gabo de haver tomado Alcides,
Pirithôo e Theseu, bem que invenciveis
Prole fôssem divina: aquelle trouxe
Dos pés do throno o guardião do inferno
Tremente e agrilhoado; ao régio tóro
Subtrahir a senhora os dous tentaram.»

407-411 Curto responde a Amphysia: «Taes insídias
Não temas; estas armas não te offendem:
No antro ladrando eterno, exsangues sombras
Assuste o gran'porteiro; ao tio casta,
Recatada Prosérpina se encerre.

412-415 Tam guerreiro quam pio, ao Orco Enéas
Desce ante o pae. Se a filial virtude
Não te abranda e commove, eil-o (descobre
Na veste o ramo occulto), reconhece-o.»

416-419 De ira as entranhas tumidas se applacam;
Nem mais tugiu. Da haste fatal mirando
O veneravel dom, não visto ha muito,
Vólta a cerulea pôpa e á riba encosta.

420-423 Abancadas ao longo afasta as almas,
Faz praça, e a bórdo o capitão recebe.
Ao pêso a barca nas costuras geme,
Rimosa da lagoa aos sorvos bebe;

424-427 Alêm depõe a salvo a guia e o Phrygio,
Em morraçal verdoso e limo informe.
Com trifauce latir Cerbero ingente,
Deitado em cóva opposta, o reino atroa.

428-431 Seus serpentinos collos já se erriçam;
Lança-lhe a vate um somnorento bolo
De mel e confeições, que, as tres gargantas
Escachando glotão, raivoso engole;

432-435 E, os costados em terra, entorpecido,
Por toda a gruta o corpo enorme estira.
Sopito o monstro, a entrada occupa Enéas,
E lesto evade a irremeavel onda.

436-439 Logo se ouve ao limiar vagido e chôro,
Tenros ais dos que ao seio em que mamavam
Arrebatou, privou do doce alento,
Immergiu dia infausto em lucto acerbo.

440-444 Por crime falso á morte os condemnados
Estam perto. Os lugares não se assinam
Sem sortes, sem juiz: rodando a urna,
Chama ao silente povo e inquire Minos,
E das vidas conhece e dos peccados.

445-451 Cá vizinham suturnos os que, insontes
A luz odiando, as almas desataram,
Víctimas do suicidio. Oh! quanto agora
Prefeririam padecer no mundo
Cru trabalho e pobreza! Ha lei que o veda,
E, em vóltas nove circumfusa a Estyge,
Triste e inamavel, os refreia e prende.

452-456 Não mui distantes, os lugentes campos
(He seu nome) estendidos se dilatam;
Onde os que empeçonhou de amor a febre
Myrtedo cobre de secretas sendas,
Nem da paixão tyranna a morte os livra.

457-459 Lá Procris, Phedra, Eryphile passêa,
Mesta do filho atroz mostrando os golpes;
Tambem Pasiphe, Laodamia e Evadne;

460-469 Cenis, de femea transformada em homem,
Por fadario a seu sexo reduzida.
No bando, fresca a chaga, errava a Tyria
Nos desvios da selva: assimque Enéas
Ao pé chegou no escuro a destinguil-a,
Qual do mez no comêço alguem nas nuvens
Apontar vê Lucina ou cuida vêl-a,
Meigo e amoroso lagrimando falla:
«Infeliz Dido! o nuncio não mentiu-me,
Desesperada a ferro te finaste!

470-474 E autor eu fui! Raínha, aos céos t'o juro,
No imo centro se ha fé, larguei teu pôrto
A meu pezar: forçaram-me os supremos,
Que, no imperio da noite me afundando,
Por brejos, por tojaes, a andar me obrigam;

475-477 Nem cri tamanha dôr causar partindo.
Tu foges? tu me esquivas? tem-te; os fados
Este último colloquio nos concedem.»

478-480 Tal a Dido, que irosa e torva o encara,
Embrandecia o heroe com pranto e mágoas:
Ella aversa no chão pregava os olhos;

481-485 Nem mais seu rosto á practica se move
Que dura silice ou marpesia rocha.
Infensa escapa-se, e em retiro umbroso

Do marido Sicheu se abriga ao peito,
Que terno corresponde a seus cuidados.

486-489 Longo tracto, a chorar o injusto caso,
Compungido e saudoso o Teucro a segue.
Vam por diante; as veigas já pisavam
Só de claros guerreiros frequentadas.

490-497 Aqui Tydeu, Parthenopeu famoso,
Adrasto occorre de pallente imagem.
Aqui, mortos no prelio e tam carpidos,
Em fileira os Dardanidas encontra:
Suspiroso a Thersílocho e Medonte,
Glauco e os tres Antenoridas contempla,
E a Polybetes consagrado a Ceres,
E Ideu que inda menêa e o carro e as armas.

498-500 Á dextra e á sestra as almas se apinhoam:
Não basta olhal-o, não; retêl-o agrada,
Achegar-se e indagar da vinda as causas.

501-506 Logoque, pela treva o arnez fulgindo,
O avistam graios cabos e as phalanges
Agamemnonias, trepidos recuam:
Uns, como quando aos barcos se acolheram,
Costas viram; no erguer a voz sumida,
A alguns na bôca hiante o grito morre.

507-510 O Priameo Deiphobo entre estes anda,
Lacero enormemente o corpo e a cara,
De beiços, mãos e orelhas cerceado,
E de um gilvaz deforme o nariz troncho.

511-514 Com vergonha o supplício infame encobre;
E a custo o reconhece o nóto amigo:
«De Teucro ó sangue illustre, armipotente,
A quem, Deiphobo, tal crueza aprouve?

515-517 Quem tanto ousou? Na noite ouvi suprema
Que, de matar cansado, succumbiras
Confundido no vasto morticinio.

518-521 No Rheteu vezes tres chamei-te a vozes,
Vão túmulo erigindo; que o teu nome
E armas protegem: nem te achei, nem pude
No patrio chão depôr-te em me ausentando.»

522-526 «Nada omittiste, o Priamides clama;
Tudo a Deiphobo e aos manes seus pagaste.
Nestes males, amigo, me abysmaram
Da Lacena o flagicio e o meu destino:
Esta a memoria que de si deixou-me.

527-531 Soubeste (e ha quem se esqueça) em gostos falsos
Passada aquella noite. O fatal bruto
Quando, prenhe de armada infantaria,
Arduos muros saltou; fingindo coros,
Ella as Phrygias guiava em tôrno ás órgias;

532-536 E, entre as evantes manejando um facho,
Do alto castello os Danaos convidava.
No thalamo infeliz me deito, oppresso
De pesadume e lida; e caio em manso
Lethargo, semelhante ao somno eterno.

537-539 Põe-me a guapa consorte as armas fóra,
E até da cabeceira a fida espada;
A Menelao acena e as portas abre;

540-543 Julgando assim mimosear o amante,
E o labéo extinguir da antiga offensa.
Que mais? o quarto assaltam; a exhortal-os
O Eolides malvado os acompanha.

544-547 Deuses! igual supplício os Gregos lastem,
Se com justiça impreco esta vingança.
Mas vivo, eia tambem, que urgente caso
Te trouxe cá? dos mares foi capricho?

548-554 Mando celeste? por que azar á estancia
Vens turbida e funesta, ao Sol negada?»
Phebo em rosea quadriga o meio do eixo
Pelo ether já transpunha, e em taes colloquios
Ia-se o tempo dado; a companheira
Em resumo os adverte: «Avança, Enéas,
A noite, e em chôro as horas consumimos.

555-557 Parte-se a estrada aqui: de Dite aos paços
Corre á direita, e alêm nos fica o Elysio;
No impio Tartaro, á esquerda, os máos padecem.»

558-560 Deiphobo então: «Sibylla, não te agastes;
Ao número me aggrego, e ás sombras tórno.
Vai, glória nossa, vai; logra outros fados.»

561-565 Nisto, o passo torcendo, se retira.
Repara, e em sestra penha o heroe descobre
Tartarea tri-murada fortaleza,
Que rapido a rolar sonantes pedras,
Cingem do Phlegethonte igneas torrentes.

566-571 De inteiriças columnas diamantinas
O portão da fachada, a demolil-o
Nem vale humano esfôrço, nem divino:
Ferrea tôrre se eleva; e de atalaia,
Traçada opa sanguenta, sempre alerta,
Lá Tisiphone o portico defende.

572-575 Entram ais a estrugir, do açoute os golpes;
Arrastam-se grilhões; retinnem ferros.
Pára, e assombrado o estrondo haurindo Enéas:
«Quaes as culpas? quaes dellas os castigos?

576-580 Explica, ó virgem: que alarido aquelle?»
E a vate: «Inclito chefe, ao justo o limen
Sceleroso he vedado; mas dos deuses,

Quando Hecate prepoz-me ao bosque averno,
Mostrou-me os tratos, me levou por tudo.

581-585 O durissimo Gnosio Rhadamanto
He quem manda; e os indaga e pune os crimes,
E a confessar constrange os que expial-os
Para a tardia morte differiram,
De os têr furtado ao mundo em vão contentes.

586-588 Ultriz, logo insultando os azurraga
Tisiphone; e a chamar as outras Furias,
Destorce com a esquerda e assanha as cobras.»

589-596 Eil-as de par em par as sacras portas
No quicio horrísono a ranger. «Attentas
Qual, sentada ao vestibulo, o vigia
Medonha catadura? pois mais seva
Cincoenta atras guelas hydra enorme
Dentro arreganha; e o Tartaro em despenho
Se abysma, o dôbro do que a vista abrange
Desde baixo ao luzente Olympo ethereo.

597-601 Lá fulminados os Titães mancebos,
Filhos da Terra, nas profundas rolam.
Vi de gigante corpo os dous Aloidas,
Que, o céo mesmo escalando, acometteram
Derribar do seu throno o rei supremo.

602-611 Vi Salmoneu penando, que o sonido
E os fuzis do Tonante arremedara:
Tocha a brandir, em carro de dous tiros,
Por Elide ia ovante, e á fôrça os povos
O adoravam por deus; com o estrupido
Dos cornípedes nescio em erea ponte
Trovões fingia e o fogo inimitavel:
Jupiter, fachos não, não fúmeas tedas,
Sim contorce um corisco d'entre as nuvens,
E em turbilhão sulphureo o precipita.

612-617 Tambem da mãe commum o alumno Tycio
Por geiras nove, oh pasmo! estira os membros:
Roe-lhe abutre cruel de bico adunco
O figado immortal; e, esquadrinhando
Para o supplício as visceras fecundas,
A fome ceva, no âmago se encarna;

618-626 De renascer as fibras não descansam.
Dos Lapithas, Ixion, de Pirithôo
Que direi, sôbre os quaes já já desaba
Atra imminente rocha? Ante elles brilham
Em leitos geniaes pilares de ouro,
Banquetes regios de exquisito luxo:
Perto encostada, a principal das Furias
Attingir lhes prohibe as iguarias,
Surge o facho a vibrar, minaz troveja.

627-630 Quem teve odio aos irmãos, durante a vida,
Poz mãos nos paes, urdiu contra o cliente;
Os que amuados thesouros incubando,
Maxima turba, nada aos seus partiram;

631-637 Os mortos no adulterio; os de impias armas
Sequazes, desleaes contra os senhores,
No encêrro a pena aguardam. Não a inquiras,
Nem que sentença ou caso os tem submersos:
Qual pedra ingente galga, ou de uma roda
Estreito aos raios pende; está sentado
Preso o infeliz Theseu e estará sempre;

638-640 Phlegyas, miserrimo a bradar nas trevas,
Nunca cessa: «Aprendei no exemplo horrivel
Justos a ser, a não zombar dos numes.»

641-644 Este vendeu a patria a ruim tyranno;
Leis, as fez e defez peitado aquelle;
Outro invadiu nefando o leito á filha:
Réos que a tenção damnada executaram.

645-647 Nem com voz ferrea, bôcas cem, cem linguas,
Podera eu numerar da culpa as fórmas,
A variedade e os nomes dos castigos.»

648-656 Depois a idosa Amphrysia: «Anda, accrescenta,
Acaba a empresa, a rota apressuremos.
Dos Cyclópes forjados vejo os muros,
No arco da frente as portas, onde a offerta

Depôr se nos prescreve.» Dice, e opacas
Vias a par correndo, o espaço vencem,
Tocam já nos batentes. Elle a entrada
Occupa; e, de agua viva asperso o corpo,
No frontespicio o ramo á deusa crava.

657-659 Completo o rito e o voto, emfim chegaram
A jucundos vergeis e amenas veigas,
Da bem-aventurança alegres sitios.

660-663 Ether mais largo purpurêa os campos,
Que alumia outro Sol, outras estrellas.
Em graminea palestra alguns se exercem,
Brincam na fulva arêa em lucta e jogos;

664-667 Parte o compasso bate, e baila e canta;
E ao Thracio, que dedilha ou pulsa as cordas
Com plectro eburneo, em roçagante loba,
A septívoca lyra accorde falla.

668-670 Nota-se alli de Teucro a estirpe egregia,
Nados em melhor quadra heroes magnanimos,
Dardano autor de Troia, Assaraco, Ilo;

671-673 Sem dono ao longe arnezes, coches vagos,
Lanças no chão pregadas, e pascendo
Livres soltos corséis pela campanha.

674-676 De armas e carros o que em vivos tinham
Gôsto, amor de nutrir nedios cavallos,
Esse da terra ao seio os acompanha.

677-680 Eis em festins na relva, á dextra e á sestra,
Ledo péan em côro outros modulam
N'um laureo bosque odoro, donde acima
O Eridano caudal volve entre selvas.

681-686 Lá, da patria em defesa os vulnerados,
Os sacerdotes castos, os poetas
Que o puro estro phebeu não profanaram,
Os inventores das polidas artes,
Os que renome obrando mereceram,
A todos nivea banda as frontes orna.

687-692 Circumdada a Sibylla os interroga,
E a Museu mais, que os hombros sobreleva
Do attento bando em meio: «Almas ditosas,
E tu propheta eximio, onde, ensinai-me,
Onde Anchises reside? em busca delle
Do Erebo os grandes rios trasnadámos.»

693-695 Foi breve o heroe: «Nenhum tem certo o alvergue;
Sombrios lucos, vicejantes margens,
De arroios frescas varzeas habitâmos.

696-699 Mas, se o folgais de achar (o atalho he facil),
Esta encosta montemos.» E, a guial-os,
Do cume ostende as nítidas campinas,
E a virente convalle os vai descendo.

700-704 Meditabundo Anchises, nelle inclusas,
As almas resenhava a tornar prestes
Á luz superna; e dos queridos netos
O número talvez recenceava,
Seus costumes e acções, fortuna e fados.

705-709 Quando assomava Enéas pela grama,
O ancião jubiloso alonga as palmas,
E as faces rosciando a voz desprega:
«Venceste, emfim, piedoso a dura estrada,
Como esperava! Es tu, meu caro Enéas?

710-712 Ouvir-te os nótos sons, render-t'os posso!
Para agora isto os calculos me davam:
Certo não me enganou meu pensamento.

713-715 Por que terras jogado, por que mares,
Por que perigos, filho, eu te recebo!
Quanto receei que a Libya te estorvasse!»

716-719 E elle: «A tua, meu pae, a tua imagem
Cá me attrahe, occorrendo austera e assidua.
Hei no Tyrrheno a frota. Ao nosso amplexo
Ah! não te esquives, dextra a dextra unamos.»

720-723 E ao discursar, em lagrimas desfeito,
Foi tres vezes nos braços apertal-o,
Tres abarcada a sombra se lhe escapa,
Como aragem fugaz, ligeiro somno.

724-730 Eil-o em secreto valle descortina
Selva escusa de arbustos sussurrantes:
Em tôrno ao brando Lethes, que alli mana,
Voam povos sem conto; e, qual nos prados
Se em flores várias por sereno estio
Senta o enxame e se espalha entre açucenas,
Do estrépito murmúra o campo todo.

731-735 Inscio, atalhado, a causa indaga Enéas,
Que rio este he, que gente em cópia tanta
Lhe enche as ribas. «Aos corpos destinados,
Dice o padre, almas sam que eterno olvido
N'agua lethéa descuidosa bebem.

736-738 Muito ha que t'ás mostrar e expôr-te anhélo
Dos meus a descendencia; afim que ainda
Te regozijes mais da Italia achada.»

739-741 Pois he crivel, meu pae, que almas sublimes
Aos tardos corpos, resurgindo, voltem?
Oh! desejo de vida insano e triste!

742-753 «Não fiques mais suspenso; eu vou por ordem
Cada cousa expender-te: escuta, ó filho.
Desde o princípio intrínseco almo espirito
Céos e terra aviventa e o plaino undoso,
O alvo globo lunar, titaneos astros,
E nas vêas infuso a mole agita,
E ao todo se mistura: homens e brutos,

Volateis gera e anima, e o que de monstros
O crystal fluido esconde. Ha nas sementes
Ignio vigor divino, emquanto a noxia
Materia o não retarda, nem o embotam
Orgãos terrenos, moribundos membros.

754-756 Daqui vem dôr, prazer, cubiça e medo;
E á clara alteza os miseros não olham,
Em cega negregura encarcerados.

757-760 Nem perdem, quando a luz vital se extingue,
De todo as fezes e mundanos vicios:
Muitos, concretos longamente, he fôrça
Que nellas durem por teor pasmoso.

761-763 Em tratos pois seus erros pagam todas:
Qual pende aos ventos; qual da culpa as nódoas
Lava em golpho espaçoso, ou dile ao fogo.

764-768 Cada um soffre em seus manes: poucos temos
Ao depois do amplo Elysio as doces veigas;
Té que, perfeito o gyro, a mão do tempo
Gasta o impresso labéo, depura a flamma,
O senso ethereo e simples aura afina.

769-772 Voltos mil annos, as convoca em turmas
Ao rio um deus; porque ellas, do passado
Esquecidas, revêr a esphera queiram,
E entrar de novo nas prisões corporeas.»

773-781 Cessa Anchises; a Enéas e a Sibylla
Traz ao mais basto da ruidosa turba;
Um combro toma; donde a extensa fila
Devise dos que vem, e a todos possa
Os traços discernir. Então prosegue:
«Eia, a glória que os Dárdanos espera,
Do italo tronco os descendentes nossos
Que a fama illustrarão dos seus maiores,
Hei de explicar-te, e aprenderás teus fados.

782-785 Notas? proximo á luz por sorte, um joven
Se arrima em hasta pura: ás auras, misto
Latino sangue, surgirá primeiro,
Silvio, posthumo teu, de nome albano;

786-789 Que tardio, a ti já na eterna vida,
Te ha-de Lavinia produzir nas selvas;
Rei, de rêis gerador, por onde os nossos
Tem de vir de Alba-longa a ser senhores.

790-793 Segue-se Procas, dos Troianos honra;
Capys e Numitor; mais Sylvio Enéas,
Que te avive e recorde, e, obtendo o reino
Cobrar, te imite bellicoso e pio.

794-800 Olha, os mancebos quanta fôrça ostentam!
Aos que civil carvalho ensombra as testas,
Esses Nomento e Gabios e Fidenas,
Esses Collacia te alçarão nos montes,

Eximia no pudor; Pomecia altiva,
Castro d'Inuo juntando, e Bola e Cora:
Ermos ignotos, no porvir famosos.

801-804 Será do avô refúgio o Marcio Romulo,
De Ilia, prole de Assaraco, nascido.
Vês que o elmo lhe adornam dous cocares,
E o padre o marca de esplendor sidereo?

805-812 A inclita Roma, por auspicios delle,
O orbe, Enéas, fecunda em grandes homens,
No imperio ha de abranger, na mente o Olympo,
Sete montanhas n'uma só cidade:
Qual torreada, ufana mãe dos deuses,
Corre em Phrygia no coche a Berecinthia,
Que cem netos celícolas abraça,
Todos em alto grau, ditosos todos.

813-824 Volve os olhos, contempla os teus Romanos.
Julio ahi tens e a geração de Ascanio,
Para exaltar-se ao pólo. A ti bem vezes
Eis, eis o promettido, Augusto Cesar,
Diva estirpe, varão que ao Lacio antigo
Ha-de os saturnios seculos dourados
Restituir, e sôbre os Garamantes
E Indos seu mando propagar; dos signos
Clima alêm situado, alêm das rótas

Do anno e de Sol, por onde aos hombros vira
O celífero Atlante o eixo ardente
De estrellas tauxiado. Os caspios reinos

825-827 Já do agouro da vinda se horrorisam;
E a meotica plaga e as septiduplas
Fozes do Nilo turbidas trepidam.

828-833 Nem o que a cerva erípede varara,
Que apaziguara as matas do Erymanto,
E a Lerna com seu arco estremecera,
Tanto peregrinou; nem victorioso
Libero, que do Nysa expede os tigres,
E dobra os cumes com pampineas redeas.

834-843 E inda estender a fama duvidâmos,
Ou n'Ausonia assentar nos tolhe o medo?
Quem distante apresenta insignias sacras
E ramos de oliveira? as cãs e a barba
Do rei conheço que primeiro em Roma
Legislará, da exigua e pobre Cures
Mandado a celso imperio. Ao depois Tullo
Irá da patria quebrantar os ocios,
Mover ás armas cidadãos remissos,
E as tropas aos triumphos desafeitas.

844-847 Anco succederá mais presumpçoso,
Que d'aura popular já nimio folga.
Vêr queres os Tarquinios, e o severo

Vingador Bruto e os recebidos feixes?

848-852 Consul, tomando as sevas machadinhas,
Ai delle! immolará rebeldes filhos
Á pulchra liberdade. Vário ajuizem
Disto os vindouros; ha-de o amor da patria,
E o de glória vencer desejo immenso.

853-855 Nota os Decios ao longe, os Drusos nota,
Manlio Torquato de cruel secure,
E o dos pendões reconductor Camillo.

856-859 De armas fulgindo iguaes, os dous que observas,
Concordes hoje quando a noite os preme,
Ah! quanta excitarão, se a luz tocarem,
Guerra entre si, que estragos, que batalhas!

860-864 Dos muros de Moneco e das Alpinas
Serras baixando o sogro, instructo o genro
Dos oppostos Eôos! A taes guerras
Não vos acostumeis, nem volteis, jovens,
Contra o seio da patria o esfôrço vosso.

865-873 Tu, que provens do Olympo, antes perdoa;
Fóra os dardos arroja, ó tu meu sangue.
De Acheus pela matança aquelle insigne,
Triumphada Corintho, ao Capitolio
Ha-de o carro subir. Mycenas e Argos
De Agamemnon, ess'outro ha de estruil-as,

A Eacide abater, do armipossante
Achilles garfo; os Teucros seus vingando,
E de Minerva o maculado templo.

874-880 Como olvidar-te, ó Cosso, ó Catão magno?
Como os Gracchos, e os dous, terror da Libya,
Scipiões, raios da guerra? e na pobreza
O potente Fabricio? e a ti, Serrano,
Semeando os sulcos? Onde absorto, ó Fabios,
Me arrebatais? só tu, Maximo, aos nossos
Detençoso a republica restauras.

881-883 Ham-de outros, sim, mais mollemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do marmore
Vultos vivos; orar melhor nas causas;

884-888 Descrever com seu radio o céo rotundo,
O orto e sidereo curso: tu, Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A paz e a lei dictar, e os povos todos
Poupar submissos, debellar suberbos.»

889-891 Com pasmo ouvido: «Attenta, ajunta o velho,
Do espólio opimo ovante, eis vem Marcello,
E em talhe sobrepuja os varões todos.

892-895 Turbada em gran'tumulto, ha-de este a Roma
Cavalleiro assistir; prostrar o Gallo
Revôlto e os Penos, e as terceiras armas
Ganhadas suspender ao pae Quirino.»

896-900 Nisto, Enéas descobre um lindo moço
De fulgente arnez, mas pouco alegre,
De rosto e olhar cahido: «Ao varão, padre,
Quem acompanha? he filho? he da prosapia
Delle talvez? Que sequito estrondoso!

901-905 Que ar de Marcello tem! Mas noite escura
Triste voa e a cabeça lhe circumda.»
Em lagrimas Anchises: «Não me inquiras
Dos teus o lucto ingente; apenas, filho,
Á terra o mostrará destino avaro.

906-908 A durar este dom, crêrieis, deuses,
Nimio possante a geração romana.
Que ais no campo vizinho aos marcios muros!

909-914 Ou de que funeraes, entre o sepulcro
Recente resvalando, ó Tiberino,
Testemunha serás! Nenhum mancebo
Da gente iliaca os avós latinos
Tanto ha de esperançar, nem de outro alumno
O romuleo paiz jactar-se tanto.

915-918 Oh piedade! oh fé prisca! oh dextra invicta!
Ninguem impune o arrostaria armado,
Quer a pé remettesse, quer d'esporas
Os do espumeo ginete ilhaes picasse.

919-922 Guai! joven miserando, asperos fados
Se a romper chegas, tu serás Marcello.
Dai-me ás mancheias lirios, dai-me rosas:
De esparsas flores eu cumule o neto;

923-925 A alma do vão tributo ao menos logre.»
Assim, no espaço aereo vagueando
Por essas regiões, tudo examinam.

926-930 Depois que o padre o instrúe, e de renome
No ardor o abraza, as imminentes guerras
Ao filho explana, e os povos de Laurento
E de Latino a côrte lhe annuncia,
E como o risco evite e como o soffra.

931-934 Do Somno ha dous portões: sahida, contam,
O córneo facilita ás veras sombras;
Do que he de alvo marfim, terso e nitente,
Mandam falsas visões á luz os manes.

935-937 Pelo eburneo, entretendo a vate e o filho,
Os encaminha Anchises e os despede.
Para as naus corta, aos seus reverte Enéas.

938-939 Corre a costa e a Caieta vai direito.
Da proa botam ferro, a pôpa atracam.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VII

✦

1-4 Tu não menos, Caieta ama de Enéas,
Nossas praias morrendo eternizaste;
Guarda o lugar teu nome, e se isto he glória,
Na magna Hesperia os ossos te assinala.

5-7 O pio alumno, exequias celebradas,
Túmulo erguido, assim que os mares jazem,
A velejar prosegue e o pôrto larga.

8-15 Auras á noite aspiram, nem seu curso
Candida a Lua nega; o ponto esplende
Ao trémulo clarão. Circéas terras
Costêam-se, onde lucos inaccessos
Com aturado canto a rica filha
Do Sol atroa, e nos suberbos tectos
Odoro cedro em luz nocturna queima,
Corre com pente arguto as finas têas.

16-20 Dalli gemidos a se ouvir, e as iras
De horrentes leões cadêas recusando
E a deshoras rugindo, e nos presepes
Ursos raivar, sanhudos grunhir cerdos,
E enormes vultos ulular de lobos;

21-26 Que a seva deusa com potentes hervas
De homens os transvestira em brutas feras.
Porque arribada o encanto a boa gente
Não padeça, nem toque as diras plagas,
Favoravel Neptuno encheu-lhe as vélas,
E dos férvidos váos a impelliu fóra.

27-30 Já na arraiada roxeava o pégo,
Fulgia em rosea biga a ruíva Aurora:
Acalma o vento, nem sequer bafeja,
E tonsas luctam pás no lento marmore.

31-36 Do largo extensa mata avista Enéas;
Della com fluxo ameno o Tiberino,
Verticoso e veloz, de arêas flavo,
Ao mar prorompe: ao alveo e borda afeitas,
Várias aves por cima em cêrco voam,
Com meigo trino as auras adoçando.

37-41 Que dobrem rumo ordena e á selva aproem,
E entra contente pelo umbroso rio.
Eia, Erato, exporei do Lacio antigo
Os rêis, o estado, a successão de cousas,
Quando aportou n'Ausonia a estranha armada;

42-46 Vou do conflicto recordar o exórdio.
Tu diva, tu me inspira: horridas guerras
Dirá teu vate, os prelios, os monarcas

Ferozes por seu damno; as tuscas hostes,
A coalição direi da Hesperia em armas.

47-50 Mór assumpto se me abre, he mór a empresa.
Velho, em socêgo e paz Latino as lavras
E cidades regía. He voz que a nympha
Marica de Laurento houve-o de Fauno;

51-56 A Fauno gerou Pico; e este, ó Saturno,
Pae te refere: da familia es tronco.
O masculino herdeiro, inda em agraço
A sorte lh'o tirou: gentil princeza,
Para um varão madura e já completa,
Era o esteio da casa e amplos dominios.

57-61 Da flor d'Ausonia e Lacio pretendida,
Pede-a, em avós e avoengos poderoso,
Turno ante os mais pulchérrimo; a quem genro
Almejando a raínha, apressa as bodas:
Obstam porêm terríficos portentos.

62-66 De grenha santa, em fundo claustro havia,
Com temor conservado, um lauro annoso;
Que alli constava, ao começar os muros,
Achara e a Phebo o dedicou Latino,
Nomeando Laurentes os colonos.

67-70 No tope, oh maravilha! os ares fluidos
Nuvem de abelhas a zumbir sulcando,
Sentou-se, e em cacho pés com pés travados,

Da ramagem pendeu subito enxame.

71-73 Logo um vate: «Com tropas chefe externo
Chegar, donde as abelhas, devisamos,
E em senhor se erigir do summo alcaçar.»

74-77 E tambem, junto ao pae Lavinia virgem
Com tedas castas incensando as aras,
Fogo, oh pasmo! ás madeixas ateado,
O ornato viu-se em crepitante chamma;

78-80 E ao de rubis diadema e regio crino
Accesa, em fumo e pardo lume involta,
Espalhar pelo templo a labareda.

81-83 Terror e espanto foi: de illustre fama
E no porvir ditosa a decantavam;
Mas que atroz guerra promettia ao povo.

84-87 Busca o velho assombrado o padre Fauno,
E o consulta nos bosques d'alta Albunea;
Que, floresta a maior, com sacra fonte
Soa, e tetra mephyte exhala opaca.

88-97 Aqui gentes d'Italia, a Enotria em pêso,
O oraculo interrogam. Dons trazendo
O sacerdote aqui, se em muda noite
De víctimas em pelles estradadas
Se encosta e se adormece, avoejantes
Vê mil phantasmas, vozerias ouve,
Logra aos deuses fallar, e no imo Averno

A Acheronte conversa. Aqui, rogando,
Bimas do uso o rei mata ovelhas cento,
Nos coiros deita-se e alastrados vellos.

98-100 De repente uma voz sahe da espessura:
«Nos thalamos dispostos não confies,
Prole minha, e em nenhum latino genro;

101-104 De fóra outros virão que o nosso nome
Exaltem com seu sangue, e em netos brotem
A cujos pés se curve e rode quanto
De um ao outro oceano o Sol perlustra.»

105-109 Do pae Fauno em silencio o aviso dado,
Comsigo elle o não cala; e pela Ausonia
A revoar a Fama o assoalhava,
Quando a frota os mancebos laomedoncios
Da riba ao marachão gramineo ataram.

110-114 O heroe, seus capitães e o lindo Iulo,
Sob arvore copada se acolheram;
Na relva, ensina-o Jove, ás iguarias
Candiaes tortas sotopõem, e o farreo
Solo de agrestes frutas acogulam.

115-120 Como os fizesse a míngua dos manjares,
Trincada a exigua ceres, com audazes
Queixos e mãos violar a fatal crusta,

As orlas não poupando e chatas quadras:
«Hui! que as mesas tragámos» diz brincando,
Não mais, Iulo. O annúncio as lidas finda;

121-123 E o pae, que o recolheu da affavel bôca,
Do nume se reteve estupefacto;
Clama emfim: «Salve, terra a nós fadada;

124-131 Salve, troianos e fiéis penates!
Já temos patria e casa. Hoje recordo
As predicções de Anchises: «Quando, ó filho,
Gasto em praia estrangeira o mantimento,
Te obrigue a fome a consumir as mesas,
Descanso espera, o assento ahi te lembre
De trincheiras munir.» Esta era a fome,
O extremo que traria aos males pausa.

132-134 Ledos, ao romper d'alva, esta paragem,
O povoado e a gente, investiguemos,
Do pôrto a dentro esparsos discorramos.

135-139 Toca a brindar a Jove e ao divo Anchises;
O festim renovai, reponde os vinhos.»
Depois, de verde as fontes enramando,
Ora ao genio do sítio, e á prima deusa
Tellus, e a nymphas e ignorados rios;

140-142 Chama a Noite e os da Noite orientes signos,
A Ideu Jove em seguida e a Madre Phrygia,
Do Erebo e Olympo os seus progenitores.

143-146 Tres vezes claro toa, e a mão suprema
Vibra auri-ardente lampejante nuvem.
Que he tempo emfim de inaugurar seus muros
No exército o rumor subito lavra.

147-152 Do alto sinal folgando, o bodo instauram,
Rasas de vinho as copas engrinaldam.
Mal que alvorece e a tocha eôa raia,
Toda a comarca e litoral exploram:
Do Numico este o lago, o Tibre he este,
Que dos fortes Latinos banha as terras.

153-156 O Anchiseo então, nas filas escolhidos,
Embaixadores cem com dons á régia
A pedir paz envia, da palladia
Rama velados. Rapido obedecem.

157-159 Elle com fôsso humilde risca os muros,
E a modo de arraial na praia o assento
Prepara e o cinge de liçada e vallo.

160-163 Já, vencido o caminho, os messageiros
Tôrres e arduos palacios descobriam.
Chegam-se: ás portas a puericia e a flórea
Juventude a cavallo se exercitam;

164-166 Carros domam na arena, ou rijos arcos
Nervudo o braço tende e frechas tira;
Desafiam-se ao curso e ao pugilato.

167-173 Um pica o bruto, e entrados annuncia
Varões de porte em peregrino trajo:
Collocado o ancião no avito solio,
Os admitte e recebe. O tecto augusto,
Desde o laurente Pico, em cem columnas
Sobranceiro e sublime, o sombreavam
Selvas com pio horror sempre acatadas.

174-177 Alli tomar primeiro o sceptro e os fasces
Por feliz tinham: curia, templo, sala
Do sacrificio, ao longo alli das mesas,
Morto o carneiro, os padres se assentavam.

178-183 Por ordem no vestibulo as effigies,
De antigo cedro, estavam dos maiores:
Italo, o vinhateiro pae Sabino
Tendo em baixo o podão, Saturno idoso,
Bifronte Jano, e quanto rei primevo
No patrio marte prodigou seu sangue.

184-187 Em sacros postes muitas armas pendem,
Chuças, machadas, elmos e cocares,
Ingentes aldrabões, troncados rostros,
Captivos coches, e broquéis e alfanges.

188-199 Com lituo quirinal e em trabea estreita,
Pico, ancilia na esquerda, equite ardido,
Lá pousava; a quem Circe, mallograda
No amoroso appetite, com feitiços

D'aurea varinha ao toque tornou ave
E as azas lhe esmaltou. Neste recinto
Foi que Latino, os Teucros introductos,
Da séde régia placido lhes falla:
«Dardanidas (a patria, a origem vossa
Cá não se ignora, a fama vos precede),
Que demandais? qual trouxe á praia ausonia
Causa ou falta os baixéis por váos tam cegos?

200-209 Fôsse êrro de caminho ou tempestade,
Contratempos do triste navegante,
Entrastes este rio, e já no pôrto
O hospicio não fujais; sabei que a gente
Latina de Saturno, por si recta,
Não por temor da lei, tem-se aos dictames
Do velho deus. Lembrado estou que auruncos
Padres contavam-me (antigualha obscura)
Que destes agros Dárdano entranhou-se
No Ida phrygio e na que ora he Samothracia;

210-212 E, do tyrrheno Cócyto emigrando,
Hoje aras tem, numera-se entre os divos,
Com throno de ouro na estellante côrte.»

213-218 Presto Ilioneu: «De Fauno herdeiro egregio,
Fluctívagos, ó rei, não foi tormenta,
Astro ou róta fallaz, que ás vossas bordas

Nos lançou; de pensado e accordes vimos,
Expulsos do maior de quantos reinos
Dos balcões do levante o Sol mirava.

219-221 De Jove oriunda, a geração dardania
Do avô Jove se orgulha; e o troico Enéas,
Garfo real de Jove, a ti nos manda.

222-227 Sôbre os campos ideus que atroz borrasca
Desfechou de Mycenas, por que impulsos
D'Asia e Europa os dous orbes se encontraram,
Quemquer o ouviu que nos confins da terra
Seja alêm do oceano, ou se entre as quatro
Na zona extensa o tórre iniquo Phebo.

228-230 Por vastos mares do diluvio escapos,
Séde exigua imploramos para os deuses,
Commum agua, ar patente, innocua praia.

231-233 Não te seremos pejo, e mais te illustras;
Perenne gratidão fará que Ausonia
De agasalhar a Troia não se peze.

234-238 De Enéas pela dextra invicta o juro,
Se he que fida ou valente algum provou-a,
Bem povos (não desprezes os que temos
Estas fitas nas mãos, na bôca preces),
Bem nações para socios nos rogaram;

239-242 Mas fado urgente ao solo teu nos guia:
Dárdano, daqui nado, aqui reverte;
De Apollo he mando expresso a fonte sacra
Buscarmos do Numíco e o tusco Tibre.

243-245 Da passada fortuna acceita uns restos,
Salvos de Ilio incendida: o padre Anchises
Libava por este ouro ante os altares;

246-248 Ao legislar aos congregados povos,
Eis de Priamo o sceptro, eis a teara,
Eis, das Phrygias trabalho, as vestiduras.»

249-252 A vozes taes, Latino o rosto abaixa,
Quedo olhos volve attento: nem priâmeo
Sceptro ou bordada purpura o commove,
Quanto o consorcio e thalamo da filha;

253-257 E de Fauno medita os vaticinios:
Que este o fadado genro he peregrino,
Trazido ao reino por iguaes auspicios,
Cuja illustre progenie valerosa
Pujante occupe o ambito do mundo.

258-260 «O céo nossos começos, clama alegre,
E agouros seus prospere! O desejado
Haverás, Teucro. Os dons não menosprézo;

261-266 Nem, reinando Latino, agro ubertoso
Ou troiana opulencia ha de faltar-vos.
Se Enéas tanto a mim ligar-se anhela,

Venha, hóspede me seja; nem do amigo
Tema o aspecto: em abono da alliança
Do monarca fiel me sobra a dextra.

267-271 Tenho uma filha (dai-lhe este recado)
Que unir-se a algum dos nossos mil prodigios,
Do adyto patrio as sortes, não consentem:
Varões de longe, no paiz estantes,
Exalçarão seu sangue e o nosso nome.

272-279 Se a mente bem atina, e he, como creio,
Elle o genro fatal, gostoso o adopto.»
Cessa; e escolhidos em corséis trezentos,
Os mais nedios que tinha ás mangedouras,
Um alípede offerta a cada Phrygio,
De ostro e matiz lustroso acobertados:
Aos peitos lhes cahindo aureas colleiras,
De ouro os arreios tem, fulvo ouro tascam.

280-283 Um coche a Enéas manda, e exhala o tiro,
Do ether semente, pelas ventas fogo;
Casta que ao pae furtou dedalia Circe,
De submettida mãe bastardas crias.

284-290 Com taes dons, a cavallo os enviados,
Portadores de paz, contentes voltam.
Eis que de Argos inachia parte a seva
De Jove espôsa; e avista lá dos ares,

Desde o Pachyno sículo, os Troianos
E ovante Enéas, já desembarcados,
Na terra a edificar, seguros della.

291-293 De ancia pára; e, a cabeça meneando,
Queixumes derramou do afflicto peito:
«Raça infanda! ao meu fado avesso fado!

294-296 Ah! nas campinas do Sigeu poderam
Succumbir? ser tomados, ser captivos?
Por ventura abrazada os queimou Troia?

297-299 Franca via entre o ferro e o fogo acharam.
Lasso, eu cuido, a final meu nume cede;
Saciada afrouxei, depuz meus odios...

300-302 Como! ousei contrastal-os no destêrro,
No undoso ponto os persegui fugidos:
Esgotei mar e céo para vingar-me.

303-308 Syrtes, Charybdes, Scylla, que prestaram?
Do pelago e de mim zombam no gremio
Do caro Tibre. Os Lapythas gigantes
Marte acabou; rendeu-se a Calydonia
De Phebe ás iras: para um tal castigo
Lapythas, Calydonia, em que peccaram?

309-313 Quil-o assim meu consorte; e a mim raínha,
Que meios não poupei, que emprehendi tudo,
Vence-me Enéas! Meu poder se he pouco,

Deprecar a quem fôr já não duvido:
Vou, se não dóbro o céo, mover o inferno.

314-316 Separal-o do Lacio me prohibem;
Sua Lavinia seja: a dita ao menos
Protrahir, perturbar, não me he defeso;

317-320 Os povos soverter dos reinos ambos:
Com taes pareas se allie o genro e o sogro,
Sangue rutulo e teucro o dote sendo,
Bellona, ó virgem, prónuba te espera.

321-323 Não só fogos jugaes, de um facho prenhe,
Pariu Cisseide; a Cypria houve outro Páris,
Tição funesto aos recidivos muros.»

324-330 Vociferando horrenda baixa ás terras.
Do Orco e antro furial avoca Alecto,
Que maldades luctífica respira,
Guerras, traições, rancor; monstro que odeiam
As tartareas irmãs e o rei das sombras:
Com tanto esgar se afeia e a testa enruga,
Tanto a ennegrecem pullulantes cobras!

331-335 Juno assim a aguçou: «Da Noite filha,
Para não soffrer quebra de honra ou fama,
Serviço especial me outorga, ó virgem:
Por consorcios os Teucros não consigam
A Latino embair, ter pé na Italia.

336-338 Irmãos tu podes e íntimos amigos
Armar de sanha, desavir familias,
Com funereos brandões e crus flagellos;

339-342 Artes mil de empecer, mil nomes sabes:
Fecunda a mente excita; a paz desfaze,
A zizania semêa; estoure a guerra,
Bramindo a mocidade ás armas corra.»

343-347 De gorgoneo veneno Alecto infecta,
Ao Lacio e a régia voa, entra furtiva
No retiro de Amata; cuja ardencia
Dos Phrygios contra a vinda e a pró de Turno
Feminis mágoas e odios recoziam.

348-350 Da azul grenha uma serpe a deusa arranca,
No corpo lh'a insinua, porque o paço
Todo empeste e alborote furibunda.

351-355 Coa a serpe entre a veste e o liso seio
Com molle tacto, com macio engano
Lhe infunde alma vipérea: em torsal de ouro
Faz-se ao pescoço; n'um listão se alonga,
Enleia a coma e lhe percorre os membros.

356-361 E emquanto alastra a humida peçonha,
E em ossos e sentidos prende a chamma,
Antes que se lhe incenda o ânimo inteiro,

Carpindo a filha e os hymeneus troianos,
Com maternal carinho ao rei se exprime:
«A vindiços, tu pae, Lavinia entregas?

362-364 Della e ti não tens dó, nem da mãe triste,
Que ao primeiro aquilão, raptada a virgem,
Verei soltar a véla esse pirata?

365-368 Não penetrou na Espartha o pastor phrygio?
A Ilio não transportou de Leda a filha?
Que he do amor para os teus, onde a fé pura
E a miude ao meu Turno a dextra dada?

369-374 Se has mister genro estranho, e o padre Fauno
T'o ordena e está sentado, estranha eu julgo
Qualquer terra ao teu sceptro não sujeita:
Do oraculo este o senso. E ao prisco tronco
Se remontâmos, de Inacho e de Acrisio
Turno provêm, Mycenas de permeio.»

375-379 Baldadas as razões, que resistia
Firme o rei, pelas vísceras calando
Do serpentino virus o contagio,
Já damnada a infeliz, que espectros vexam,
Na vasta capital erra sem tino.

380-383 Sob a torcida trena, em rodopio,
Attentos os meninos ao brinquedo,
Pelo vazio largo o pião tangem,
Que do açoute impellido em círculo anda;

384-387 Nescia embasbaca a chusma, e o bando impube
Aviva a golpes o voluvel buxo:
Não com menos presteza ella vaguêa,
Corre as cidades e embravece os povos.

388-391 Té sanhuda, a fingir de Iaccho o influxo,
Com mais nefando arrôjo se entranhando,
No monte occulta a filha, porque aos Troas
Roube o thalamo e as nupcias procrastine;

392-394 Brada e freme: «Evoé! só, Baccho, es digno
Da virgem que maneja os molles thyrsos,
Gyra em côro, a ti sacra a trança cria.»

395-397 Grassa o rumor: as mães da peste accesas,
Por séde nova ardendo aguilhoadas,
Cabello e collo ao vento, os lares deixam;

398-401 Ou pelles a trajar, pampinea a lança,
De trémulo ululado os ares coalham.
Ella entre as mais sustêm flagrante pinho,
Raiva, canta o hymeneu da filha e Turno;

402-406 Torva grita, virando olhos sanguineos:
«Io latinas mães! quem sois, ouvi-me;
Se Amata vos condoe, ou do materno
Jus vos remorde o zêlo, nestas órgias,
Desennastrada a coma, interessai-vos.»

407-417 Tal entre brenhas e ferinos ermos
Alecto em bacchanaes punge a raínha.
Dêsque a raiva lhe afia, e de Latino
A familia e conselho crê revoltos,
Leva-se a turva déa em fuscas azas
Do audaz Rutulo aos muros; que, trazida
Sôbre o Nôto precípite, aos Acrisios
Danae se diz fundara: a gran' cidade
Chamou-se Ardea, e conserva o claro nome,
Não a fortuna. Alli no alcaçar Turno
Meio somno lograva em noite opaca.

418-429 O furial vulto e fórmas despe Alecto;
Em Chalybe, de Juno velha antiste,
Se transfigura: a testa e face obscena
De rugas ara, ás cãs veste uma touca,
Prega-lhe em cima um ramo de oliveira,
E ao joven se apresenta: «Soffres, Turno,
Tantas lidas frustradas, que a fugidos
Passe o teu sceptro? Ganhos com teu sangue
O matrimonio e dote, o rei t'os nega,
Herda um Teucro no reino. Ora, ultrajado,
Vai-te arriscar; mal pago, as filas tuscas
Rompe, descose; a paz mantem no Lacio.

430-432 Isto a grande Saturnia, em quanto em noite
Placida jazes, me intimou te expenda.
Arma, arma, sus, a mocidade em campo;

433-437 E, á margem pulchra assentes, os caudilhos
Phrygios arrasa, e queima as naus pintadas:
Poder alto o prescreve. E se o monarca,
Surdo ás promessas, a união te enjeita,
Prove e sinta o que valha em armas Turno.»

438-441 Da vate a escarnecer: «Nem tu presumas
Que estar no Tibre a frota he novidade,
Nem cá metter me venhas tantos medos:
Juno etherea de nós se não descuida.

442-444 Mas credula, sediça e carunchosa,
Ralas-te, avó, com panicos terrores,
Tonta ingerindo-te em reaes arcanos.

445-449 Vigia os templos, das imagens cura:
Toca aos varões tratar e a paz e a guerra.»
Arde com isto Alecto; e, orando o moço,
Treme todo, hirta a vista: com taes serpes
Erinnys silva, taes carrancas abre!

450-455 Tardonho ia fallar; com flammeos olhos
De travez ella o empurra, duas cobras
Da grenha irriça, o latego estalando,
E com rabida bôca assim troveja:
«Eis-me caduca, tonta e carunchosa,
Mettediça entre os rêis com vãos terrores.

456-459 Olha, da estancia das irmãs tremendas
Trago em mão guerra e morte.» Inda vozêa,
E a Turno um facho atira de atro lume,
Que fumegante no íntimo cravou-se.

460-467 Espantado elle acorda, em suor tendo,
Que dos poros rebenta, ossos e membros;
Louco por armas grita, armas no leito
Busca e em tôrno. Braveja o amor do ferro,
A impia insania da guerra, e cresce a raiva:
Qual da undante caldeira quando ao bôjo
Lignea flamma se applica estrepitosa,
A agua enfurece e ferve, em bôlhas salta;

468-472 Fumea espumando a enchente, sem conter-se
Trasborda, e vai-se em turbidos vapores.
Manda ao rei informar que a paz quebrou-se,
De petrechos provêr, guardar a Italia,
Expellir das fronteiras o inimigo;

473-476 Contra o Latino e o Teucro elle só basta.
Mal que as ordens promulga e invoca os deuses,
Á competencia os Rutulos se exhortam:
Uns move do mancebo a galhardia;

477-481 Uns seu preclaro sangue, ou forte braço.
Alecto, emquanto os seus Turno acorçoa,
Com novo ardil, ás azas dando estygias,

Cata o sítio e ribeira onde caçava,
De assalto ou de emboscada, o bello Ascanio.

482-485 Presto a cocycia virgem, com sabido
Cheiro iscando os focinhos, de um veado
Á pista assula os cães: este o motivo
Que os camponios atiça e a guerra atêa.

486-489 Cervo galhudo havia, airoso e lindo,
Que de mama furtado á mãe nutriam
Os filhos de Tyrrheu, dessas devesas
Couteiro e maioral do armento regio.

490-492 De galantes festões ao docil bruto
Meiga a irmã Silvia entretecia os cornos,
Penteado e lavado em fonte pura.

493-498 Da dona á mesa afeito e manso, errava
Pela selva, e de noite, ás vezes tarde,
Se recolhia á casa. Andando a monte,
Brabas de Iulo as perras o acossaram,
Quando, seguindo a vêa de um regato,
Se refrescava na virente riba.

499-502 Na ancia de eximios gabos, do arco as pontas
Junta e despara o caçador a frecha:
Não faltou nume á dextra; a rechinante
Canna ao cervo traspassa ilhaes e ventre.

503-505 A gemer o quadrupede, sangrado
Procura o nóto asylo, e de lamentos,
Quasi implorando, enchia alvergue e pateo.

506-513 Silvia acode, e ferindo-se a punhadas,
Aos duros aldeões clama socorro.
Elles (picava-os a embrenhada peste)
Sahem de improviso; de nodosa estaca,
De fustes e tições, do que á mão tinham,
A ira os arma. Tyrrheu, que um roble em quatro
Rachava á cunha, respirando ameaças,
Ferra o machado, a multidão concita.

514-519 Nociva a tempo, da atalaia a Dira
Monta á choça, e do cume a voz tartarea
Na encurvada corneta esforça e tange
Rebate pastoral: todo em redondo
Retremendo o arvoredo, a funda mata
Reboou. Longe o ouviu da Trivia o lago;

520-522 Branco de agua sulphurea o Nar e as fontes
O ouviram do Velino; e as mães de susto
Aos peitos os filhinhos apertaram.

523-526 Ao rouquejar da tetrica buzina,
Denso tropel bravio, armas sacando,
Concorre, e marcha a mocidade phrygia
Do aberto acampamento em pró de Ascanio.

527-534 Não já com paos tostados nem cacheiras
Em lide agreste brigam, mas em fórma,
Com ancípite ferro e espadas nuas,
Negra aspera seara; e o bronze ás nuvens,
Do Sol desafiado, a luz dardeja:
Tal, se alvejando a onda a encrespa o vento,
Incha o mar pouco a pouco e altêa vagas,
Té que do humido abysmo aos astros sobe.

535-538 Cahe logo na vanguarda o primogenito
Almon Tyrrhides: pega-se ás guelas
Setta estridente, e em borbotões o sangue
Lhe inunda e embarga a voz e a tenue vida.

539-543 Entre um montão de mortos jaz Galeso,
Daz pazes medianeiro; ausonio velho,
O mais justo e riquissimo, greis cinco
Balantes amalhando e cinco armentos,
Em lavrar cem arados empregava.

544-551 Alecto, poisque o marte igual pendia,
Do exito ufana, assimque a feroz pugna
Tinge e cruenta, funeraes primicias,
Deserta a Hesperia, e sublimada ás auras
Canta a Juno victória em tom suberbo:
«Temos no auge a discordia; agora dize
Que se congracem, que allianças travem,
Quando os Teucros macúla ausonio sangue.

552-554 Mais farei, se m'o approvas: com rumores
Posso as comarcas abrazar no insano
Furor da guerra, que ajudal-a venham;

555-557 Armas espalharei pela campanha.»
Juno atalha: «O terror e a fraude abunda:
Plantada a rixa, mão por mão combatem;

558-560 Já funestou fortuna o primo encontro.
Os hymeneus dest'arte o guapo filho
D'Acidalia festeje e o bom Latino.

561-563 Que a sôltas vagues pelo summo Olympo
Não te permitte o padre soberano:
Despacha-te, que o mais fica a meu cargo.»

564-566 A taes palavras, do sidereo assento,
Angui-estalantes azas desferindo,
Para o Cocyto a Erinnys se encaminha.

567-576 Lugar nobre e famoso, o valle Amsancto,
Ha da Italia no centro, ao pé de uns montes:
Floresta escura o fecha, e entre penedos
Em vórtices fragosa uma torrente
Pelo meio murmura. Aqui, do torvo
Plutão respiradouro, antro medonho
Profunda, e as fauces pestilentes mostra
Do fendido Acheronte ampla voragem,
Onde sumiu-se a Furia, o céo e a terra
Do seu bafejo odioso alliviando.

577-584 Nem menos a Saturnia a lucta azéda.
Rue do conflicto a multidão campestre,
Morto Almon e deforme de Galeso
Carregando a cabeça, e implora os deuses
E a Latino conjura. No flagrante
Chega Turno, e do incendio e mortandade
Exagera o temor; que iam banil-o,
E misturar no throno a raça phrygia.

585-590 Aquelles cujas mães, de Baccho attonitas,
Por ínvias selvas em choréas pulam,
De Amata ao grave nome exacerbados,
Marte infando a incitar, a l'arma gritam,
Contra o fatal augurio e contra os numes,
E os altos paços á porfia cercam.

591-595 Tem-se o rei qual marítimo rochedo;
Rochedo que na mole se sustenta,
Se em ruidosa procella as ondas ladram:
Batida alga fluctua e bólha a espuma,
E em vão pedras em roda e escolhos bramam.

596-599 Vencer pois tal cegueira não podendo,
Que ia tudo a sabor da fera Juno,
O ether puro attestando: «Ah! fado, exclama,
A tormenta nos fórça irresistivel.

600-606 Com sacrilego sangue, ó miserandos,
Vosso êrro pagareis: maldição, Turno,
Triste pena te espera; e aos deuses tarde
Supplicarás. Á entrada já do pôrto,
Repouso achei; de funeraes ditosos
Só me despojarão.» Nisto, encerrou-se,
E do governo as redeas abandona.

607-614 Costume era do Lacio, e que adoptado
Na Albania o guarda a portentosa Roma,
Lagrimaveis batalhas quando apresta
Ao Geta, Arabe, Hyrcano, ao Indo eôo,
E reconquista aos Parthos as bandeiras,
Duas portas haver, bellicas ditas,
Que santo horror defende e o cru Mavorte:
Barras, ferrolhos cem de bronze as trancam;

615-620 Sempre ao limiar de sentinela Jano.
Se o decreta o senado, insigne o consul
Com trabea quirinal, gabino cinto,
Os umbraes descerrando rangedores,
Proclama a guerra; guerra os moços bradam,
Roucas ereas trombetas resonando.

621-627 Cabia-lhe aos Troianos declaral-a,
Volver os tristes gonzos; mas Latino
Se abstem, recusa o infausto ministerio,
E se occulta na treva. Então, baixando,

A raínha Saturnia arromba mesma
As lentas portas, a couceira quebra
E os ferrados batentes desmantela.

628-630 Arde a quieta Ausonia, e armas já pede:
Qual a pé campear, qual furioso
Quer trotar em corsel pulverulento;

631-633 Qual dardos unta e limpa, adargas lustra,
Machadinhas amola e partazanas:
Praz desfraldar pendões e ouvir as tubas.

634-636 Malham cidades cinco e forjam lanças,
Atina e Ardea possantes, Crustumerio,
Tibur altiva, Antemnas torreada;

637-639 Cavos elmos estofam, tecem tarjas
De vergas de salgueiro, finas grevas
De argenteos fios, eneos corsoletes;

640-642 Retemperam na fragoa o patrio alfange:
Assim trocou-se o amor da fouce e relha!
Transmitte o dado a senha, os clarins fremem;

643-645 Quem o casco arrebata, ou rinchadores
Brutos junge, ou rodela e auri-trilíce
Loriga veste, ou cinge a fida espada.

646-649 O Helicon, musas, franqueai-me: ousados
Rêis vou cantar, as tropas que os seguiram
Cobrindo os campos; que armas flammejaram,

Que heroes já n'alta Italia floreceram.

650-653 Como lembradas sois, contai-m'o, ó divas:
Mal nos roçou leve aura do passado.
O atheu cruel Mezencio he quem primeiro
Á testa marcha das phalanges tuscas.

654-657 Lauso o acompanha, que excedia a todos,
Salvo o garboso Turno, em gentileza;
Lauso, gran'picador, monteiro eximio
Conduz em vão de Agylla mil guerreiros;

658-668 Digno de se gozar do patrio reino,
E de outro genitor que não Mezencio.
Após, carro e frisões da palma ornados,
De Hercules bello ostenta o bello filho
Aventino, e em cem cobras traz no escudo
A hydra a pullular, brasão paterno:
Rhéa ministra a furto na Aventina
Mata o pariu; mulher que ao deus juntou-se,
Depois que, extincto Gerião, tocando
Laurentes lavras o Tirynthio ovante,
Lavou no tusco rio iberas vacas.

669-674 Arma os seus de doloso estoque e pilo,
De roliço espontão, sabello pique;
Embraça, a pé, leonino ingente espólio,

De alvos dentes enrola a hirsuta juba
Ao morrião: tal entra horrendo os paços,
Pelos hombros traçado o herculeo manto.

675-682 Catillo e o bravo Coras, dos tiburcios
Muros, ditos assim do irmão Tiburto,
Gemeos de sangue argeu, por densos dardos
Vem correndo postar-se na vanguarda:
Qual nubígenas rapidos Centauros,
Se do pico a descer o Homelo deixam
E Othrys nivoso; ao transito se arreda,
Com fragor do arvoredo, a basta selva.

683-685 Ceculo o autor não falha de Preneste,
Que, em pegulhal montez e ao lar achado,
Rei prole de Vulcano ham crido as eras.

686-690 Rustica turba o escolta: os que as alturas
Cultivam prenestinas e a junonia
Gabios, o frígido Anio, hernicas penhas
De arroios orvalhadas; os que pasces,
Tu Amaseno pae, tu rica Anagnia.

691-695 Carro, cota ou broquel, não soa a todos:
Uns lividas espalham plumbeas pellas,
Quaes dous chuços empunham; fulvos gorros
De pelle usam lupina; nus da esquerda,
Calçam de crua alparca a dextra planta.

696-707 O neptunio Messapo cavalleiro,
A quem prostrar não pode ou ferro ou fogo,
Chama a conflicto os povos ociosos,
Instaura as armas. Fescenninas turmas
E Equos Faliscos, os que o monte e lago
Ciminio e as rochas do Soracte habitam,
Flavinios agros e capenos lucos,
Marchando em pelotões, seu rei cantavam:
Como, ao soltarem colli-longos cysnes,
Do pasto á volta, aos ares seus gorgeios,
O Caístro e a pulsada Asia palude
Resoa ao longe. Multidão confusa,

708-710 Ninguem julgara exército arnezado,
Mas, do alto pégo ás praias compellida,
Aerea nuvem ser de roucas aves.

711-713 Sangue antigo sabino, eis Clauso, donde
A tribu claudia propagou no Lacio,
Dêsque em parte aos Sabinos se deu Roma;

714-716 Valendo um batalhão, commanda immensos:
Quirites priscos, de Amiterno as hostes,
As de Ereto e olivífera Motusca;

717-721 Dos rosaes do Velino e os de Nomento,
Dos penhascosos Tetrica e Severo,
De Forulo e Casperia; os que do Himella,

Tibre e Fabaris, bebem; quantos manda
Horta, o latino termo e Nursia fria;

722-724 E os que o Allia entrelava, infausto nome!
Tantas no vítreo Libyo as vagas rolam,
Se Orion cruel se afunde em onda hyberna;

725-727 Tantas o estivo Sol praganas torra,
Do Hermo ou de Lycia em lourejantes campos.
Do tropel treme a terra, escudos tinnem.

728-735 O agamemnonio Haleso, a Troia infesto,
Ata ao carro os frisões, mil feros povos
Leva a Turno: os que o Mássico, mimoso
De Baccho, á enxada cavam; Sedicinos
De beiramar; serranos que expediram
Auruncos padres; íncolas de Cales,
Do vadoso Volturno os arraianos,
O Satículo acerbo, as oscas turmas.

736-738 Presa a lento flagello, aclide jogam
Cylindrica; na sestra, os cobre adarga;
Com terçado falcato ao perto ferem.

739-741 Nem te olvide o meu verso, Ebalo, que houve
Telon se affirma de Sebethys nympha,
Já velho em Caprea os Télebas regendo.

742-748 Da herança não contente, o filho tinha
Muito á larga os Sarrates submettido,
E as sarnias frescas varzeas, os de Rufras,

De Batulo e Celenna, e os que eminente
Olha Abella pomífera: cateias,
Á teutonica, vibram; capacetes
De cortiça de sôvero os defendem;

749-751 Luz bronzeado broquel, luz bronzea espada.
Tambem te aprompta a montuosa Nersas,
Famígero e pugnaz, próspero Ufente;

752-755 E, á caça endurecido, horrido Equícola
De aspera gleba te obedece: armado
O chão labora, de rapina vive,
E sempre folga das recentes prêas.

756-758 Té de Archippo seu rei por ordem, o elmo
Lhe ornando fausta oliva, o dos Marrubios
Sacerdote marchou, fortissimo Umbro;

759-764 Que hydras, viboras de halito empestado,
Afagando e a cantar adormecia,
Curava a mordidura, e as amansava:
Mas contra a choupa do rojão troiano
Soporíferos cantos nem potentes
Succos dos marsos montes lhe valeram.

765-770 A ti de Angicia o bosque, a ti choraram
Do Fucino o crystal e o fluido lago.
De Hippolyto eis a prole, o extrenuo Virbio

Que Aricia a mãe luzido o envia á pugna,
Do luco e fonte Egeria, onde o criaram
E a placavel Diana ara tem pingue.

771-775 Por dolos da madrasta, assimque Hippolyto,
Dos medrosos frisões rojado, expia
Com sangue o êrro paterno, he voz que ás auras
E ao conspecto celeste o revocaram
Peonias hervas e amorosa Delia.

776-779 De que um mortal das sombras resurgisse
Indignado o Tonante, o raio accende,
No Orco e Estyge o Phebígena despenha
Que descobriu tal arte e medicina.

780-783 A alma Trivia em secreto á nympha Egeria
Hippolyto encommenda, porque obscuro
E solitario em ítala floresta,
Mudada em Virbio o nome, os dias passe.

784-787 Do bosque ou templo a Phebe consagrado
Os cavallos cornípedes se expulsam,
Dêsque, espantados por marinhos monstros,
Na praia o dono e o coche espedaçaram.

788-791 Ardegos brutos, não obstante, o filho
Exerce e á guerra precipita o carro.
De ponto em branco, á frente, na estatura
Formoso Turno sobreleva a todos.

792-795 O elmo sustêm, cristado com tres jubas,
A Chimera a expirar etnéas chammas:
Ignívoma, efferada, ella mais brame
Quanto em mais sangue o ataque se encruece.

796-798 Io em ouro entalhada (illustre assumpto)
Já pelluda novilha, alçando os cornos,
O ereo pavez lhe timbra assacalado;

799-810 Argos vigia a môça, e entorna o rio
Da urna Inacho pae. Chuveiro espesso,
Ondêa a infantaria, e abroqueladas
Auruncas tropas, Rutulos, Sacranos,
Achaica estirpe, Sículos antigos,
Mais os Labicos de pintado escudo:
Que, ó Tibre, aram-te os bosques e a numicia
Riba sacra; o Circeu cabeço rasgam
E as rutulas collinas; veigas onde
Jove Anxuro preside, com Feronia
Amiga dos jardins; por onde a negra
Satura espraia, e vai gelado aos mares

811-813 Por imos valles desaguar o Ufente.
Eis Camilla bellaz, que o volsco impera
Bando equestre e o de pé de arnez lustroso.

814-817 Dura a virgem no prelio, em roca ou vimes
De Minerva não punha as mãos femíneas.
Pelo agro intacto, mais veloz que o vento,

A voar não lesara a tenra espiga;

818-825 Suspensa o pégo tumido correra,
Sem que molhasse a desinvolta planta.
Dos tectos, ao passar, do campo os jovens
E esparsas mães, de hiante bôca admiram
Como a grã vela e enfeita os hombros lisos,
Como as tranças lhe prende aurea fivela,
Como o lycio carcaz pendura, e brande
De enxerido ferrão myrteo cajado.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VIII

✦

1-5 Mal Turno, os cornuos rouco estrepitando,
Pendões arvora no laurente alcaçar,
E os brutos afoguêa e incita as armas,
Revôlto o Lacio em trepido tumulto
Se conjura, e esbraveja a mocidade.

6-9 Chefes Messapo e Ufente, o atheu Mezencio,
Organizando levas, despovoam
Toda a campanha. A requerer o auxílio
Do gran'Diomedes, Venulo deputam;

10-12 A informar que, abordado ha pouco Enéas,
Os vencidos penates recolhendo,
Rei se inculcava por querer dos fados;

13-16 Que attrahe cem povos, e n'Ausonia lavra
Seu prestigio. Ao que tenda, e o que resulte
Se a fortuna o insuffla, he manifesto
Mais a Diomedes que a Latino ou Turno.

17-23 Derramada a notícia, o Laomedoncio
Em cuidados fluctua, e a mente vaga
Divide e agita, a meditar em tudo:
Como em bacia d'agua o tremulante

Raio da Lua ou Sol, repercutido,
A regyrar voluvel, monta aos ares
Do summo tecto os artesões ferindo.

24-28 Noite era; e gados, aves e alimarias,
Quando lassos na terra adormeciam,
Dos perigos afflicto, á riba Enéas,
Tardo repouso aos membros concedendo,
Sob o eixo do céo frio recostou-se.

29-32 Deus do sítio, a surgir do leito ameno,
Entre alemos se antolha o Tiberino:
Ao velho tenue bysso um verdoengo
Sendal compõe, e o touca umbrosa canna.

33-37 Ao Teucro falla e o peito lhe mitiga:
«Divo renôvo, que dos Gregos salva
Pérgamo eterna á Hesperia nos transportas,
Nestas laurentes veigas esperado,
Casa tens certa, certos os penates;

38-43 Avante! não te assuste a feia guerra:
O tumente furor cessou dos deuses.
Porque isto um sonho futil não reputes,
Em litoreo azinhal grande alva porca
Deitada encontrarás parida, e em roda
Nella a mamar trinta alvos bacorinhos.

44-46 Descanso aqui tereis; trinta annos vôltos,
Aqui fundando-a Iulo, deste agouro
Alba derivará seu claro nome.

47-53 Não dubio o vaticino. O modo em summa
Te ensinarei de conseguir victória.
Lá d'Arcadia emigrados que de Evandro
Sob a real brandeira aqui vieram,
Do bisavô Pallante por memoria,
Em montes assentaram Palantéa:
Com elles anda o Lacio em guerra assídua;

54-56 O arraial em commum, liga-te a elles.
Eu, por meu rio e margens te ajudando,
Farei que a remos a corrente venças.

57-62 Sus! roga a Juno; assimque os astros caiam,
Devoto e supplice, ó de Venus filho,
O odio minaz lhe adoça: ao triumphares
Me honres depois. Sou eu que em ampla chêa
Premo estas bordas, sulco e adubo as vargens,
Aos céos gratissimo, o ceruleo Tibre.

63-70 Meu paço he cá, de altas cidades mano.»
Dice, e immergiu-se: a noite a Enéas deixa.
Desperto olhando ao lucido oriente,
Nas côvas palmas, como he uso, apanha
Do licor fluvial, dest'arte orando:

«Nymphas, laurentes nymphas, geradoras
Dos mananciaes, com santa vêa ó Tibre,
Recebei vós a Enéas, resguardai-me.

71-75 Qualquer que seja a fonte, ou lago ou solo,
Donde formoso nasças e onde as nossas
Penas, rio cornígero, apiadas,
Sempre terás meu culto, offrendas sempre,
Tu das aguas hespericas monarca.

76-78 Assim me valhas e os augurios firmes.»
Da frota escolhe então biremes duas,
E de armas e remeiros as fornece.

79-81 Subito, oh maravilha! entre arvoredos,
Deitada em verde ribanceira, avistam
Com sua alva ninhada uma alva porca;

82-91 E a ti, maxima Juno, o pio Enéas
Com todo o parto a immola e te offerece.
Durante a noite amaina o inchado Tibre,
E em tacito remanso refluindo,
Qual tanque fica-se ou lagoa estôfa,
Que não obste ao remar. Crenado o pinho,
Com propício rumor, no equoreo plaino
Ligeiro se deslisa; e a onda e o bosque
Arnezes a fulgir de longe estranha,
Estranha os bucos a nadar pintados.

92-95 Afadigando á voga a noite e o dia,
E os estirões e as vóltas alcançando,
Sob a folhuda abobada, cortavam
No aquoso espelho as verdejantes ramas.

96-100 Igneo o Sol meridiano, he quando enxergam
Uns muros, um castello e tectos raros,
De Evandro haver mesquinho; que a pujança
Romana elevou tanto e aos céos o iguala:
Viram proas e ao burgo se approximam.

101-105 Acaso o arcade rei, n'um luco em face,
O Amphitryonio festejava e os divos.
Solemne, o seu Pallante, a flor dos jovens,
Pobre senado, o incenso ministravam,
Em cruor tepido a fumar as aras.

106-108 Surdir vendo os baixéis pela espessura,
E o nauta aos mudos remos debruçar-se,
Das mesas todos erguem-se assustados.

109-112 Veda romper-se o rito o audaz Pallante;
Saca uma lança e voa, e de afastado
Outeiro: «O que tentar vos fórça, ó moços,
Ignotas vias? de que partes vindes?

113-117 Quem sois? onde ides? paz quereis ou guerra?»
Maneando Enéas da alterosa pôpa
Fausta oliva, responde: «Phrygios dardos

Te apresento e inimigos dos Latinos,
Que em barbara aggressão nos repulsaram.

118-121 Saiba teu rei que os principaes Troianos
Lhe vem pedir junção e apoio de armas.»
Logo a tal nome attonito Pallante:
«Salta, e a meu pae dirige-te em pessoa;

122-124 Quem sejas, te agasalha em nossos lares.»
E a mão lhe aperta, cordial o abraça.
Trasposto o rio, ao bosque se encaminham;

125-127 E amigavel o padre: «Optimo Evandro,
Timbre dos Graios, a fortuna enseja
Que, ennastrado este ramo, eu te supplique;

128-132 Certo não te hei receio por Arcadio,
Chefe acheu, dos Atrídas consanguíneo:
Meu gôsto e leal peito, oragos santos,
Parentesco de avós, tua alta fama,
Por fatídico impulso, a ti me enlaçam.

133-137 Dardano, de Ilio autor, de Electra nado,
Para os Troas passou-se, a Grecia o affirma;
Do estellífero Atlante Electra he prole:
Vós de Mercurio o sois, e em frio cume
Cyllenio o concebeu candida Maia;

138-142 Maia, he crença geral, o mesmo Atlante,
O que os orbes sustenta, procreou-a.
De um tronco somos pois. Eis porque afouto

Nuncios não ensaiei que te sondassem:
Eu proprio, eu vim expôr-me e supplicar-te.

143-146 A Daunia, que te aprema em feroz guerra,
Cuida, a nos rechaçar, que nada a estorva
De metter sob o jugo a Hesperia inteira,
E o superior e o baixo mar que a lavam.

147-150 Presta e acceita-me a fé. Briosa temos
Aguerrida e valente mocidade.»
Attento ao seu discurso, Evandro os olhos
Curioso lhe examina e a bôca e o talhe;

151-153 Foi breve assás: «Fortissimo dos Teucros,
Com que prazer te hospedo! eu reconheço
De teu pae a facundia, o tom e o gesto!

154-156 A Hesione irmã sua o Laomedoncio,
Lembra-me, visitando em Salamina,
Honrou-me os gelos da vizinha Arcadia.

157-159 De flóreo buço a face então pungida,
Bem me admirei de Priamo e seus cabos;
Mas na grandeza os superava Anchises.

160-162 Cúpido joven, por tratal-o ardia
E a mão do heroe cerrar: obtendo accesso,
Aos muros de Pheneu lhe fui companha.

163-165 Partindo, insigne coldre e lycias frechas,
Chlamyde auri-bordada e uns aureos freios
Deu-me, de que ora he dono o meu Pallante.

166-168 Confirmo aquelle pacto; e satisfeitos
Vou na alvorada, amigos, despedir-vos
Com soccorro de gente e o mais que eu possa.

169-171 Emtanto, embora celebrai comnosco
Festa annual que differir he crime,
E dos socios á mesa habituai-vos.»

172-175 Dice, e os copos repôr e os pratos manda,
Senta os varões na relva; em tóro e pelle
De leão velloso a Enéas accommoda,
Cede throno de bôrdo a heroe tamanho.

176-178 Moços, do antiste ás ordens, lestos servem
Taureas tôstas fressuras, dons de Baccho,
De obras de Ceres cumuladas cestas.

179-186 De rêz inteira o dorso e os intestinos
Lustraes ministram pasto ao chefe e Troas.
Refreiado o appetite e a fome exhausta,
Disserta el-rei: «De tanto nume est'ara,
Esta pompa e festim, hóspede, usamos,
Não por superstição que os priscos deuses
Desconheça; de atroz perigo exemptos,
Merito culto renovâmos gratos.

187-189 Nota em penha suspensa aquella pedra:
Dispersa a mole jaz, do monte a furna
Deserta, e ao longe as ruínas dos rochedos.

190-201 Esta, em recesso vasto ao Sol defeso,
Era a espelunca do semihomem Caco,
Monstro immano; e, em recente morticinio
Sempre o chão tepido, aos portaes suberbos
De homens saniosas lívidas cabeças
Fixas pendiam. De Vulcano filho,
Turbidos fogos vomitando, a enorme
Corpulencia movia. Ao suspirarmos
Por divo auxílio, o vingador Alcides
Chega a tempo, e do espólio e morte ufano
Do trigémeo Gerion, de gado enchia,
Vencedor pastorando, o rio e valle.

202-205 Caco, infrene e brutal, que não se abstinha
Do mór flagicio ou dolo, da malhada
Touros quatro furtou-lhe os mais robustos,
Quatro novilhas de excellente fórma;

206-212 E, para nenhum rasto haver directo,
Puxando a cauda e a recuar, no opaco
Petreo bôjo os fechou: pégada alguma
Não guiava á caverna. O Amphitryonio,
Já gordo o gado e farto dos pastios,
Retirar-se dispunha, e os bois saudosos
Monte e bosque estrugiam de queixumes.

213-223 Do amplo encêrro igualmente uma das vacas
Muge, e de Caco as esperanças frustra.
Da injúria ardendo e em negro fel, das armas
Hercules péga e do nodoso roble,
Corre ao cabeço aereo. Aos nossos Caco
Trémulo e demudado aqui mostrou-se:
Fugindo euros transcende, e aos pés o medo
Azas lhe empresta. Já na gruta, abate
Penhasco ingente, rôtas as cadêas
Com que acima o ligava arte paterna,
E de espeques reforça e escora a entrada;

224-226 Eil-o, o Tirynthio em sanha os dentes range
Accesso a perscrutar: férvido e iroso,
Todo o Aventino vezes tres rodêa;

227-238 Tres contra a saxea porta o esfôrço balda;
Tres descansou no valle. Aguda roca,
Asado ninho de funestas aves,
Entre fraguras e a perder de vista,
Do antro estava no dorso: á esquerda o cimo
Sôbre o rio inclinava; á dextra Alcides
Carrega, e do imo a desarreiga e impelle:
Ao baque repentino o ethereo espaço
Retumba; e, as ribanceiras retremendo,
Reflue medroso o rio. A immensa régia
De Caco descobriu-se, e appareceram
Umbrosos penetraes: qual se abalada

239-242 Rasgasse a terra hiante o dos infernos
Pallido reino, aos deuses detestavel;
De cá se vendo, no profundo abysmo,
Da luz diffusa a trepidar os manes.

243-246 Do subito clarão se assusta o bruto,
A urrar disforme, na caverna preso;
De cima o ataca o deus, atira o que acha,
Calhas e galgas e lascados ramos.

247-251 Elle, oh monstro! não tendo outro refúgio,
Rouba-se á vista, a jacular das fauces
Tetro vapor; em cega nevoa baça
Involve a gruta, e mescla a luz e as trevas,
A fumífera noite agglomerando.

252-254 Não o supporta Alcides, e de um pulo
Se arroja onde corisca e ondêa o fumo,
E em caligem mais basta a cóva estúa.

255-259 No incendio vão que expira agarra a Caco,
O estreita e afoga, e lhe esbugalha os olhos,
Sêcco na guela o sangue. Arranca as portas,
O antro escancara escuro; os bois e os furtos
Abjurados ao claro patentêa.

260-263 O corpo informe pelos pés arrastam:
Ninguem do semiféro a catadura
De olhar se cansa, e os peitos sedeúdos,
E na garganta os apagados fogos.

D'então ledos o dia celebrâmos;
Primeiro o fez Poticio, e a consagrada
Pinaria tribu ergueu no bosque est'ara,
Chamada sempre maxima, e que sempre
Maxima nos será. Mancebos, eia,
Brindai-me a nobre acção, de dextra em dextra
Os copos a gyrar, frondosa a coma,
Commum deus o invocai, bebei contentes.»

Presto as cãs lhe entretece e enfolha o choupo
De sombra herculea, bicolor pendendo;
Sagrado scypho empunha. Alegres todos
Em roda libam, deprecando os numes.

Já Vesper ao declive Olympo avança:
Tochas nas mãos, do estilo as pelles cintas,
Poticio á frente, os sacerdotes cobrem
De gratos postres a instaurada mesa;

Bandejas de mil dons o altar oneram.
Com populea capella, em tôrno os Salios
Da ara incensada ao cantico presentes,
Jovens em côro, em côro o entoam velhos
De Hercules em louvor: como estupendos
Os dragões da madrasta esmaga infante;

Como as grandes arrasa Echalia e Troia;
Como, a sabor de Juno, arduos trabalhos
Sob Eurystheu passou. «Tu mesmo, invicto,

A Pholo e Hyleu, nubígenas bimembres,
Tu cretenses prodigios, tu mataste
Na brenha o leão Nemeu desmesurado.

292-297 De ti a Estyge, na cruenta cóva
Tremeu do Orco o porteiro, sôbre ossadas
Meio-roídas a jazer. Phantasma
Nenhum lá, nem Typheu de cota enorme
Te foi terror; não te esmorece e atalha
Da hydra Lernéa a turba de cabeças.

298-300 Salve, ornamento aos divos accrescido,
Vera prole de Jove: ao teu festejo
Com pé desce propício, e nos assistas.»

301-303 Cantam proezas taes; por fim memoram
A furna e Caco resfolgando chammas.
Resoa a selva e o eccho nos outeiros.

304-307 Cheia a funcção, para a cidade voltam.
El-rei de annos cercado ia adiante,
Entre Enéas e o filho, em varios modos
Praticando o caminho aligeirava.

308-315 Por tudo ávido o heroe passsêa os olhos,
Mira, e cada vestigio dos maiores
Inquire e aprende. Evandro, que os primordios
Lançou da celsa Roma, então começa:
«Indígenas moravam nestas matas

Faunos e nymphas, e homens raça dura
Dos robles; que nem bois jungir sabiam,
Adquerir, nem poupar, sem lei, sem culto;

316-318 Montez caça os mantinha e agrestes frutas.
De Jupiter fugindo, aqui Saturno
Do Olympo veio, expulso do seu throno.

319-321 Selvagem povo indocil ajuntando,
Legislou, chamou Lacio a plaga antiga,
Onde um latente couto deparara.

322-325 No célebre reinou seculo de ouro,
De justiça e de paz; mas pouco a pouco
Em peior descorou-se a idade nossa,
Raiva bellaz surgindo e atroz cubiça.

326-329 De Ausonios e Sicanos invadida,
Variou de nomes a saturnia terra:
De um seu rei, Tibre aspérrimo gigante,
O Albula velho appellidou-se Tibre.

330-333 Cá nos confins do pégo, expatriado,
A omnipotente sorte ineluctavel,
De minha mãe Carmenta o serio aviso
E Apollo inspirador, me deposeram.»

334-338 Progredindo, elle mostra o altar e a porta
Que se intitula Carmental em Roma,
Por memoria da nympha que primeiro

Fatídica os Enéadas sublimes
E o brilho pallanteu vaticinara;

339-341 Mostra a mata em que asylo abriu Quirino
Sagaz, e o Lupercal, gélida gruta
De Pan lyceu, vocabulo parrhasio;

342-345 Mostra o Argileto bosque, e attesta e narra
De Argos hóspede a morte merecida.
Dalli guia ao Tarpeio, ao Capitolio,
Hoje aureo, outrora de urzes erriçado.

346-348 Os campestres então, da rocha e luco
Já com pavor tremiam religioso.
«No cimo, diz, frondente habita um nume;

349-355 Qual seja he dubio: Arcadios crem têr visto
Jove nubícogo a vibrar por vezes
A egide negrejante. Observa aquelles
Dous muros em ruínas: monumentos
Sam dos varões passados, sam reliquias
De Saturnia e Janículo, cidades
Que o pae Jano e Saturno edificaram.»

356-361 Do pobre Evandro á casa emtanto sobem;
No foro e lauto bairro das Carinas
Balava o armento. Ao limiar chegou-se:
«De Alcides vencedor foi este o alvergue,
Nesta régia o deus coube. Hóspede, imita-o,
A desprezar atreve-te as riquezas;

362-365 Desta míngoa de haveres não te enfades.»
Calou-se, e leva o heroe pela estreitura
Do exíguo tecto, e em leito o põe de folhas,
Do espólio de ursa libya tapetado.

366-375 Cahe ali-fusca noite e abrange o globo.
Não sem causa, aterrada a madre Venus
Do cru tumulto e ameaços dos Laurentes,
Carinhosa ao marido amor divino
No aureo thalamo inspira, assim fallando:
«Emquanto argivos rêis com fogo e ferro
A malfadada Pérgamo assolavam,
Nunca, espôso querido, ajuda ou armas
Roguei do teu lavor, nem quiz tua arte
Por miseraveis empenhar de balde;

376-383 Bem que eu devesse muito aos Priamídas,
E muito houvesse a Enéas deplorado.
No rutulo paiz ora o tem Jove:
Mãe, nume augusto, emfim supplico-te armas
Que o protejam. Dobrou-te em pranto a espôsa
Tithonia, a filha de Nereu dobrou-te:
Olha que povos, que cerradas praças
Em meu damno e dos meus o alfange amolam.»

384-389 Aqui recurva a Cypria os níveos braços,
Com molle amplexo afaga o deus remisso;
A nota chamma aquece-lhe os tutanos,

Penetra o ardor nos quebrantados ossos:
Como quando estrondoso ignito sulco
Percorre coruscante as rôtas nuvens.

390-401 A bella o aventa, e conscia o ardil applaude.
De eterno amor captivo, então Vulcano:
«Que remotas razões! de mim, ó déa,
Já duvîdas? Se igual empenho houveras,
Armaramos os Phrygios; não vedavam
O pae summo e o destino que dez annos
Priamo inda reinasse. E pois desejas
Combater, esmerar-me eu te prometto
No que de ferro e de fundido electro
Possa obrar sôpro ou forja. Os rogos cessem,
Confia em teus encantos.» E abraçando
A gozosa consorte, em seu regaço

402-412 N'um suave repouso adormeceu-se.
Do primo somno, ao descahir das horas,
Se despertava; e a dona que só vive
Da roca e tenues obras de Minerva,
Suscita as cinzas e sopítas brazas,
Addindo a noite ás lidas, e em tarefa
Longa ante o lume as famulas exerce,
Por manter ao marido o casto leito
E criar tenros filhos: não mais tibio,
Da fofa cama salta o ignipotente,
E vai de golpe á férvida officina.

413-419 Junto á Sicania e Liparis eolia
Se ergue saxea fumante ilha escarpada;
Lá toa etnéa gruta por cyclopias
Fornalhas carcomida, e em safras malhos
Se ouvem gemer, dos Cálybes as chispas
Rugir e as fragoas resfolgar em ala:
De Vulcano appellida-se Vulcania.

420-422 Dos céos o alto forgeiro aqui descende.
No antro espaçoso o ferro trabalhavam
Nus Pyracmon e Estéropes e Brontes.

423-427 Nas mãos polido em parte, inda imperfeito,
Corisco tinham, dos que do ether Jove
Crebros joga: tres raios de saraiva
Torta ajuntaram, tres de aquosa nuvem,
Tres de rútilo fogo e de austro alado;

428-431 Fulgor terrífico e estampido e medo
Mesclavam-lhe e iras de sequazes flammas.
Rodas leves e o carro outros concertam
Com que homens e cidades Marte excita;

432-435 A egide horrivel da agastada Pallas
De aureas escamas á porfia brunem,
Onde ao seio da deusa enrosca as serpes
E inda olhos vira a Gorgóna estroncada.

436-439 «Fóra tudo, lhes clama, etneus Cyclopes,
Deponde esses trabalhos e attendei-me.
Vam-se armas fabricar a heroe famoso:
Fôrça agora e primor, destreza e pressa.»

440-442 Nem acaba, e o serviço elles sortêam:
Flue ouro e cobre a jorros, e em fornalha
Ampla o aço vulnífico liquesce.

443-446 Broquel tremendo formam, só bastante
Contra todos os tiros dos Latinos;
Laminas sete em orbes o roboram:
Ventosos folles o ar sorvido expellem;

447-450 No tanque ao temperar-se o metal chia;
O antro a bramir, os golpes nas bigornas
Braços nervudos em cadencia alternam,
Com tenaz pegam, rubra a massa volvem.

451-453 Na Eolia emquanto o Lemnio os aferventa,
A alma luz da cabana a Evandro acorda,
No tecto matinaes cantando as aves.

454-457 Enfia a tunica, as sandalias tuscas
Ata ás plantas o velho; e, a tiracollo
Tegéa espada, lança do hombro esquerdo
E sobraça uma pelle de pantera.

458-460 Marcham dous cães fiéis, que a porta guardam,
Pós seu dono. Em descargo da promessa,
O ancião buscava o camarim de Enéas;

461-464 Que tambem madrugara e já sahia:
A um Pallante acompanha, ao outro Achates.
Juntas as dextras, no salão do meio
Sentam-se, e francamente emfim se explicam.

465-469 El-rei começa: «Ó mór dos phrygios cabos,
Livre estás, por vencida eu não dou Troia.
Para um tal nome he fraco o auxílio nosso:
Cá tusco rio, lá me aperta armado
Circumsonando o Rutulo á muralha.

470-472 Mas bons guerreiros e opulentos reinos
Alliar-te vou: dos fados conduzido,
Conjunção tens aqui para salvar-te.

473-475 Não distante, em vetustos alisserces
De Agyla, outrora a brava gente lydia
Fundou cidade nos etruscos serros.

476-479 Florente prosperava, até que veio
Mezencio, máo tyranno, a subjugal-a.
Porque assassinios taes e atrocidades
Refirirei? Sôbre elle e os seus recaiam!

480-483 Vivos ligava a mortos, contrapondo
Mãos a mãos (que tormento!) e bôca a bôca,
E em triste abraço e putrida sangueira
Nesta agonia longa os acabava.

484-486 Lassos porêm da infanda crueldade,
Munidos cidadãos cercam-no em casa,
Queimam-na; os vis asseclas lhe degolam.

487-490 Da morte escapo, em Ardea achou guarida,
Do hóspede Turno as armas o defendem.
A Etruria toda, em furia e justo marte,
Pede insurgida o rei para o supplício.

491-497 Vou pôr-te á frente de milhares destes.
Querendo içar bandeira as pôpas fremem
Densas na praia: aruspice longevo
As retem prophetando: «Ó flor meonia,
Que, avito brio herdando, o aggravo accende
Em merito furor contra Mezencio,
Não pode Italo algum domar tal gente;

498-500 Chefe externo escolhei.» D'então, confuso
Do annúncio, o tusco exército acampou-se.
Tárchon mesmo enviou-me insignias régias;

501-504 Aos arraiaes tyrrhenos me convida
E o sceptro me offerece. Mas velhice
Tarda e frígida inveja-me este imperio,
E as debeis gastas fôrças me acobardam.

505-508 Suadira o filho, se daqui não fôra,
Gerado em mãe sabella. Tu, que a idade,
Que a patria favonêa, e os céos designam,
Vai, cabo egregio de Italos e Teucros.

509-511 Confio-te a só prole, meu confôrto,
Minha esperança. A militar comtigo
Aprenda e a têr em pouco o marcio pêso;

512-514 Novel, te observe e admire-te as façanhas.
Dar-te-ei duzentos guapos cavalleiros
De escolha, e iguaes te offertará Pallante.»

515-518 O Anchiseo, a vozes taes, e o fido Achates
No mesto coração mil duros transes,
Fixos em terra os vultos, presagiam,
Se não acena do alto Cytheréa.

519-524 Eis o ar vibrado relampêa e ronca:
Tudo estralar parece e de trombeta
Mugir clangor tyrrheno. A vista elevam:
Trovão brama e rebrama; em nuvem clara,
Serena a região, pulsadas armas
Vêm rutilar toando. Os mais se espantam;

525-527 Mas o heroe, conhecendo o som divino:
«Hóspede, brada, o annúncio do portento
Não me inquiras: o Olympo me reclama.

528-533 Prometteu minha mãe, se a guerra instasse,
Transmittir-me o sinal e pelas auras
Armadura vulcania. Ah! que de estragos
Ameaça os Laurentinos! Caro, ó Turno,
M'o pagarás! Que escudos, corpos e elmos,
Pae Tiberino, involverás nas ondas!

534-537 Que ora peçam batalha e o pacto quebrem.»
Do solio aqui se ergueu; sopítas aras
Com teda herculea esperta; e alegre o de hontem
Lar busca e humildes hospedeiros divos;

538-541 Rezes do estilo bianejas mata:
O mesmo faz Evandro e os jovens teucros.
Ás naus depois caminha; e d'entre os socios
Elege os mais guerreiros e prestantes;

542-544 Outros vam rio abaixo, ao tom das aguas,
O que obteve seu pae contar a Ascanio.
Corséis arreiam para o campo etrusco;

545-548 A Enéas um loução: leonino o amanta
Fulvo teliz de auriluzentes unhas.
Veloz no exíguo burgo a nova grassa
De ir a cavallaria ás tuscas tendas.

549-553 As mães duplicam votos, medra o susto,
Mór o perigo e a lide se afigura.
Na despedida Evandro ao filho a dextra,
Lagrimando insaciado, aperta e falla:
«Oxalá que eu tornasse ao vigor d'antes!

554-564 Quando, a vanguarda ufano destruindo,
Em Preneste incendiei montões de escudos;
E, remettendo ao Orco o regio Herilo,
Tres almas, que ao nascer a mãe Feronia
Lhe infundira, oh prodigio! este meu braço

Lh'as desfez, derribando-o com tres mortes,
E o despojei da tríplice armadura:
Então, meu doce filho, do teu lado
Nunca me apartaria; nem Mezencio,
Ás minhas barbas tanto horror cevando,
A viuva cidade funestara.

565-569 Mas, vós deuses, tu Jupiter supremo,
Do afflicto arcadio rei compadecei-vos,
Prece escutai paterna: se Pallante
O vosso nume e os fados m'o conservam,
Se hei de vel-o e adunal-o, a vida imploro;

570-575 Tragarei quaesquer penas: mas, Fortuna,
Se ameaças caso horrendo, agora, agora
Estale a cruel têa, emquanto ambíguo
Temo e espero o futuro, emquanto, ó caro,
Meu só e último gôsto, aqui te abraço:
Nuncio ingrato os ouvidos não me fira.»

576-581 Tal neste adeus se exprime e chora o velho;
Desfallecido, os servos o recolhem.
Pelas portas as turmas já despedem,
Á testa o heroe e Achates, e outros Phrygios
Dos mais grados: no centro luz Pallante,
De arnez pintado e chlâmyde vistoso;

582-584 Qual, do oceano orvalhada, a estrella d'alva,
A quem sôbre os mais astros Venus ama,
Altêa aos céos a fronte e solve as trevas.

585-587 Pávidas mães aos muros, de olhos seguem
Nuvem pulverea e o bando eri-fulgente.
Por encurtar jornada, espinhaes trilham;

588-592 Formam-se ao grito, a esboroal-o bate
Com som quadrupedante a ungula o campo.
Bosque ante o frio Cérite se estende,
Antigo e venerado; o qual circumdam
Negros abetos, curvos montes fecham.

593-595 Priscos Pelasgos, íncolas do Lacio,
Um dia e o luco he fama que a Silvano,
Deus das lavras e gados, consagraram.

596-598 Tárchon lá tinha os arraiaes seguros;
De uma collina o exército espalhado
Já se descortinava e ao largo as tendas.

599-609 Com seus guerreiros se adianta Enéas;
Lassos, dos corpos, dos cavallos curam.
A candida Cyprina os dons pelo ether
Nimboso traz, e ao filho em valle escuso
Retrahido enxergando á fresca margem,
Lhe dice rosto a rosto: «Eis os presentes
Que ingenhou meu consorte: não recêes
Laurentes suberbões nem fero Turno

Provocar.» Nisto, enreda-se nos braços
Do seu querido, e á sombra de um carvalho
Depoz fronteiro as fulgurantes armas.

610-613 Gostoso de honra tanta, em si não cabe;
Mira tudo e remira; embraça e apalpa,
Menêa e prova, de terrivel crista
O elmo flammívomo, a letal espada;

614-618 Bronzi-rija e sanguínea a gran'coiraça,
Qual se aos raios de Sol cerulea nuvem
Longe esplende e rubeja; as finas grevas
De electro e ouro acendrado, e a cota e a lança,
E a do broquel textura inexplicavel.

619-622 Nelle, o porvir sabendo e as profecias,
O artifice gravou de Italia as cousas
E os triumphos romanos, desde Iulo
A estirpe toda, e a serie das batalhas.

623-627 De Marte em verde gruta alli parida
Loba jaz, e a brincar das tetas pendem
Gemeos que a chupam sem pavor, e afagos,
Nedia a cerviz dobrando, a mãe reveza,
E os corpinhos lambendo os afeiçoa.

628-631 Gravou Roma, e as Sabinas do theatro
Raptas sem modo nos circenses ludos;
Entre os Romuleos e os severos Cures
Do velho Tacio a desparada guerra.

632-634 Depois, da ara de Jove os rêis armados,
Posto o certame, tendo em mãos as taças,
Em penhor da alliança a porca ferem.

635-638 Perto, oppostas quadrigas fustigadas,
Mecio esquartejam; visceras e membros
(Tu Albano perjuro, a fé guardasses)
Roja Tullo, e os sarçaes gottêam sangue.

639-641 Lá, para impôr Tarquinio expulso a Roma,
Porsena a cérca e opprime: a libertal-a
Contra o ferro os Enéadas remettem.

642-644 Como indignar-se o viras, torvo e irado,
Porque ouse Cocles só cortar a ponte,
E as prisões rompa Clelia e trane o rio.

645-647 No cimo, a rocha a vigiar Tarpeia,
Manlio o templo defende e o Capitolio;
Colmo romuleo o paço novo encrespa.

648-651 Argenteo ganso ao portico dourado
A esvoaçar dos Gallos dá rebate,
Que entre o mato, a favor da opaca noite,
Vinham-se approximando á fortaleza.

652-655 Aureo o crino, aurea a veste, e o saio em listras,
Luzem de aurea cadêa aos lacteos collos;
Cada qual dous rojões alpinos brande,
Com oblongos escudos se resguardam.

656-659 Abriu Salios dansando e nus Lupercos,
Topes lanosos, e do céo cahidas
Ancilias: castas mães em molles andas
Guiam pela cidade as sacras pompas.

660-664 Longe, o Tartaro abriu, plutonias fauces,
E os castigos da culpa; e a ti suspenso,
Ó Catilina, de um minaz rochedo,
Ante as Furias tremendo; e á parte os justos,
A quem rígidas leis Catão dictava.

665-668 Tambem de ouro, a espumar com branca vaga,
Representa o ceruleo inchado plaino;
Delphins de argenteo brilho, ás voltas, o esto
Rasgam, de cauda o pélago açoutando.

669-671 No meio, eneas armadas, accias guerras,
Todo a ferver Leucate em marte instructo,
Com o ouro viras fulgurar as ondas.

672-674 Cá, n'alta pôpa, Augusto arrasta aos prelios
Senado e povo, os deuses e os penates;
De ambas as fontes ledo exhala flammas;

675-678 Na cabeça lhe fulge a estrella patria.
Agrippa lá, propicios vento e numes,
Arduo commanda; e a frota victoriosa
Rostrada se orna da naval coroa.

679-681 Antonio alêm, ovante com o auxílio
Barbaro e vário, as fôrças traz do extremo
Bactro e eôos confins e roxas praias;

682-684 Com todo o Egypto, oh pejo! segue a espôsa.
Á uma ruem, se empégam; freme e alveja
O mar dos remos e esporões tridentes.

685-687 Crês despregadas Cycladas nadarem,
Montes baterem montes: com tal mole
Instam varões das torreadas pôpas!

688-691 Fachos estupeos voam, farpas zunem,
Rubra do fresco estrago a azul campina.
Sem vêr pós si dous áspides, com patrio
Sistro anima Cleópatra os soldados.

692-695 Contra Pallas, Neptuno e Venus, se arma
Com omnígenos deuses monstruosos
O ladrador Anubis: no conflicto
Marte, em ferro entalhado, se embravece;

696-698 Do ether as negras Diras, e ufanosa
Marcha a Discordia, espedaçado o manto;
Com sanguento flagello atrás Bellona.

699-701 O accio Apollo attentando o arco atesa
De cima: de terror o Arabe, o Egypcio,
O Indo, o Sabeu, voltaram todos costas.

702-709 Mesmo a raínha parecia os ventos
Invocar, soltar cabos, dar as vélas.
Já da futura morte em pallor tinta,
Da clade o rei do fogo fez que a tirem
O Iapyx e a corrente: mas defronte
Mesto abre o seio, e a veste arregaçando,
Ao verde gremio e latebrosas fontes
Chama os vencidos o gigante Nilo.

710-712 Com tríplice triumpho entrado em Roma,
De Italia aos deuses cumpre os votos Cesar,
Trezentos sagra amplissimos delubros.

713-716 Festa, applauso, alegria as ruas soam:
Em cada templo um côro ha de matronas,
Aras em todos ha, perante as aras
Touros immolam, de que a terra juncam.

717-719 Sentado ao niveo limiar de Phebo,
Reconhece elle as dadivas dos povos,
E dos portaes suberbos as pendura.

720-727 As vencidas nações longo desfilam,
Tam diversas em lingua, em trajo, em armas.
Nomades e Afros descingidos, Cares,
Lelagas, sagittíferos Celonos
Mulciber esculpira; e já mais brando

O Euphrates, e os Morinos derradeiros,
E os indomitos Dahas, e o bicorne
Rheno, e da ponte o Araxes indignado.

728-730 O heroe admira o dom, primor vulcanio;
Da imagem do porvir gozando ignaro,
Dos seus glória e destino ao hombro leva.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IX

✦

1-4 Entretanto que ao longe isto succede,
A Saturnia do Olympo Iris despacha
A Turno audaz; que em valle e sacro bosque
Do avô Pilumno acaso descansava.

5-16 «Turno, a Thaumancia diz com rosea bôca,
O andar do tempo o ensejo te offerece
Que um deus a prometter não se atrevera:
Deixada a frota e a praça, foi-se Enéas
Á palatina côrte; e em Córyto inda,
Seus confins penetrando, agrestes Lydios
Recruta e apresta. Hesitas? sem demora
Tu carros e frisões demanda, assalta
O confuso arraial.» Nas azas presto
Librada, monta ás nuvens, onde o ingente
Arco descreve. Ao conhecel-a o joven,
As palmas exalçando, com taes vozes

17-19 A fuginte acompanha: «Iris, das auras
Quem, eterno ornamento, a mim te envia?
Donde esta repentina claridade?

20-24 Rasgado o céo, deviso errantes astros:
Quem sejas, por teu mando ao prelio corro.»
Nisto, á margem caminha; e, haurindo a lympha

Á tona da corrente, aos deuses roga,
De muitos votos carregando os ares.

25-32 De auri-bordada veste e corséis rico,
Já na planicie o exército marchava.
Messapo á frente, a retaguarda cobrem
Os Tyrrhidas; no centro, as armas Turno
Sustenta em chefe, e a todos sobreleva:
Tal surge o Ganges, que silente em rios
Sete engrossa; ou, dos agros refluindo,
No alveo recolhe o Nilo a enchente pingue.

33-36 Crescendo escuro na campina, os Teucros
Um turbilhão de pó subito avistam.
De adverso bastião Caíco brada:
«Qual em globo voltêa atra caligem?

37-39 Arma, arma, socios, o inimigo avança,
Os muros soccorrei.» Trancam-se as portas,
Aturde a grita, apinham-se ás trincheiras.

40-45 Ao partir, ordem foi do sabio Enéas
Que, em successo furtuito, não se atrevam
No raso, mas de dentro se defendam:
Bem que á pugna os instigue ira e vergonha,
Encerram-se, e o preceito executando,
No vallo e torreões o ataque attendem.

46-49 Turno, com vinte insignes cavalleiros,
Transpõe tardia tropa, aos muros voa;
Pluma o adorna vermelha em casco de ouro,
Fouveiro thracio alípede cavalga.

50-57 «Quem enceta e a meu lado investe, ó bravos?
Quem?...» E um dardo arremessa em desafio,
Á praça arduo se arroja. Os seus o applaudem,
Atrás delle com fremito bramando
Horrísono: da inercia phrygia pasmam,
De que homens taes combate em plaino evitem
Á sombra do arraial. Furioso trota,
Invios sitios perlustra e ingresso tenta.

58-60 Se alta noite, insidiando o curral cheio,
Uiva na sebe o lobo ao vento e á chuva,
Berram cordeiros ao materno bafo;

61-65 Com gana á prêa ausente, elle braveja;
Sêccas de sangue as fauces, longa o anceia
A raiva de comer cortida e junta:
Não com menos violencia, ante os reparos
Arde ao Rutulo a dôr nos ossos duros;

66-71 Por onde e como desaloje os Teucros,
E no campo os derrame, idéa e pensa.
A frota, que ás trincheiras abrigada

Ondas fluviaes e marachões tornêam,
Invade-a: péga de um flagrante pinho,
Provoca férvido os contentes moços;

72-74 Que, do exemplo incitados, arrebatam
Fachos, tições: enrolam-se nos ares
Cinza e fagulhas, fumo e piceo lume.

75-77 Que deus, Musas, livrou do incendio os vasos?
Quem extinguiu, dizei-me, o fogo horrivel?
He prisco o facto, mas perenne a fama.

78-82 No Ida as naus quando Enéas construía
Para entregar-se ao pélago, assim contam
Que a Jove orara a Berecynthia madre:
«O que, domado o céo, pedir-te venho,
Dá, filho, á tua genitriz querida.

83-86 Ha muito amo um pinhal, a mim dicado
Nesse gargaro cimo, umbroso e opaco
De alvares troncos, de alentados bôrdos:
Leda o cedi para a dardania frota;

87-90 Hoje um temor solícita me rala:
Solve-o; possam comtigo as preces minhas,
As naus viagem nem tufão destroce:
Valha o têrem nascido em nossos montes.»

91-93 O que as estrellas gyra: «Ó mãe, responde,
Que fado exiges tu para estas quilhas?
Conseguir obra humana immortal vida!

94-101 Certo emprehender o Teucro incertos riscos!
Tal potencia a que deus foi permittida?
Antes, o pôrto ausonio as que aferrarem,
Salvo a Laurento Enéas transportando,
A mortal fórma desfarei; que sejam
Maritimas deidades algum dia,
E o ponto espumeo com seu peito rasguem,
Como a Nereia Doto ou Galatéa.»

102-104 Isto ao jurar, do irmão pela agua estygia
E torrentes de pez e atra voragem,
Annue; e ao senho treme o Olympo todo.

105-109 Raia o dia aprazado pelas Parcas;
De Turno a injúria dos baixéis as tedas
Faz que Cybele aparte. Aos olhos brilha
Nova luz, e da aurora em vasta nuvem
Os córos do Ida pelo céo transcorrem;

110-112 Aos Rutulos e Troas voz terrivel,
Talhando os ares, tomba: «Apressurados,
Phrygios, não vos armeis por esses lenhos;

113-115 Os mares quimará mais facil Turno
Que os meus sacros pinheiros. Ide sôltas,
Ide, Ops vos ordena, equoreas deusas.»

116-118 Subito as pôpas, cada qual das ribas
Cabos rompendo, os beques mergulhados,
Se afundam quaes delphins. Do pégo, oh pasmo!

119-122 Quantas retinha a praia bronzeas proas
Surdem, mudadas em virgineos rostos,
E vam-se ao largo. Os Rutulos se espantam,
Messapo enfia, turbam-se os cavallos;

123-125 Rouco o Tibre, assustado, o passo encolhe.
Só Turno, firme e afouto, anima, exprobra:
«Sam contra Enéas, grita, esses portentos;

126-130 Roubou-lhe Jove o sólito recurso:
Já nem tiros, nem fogo as naus aguardam.
Fechado o mar, vedou-se a fuga aos Teucros,
Falta-lhes o mais orbe; e a terra he nossa,
Mil ítalas nações por nós conspiram.

131-134 Nada os fataes oraculos me assombram,
Se de alguns o inimigo ora se jacta.
Basta a Venus que os seus na pingue Ausonia
Toquem: tenho outro fado, he retalhal-os...

135-143 Nefandos! que usurpar-me a espôsa querem.
Nem só pene aos Atridas uma affronta,
Nem se arme só Mycenas. Sufficiente
He cahir uma vez: têr já peccado
Sobrara a escarmentar os que inda o sexo
Não entejam femineo. Esses que estribam
Em vallo e fôsso, á morte curto empêço,
Em cinza resolvidas as muralhas
De Ilio não viram, por Neptuno obradas?

144-147 Quem, varões, a tranqueira a ferro escala,
E o trépido arraial comigo expugna?
Não vulcania armadura, não mil quilhas
Hei mister. Confederem toda a Etruria;

148-151 Não temam do palladio inertes furtos,
Nocturnos atalaias degolados,
Ou que no equino ventre nos mettamos:
Sitiando ás claras, queimarei seus muros.

152-156 Nem o ham com Danaos certo e Acheus bisonhos,
Que Heitor foi por dez annos entretendo.
Gasto o melhor do dia, o resto, amigos,
Refocillai-vos do comêço alegres,
E a combater a tento apercebei-vos.»

157-161 Mantêr emtanto a cargo tem Messapo
Vélas ás portas e ao redor fogueiras.
Cabos quatorze aos muros põe de guarda,
Com cem soldados cada qual, flammantes
De ouro e purpureos de lustrosas plumas.

162-164 Patrulham, rendem-se, e na relva bebem
De eneos pichéis vasando. Os fogos luzem,
E a folgar se despende a noite insomne.

165-167 Do vallo os Troas vigiando, em armas
Tem-se aos merlões; a medo as portas rondam,
Pontes communicando e baluartes.

168-170 A Seresto e Mnestheu, que ardidos instam,
Foi que Enéas fiou, se urgisse o caso,
Têr côbro em tudo e moderar os moços.

171-175 Cada esquadrão por sorte expõe-se aos muros,
E se reveza em postos arriscados.
Era de um sentinella o Hyrtacio Niso,
Valente, agil, perito em dardo e setta,
Que Ida fragueira a Enéas deu por socio.

176-178 Com elle estava Euryalo: um mais lindo
Não houve que vestisse arnez troiano;
Sombreava-lhe o buço intonsas faces.

179-182 Ternura os une; á lide a par correndo,
Então a mesma porta ambos velavam.
«Euryalo, diz Niso, um deus m'o inspira,
Ou quemquer chama deus o ardor que o punge?

183-192 A emprehender um combate, um feito insigne,
Me excita a mente; inquieta-me o repouso.
Nota a fiducia: os lumes quasi mortos,
Com somno e vinho os Rutulos prostrados,
Reina á larga o silencio. Ouve o que n'alma
Fermento e cuido: anhelam por Enéas
Senado e povo, e quem lhes traga novas
Cogitam; se o meu premio te asseguram
(Fique-me a fama), ao pé daquelle outeiro
Achar posso o caminho a Palantéa.»

193-195 Da glória estimulado, absorto o joven
Impugna o acre amigo: «E tu me enjeitas!
Abandonar-te eu, Niso, em dubio lance!

196-200 Nem tal meu pae, o marcial Opheltes,
Criou-me em terror graio e troicas lidas,
Nem tal me houve comtigo, dêsque abraço
Do eximio cabo a sorte. A luz desprézo,
E da que esperas honra em trôco a vendo.»

201-203 Niso então: «Assim Jove, ou deus propício,
A ti me torne ovante, que o teu brio
Não me he suspeito, nem podia sel-o.

204-206 Mas, se algum (riscos tantos considera),
Se algum nume ou revez me descaminha,
Deves sobreviver-me; es tam menino!

207-212 Haja, para enterrar-me, quem da pugna
Me subtraia ou resgate; e, se a desdita
M'o tolhe, quem suffrague o ausente corpo
E me adorne um sepulcro. Nem dôr tanta
Eu cause a tua mãe, que só das muitas
Seguir-te ousou, de Acesta não curando.»

213-216 E elle: «Futeis razões por demais teces;
Não mudo parecer: eia, partamos.»
Desperta os guardas, que no posto os rendem,
E com seu Niso ao principe caminha.

217-222 O Somno pelo globo derramava
O esquecimento e allívio dos trabalhos:
Sós em conselho os generaes dardanios,
Arrimados ao pique e á sestra o escudo,
Em pleno campo a discutir, pesquizam
Quem a Enéas ou como expediriam.

223-227 Niso e Euryalo á pressa, alvoroçados,
Audiencia pedem; que o negocio he grave,
Nem soffre dilação. Iulo acolhe-os,
E com licença o Hyrtácides começa:
«Attendei-nos, Enéadas benignos;

228-231 Por nossa idade não julgueis do intento.
Modorra e vinho os Rutulos sepulta;
Sítio asado observámos, onde a estrada
Junto á porta do mar se abre em dous ramos;

232-235 Raros os fogos, negro fumo deitam:
Se permittis que o lance aproveitemos,
Enéas cedo cá tereis de vólta,
Feita grande matança e rica presa.

236-238 Não ha temor de errar: de escuros valles
Em contínuas caçadas Pallantéa
Descobrimos, e o rio conhecemos.»

239-242 Aqui logo o maduro e annoso Alethes:
«Patrios deuses, de Troia arrimo eterno,
Não quereis extirpar-nos, pois creastes

Em peitos juvenis valor tamanho.

243-247 Qual... (nisto, ambos abraça, as dextras cerra,
E lhes inunda em lagrimas os rostos)
Qual, varões, vos será condigno premio
Á tanta audacia? O mais gentil vos paguem
Vossa virtude e o céo; depois, Enéas;

248-259 E na idade completa nunca Iulo
Deslembre este serviço.» - «Antes eu, Niso,
Que em meu pae só me salvo, ajunta Iulo,
Obtesto o lar de Assáraco e os penates,
E o juro aos penetraes da branca Vesta,
Minha fé, minha dita, em vós deponho:
Meu pae restituí-me; ao seu conspecto
Nada infausto haverá. Dous bellos copos
De prata e com relevos, que de Arisba
Captiva elle tomou, dous grandes aureos
Talentos ganharás, mais duas trípodes,
E a que Elisa me deu cratera antiga.

260-262 E se, a Italia domada, o sceptro alcanço
E os despojos partir; viste o cavallo,
Viste o arnez em que Turno campeava?

263-267 O broquel nítido, o cocar vermelho?
Serão teus, Niso, do sorteio exemptos.
Doze meu pae te brindará formosas

Mães e crias, escravos doze armados,
E as mesmas lavras que possue Latino.

268-272 A ti porêm, que em annos me semelhas,
N'alma te abraço e adopto por consócio,
Venerando menino: em qualquer ponto
Sem ti não terei glória; em paz e em guerra
Ser-me-ás fiel agente e conselheiro.»

273-278 Euryalo acudiu: «Nunca estes ausos,
Rode a fortuna próspera ou contrária,
Desmentirei; mas dom maior te imploro:
Minha mãe, do priâmeo prisco sangue,
De Ilio comigo se partou mesquinha,
Por mim de Acestes enjeitou o asylo;

279-284 Não saudada, ignorando esta aventura,
Vou deixal-a; eu não posso com seu pranto,
Por tua dextra e pela noite o affirmo:
Rógo-te que a soccorras e a consoles
Na penuria e viuvez; se esta esperança
Tenho de ti, com mais denodo parto.»

285-288 Abalados os Teucros lagrimavam,
Mórmente Ascanio; a imagem da paterna
Piedade o commovia, e assim perora:
«Tudo prometto, que mereces tudo.

289-291 Mãe ser-me-á, de Creusa excepto o nome:
A quem tal parto produziu compete,
Seja o evento qual fôr, mercê não leve.

292-299 Por vida minha, pela qual jurava
Meu pae, a tua mãe e aos teus respondo
Por quanto aqui reservo e te asseguro
Para o feliz regresso.» Então, choroso,
Do hombro a lamina despe, obra mui prima
Do Gnosio Lycaon, de punhos de ouro,
Embainhada em marfim. Mnestheu, leonino
Hirto espólio velloso a Niso doa;

300-304 Troca o morrião com este o fido Alethes.
Marcham prestes; e ás portas, entre votos,
De jovens e anciãos o que ha de illustre
Os conduz: manda ao padre o nobre Ascanio,
Já com viril prudencia, avisos cautos;

305-311 Que o vento espalha e em auras se esvaecem.
Transpondo os fossos, pela treva em busca
Do inimigo arraial, vam ser primeiro
De exicio a muitos. Vêm na grama esparsos
Ebri-dormentes corpos; empinados
Na praia os carros; vinhos e homens e armas,
Entre as rodas e os loros, de mistura.

312-315 «Amigo, adverte Niso, ânimo! he tempo.
O caminho eis-aqui: tu longe attenta,
Não nos dem por trás, vigia em tôrno,
Que eu te abro devastando e alargo a trilha.»

316-320 Preme a voz, e de espada aggrede o altivo
Ramnetes, que em felpudas alcatifas,
Sôlto a roncar, evaporava o somno:
Rei e augur dilectissimo ao rei Turno,
Da mortal peste o agouro não o esquiva.

321-326 Tres dos seus, que entre as armas jazem nescios,
Fere, e o pagem de Rhemo e o seu cocheiro
Sob os corséis deitado: ao talho os collos
Pendem. Corta a cabeça ao proprio Rhemo,
E em sangue fica a soluçar o tronco,
Do cruor quente a cama e o chão molhado.

327-330 Mata a Lamo e Lamyro, e o floreo e bello
Serrano; que, passada a noite ao jogo,
Ao deus se rende os membros estirando:
Oh! feliz, a jogar se amanhecera!

331-333 Tal, da fome esganado, o leão de salto
No redil mansa grei, de susto muda,
Roja, a bôca ensanguenta e voraz brama.

334-336 Não menor clade Euryalo abrazado
No ignobil vulgo exerce, e inadvertidos
Saltêa Abaris, Fado, Hebeso e Rheto;

337-341 Rheto que alerta espia, e atrás se agacha
De ampla cratera pávido; no erguer-se
Toda a espada enterrou-se-lhe, e dos peitos
Se lhe extrahe mais a vida; em ancias a alma,
Sangue e vinho a golfar, purpúrea exhala.

342-347 Férvido o Teucro no furtivo estrago,
Já vai-se aos do Messapo, onde a fogueira
Via apagar-se, e em pêas os cavallos
Pascer em ordem; quando Niso em breve
(Sentiu nimia a do ferro crua sêde):
«Basta, lhe diz; radeia o infenso dia.

348-350 Foi sobejo o castigo; a estrada he feita.»
Armas de argenteo engaste e argenteas copas
E tapetes lindissimos perpassam.

351-354 Euryalo o jaez toma a Ramnetes
E o cinto auri-tauxiado; que opulento,
Por contrahir n'ausencia o jus de hospicio,
Mandou Cédico a Rémulo Tiburcio;

355-358 Este ao neto os legando, e o neto em guerra
Morto, o Rutulo os houve. Em balde o joven
Ao forte hombro os ageita, e de Messapo
O casco enlaça de gentil cimeira.

359-368 Ao irem do arraial se pondo em salvo,
Trezentos cavalleiros adargados
Sob Volscente, no campo atrás deixando

Um corpo instructo, com respostas vinham
De Laurento ao rei Turno. E já propinquos
Ao muro, aos dous lubrigam pelo atalho
Dobrando á esquerda; sob a noite escassa,
O dilúculo no elmo reflectindo
Trahe o improvido Euryalo. Volscente:
«Alto! varões, clamou; bem vemos, alto!

369-373 Donde, aonde, a que fim marchais em armas?»
Sem boquejar, nas trevas mal fiados,
Para a espessura fogem; mas, cercando-os
Aqui e alli por cognitas veredas,
Trancam-lhes todo o passo os cavalleiros.

374-378 Basto escuro azinhal houve enredado
Com silveiras e espinhos; lá guiavam
Trilhos occultos e azinhaga estreita:
Empece a Euryalo intrincada a sombra,
Grave a prêsa, e o temor de extraviar-se.

379-381 Niso escapole, e vai sem tento ao sítio
Que ao depois, de Alba, foi chamado Albano;
Lá seus gados Latino encurralava.

382-388 Pára, e em redor o amigo em vão procura:
«Euryalo infeliz! onde encontrar-te?
Onde te abandonei?» Remexe e cata
Fallaz perplexa mata, retrocede,

Vaguêa em mudas brenhas. Dos cavallos
Ouve o rincho e o tropel, ouve as trombetas,
Nem tarda a ouvir clamor e a vêr o socio;

389-391 Que em turbido tumulto ás mãos colhido,
Pelo transvio e pela noite oppresso,
Contra o esquadrão inteiro o esfôrço balda.

392-394 Como, com que arma ousar, com que denodo
Libertal-o? hostis golpes arrostando
Irá ganhar, perdendo-a, eterna vida?

395-398 Eil-o, o braço contrahe, sopesa uma hastea,
E olhando a celsa Lua assim lhe implora:
«Dos astros honra, tutelar dos bosques,
Neste apêrto, Latonia, tu me ajuda.

399-402 Por mim se Hyrtaco padre encheu-te as aras,
Se eu do fecho e artesões do sacro tecto
Da caça os dons te pendurei, concede
Turbar aquella mó, rege esta lança.»

403-406 Dice; o corpo esforçando, a farpa atira:
Zimbra alígero hastil nocturnas sombras,
No dorso de Sulmon se espeta e quebra,
No pericardio as lascas se lhe encarnam;

407-412 Elle frígido rola, arca em soluços,
Do fundo a borbotar cálido rio.
Olham de espanto em roda; Niso activo

Libra de sôbre a orelha outro arremêsso,
Que a Tago as fontes a silvar traspassa,
E adhere quente ao cerebro encravado.

413-415 Em braza e atroz, sem vêr o autor dos tiros,
Nem por onde acommetta, urra Volscente:
«Por ambos vai pagar teu morno sangue.»

416-421 Despida a espada, a Euryalo se envia;
Niso attonito grita, nem se encobre
Na treva mais, que a dôr o não consente:
«A mim o ferro, a mim que tenho a culpa,
Rutulos, convertei: nada ousou este,
Nem poude, aos céos o juro e aos conscios astros;

422-424 Sim quiz muito a um amigo desgraçado.»
A taes razões, o estoque iroso as costas
Vara e ao coitado o branco seio rasga;

425-429 Tomba Euryalo, em sangue os pulchros membros,
No hombro a cerviz debruça moribundo:
Ao talho assim do arado, fallecendo
Murcha a rosa; ou, das chuvas aggravada,
O collo inclina a languida papoila.

430-434 Niso arremette, ao só Volscente busca,
Só quer-se com Volscente; em massa o atacam:
Desinvolto rodêa, e pela bôca
No Rutulo bramante esconde o gume
Fulmíneo; a vida arranca-lhe morrendo.

435-440 Aberto em chagas, sôbre o amigo exanime
Se deita, e expira em placido socêgo.
Par ditoso! terás, se em verso eu valho,
Perpétua fama, emquanto o pae de Roma
O orbe domine, e a geração de Enéas
Do Capitolio habite a rocha immovel.

441-447 A prêsa, o espólio, o morto os vencedores
Levam chorando. He mór no campo o lucto,
N'um morticinio achados com Ramnetes
Numa exsangue, Serrano e tantos cabos:
Os semivivos corpos e os finados
Contempla a turba, e o chão que da carnagem
Fuma, e em regatos o espumante sangue.

448-455 Nos despojos conhecem de Messapo
O elmo, os jaezes com suor cobrados.
Já largando a tithonia crócea cama,
Radiava no mundo a prima Aurora:
Turno, diffusa em tudo a luz phebéa,
Arma-se e arma os varões, e as bronzeadas
Esquadras cada chefe estimulando,
Com rumor vário lhes aguça as iras;

456-458 E sôbre hastas erectas, insultando-os
Com algazarra, aspecto lastimoso!
Pregam de Niso e Euryalo as cabeças.

459-468 Á esquerda os Teucros firmes se postaram,
Que a dextra os cinge o rio; estam mantendo
Fossos e torreões, com mágoa as frontes,
Bem conhecidas, contemplando fixas
A estillar negra sanie. A Fama adeja
Pelos pavidos muros empennada,
E de Euryalo á mãe toa aos ouvidos:
Enfia e gela a triste; a lançadeira
Das mãos lhe cahe, e o fio que tramava:
Demente voa, carpe-se ululando;

469-471 Entre armas e esquadrões, sobe ás amêas,
Sem lhe importar perigo, e os ares parte
Com femíneo queixume: «Es tu, meu filho?

472-476 Baculo dos meus annos, tu pudeste,
Cruel, negar-me o arrimo? nem, a tantos
Riscos mandado, á genitriz mesquinha
Déste um adeus sequer? Ai! filho, jazes
Prêa de aves e cães em terra estranha!

477-480 Eu mãe, nem te cerrei funerea os olhos,
Nem as chagas lavei, te expondo involto
Na têa que lavrava dia e noite,
Consolando os pezares da velhice!

481-483 Onde os laceros orgãos, rotos membros,
Onde achar? Isto só de ti me resta,
Perigrinei para isto e affrontei mares?

484-488 Se ha piedade em vós, morra eu primeira,
Com vossos dardos, Rutulos, varai-me;
Ou, pae supremo, um raio teu me abysme,
Por compaixão, no Tartaro maldito,
Já que a dôr não me atalha a infausta vida.»

489-493 Tudo geme, e o lamento conturbados
Os corações consterna e os entorpece:
Poisque o lucto accendia, ao mando e aviso
De Ilioneu e de Ascanio lagrimoso,
Ideu e Actor em braços a recolhem.

494-497 Medonho ereo clangor reboa ao longe,
A grita se une á tuba, e o céo remuge.
Conchada a manta, os Volscos se aforçuram
A entulhar fossos, a arrombar tranqueiras;

498-502 Taes insistem na brecha ou na escalada,
Por onde a guarnição ralêa e em pinha
Menos densa entreluz. Com duros fustes,
Com omnígeno tiro os defensores,
A longo assédio afeitos, os repellem;

503-505 Pesadas galgam pedras, porque rompam
A espessa manta, a cujo abrigo o choque
Os de fóra sustêm: mas já não podem;

506-510 Que, onde o grosso adensava-se, o inimigo
Volve impetuosa mole, que os esmaga
E a testudem separa: em cego marte

Não pugnam mais; intrepidos a dardos
Lançar porfiam da estacada os Phrygios.

511-514 D'alêm, torvo e feroz, Mezencio o etrusco
Pinho e brandões fumíferos sacode;
De frisões domador, neptunia prole,
Vallos destroe Messapo e escadas pede.

515-518 Agora tu, Caliope, me ensina;
Lembrai, narrai-me, ó deusas da memoria,
Que ruína e pranto fez de Turno o ferro,
Por quem foi cada qual mettido no Orco;

519-530 Desdobrai-me as da guerra ingentes orlas.
Tôrre altaneira havia e de arduas pontes
Em lugar proprio: os Italos as fôrças
Por derrocal-a envidam; propugnando-a,
Soltam calhaos os Troas, das setteiras
Despedem frechas mil. Turno o primeiro
Joga ardente lanterna, e affixa ao lado
Flamma, que atêa ao vento e em solhos prende,
Roe e agarra aos portaes. Confuso e trépido
O tropel dentro em vão se refugia:
Recuam e amontoam-se onde a peste
Não grassa; a tôrre, desabando ao pêso,

531-537 Rebenta, e do fragor todo o céo troa.
De seu ferro passados, semimortos,
O amplo destrôço os cobre, ou vem de peitos

Sôbre o rijo madeiro. Escapa Lyco,
E o florente Helenor, a quem Licymnia
Serva ao meonio rei gerou bastardo,
E o mandou, contra o jus, armado a Troia;

538-540 Leve, em branco a rodela, inglório esgrime.
De Turno acha-se o moço entre as fileiras,
Aqui e alli de batalhões cercado;

541-545 Perecedouro envia-se aos Latinos,
Onde as lanças mais chovem: qual, de bastos
Monteiros acuada, em sanha a fera,
Não ignara affrontando a morte certa,
De um só pulo aos venabulos se arroja.

546-554 E Lyco, mais ligeiro, entre hostes e armas
Deita a fugir; a amêa quer pendente
Apprehender, segurar-se ás mãos dos socios:
Turno á carreira dardejando o acossa,
Victorioso o invectiva: «O alcance nosso,
Louco! evadir contavas?» Pelas pernas
O aferra, e traz com gran'porção do muro:
No surto assim a armígera de Jove
Prêa nas unhas lebre ou alvo cysne;

555-563 Assim rouba do aprisco o marcio lobo
Anho á mãe, que o reclama em seu balido.
A vozeria ecchoa: invadem, fossos
Entupem de fachina; aos altos parte

Achas vibra. Do monte c'um fragmento,
Pedra enorme, Ilioneu prostra a Lucecio,
Que á porta achega fogo; a Emathio Ligro,
A Choryneu Asylas, bom na setta
Fallaz de longe aquelle, este no dardo.

564-566 Ceneu derriba a Ortygio, a Ceneu Turno;
Turno a Clonio, Itys, Sagaris, Dioxippo,
Prómulo, Idas, na estancia dos cubellos.

567-571 Capys mata a Priverno, a quem Temillas
D'hasta roçara: ao descobrir-se incauto
Apalpando a ferida, ao lado esquerdo
Rapida a letal setta a mão lhe prega,
Dentro os d'alma espiraculos rompendo.

572-578 Formoso, em pulchro arnez, de Arcente o filho
Broslada a farda em cêrco e de ferrenha
Tinta ibera, o expediu seu pae, que em bosque
Marcio o criara, onde ás symettias margens
Ara pingue e placavel tem Palíco:
Deposta a lança, vezes tres Mezencio
Voltêa a funda, zunidora a impelle;

579-590 E, com líquido chumbo a do contrário
Testa rachando, n'ampla arena o estende.
Consta que Iulo, usado á montaria,
A guerra então provou, com agil frecha
Rendendo o acre Numano, appellidado

Remulo, que á menor irmã de Turno
De fresco se enlaçara; e ante as phalanges,
Vociferando infamias com doestos,
Dessa alliança túmido e orgulhoso,
Anda, e arrogante em gritos bizarrêa:
«Não vos peja outro assédio e á morte, ó Phrygios
Bi-captivos, trincheira e vallo oppôrdes?

591-593 Eis os campeões que as bodas nos disputam!
Que deus, que insania vos lançou na Italia?
Atridas cá, nem fraudulento Ulysses;

594-599 Rija estirpe encontrais. No rio e ao forte
Gelo os recemnascidos roboramos:
Caçam ledos, a mata infantes batem,
Do arco assettêam corneo, amansam poldros:
Moços, trabalho aturam, comem pouco,
Domam de ancinho a terra, expugnam praças.

600-602 Gasta a idade em batalhas, de hasta inversa
Picamos nossos bois; nem torpe as fôrças
A velhice nos míngua e o vigor d'alma;

603-607 O elmo nos preme as cãs; recentes prêsas
Nos praz sempre acarrear, viver de roubos.
Trajais múrice ardente, em cróceas galas
Amolleceis; agradam-vos choréas,
Laços nas coifas, tunicas de mangas.

608-611 Phrygias, não Phrygios, pelo Dindymo ide;
Á tibia afeitas bísona, esses gladios
A homens largai: da Berecynthia o buxo
Ideu vos chama, e adufes e tymbales.»

612-620 Pragas, jactancias, não lh'as soffre Ascanio:
De frente ajusta a setta ao nervo equino;
Encurva as pontas, e detido a Jove
Implora humilde: «Omnipotente padre,
Annue á nova audacia; eu dons solemnes
Te offertarei no templo, e ante os altares
Branco novilho de dourada fronte,
Que á mãe se iguala e entona-se, remette
Já de corno e de pés a arêa esparge.»

621-626 Do céo sereno, á esquerda, o rei troveja:
O arco estala mortífero, e despede
Horrísono farpão, que as fontes cavas
De Remulo atravessa. «Vai, moteja
Do dardanio valor. Dos bi-captivos
Esta a resposta ás rutulas bazofias.»

627-634 Não mais Ascanio; o teucro applauso estronda,
Fremem de gôsto, exaltam-no ás estrellas.
De cima o deus crinito, em lata nuvem
Sentado, olhava o exército e a cidade,
E ao vencedor menino: «Em brios, dice,

Medra, Iulo; assim, garfo e tronco divo,
Se monta aos astros: no porvir, das guerras
O jus terá de Assáraco a prosapia;

635-646 Tu não cabes em Troia.» A taes palavras
Do ether se atira, e as virações talhando,
A Ascanio busca; transformou-se em Butes,
De Anchises pagem, seu leal e antigo
Porteiro mór, accrescentado em aio
Do filho por Enéas. Ia Apollo
Semelhando-o na voz, tez, cãs, e em armas
Sevi-sonoras; e ao fogoso alumno:
«Baste, Eneada; impune ao gran' Numano
Frechaste; bello ensaio! a Phebo o deves,
Que não te inveja em feitos o emparelhes:
Mas poupa-te, menino.» Aqui, despindo

647-649 Mortal aspecto e no ar se esvaecendo,
Na fuga o deus aos proceres mostrou-se,
Que sentem chocalhar na aljava as settas.

650-652 Por mando pois de Phebo o ávido moço
Cohibem do conflicto, e a elle tornam,
Mettendo a vida em manifestos riscos.

653-660 Muros, baluartes o alarido afunde.
O arco atesam robusto, amentos libram,
Juncam dardos o solo; escudos e elmos
Rugem do attrito; endura-se a peleja:

Tal de occíduo aguaceiro o chão verberam
Os cabritos nimbosos; tal graniza
No mar, quando o Tonante horrendo esguelha
Austral procella e despedaça as nuvens.

661-665 Pandaro e Bicias, de Alcanor progenie,
Que, a abetos do seu monte iguaes, criou-os
No ideu bosque de Jove a agreste Hiera,
A porta abrem que Enéas commetteu-lhes,
E afoutos o inimigo desafiam.

666-675 Dentro, em face das tôrres, de aço e malha,
De altas plumas, á dextra e á sestra luzem:
Qual, nas margens do Pado ou nas que ameno
O Athesis rega, géminos carvalhos,
Intonsos desferindo aerios topes,
Verde a coma balançam. Livre a entrada,
Os Rutulos investem. Já Quercente,
Tmaro assomado, Equícolo galhardo
E o marcio Hemon as tropas retrahiam,
Ou junto ao limiar as vidas punham.

676-686 Ceva-se e cresce a raiva, e em globo os Teucros
De fóra ousam travar renhida pugna.
Turno, que alhures bravo estroe e arrasa,
Soube que, franco o accesso, os Teucros fervem
Do fresco estrago; e, indomito bramindo,
O ataque larga, e á porta rue Dardania
Contra os feros irmãos: topando abate

A Antiphates audaz, que uma Thebana
Ao gran' Sarpédon engendrou furtiva:
O ítalo corneo dardo os ares frecha,
Rasga-lhe o estomago e o profundo peito;

687-689 Vérte a negra ferida espumeas ondas,
E no pulmão varado o ferro aquece.
A Méropo e Erymantho e Aphydno prostra;

690-694 Prostra a Bicias, fremente e de ígneos olhos,
Não com dardo, que o dardo inutil fôra,
Mas fulgurea falárica rechina,
Bote a que dous não bastam coiros taureos,
Fiel dupla loriga de ouro e escamas;

695-699 O chão da quéda geme, e o corpo enorme
Sôbre o immenso pavez se estira e toa:
Qual, em Baias euboica despenhado
Saxeo pilar, com mole ingente erguido,
Cahe no golpho arruínando e em vaos se acrava;

700-702 Turbido o mar, remexe arêa e lodo,
Treme a alta Prochyta, Inarime ecchoa,
Covil duro a Typheu por Jove imposto.

703-706 Fuga e atro medo aos Teucros infundido,
Marte aos Latinos o acre ardor aviva;
Que, dado o ensejo, intrepidos concorrem,
E o deus armipotente embebem n'alma.

707-709 Ao vêr o irmão por terra, o angusto caso
E má fortuna, Pandaro a couceira
Torce, á porta arrimando os hombros largos;

710-714 Mas, fóra em transe amaro os seus deixados,
Recolhe uma torrente de inimigos:
Nescio! em Turno impetuoso não repara,
Que entre a chusma na praça está mettido,
Como entre gado imbelle immano tigre.

715-722 De olhos corisca, horrendo as armas soam;
No cimo a tremular sanguineas cristas,
Ascuas fuzila o escudo. A catadura
Conhecem logo do membrudo chefe
Turvados Teucros, e o gigante pula,
Férvido e iroso da fraterna morte:
«Esta a régia dotal não he de Amata,
Nem de Ardea o patrio muro a Turno encerra;

723-729 Vês hostís arraiaes, sahir não podes.»
Turno surri tranquillo: «Anda, se es homem,
Vem combater; e a Priamo refiras
Que outro Achilles achaste.» Aqui sacode
Com summa fôrça Pândaro escabrosa
Lança de asperos nós; que, no ar frustrada,
Por Saturnia, retorce e o portal ferra.

730-732 «Pois da arma que manejo não te eximes;
He differente o golpe e a mão que o vibra.»
Eil-o, se alça nos pés, roda o montante;

733-738 E, as temporas partindo e impubes queixos,
A cutilada a fronte escacha em duas.
Do abalo a terra estronda: alli, morrendo,
Os frouxos membros roja e dos miolos
O arnez cruento; por igual fendida,
De um hombro e do outro pende-lhe a cabeça.

739-742 De assustados o dorso os Teucros viram;
E, romper a estacada se occorresse
Ao vencedor e introduzir os socios,
Nesse dia findara a guerra e Troia;

743-746 Mas crua ardente sêde o arrasta e cega.
A Sagaris jarreta e a Gyges logo,
Hastas que saca aos fugitivos darda,
E Juno a perseguil-os o acorçoa.

747-749 A Halys e pela adarga a Phegeu crava;
Tronca a Noemon, Prytanis, Halio, Alcandro,
Que inscios no muro o assalto rechassavam.

750-755 Estribado á trincheira, destro o gladio
Brande a Lynceu, que investe e auxílio clama;
A cabeça de um talho cerceada

Longe com o elmo jaz. Terror das feras
De um revez tomba Amyco, sem segundo
No hervar a frecha e empeçonhar o ferro;

756-759 Mais o Eolides Clycio, e Creteu vate,
Caro ás musas; Creteu, cujo gôsto era
Tender accorde os nervos do alaúde,
Armas cantar, varões, corséis, batalhas.

760-763 Á nova do destrôço, ardido acode
Com Seresto Mnestheu, que dentro encontram
O inimigo, e os consocios derrotados:
«Onde, brada Mnestheu, fugis, Troianos?

764-766 Que outros muros tereis, que outra guarida?
Um só homem, fechado em vossa estancia,
Faz impune tamanhos morticinios?

767-769 Tantos guerreiros precipita no Orco?
Sem pejo do rei nosso e nossos deuses,
Não vos instiga e move a patria mesta?»

770-773 Isto os alenta e inflamma, em mó corregam;
E Turno, em retirada, a parte busca
Pelas aguas cingida: a grandes brados
Com mais vigor o acossa o tropel todo.

774-780 Se a leão truculento de azagaias
Vexa a turba, aterrado e acerbo olhando
Recúa; nem dar costas lhe consente
Ira ou valor, nem ousa, embora o anhele,

Acommetter zargunchos e monteiros:
Não de outra fórma Turno, dubio e lento,
Retrocede, estuoso e furibundo;

781-784 Invadiu mesmo as hostes vezes duas,
Duas as poz em fuga e debandada.
Mas já n'um corpo o exército se apressa:
Nem a propria Saturnia a mais se atreve;

785-787 Que o soberano irmão lhe mandou Iris
Com ordens pouco brandas, se insistindo
Seu valído as muralhas não despeja.

788-790 De um chuveiro de lanças molestado,
Nem braço nem broquel já basta ao joven:
O elmo em tôrno estrepíta e crebro tinne;

791-795 O ereo solido arnez abolam pedras;
Desmanchado o cocar, desfeita a malha,
Dobram-lhe os tiros, golpes lhe amiuda
O fulmíneo Mnestheu. Revê dos poros
Largo suor e píceo arroio mana;

796-798 Egro respira, o folego açodado
Lhe agita os lassos membros. Todo em armas
No flavo Tibre se atirou de um salto;

799-800 Mansa a vêa o recebe, ufano o leva,
E da matança puro aos seus o entrega.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO X

✦

1-4 De par em par o omnipotente Olympo,
Concílio o pae divino e rei dos homens
Chama á siderea côrte; excelso as terras
Fita e o campo troiano e os lacios povos.

5-7 Sentam-se; elle nas salas bipatentes
A mão tomou: «Celícolas egregios,
Porque, mudados, contendeis iniquos?

8-10 Vedei guerra entre os Italos e os Phrygios,
E revéis a soprais? Que medo uns e outros
Compelle ás armas e provoca o ferro?

11-14 Não vos anticipeis, que em Roma altiva
Um dia soltará Carthago fera
Exicio grande e os devassados Alpes:
Odios então permitto e o saque e os prelios;

15-22 Quero hoje paz, condescendei comigo.»
Breve Jupiter foi; mas Venus linda
Não breve o contestou: «Poder eterno
De humanos e immortaes (pois que outro apoio
Implorar devo?), a rutula insolencia
Notas, padre, e o ruído com que Turno
Campêa tumido em propicio marte:
Vallo ou muralha os Phrygios não resguarda;

23-25 Dentro e nos bastiões pelejas travam;
Sangue os fossos inunda. Ausente Enéas
O ignora. O sítio nunca mais levantas?

26-28 Ilio nascente os inimigos forçam;
Outro exército avança, e de Arpo etolia
Ameaça os Teucros outravez Tydides.

29-32 Certo me aguardam, penso, outras feridas;
Mortaes armas receio, eu prole tua.
Se a teu pezar estam na Hesperia os Troas,
Não m'os ajudes, seu delicto expurguem;

33-41 Se lei cumprem superna e a voz dos manes,
Como inda ha quem transverta as ordens tuas
E reforme o destino? As naus combustas
De Eryx na praia, o rei das tempestades
Cabe allegar na Eolia concitado,
E Iris do céo baixando? Ora até move
(Restava este recurso) o mesmo inferno,
De chofre acima remettendo Alecto,
Que a debacchar a Italia contamina.

42-47 Já de imperios prescindo: isso esperámos
Em melhor quadra; vença quem te agrade.
Se, dura aos nossos, tua espôsa nega
Na terra um canto, pelo exicio de Ilio
Fumante obsecro, do conflicto o neto
Incólume apartar me outorga, ó padre.

48-50 Bote-se Enéas por ignotos mares
Á mercê da fortuna: eu valha ao menos
De impio combate a subtrahir Ascanio.

51-53 Tenho Idalio, Amathunta e a celsa Paphos,
Mais Cythera, onde obscuro imbelle viva:
Deixa que Tyro atroz a Ausonia opprima;

54-58 Elle nada obsta ao punico dominio.
Que monta que, evadido á peste argiva,
Das chammas se livrasse? que, em demanda
Da recidiva Pérgamo, os perigos
De immenso mundo e pélago exhaurisse?

59-61 Porque sob patrias cinzas não ficaram?
Miseros, peço, os rende ao Xantho e Símois;
Tornem, padre, a versar de Troia os casos.»

62-72 Juno régia, o rancor não mais contendo:
«Pois a romper e a divulgar me obrigas
A silente ima dôr? Que deus ou que homem
Fez que a Latino o surrateiro Enéas
Hostilizasse? Á Italia, fado seja,
Foi-se a impulsos das furias de Cassandra:
Nós o forçámos a largar a praça,
A vida entregue aos ventos? a um menino
Confiar o commando? a fé tyrrhena
E a paz turbar dos povos? A taes faltas
Qual nume o arrasta, qual dureza nossa?

73-78 Iris baixou do céo, entra aqui Juno?
He mao que Ilio nascente as flammas cinjam,
E ao paiz ame Turno, o de Venilia
Deusa nado e tresneto de Pilumno:
Que importa que atro facho Ilio sacuda,
Subjugue o Lacio, atheios campos tale?

79-85 Que sogros fraude, a noivos tire noivas?
Que armas nas pôpas fixe e o ramo arvore?
Roubar da achiva garra o filho podes,
Por vã nevoa trocal-o; a frota em nymphas
Tu podes converter: um pouco a Turno
Soccorrermos he crime. Enéas tudo
Ausente ignora: pois ignore ausente.

86-91 Que! tens Paphos, Cythera, Idalio; e tentas
Um chão de guerras prenhe e a peitos feros?
Nós de Ilio os debeis restos subvertemos,
Ou quem miseros Troas contra os Gregos
Assulou? Foi por nós que o rapto armado
Solvera de Asia e Europa as allianças?

92-95 Que o Phrygio adultero espugnara Espartha?
Eu lides fomentei com paixões torpes?
Teu medo então convinha: tarde surges
Com injusto queixume e futil bulha.»

96-99 Juno orava; os celícolas sussurram
Com vário assenso, qual primeiro os sopros
Na mata a murmurar voltêam cegos,
Annúncio da procella ao marinheiro.

100-108 Do arbitro poderoso ao grave accento,
Cala a diva morada, o ar summo cala,
Nos eixos treme a terra, amaina o pégo,
Zephyros socegando: «Ouvi-me, e n'alma
A sentença imprimi. Já que he defeso
Teucros e Ausonios congraçar, nem finda
Vossa discordia, esperançoso corra
Seus fados cada qual, desde hoje trato
Sem differença a Rutulo ou Dardanio;

109-112 Quer á Hesperia nocivo ature o assedio,
Quer por êrro de agouro em mal de Troia,
Jogado o lanço foi: rei justo ás partes,
Jupiter os destinos não desliga;

113-115 Estes rumo acharão.» Pela do estygio
Irmão picea torrente e negro abysmo
Jura, e ao nuto estremece o Olympo todo.

116-127 Fecha o concílio: ergueu-se do aureo throno;
E ao limiar os deuses o acompanham.
Insta o Rutulo emtanto á roda e ás portas,
Mata, incendeia, estraga. Atêm-se aos vallos
A encerrada legião, sem mais refúgio:

Rara os muros coroa, e as tôrres altas
Ah! mal guarnece. Á testa Asio Imbracides,
Os Assaracos dous, o Hicetaonio
Thymetes, e Castor e o velho Thymbris
Estam; mais Claro e Hemon da nobre Lycia,
De Sarpédon germanos. Gran' penedo,
Viva lasca do monte, Acmon Lyrnessio

128-130 Deita ás costas, e iguala a seu pae Clycio
E a Mnestheu seu irmão no esfôrço e arrôjo.
Com zagaias, com pedras se defendem;

131-133 Remessam fogo, ao nervo adaptam settas.
Da Cypria ancia e cuidado, alli no meio
Brilha sem casco o bello adolescente;

134-138 Na cerviz lactea o crino desparzido,
Molle círculo de ouro o ata e apanha:
Dest' arte, em fulvo engaste a gemma adorna
Fronte ou collo, e embutida eburnea peça
No orício terebintho ou buxo esplende.

139-141 Viram-te, Ismaro, as gentes valorosas
Despedir frechas de veneno armadas,
Garfo brioso da Meonia fertil;

142-144 Onde agros o Pactolo irriga de ouro.
Mnestheu não falha, a quem sublima a glória
De haver a Turno da bastida expulso;

145-147 E Capys, de quem teve o nome Capua.
Da guerra o cargo repartiu-se entre elles;
De vólta, rasga o heroe nocturnas vagas.

148-158 De Evandro assimque passa ao rei da Etruria,
Quem era expoz, a que ia, em que he prestante;
Quanto auxílio grangêa o cru Mezencio,
Quam violento o rei Turno, quam fallivel
A sorte humana; e preces intermeia:
Tárchon allia sem demora as fôrças,
E os pactos fere. Sôlto o fado, os Lydios
Com chefe externo, por querer divino,
Se embarcam. Vai diante a pôpa eneia,
Phrygios leões ao beque, e na bandeira
O Ida, enlêvos dos prófugos Troianos.

159-162 Sentado Enéas, volve em si tam varios
Eventos; e Pallante, á sestra, inquire
Já do sidereo curso e opaca noite,
Já dos trabalhos delle em mar e em terra.

163-172 Abri-me o Helicon, Musas; descantai-me
Que tusca multidão, munindo os lenhos,
Vogue na azul campina. Após Enéas,
Massico vem na Tigre eri-chapeada,
Com bravos moços mil de Clusio e Cosas,
De arco letal ao hombro e de polido
Sagittífero coldre. O brusco Abante

A par, a gente relumbrava, e á pôpa
Dourado Apollo: Populonia madre
Mancebos destros lhe fiou seiscentos;

173-178 Trezentos Ilva, de metal chalybio
Fecunda ilha inexhausta. O mago Asylas,
A quem o humano e o divinal descobrem
Astros, fibras de rezes, linguas de aves
E o presago fulgor, conduz terceiro
De hastatos mil espesso horrendo bando;

179-184 Que lh'os subordinou, de alphéa origem,
Pisa etrusca. Pulchérrimo, em cambiante
Arnez afouto e em seu corsel, trezentos
Astur ajunta (um mesmo ardor em todos)
Na patria Cérete, em minionias margens,
Pestífera Gravisca e Pyrgo-Vedra.

185-196 Não te omitto, ó Cyniras, bellacissimo
Rei da Liguria; e a ti, que poucos mandas
E has no tope, Cupavo, cysneas pennas:
Foi culpa aos vossos a amizade, a insignia
He da paterna fórma. Cycno, contam,
Saudoso de Phaeton, quando entre choupos,
Das irmãs deste á sombra, o amor em nenias
E o lucto consolava, em brandas plumas,
Qual velho encanecendo, ao céo cantando

Se elevou. Na companha iguaes pennachos,
Rema o filho alta nau, donde um centauro
Arduo com pedra enorme acena ás aguas,

197-200 Arando o buco longo o plaino equoreo.
Tambem da patria move as turmas Ocno,
Prole da vate Manto e um tusco rio,
Que o nome da mãe deu-te e muros, Mantua;

201-203 Mantua, rica de avós, não de uma estirpe,
De tribus tres, por tribu quatro curias,
Es cabeça, e te alenta o sangue etrusco.

204-206 Dalli contra Mezencio, em pinho infesto,
Do pae Benaco o Mincio, de arundineo
Verdoengo véo, despeja mais quinhentos;

207-212 Auletes serio os guia, e vira e açouta
De arvores cento o marmore espumoso:
Tral-o immano tritão, que os váos ceruleos
A buzio aterra, humano híspido o rosto,
De ceto o immerso ventre, ao semiféro
A vaga sob o peito alveja e estoura.

213-216 O thetio sal com bronze, em baixéis trinta,
A pró de Troia cabos taes retalham:
A alma Phebe, o Sol posto, meio Olympo
Já no carro noctívago attingia.

217-224 O cauto Enéas, sem dormir cuidoso,
Prosegue dirigindo o leme e as vélas:
Eis um côro de nymphas lhe apparece,
Naus suas que a benéfica Cybele
Deusas do ponto fez; a nado o sulcam
Tantas emparelhadas, quantas ereas
Proas retinha a praia, e apercebendo
A seu senhor, com dansas o circundam.

225-227 Atrás Cymódoce, a melhor fallante,
Na dextra a pôpa tendo, altêa a espadoa,
Sorrema com a esquerda as ondas mudas;

228-233 Ignaro o adverte: «Enéas, tu vigias?
Vigia, ó divo, ao panno escotas larga.
Do cume sacro ideu somos teus pinhos:
Do Rutulo a perfidia a ferro e fogo
Nos apertava, e amarras nós invitas
Quebrando á pressa, em tua busca andamos;

234-241 Que em fluctícolas deusas compassiva
Aviventou-nos Rhéa. Ascanio, saibas,
Dos rojões do latino feio marte
A custo se defende; já da Arcadia
Junta a cavallaria ao Tusco extrénuo
Postou-se onde marcaste, e firme a que elles
Se approximem da praça oppõe-se Turno:
Sus, na alvorada a l'arma soar manda;

242-245 O invicto escudo embraça de orlas de ouro,
Primor do Ignipotente. Em mim se crêres,
Será crástina a luz espectadora
De rutula estupenda mortualha.»

246-255 Então, não pêca no mister, a pôpa
Celsa empurrando, pelas ondas foge,
Ligeira como a frecha ou leve xara:
As mais tambem. Estupefacto o Anchíseo,
Comtudo anima os seus com tal presagio,
E ora curto, encarando o azul convexo:
«Divina genitriz, que as tôrres prezas,
Leões cangas e enfreias; pois me induzes
Á guerra, ó Dyndimene, o agouro aspira,
Com pé vem protector, assiste aos Phrygios.»

256-265 Al não dice; e, á carreira o Sol tornando,
Com lume já maduro espanca a treva.
Logo Enéas, bandeiras despregadas,
Arma, apresta, acorçoa. D'alta pôpa
Seus arraiaes contempla, e ao braço esquerdo
Exalça o ígneo broquel. Do muro os Teucros,
Voz em grita (a esperança esperta as iras)
Jaculam tiros: quaes sob um nublado
Grasnam strymonios grous, que a Nôto esquivos,
Dando ledos a senha, os ares tranam.

266-274 Turno e os seus o estranhavam, té que enxergam,
Pôpas vôltas á praia, o mar coalhando,
A frota prolongar-se. Arde a celada,
Lampeja a Enéas o cocar, do escudo
O diamante flammívomo centelha:
Lugubre assim rubeja em lenta noite
O sanguíneo cometa; ou, sêde e morbos
Dardejando aos mortaes, fervente Sirio
Com funesto luzir contrista o pólo.

275-280 Nada esmorece a Turno; apoderar-se
Da praia intenta e obstar ao desembarque.
Incita, exhorta: «O ensejo desejado
Eil-o, varões; obrai, que o marte mesmo
Se vos entrega: espôsa e lar vos lembrem,
Lembrem-vos patrios feitos gloriosos;

281-283 Accorramos á borda e os encontremos,
Trépido o passo emquanto lhes vacilla:
Audazes a fortuna favorece.»

284-286 Nisto, elege os que o sigam nesta empresa,
Outros incumbe de manter o assédio.
Já lá das pôpas lança o Teucro pranchas.

287-291 Taes á espera do languido refluxo,
Taes os remos fincando, aos baixos pulam.
Onde nem brotam váos, nem rechassada

Remuge a onda, mas se alisa mansa
Do fluxo no montar, observa Tárchon;

292-295 Rapido as proas vira, e aos nautas insta:
«Picai voga, eia, alçai-vos, gente forte,
Impelli-me os baixéis; que os rostros fendam
O solo hostil, e sulco se abra a quilha.

296-306 He nada o naufragar, se pojo em terra.»
Elle ordena, e estribando ao remo investem;
Os barcos a espumar direito abicam,
Até que os esporões em sêcco varam,
E illesos cascos assentaram, menos
A tua pôpa, Tárchon; pois de iniquo
Dorso encalhada pende, um tempo nuta,
Maretas cansam-na, e desfeita vasa
N'agua a turba varoil, que fracturados
Bancos e remos á matroca impedem,
E a ressaca a repulsa e os pés lhe embarga.

307-313 Nada ignavo, o acre Turno contra os Phrygios
A hoste arremessa toda, e a praia occupa.
Toca á degolla. Enéas fausto a enceta
Sôbre o agreste esquadrão; rompe os Latinos,
Morto o maior, Theron, que ousa arrostal-o:
Penetrando o eneo escudo e auri-escamosa
Tunica, a espada lhe embebeu na ilharga.

314-320 Seu ferro a Lichas prostra, que a ti sacro,
Phebo, da extincta mãe sacado infante,
Poude ao ferro escapar. Não longe o duro
Cisseu derriba e o corpulento Gyas,
Que a turmas esmagavam: não lhes presta
Clava, nem pulso herculeo, e o pae Melampo,
Socio nos transes do lidado Alcides.

321-326 A Pharon, que jactancias vociféra,
Na bôca um dardo retorcendo enfia.
E tu, pobre Cydon, que ias trás Clycio,
Teu novo gôsto, em cujas faces punge
Lanugem loura, á troica mão cahiras,
Quite do insano amor que aos jovens tinhas;

327-329 Se em mó, de Phorco nados, não sahissem
Irmãos sete que arrojam sete lanças:
Parte, as rebate o escudo e o capacete;

330-332 Parte a soslaio o alcança, e as torce Venus.
«Hastas, Enéas brada, hastas, amigo,
Das que em Troia preguei no corpo aos Gregos;

333-335 Aos Rutulos nenhuma irá frustanea.»
Péga uma ingente, que a voar a adarga
Bronzea a Meon traspassa e a malha e os peitos.

336-339 Corre Alcanor, sustenta o irmão que tomba:
O lagarto lhe encrava outro arremêsso,
Que progrede cruento; e pelos nervos

Da espadoa o braço moribundo pende.

340-342 Eis do irmão Numitor a farpa arranca,
E a revira ao heroe; mas não lhe coube
Tocal-o, e a coxa ao grande Achates roça.

343-347 Clauso de Cures, no verdor fiado,
Lá vibra a Dryope um zarguncho rijo
Sob o queixo, e lhe tronca a falla e a vida,
Rôta a guela; em terra a testa bate,
E a bôca lhe vomita em grumos sangue.

348-353 Destroça vário a Thraces tres, prosapia
De Boreas digna, e a tres de ismara patria,
Que Idas padre enviou. Com seus Auruncos
Acode Haleso; acode o equite insigne
Messapo de Neptuno: ora uns, ora outros,
No umbral da Ausonia a combater, se expellem.

354-359 No espaço a pleitear discordes ventos,
Em fôrça e ânimo iguaes, entre si luctam,
Nuvem nem mar cedendo; e renitentes,
Dubio a durar o prelio, a tudo affrontam:
Dest' arte os Phrygios travam-se e os Latinos,
Pé com pé, rosto a rosto, arca por arca.

360-371 Pallante alhures, onde ampla torrente
Seixos rola e arvoredos extirpados,
Vendo os Arcades seus, que, se apeando
Pelo aspero terreno, desafeitos

Á pedestre contenda, ao sequaz Lacio
Voltam costas; segundo as occurrencias,
Roga, invectiva, os brios reaccende:
«Fugis, irmãos? por vós, por vossos feitos,
Pela do caro Evandro invicta glória
E a que nutro esperança de emulal-o,
Não confieis nos pés: que a ferro entremos
Por onde espesso engloba-se o inimigo,

372-376 Alto a Pallante e a vós prescreve a patria.
Não divos, sam mortaes que a mortaes urgem;
Mãos tambem e almas temos. Golpho immenso
Nos obsta; á fuga terra já nos falta:
Buscaremos o pégo ou teucros muros?»

377-381 Cessa, e por densos batalhões prorompe.
Lago, oh desgraça! o topa; e, emquanto lasca
Pesada rocha, de travez Pallante
Finca-lhe, onde o espinhaço as costas parte,
E extrahe a choupa aos ossos adherente.

382-384 Cuida Hisbon sorprendel-o; e quando, cego
Do cruel fim do amigo, em furia salta,
No inchado bofe o heroe some-lhe o estoque.

385-387 Vai-se depois a Sténelo, e á de Rheto
Vetusta raça, Anchêmolo, que o tóro
Da madrasta incestou desaforado.

388-394 Tymbro e Laryda, o pó mordestes gemeos,
Daucia prole simíllima e indistincta,
Aos paes êrro suave: o gume arcadio
Vos poz duro descrime; a ti cercêa,
Tymbro, a cabeça; e a dextra mutilada,
Larida, a procurar-te, o ferro aperta
Nos semiâmines dedos palpitantes.

395-400 A voz do chefe, o exemplo, dôr, vergonha
Os Arcades inflamma, que arremettem.
Mata o moço a Rheteu, que em biga, ó nobres
Irmãos Tyres e Teuthras, vos fugia:
A Ilo, a quem salva o espaço, longe atira
Válida hasta, que em meio a Rheteu colhe;

401-406 Do carro ao chão resvala, e semivivo
Calca e percute a rutula campanha.
No estio, ao sôpro de anhelantes ventos,
Quando em selva o pastor semêa incendios,
No âmago lavram e horridos propagam
Em largo plaino exercitos vulcanios;

407-414 Elle altivo contempla ovantes chammas:
Os teus para ajudar-te assim, Pallante,
Unem-se em feixe. O ardido Haleso contra
Rue, na armadura involto: immola a Pheres,
Demodoco e Ladon; seu talho a dextra

A Strymonio decepa, que ao pescoço
Leva-lhe a adaga; a seixo o craneo a Thoas
Racha e esmigalha o cerebro sanguento.

415-417 Presago o pae de Haleso o teve em brenhas:
A Parca o prêa e sagra á lança evandria,
Solvendo ao velho os desmaiados lumes;

418-421 Pallante o aggrede, orando: «Ó Tiberino,
O remessão que libro, alado o emprega
Do atroz varão no seio: um teu carvalho
Terá delle os despojos e estas armas.»

422-429 O deus o ouviu; que Haleso ao bote certo,
No cobrir a Imaon, descobre o lado.
Lauso, um pilar da guerra, os seus não deixa
De um tal golpe assustar-se: a Abante opposto,
Do combate eixo e nó, destroe; prosterna
Tuscos, Arcadios; nem vos poupa, ó Troas,
Poupados por Ageus. Travam-se, em cabos
E em fôrça iguaes: baralham-se as fileiras;

430-432 Os tiros e o manejo o apêrto empacha.
Cá Lauso se afervora, alêm Pallante,
Ambos equevos quasi, ambos formosos;

433-435 Mas a patria revêr lhes nega o fado:
Não quiz do Olympo o rei que ás mãos viessem;
Mór inimigo talhará seus dias.

436-445 Eis, da irmã por conselho, em veloz coche
Turno, a Lauso acodindo, as filas corta:
«Parai, socios; recebo eu só Pallante,
Pallante a mim se deve: oh! se aqui fôra
Testemunha seu pae!» Cedem-lhe o passo:
Admira o moço a obediencia prompta,
Mede ao suberbo o talhe formidavel,
Rodêa ao longe a furibunda vista,
E ao tyranno responde: «Ou morte nobre,
Ou vai despôjo opímo honrar meu nome;

446-457 Sorte igual a meu pae: não feros, obras!»
Fallando ao plaino marcha: coalha o sangue
Nos corações arcadios. Pula Turno
Da biga, a pé remette; imagem propria
Do rompente leão que ao touro voa,
A quem de alto covil descobre em luctas
No prado a meditar. Ao crêl-o a tiro
De hasta, avança Pallante; a audacia invoca
No desigual partido, e ao céo recorre:
«Se hóspede, Hercules, fôste á patria mesa,
Na acção me assiste; eu rubras tire as armas
A Turno semimorto; olhe penando

458-461 Seu vencedor no bocejar supremo.»
Alcides o escutou; fundo ai comprime,
Vãs lagrimas vertendo. Ao filho Jove:
«Cada qual, diz benigno, tem seu dia;

462-464 A vida he breve e irreparavel tempo;
Mas rasgos de virtude a fama exalçam.
Quanta em Ilio cahiu divina prole!

465-467 Té Sarpédon meu sangue! Á meta chega
Turno tambem, e o chamam já seus fados.»
E foi do Lacio desviando os olhos.

468-472 Já teso a lança vibra, e da baínha
Pallante puxa a lamina fulgente:
De vôo a ponta encaixa onde a espaldeira
Péga o braçal; do escudo as orlas passa,
Do hombro ao Rutulo ingente a cutis fere.

473-483 Turno pujante aqui de choupa aguda
Sopesa um roble, e grita: «Vê se o nosso
Rojão melhor penetra.» E a coruscante
Farpa o broquel de ferreas e eneas pranchas,
De coiro taureo em dobras reforçado,
Rasga, os empeços da loriga fura
E o peito heroico. Em balde a quente choupa
Do rombo extrahe: em sangue a alma esvaindo,
Por cima ao revoltar-se da ferida,
Sôbre-soam-lhe as armas, e expirando
A bôca o solo hostil beija cruenta.

484-486 Salta-lhe ao corpo Turno: «Arcades, grita,
Não vos esqueça a Evandro o referil-o:
Qual mereceu, remetto-lhe Pallante;

487-493 De o tumular com pompa o allívio outorgo:
Caro a hospedagem pagará de Enéas.»
Então senta no morto a planta esquerda:
Rouba o talim de pêso, e nelle impressos
Do morticínio os thalamos sangrentos
Em jugal noite; culpa atroz, gravada
Pelo Eurytides Clono em chapas de ouro.

494-498 Turno com isto exulta: oh! mente humana,
Fera e descomedida na bonança,
Do porvir nescia! intacto inda a Pallante
Vir-lhe-á tempo que almeje a todo o preço,
E este espólio e façanha elle abomine.

499-501 Gemebundos e em pranto, os companheiros
O cadaver carregam sôbre o escudo.
Oh! vóltas a teu pae, dôr grande e glória!

502-506 Deu-te um só dia á guerra e ao passamento;
Mas que montões de Rutulos deixaste!
A Enéas, não a fama, um messageiro
De mal tamanho informa; e trasmalhados
Soccorra os seus, que estavam por um fio.

507-509 Quanto encontra, arrombada a larga turba,
A gladio ceifa ardendo; achar-te anceia,
Turno ufanoso da recente morte.

510-514 Ante si tudo tem, Pallante, Evandro,
A hospitaleira mesa, a dextra amiga.
Vivos quatro a Sulmon, a Ufente agarra
Quatro alumnos que immole á sombra, e reguem
Do seu captivo sangue a rogal chamma.

515-519 Sobrevoa esgrimida a tremente hasta
A Mago astuto, que se agacha ao bote,
E supplicante abraça-lhe os joelhos:
«Pelo medrado Iulo e anchíseos manes,
A meu pae me conserves e a meu filho.

520-522 Muita prata em moeda, bruto e em obra
Soterrei cópia de ouro, em meu palacio:
Não libra em mim dos Teucros a victoria;

523-526 Nada empece uma vida.» Enéas presto:
«Guarda essa prata, esse ouro bruto e em obra
Para teus filhos: com matar Pallante
Aboliu Turno as transacções da guerra.

527-529 Isto, Anchises o approva, Ascanio o sente.»
E a sestra no elmo, atrás lhe dobra o collo,
Onde a espada lhe enterra até aos punhos.

530-535 Perto o Hemonio, de Phebe e Apollo antiste,
Com sacra fita ás fontes presa a faxa,
Luzia na armadura e insignes vestes:

O heroe o acossa, abate, o immola, o cobre
Da ampla sombra; Seresto apanha as armas,
E em trophéo t'as carrega, ó rei Gradivo.

536-542 A pugna instauram, de vulcania estirpe
Ceculo, e Umbro das marsicas montanhas.
Enfurece o Dardanio; á esquerda logo
A Anxur talha e desfaz rodela ferrea:
Sonhava elle proezas, e esforçar-se
Com vozes crendo, e ao céo talvez se alando,
Brancas se promettia e longos annos.

543-547 De agreste fauno e dryope gerado,
Tarquito refulgindo enresta a lança:
O heroe torcendo-a empece-lhe a coiraça
E o pesado pavez; descabeçando-o,
Lhe frustra a prece e o que dizer queria;

548-553 Revolve o tronco tepido por terra,
Com ânimo inimigo assim prorompe:
«Jaze ahi, valentão; nem madre nympha
No patrio solo inhumará teus membros:
Serás de abutres pasto; ou, submergido,
Te ham-de a chaga lamber famintos peixes.»

554-557 Persegue, na vanguarda, ao forte Numa,
Lycas e Anteu, Camertes, louro filho
Do riquissimo em lavras nobre Ausonio,
Volscente, o rei de Amyclas taciturna.

558-567 De cem braços e mãos Egeon, narram,
Fogo expirava de cincoenta fauces,
Com cincoenta broquéis tinnindo, espadas
Cincoenta a menear contra o Tonante:
Não menos, dêsque o Phrygio aquece o gume,
Bravo campêa. De Nipheu remette,
Peito a peito, á quadriga; e, assimque os brutos
Bramindo o avistam fero, amedrontados,
Retrocedendo rapidos, ás praias
O coche rojam, seu senhor despejam.

568-570 Eis Lugo se apresenta em alva biga,
Mais o irmão Liger, que os frisões governa;
Lugo acerrimo esgrime o iroso ferro.

571-574 Tal furia ao Teucro azéda; rue terrivel
De hasta apontada. E Liger: «Não diomedios
Corséis, carros achilleos, phrygios campos,
Tens aqui; vês a morte e o fim da guerra.»

575-581 Das fanfurias, que em ar se desvanecem,
Em trôco Enéas lhes revira um dardo.
Prono Lugo, a pender nos loros, pica
Da arma os cavallos; por bater-se, adianta
O sestro pé: do aheneo escudo as orlas
Entra a ponta e a virilha esquerda fura:
Do carro a baixo moribundo róla.

582-584 E amaro o pio heroe: «Nem tarda a biga
Falsou-te, ou sombras vãs a afugentaram;
Tu sim, Lugo, de um salto a abandonaste.»

585-588 Nisto, a parelha empolga. O irmão, coitado!
Desmontando estendia inermes palmas:
«Por ti, varão por teus progenitores,
Deixa-me a vida, abrandem-te meus rogos.»

589-591 «Diverso, o atalha Enéas, blasonavas;
Morre; irmão não he bem que o desampares.»
E estoquêa-lhe o peito, encêrro da alma.

592-595 Qual tufão grosso ou turbida torrente,
Feraes damnos o Dárdano espalhava.
Rompe emfim da muralha o moço Ascanio,
Com seus guerreiros por demais cercados.

596-599 A Juno emtanto Jupiter: «He Venus,
Nem te enganas, consorte e irmã querida,
Que os Troianos sustenta: eil-os cobardes,
Sem denodo ou constancia nos perigos.»

600-606 Aqui Juno submissa: «Ó doce espôso,
Temo os remoques teus, porque me apuras?
Se inda, como convinha, o amor d'outrora
Eu te inspirasse, um dom não me negaras,
Omnipotente: incólume ao pae Dauno
Guarde eu Turno da acção... Mas que! pereça,
Devoto sangue aos Troas laste as penas.

607-609 Deduz comtudo o nome e origem nossa
Do tresavô Pilumno, e com frequencia
A plenas mãos cumula-te os altares.»

610-615 Breve replíca o rei do Olympo ethereo:
«Se a Turno queres que eu prolongue os dias
E achas que o posso; pela fuga o salves
De instantes fados: atéqui me cabe
Condescender. Se encobres nessas preces
Mór graça, e a guerra trastornar concebes;

616-618 Apascentas baldias esperanças.»
E ella em chôro: «O que a voz me cede a custo,
Se d'alma o désses, vida cheia a Turno!...

619-621 Mas transe o espera indigno, ou eu me illudo:
Oxalá sejam falsos meus temores,
E tu, que o podes, a melhor te inclines.»

622-624 Dice, e de lá despara; de nevoeiros
Cingida, uma borrasca a precedel-a,
Baixa entre o campo ilíaco e Laurento.

625-630 Logo em feição de Enéas, oh prodigio!
Fraca de vácua nuvem sombra tenue
Arma á troiana; o escudo, as cristas finge
Da cabeça divina; oucas palavras,
Som lhe empresta sem mente, o andar e o gesto:
Como, he voz, do finado erra a figura;

631-633 Ou qual sonham sopitos os sentidos.
Ante as fileiras jubilando a imagem,
Dardos em punho, desafia a Turno.

634-638 Este, irritando-se, a estridente lança
Arremessa: o phantasma as costas vólta.
Creu Turno em fuga a Enéas, e se rega
Alvoroçado em frivola esperança:
«Onde vais, Teucro? os thalamos desprezas?

639-641 Toma a terra, eu t'a dou, por mar buscada.»
E, após clamando, o gladio nu brandia,
Sem vêr que he seu prazer seguir o vento.

642-644 Á saxea ribanceira, expostas inda
Pranchas e escadas, o navio estava
Que a Osinio rei de Clusio transportara.

645-649 Alli pavido o esquivo simulacro
Deita a esconder-se; vence estorvos Turno,
Salta as pontes. A proa mal que attinge,
Rebenta os cabos Juno, arranca o lenho,
Pelas vagas revôltas o arrebata.

650-653 Por seu rival bramando, o vero Enéas
Na homecida carreira proseguia;
Já não se occulta, voa o aereo vulto,
E em negrume cerrado se confunde;

654-657 Pelas ondas a Turno um tufão leva.
Inscio, ingrato á mercê, contempla em roda,
Ao céo levanta as mãos: «Jupiter summo,
Digno me julgas de desar tamanho?

658-660 Que punição? Para onde me conduzem?
Donde vim? Quem sou eu com tal fugida?
Como a Laurento e aos muros tornar posso?

661-663 Que dirão meus soldados? Oh vergonha!
Deixal-os eu na lucta agonizantes!
Vejo-os daqui vagar, seus ais escuto.

664-668 Que farei? não me engole e some a terra?
Ventos, piedade! recebei meu culto
Voluntario: o baixel a váos e escolhos,
A syrtes arrojai-me, onde nem saibam
Os Rutulos de mim, nem reste a fama.»

669-673 Tal discursava, e aqui e alli fluctua;
Nem atina se enterre a crua espada
E em tanta affronta as costas se atravesse,
Ou se, entre os escarcéos, á curva praia
Nade e se restitua ás teucras armas.

674-677 Tres vezes foi tental-o, tres conteve-o
A soberana Juno condoída.
O alto sulcando com maré propícia,
Na côrte do pae Dauno antiga aporta.

678-680 Já Mezencio cruel, de Jove a impulsos,
Lhe succede, e acommette ovantes hostes.
Encontram-no aggravados os Tyrrhenos;

681-684 Alvo he dos golpes todos. Como rocha
Está, que, protendida ao mar e aos sopros,
Os embates resiste e os ameaços
Do céo violento e furibundo pégo.

685-690 A Hebro Dolichaonio o varão prostra,
Mais a Latago e Palmo fugitivo:
A Latago um fragmento da montanha
Esmecha e esmaga o rosto: a rôjo Palmo
Rola dejarretado: a Lauso doa
O arnez que hombrêe, as plumas com que se orne.

691-694 Escala o Phrygio Evante e o caro a Páris
Mimas, filho de Amyco, por Theano
Parido á noite que abortou Cisseide,
Prenhe de um facho: Páris jaz na patria;

695-700 Mimas, que o não cuidava, em lacia borda.
Como o javardo, em cannavial nutrido,
Que a dente correm cães, sobejo espaço
No pinífero Vésulo acoutado
E em laurencia lagôa, ao dar nas redes
Pára, em roncos escuma, ouriça as cerdas;

701-707 Ninguem lhe ousa achegar, distantes raivam,
Em seguro gritando e a garrochal-o;
Elle, impavido e attento, os queixos range,
Cospe do lombo a chuva de arremessos:
Taes, não com ferro em punho, mas de longe,
Desse odioso Mezencio os inimigos
Com rojões e alarida o desafiam.

708-711 Prófugo, a velha Córyto e imperfeitas
Nupcias largando o Graio Acron, purpúreo
Nas galas e cocar, da noiva mimos,
Descose as turmas: o tyrano o enxerga.

712-717 Se o leão, que em jejum com fome ronda
Alto curral, fugaz a corça avista
Ou cervo de arduos cornos; sevo e hiante
Folga, hirta a juba, ás visceras deitado
Ferra-se, e em negro sangue as fauces lava:
Dest'arte vem Mezencio e a chusma ataca.

718-721 Tomba expirando Acron, e ao debater-se
Calca o atro chão, cruenta as rôtas armas.
Ferir desdenha a Orodes que se evade,
Remetter-lhe desdenha um bote cego;

722-725 Não destro nos ardis quanto era forte,
Adverso o alcança, mão por mão o aterra;
N'hasta apoiado, o pé lhe imprime sôbre:
«Eil-o, varões, o heroe da guerra esteio.»

726-731 E os seus com elle entoam ledo péan.
Orodes a arquejar: «Serei vingado,
Nem longo exultarás; meu fim te espera,
Este pó vais morder.» Com riso amargo
O ímpio então: «Morre já; de mim disponha
Esse teu pae divino e rei dos homens.»

732-734 Dice, e lhe extrahe do corpo o tenaz pique:
Urge-o repouso duro e ferreo somno,
E em noite fecha eterna os baços lumes.

735-740 A Hydaspes Sacrator, a Alcatho Cédico,
Rapon tronca a Parthenio e o válido Orses;
Messapo a Clonio e o Arcade Ericetes:
Um do infrene corsel, derriba o outro
Pedestre a pé. Soccorre-os Agis Lycio,
Talha-o Valero com denodo avíto;

741-744 A Thronio Salio; a Salio o bom Nealces
Em dardo ou setta ao longe traiçoeira.
O lucto e os funeraes Marte equilibra:
Morrem, matam, vencidos, vencedores;

745-748 Não se rendem, não cedem, não fraquêam.
Tanta ância nos mortaes, e de uns e de outros
O vão furor a Jove e ao céo compunge:
Aqui Venus attenta, alli Saturnia.

749-753 Pallida a Erynnis urra e assanha as turbas.
Torvo, a librar Mezencio enorme lança,
Entra em campo, e se mostra em vastas armas:
Como Orion, de espadoas fóra d'agua,
Rasga a pé de Nereu o immenso lago;

754-756 Ou, dos serros trazendo o annoso freixo,
Anda em terra, e nublada a fronte esconde.
Enéas, que o lubriga, avança prestes.

757-760 Firme em seu pêso, intrepido elle aguarda
O brioso adversario; de olhos mede
Assás distancia ao tiro: «Agora, exclama,
Deus he meu braço e o remessão que vibro.

761-765 Do salteador Enéas eu te voto,
Lauso, em trophéo, do espólio seu vestido.»
Hasta eis voa estridente; que, do escudo
Repulsa, aos hypocondrios vai pregar-se
Do egregio Antor, de Alcides companheiro;

766-769 Antor Argivo, que, adherindo á Evandro,
Na Italia se ficou. Precipitado
He de alheia ferida; e, ao céo fitando,
Ah! lembra-lhe ao morrer sua doce Argos.

770-775 Joga Enéas um dardo, que a rodela
Triple erea penetrou, por líneas fraldas,
Por taureos forros tres; e amortecido

Á virilha se apega. Ao ver-lhe o sangue,
Puxa o ferro da cinta alegre o Teucro,
Férvido ao Tusco titubante corre.

776-780 Nisto, em lagrimas Lauso debulhado,
Por amor de seu pae geme profundo.
Teu mesto fim, teu brio e feito heroico,
Se o futuro crêr pode empresa tanta,
Celebrarei, mancebo memorando.

781-792 Fraco e impedido, a se arredar Mezencio,
Prêso arrasta no escudo o hastil infesto.
De chofre o joven, interposto ás armas,
A mão de Enéas, que desfecha o talho,
Susta e o reteve: em grita os seus o acclamam,
E emtanto o genitor se evade á sombra
Da rodela do filho; empacha a Enéas
Bateria de frechas e arremessos:
Cobre-se elle a bramir. Quando em saraiva
Desata a chuva, o lavrador se esgarra,
Em guarida se alberga o viandante,
Em lapa de ribeira ou cava penha,

793-795 Até que, abrindo o Sol, o dia exerçam;
Oppresso o Teucro assim da marcia nuvem,
Á espera está que a trovoada amaine;

796-806 Commina e avisa a Lauso, a Lauso increpa:
«Temerario, onde vens? mediste as fôças?
Engana-te a piedade.» Elle não menos
Demente assalta: o estame curto as Parcas
A Lauso colhem; do dardanio chefe
Se irrita a colera, a possante espada
No moço enterra; a ponta a leve adarga
E a tunica passou, que a mãe fiara
De ouro subtil; em borbotões o sangue
Alaga o seio; e a vida pelas auras
Triste aos manes se afunda e o corpo larga.

807-814 Pallida a face, moribundo o gesto
Ao vêr-lhe o Anchíseo, compassivo e grave
Suspira, dá-lhe a dextra; á mente a imagem
Sobe do patrio amor: «Que digno premio
Dessa rara virtude o pio Enéas
Te prestará, mesquinho? As armas tenhas,
Teu gôsto em vida: eu rendo-te ao jazigo
E ás cinzas dos avós, se disto curas.

815-818 Console-te infeliz do grande Enéas
Ás mãos cahir.» E exprobra os tardos socios,
Do chão levanta o corpo, cujas tranças
Atiladas á moda o sangue afeia.

819-822 Mezencio, ao pé do Tibre, emtanto os golpes
Lava e estanca, e arrimado se conforta
A arboreo tronco: ao longe está n'um ramo

O eneo casco, e na relva o arnez pesado.

823-826 Egro, anhelante, o colo desafoga,
Aos peitos se diffunde a larga barba.
Cercam-no os seus: do filho indaga afflicto,
Manda que o chamem e amiuda as ordens.

827-834 Mas sôbre o escudo em pranto já traziam
Morto do grande bote o grande Lauso:
O pae nesse carpir seu mal pressente:
De pó deforma as cãs, e as palmas ambas
Dirige aos céos, e apega-se ao cadaver:
«Quiz tanto á vida, ó filho, que ao trespasso
Expuz a quem gerei? Por tua morte
Vive teu pae, salvou-me essa ferida?

835-840 A minha agora se me aggrava e sangra,
Ai! doe-me agora o misero destêrro!
Manchei teu nome, Lauso, eu por taes crimes
E odios expulso do paterno solio:
Eu só pagar devera aos meus e á patria,
Por mil mortes render est' alma infame;

841-843 Respiro, e inda não deixo a luz e os homens?
Eu deixarei.» Na perna a custo se ergue,
Sem da chaga o abater a dôr violenta;

844-850 Pede o corsel, da glória companheiro,
Consôlo seu, que vencedor com elle
Das batalhas sahia, e ao pobre afala:

«Rhebo, ha muito durâmos, se he que muito
Dura cousa mortal: hoje a cabeça
Trarás de Enéas e o cruento espólio,
E as de Lauso agonias vingaremos;

851-853 Ou, se impossivel he, morramos juntos:
Não soffrerás altivo, eu creio e espero,
Mandos alheios nem senhor troiano.»

854-856 Monta, e acceita-lhe o bruto a usada carga;
Onera as duas mãos de agudas hastes;
O elmo reluz, de equina hirsuta coma.

857-859 Veloz galopa: o lucto, a insania, o pêjo
No coração referve; agitam furias
O amor paterno, a conscia valentia.

860-862 «Enéas! grita, Enéas!» Ledo Enéas
O reconhece e impreca: «O pae supremo
Queira com Phebo que o duello encetes!»

863-865 E, de hasta em reste, avança. Então Mezencio:
«Roubado o filho, aterras-me, assassino?
O só meio esse foi de me acabares.

866-873 Nem temo os deuses, nem me assustam Parcas:
Morrer venho, recebe a despedida.»
Lesto um dardo lhe prega, outro e mais outro,
Em vólta ingente; mas rechassa-os todos
A aurea copa do escudo. Pela esquerda,

Contra o parado heroe tirando sempre,
Trota em gyro tres vezes; tres no bronze
Roda comsigo o Teucro a basta selva.

874-880 De extrahir tanta farpa emfim se enoja,
E da tardança e desigual peleja;
Meditabundo rompe, a lança expede
Ás fontes cavas do bellaz ginete:
O quadrupede em gemeas, o ar a couces
Depois zimbra, sacode e implica o dono,
E cahe de bruços lhe opprimindo a espadoa.

881-883 Lacio e troico alarido os céos estruge.
Voa sôbre elle o heroe, despindo o gladio:
«Que he do feroz Mezencio? onde os seus brios?»

884-886 O Etrusco os olhos alça, haurindo as auras,
E, recolhendo o alento: «Ameaças morte?
Porque me insultas, figadal contrario?

887-892 Vim perecer, não péccas em matar-me,
Nem meu Lauso ajustou que me poupasses.
Vencido, se jus tenho, eu só te rógo
Ao corpo alguma terra: a circumdar-me
Freme o rancor dos meus; tu me defendas,
N'um sepulcro me encerres com meu filho.»

893-894 Sciente, elle o pescoço ao gume inclina,
A alma derrama e em sangue inunda as armas

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XI

✦

1-4 Já do oceano a aurora despontava.
Bemque urja o tempo de inhumar seus mortos
E o turbe o funeral, no primo eôo
Piedoso o vencedor cumpria os votos.

5-14 N'um combro tancha desramada enzinha,
Veste-lhe de Mezencio o arnez lustroso,
Trophéo que a ti, Bellipotente, sagra:
Os dardos rotos, as sanguentas crinas
Lhe ata; á esquerda o pavez e a tiracollo
Suspende a eburnea espada. E assim de ovantes
Capitães escoltado, exhorta os socios:
«Fóra o temor, varões, que pouco resta
Por fazer; eis o espólio, eis as primicias
De um rei suberbo, que estas mãos puniram.

15-19 Eia, a Laurento agora: arma, arma, alerta;
Animo e fé! dos numes quando o aceno
Mova o campo, as bandeiras arrancadas,
Nem outro accôrdo vos detenha incautos,
Nem retarde os mancebos frouxo mêdo.

20-23 Entretanto os finados sepultemos,
Conta exigida no ínfimo Acheronte.
De feraes dons ornai-me os que esta patria,

Comprada com seu sangue, nos legaram;

24-26 Vá primeiro de Evandro aos tristes muros
Pallante, a quem não pobre de virtude
Mergulhou trago acerbo em noite escura.»

27-33 Dice, e á tenda chorando se retira,
Onde o alumno defunto Acetes guarda,
Velho escudeiro do Parrhasio Evandro,
Zeloso aio do filho, mas não dado
Com tam feliz auspicio. A turba em cêrco
E os famulos em dó, conforme o estilo
Desgrenhadas o seguem phrygias donas.

34-36 Pelos altos portões mal entra Enéas,
Levantam crebros ais, nos peitos ferem,
E remuge o real do lucto e pranto.

37-42 Como elle o níveo corpo, a face e a testa
Sustida olhou, da ausonia choupa o rombo
No seio liso, em lagrimas rebenta:
«Pois surriu-me a fortuna, e a mim te inveja,
Moço infeliz, que o reino meu não visses,
Nem tornasses em pompa ao lar paterno?

43-46 Não foi esta a promessa a Evandro feita;
Que abraçado, á partida, ao grande imperio
Me propunha, e entre sustos me advertia
De que era aspera a guerra e forte a gente.

47-50 E ora talvez, de balde esperançoso,
N' ara devoto offrendas accumula,
Quando ao joven, já quite dos Supremos,
Exequias vãs prestamos. Desgraçado!

51-55 O funeral cruel verás do filho!
Que triste vólta! oh sonho de triumphos!
Eis a fé minha! Mas com vis feridas
Não te envergonhará, nem, salva a prole,
Tu pae desejarás o eterno somno.

56-61 Ai! quanto, Ausonia, quanto, Iulo, perdes!»
Neste lamento, escolhe mil guerreiros,
Que o misero cadaver acompanhem,
Obsequio extremo, e ás lagrimas assistam
Do afflicto pae; devida, mas pequena
Consolação do nojo e trago ingente.

62-64 Brando esquife engradado alguns de vêrgas
De medronho e carvalho não remissos
Tecem, de folha o extructo leito ensombram.

65-67 Fica na agreste cama o excelso moço,
Qual por virginio pollice apanhada
Molle violeta, ou languido jacintho;

68-75 A quem brilho nem cheiro inda fallece,
Mas não vigora e nutre a mãe terrena.
Duas purpúreas opas recamadas
Enéas tira, em que a Sidonia Dido

Com doce esmêro trabalhara mesma,
As telas de ouro fino entretecendo:
Mesto, em honra final, véste uma ao joven,
Com outra a coma para as chammas véla.

76-82 Manda lanças, frisões e tanto espólio
Da laurentina pugna, em longa serie
Dispôr; e atrás das costas maniatados
Os que ás sombras destina e regar devem
A pyra com seu sangue; e os chefes tragam
De hostis arnezes troncos revestidos,
Onde inimigos nomes se insculpiram.

83-85 Conduzem de annos gasto o pobre Acetes,
Que a punhadas o peito, o rosto a unhas
Desfigurando, pelo pó se estira.

86-88 Vem do rutulo sangue o tinto coche;
E atrás, posto o jaez, humidas gottas
Ethon, fero corsel, dos olhos verte.

89-91 Vem o elmo e a lança; o mais roubou-lhe Turno.
Lento a phalange marcha etrusca e teucra,
De armas em funeral o arcadio bando.

92-94 Dêsque em ordem se alonga o sahimento,
Retem-se Enéas, e suspira e geme:
«A outros prantos nos chama a fatal morte.

95-97 Salve, eximio Pallante, e para sempre
Adeus, amigo, adeus!» Nem mais profere,
E aos arraiaes tornando o passo alarga.

98-100 Já de oliva enramados oradores
Latinos pedem venia, a fim que esparsos
Corpos sepultem, victimas da guerra;

101-107 Que a não tenha com mortos e vencidos;
Poupe os hóspedes seus, outrora sogros.
Bom Enéas attende ás justas preces:
«Que ruim fado, accrescenta, nesta lide
Vos implicou, Latinos, que de amigos
Nos renegais? E a paz quereis sómente
Para os da luz privados nas batalhas?

108-111 Eu quereria concedel-a aos vivos.
A não ser o destino, eu cá não vinha;
Nem a gente combato. Ao jus de hospicio
Preferiu vosso rei de Turno as armas.

112-115 Turno he melhor que á morte se exposera:
Se expulsar-nos pretende, o pleito acabe
N'um duello comigo; e um de nós reste
A quem seu nume ajude ou seu denodo.

116-120 Sus, á fogueira os cidadãos mesquinhos.»
Dice: absortos se olhando mudos ficam;
E o velho Drances, que odiento e infesto

Sempre a Turno crimina: «Ó tu, responde,
Varão maior que a fama, como te alças?

121-124 Não sei que mais te louve ou mais admire,
Se o valor, se a justiça? Iremos gratos
Na patria o publicar, e, dado o ensejo,
Ao rei te unir: allianças busque-as Turno.

125-127 Altear apraz-nos a fatal cidade,
Troianas pedras carregar aos hombros.»
Finda, e um consenso unanime sussurra.

128-130 Doze dias, em tregoas, juntos vagam
Por monte e selva os Teucros e os Latinos:
Da bipenne o alto freixo ao córte soa;

131-133 Tomba o aereo pinheiro; as cunhas racham
De contino orno, roble, odoro cedro;
Ao carrear chiando as rodas andam.

134-136 E a Fama já, que apregoava ha pouco
De Pallante as acções, do immenso lucto
Enche Evandro e de Evandro a casa e os muros.

137-140 O Arcadio ás portas rue, e ao modo avíto
Péga brandões, que ao longo a via aclaram;
A procissão funérea os agros fende,
Co'a turba phrygia encontra-se em lamentos.

141-143 As mães, vendo-os entrar, com pranto lugubre
Toda a cidade accendem. Nada a Evandro
Poude contêr; atira-se no meio;

144-148 Sôbre o deposto féretro curvado,
Se abraça com Pallante, e geme e chora,
Até que a dôr á falla abriu caminho:
«Filho, a palavra assim me desempenhas
De entregares-te cauto ao cru Mavorte!

149-153 No primeiro certame eu bem sabia
Quanto o louvor he doce e a nova glória.
Tristes primicias, rudimentos duros
Da finítima guerra! ai! preces minhas,
Votos por nenhum deus jamais ouvidos!

154-156 Oh! no morrer feliz, mui casta espôsa,
Não provas este mal! Sobrei-te em annos
Para carpir extincto o nosso filho!

157-159 De hostis lanças coberto, eu dera est' alma
Sob os socios pendões! Fôsse esta pompa
Só para mim, não para ti, Pallante!

160-163 Vossa alliança e hospício eu não argúo;
Sorte era, ó Teucros, da velhice minha:
Mas, se immaturo cahe, mil Volscos mata,
Ao Lacio vos guiando, honrado acaba.

164-167 Mais digno entêrro não terás, meu filho,
Do que Enéas celebra, e seus magnatas,
E etruscos chefes, e esquadrões etruscos:
Dos que enviaste ao Orco os trophéos trazem.

168-170 Tambem gran' tronco em armas cá serias,
Se idade igual á tua o roborasse,
Turno. Mas que! pranteio e a pugna tardo?

171-175 Phrygios, o que lhe digo ao rei contai-o:
Se a luz nesta orphandade eu soffro, Enéas,
A tua dextra he causa, ao filho e ao padre
Olha que deves Turno: este o serviço
Que do teu brio espero e da fortuna.

176-181 Gostos na vida enjeito, nem me assentam;
Sim, no inferno os receba o meu Pallante.»
Almo lume a verter, o albor canceiras
Renovava aos mortaes. Na curva praia
Em pyras cada qual, Enéas, Tárchon,
Dos seus, usança velha, os corpos queima;

182-185 Na caligem dos fogos sotopostos
Se ennoita o céo. Tres vezes decorrendo
A infantaria, em fulgurantes armas,
A rogal chamma fúnebre circula;

186-188 Tres a cavallaria; e ululam todos:
O chôro arnezes banha, a terra ensopa;
Grita, clangor, mugindo os ares fere.

189-192 Uns lançam na fogueira o ganho espólio,
Guarnecidas espadas, elmos, freios,
Rodas ferventes; uns, de offerta aos donos,
Os broquéis nótos e infelizes dardos.

193-198 Hecatombes á morte, para a queima
Cerdos e nos contornos apanhada
Immolam grei: na praia arder observam,
Em suas pyras semiardidas velam
Sem despegar-se, até que humida a noite
Inverte o céo de estrellas marchetado.

199-204 Nem menos tristes os Latinos erguem
Fogueiras mil; dos seus enterram parte,
Levam parte á cidade e ás vizinhanças:
Em confuso montão, sem conto e nome,
He consumido o vulgo. Ao longe e ao largo
Á competencia os fogos alumiam.

205-207 Manhã terceira assoma; e, de altas cinzas
Doídos removendo os mistos ossos,
Terra sôbre elles tépida amontoam.

208-213 Mas na opulenta laurentina côrte
O alarido he maior, mais geme o lucto.
Mães, irmãs, noras, orphãos miseraveis,
Ferrenha guerra afflictos execrando
E os hymeneus de Turno, exigem que elle
No Lacio a primazia á espada obtenha.

214-217 Drances aggrava o caso, e attesta e jura
Que Turno a desafio he só chamado.
Muito a favor de Turno opinam varios:
Da raínha o respeito e a sombra o amparam;

218-224 Seu renome e trophéos o heroe sustentam.
Neste flagrante, em meio do alvorôto,
Do gran' Diomedes pezarosos voltam
Com resposta os legados: nada as preces,
Nada os custos valeram da embaixada,
Nem dons em ouro; ou busque outra alliança,
Ou paz rogue Latino ao rei troiano.

225-227 Esmorece o bom velho em tanta angústia:
Que o céo protege a Enéas lhe confirmam
Irados numes, frescos os sepulcros.

228-233 Chama a conselho os principaes senhores;
Que logo, ao seu mandado, enchendo as ruas
Ao paço affluem. Do seu throno o digno
Ancião monarca, não com leda fronte,
Aos legados acena, e inquire e indaga
Com toda a pausa a etólica resposta.

234-237 Reina o silencio, e Vénulo obedece:
«Nós vimos, cidadãos, o argivo assento,
E, da jornada os riscos superando,
A mão tocámos que assolou Dardania.

238-244 Elle no apulio Gárgano Argyripa,
Cognome patrio, vencedor fundava.
Quando a vez tive, os dons lhe offerecendo,
Quem eramos declaro, e a guerra e causa
De em Arpo nos acharmos. Com socêgo
Nos torna o Grego: «Ó reinos de Saturno,
Priscos Ausonios, venturosos povos!

245-252 Que fado a concitar vos solicíta
Ignotas guerras? Quantos profanámos
Com ferro Troia (os transes nella exhaustos
Omitto, e os que em si volve aquelle Símois)
Pelo orbe temos pago infandas penas,
Taes que Priamo proprio as lastimara:
Minerva o testemunhe, o Arcturo infausto,
O ultrice Caphareu, de Eubéa as penhas.

253-255 Dalli, de praia em praia desterrados,
Menelao de Proteu foi têr ás metas,
Aos Cyclopes trinacrios o Laercio.

256-260 De Pyrrho e Idomeneu subversos lares,
Ou lembrarei na Libya assentes Locros?
De vingar n'Asia um rapto ufano o Atrída
Rei dos rêis, por traição da atroz consorte,
Cahe do adultero ao ferro em seu palacio.

261-265 E o céo não me invejou revêr a patria
E a bella Calydona e a cara espôsa?
Hoje inda monstros horridos me assombram:
Perdidos socios (ai cruéis supplícios!)
Nos ares voam-me, aves da ribeira.

266-273 Com flébeis guinchos nos cachopos vagam.
Isto eu prevêr devia, malque insano
Corpos violei divinos, golpeando
A dextra a Venus mesma. A taes pelejas
Não me instigueis, oh! não. Dêsque assolada
Pérgamo foi, com Teucros nem combato,
Nem me recordo ou fólgo desses males,
Os dons que me offertais rendam-se a Enéas.

274-276 Com elle dardo a dardo e braço a braço,
Provei, crêde, quam lesto o escudo move,
Com que vortice esgrime ou gladio ou lança.

277-279 No Ida se dous varões como elle houvesse,
Dardania acommettera inachias plagas,
Trocara a Grecia os louros em cyprestes.

280-285 Em Troia pertinaz susteve os Graios,
Durante o assédio, a mão de Heitor e Enéas,
Que a victória dez annos retardaram:
Ambos no ânimo iguaes, iguaes no esfôrço,
Mais pio esse he. Tratai de congraçal-o,
E fugi de travar armas com armas.»

286-291 Eis a real sentença, ó rei sublime,
Sôbre tamanha guerra.» Dice; e corre
No conselho um murmúrio, como quando,
Seixos detendo o arrebatado rio,
No alveo ronca impedido, e em tôrno fremem
Da ribanceira as crepitantes ondas.

292-300 Quedo o alvorôço e placido o sussurro,
Ora aos deuses o rei, do throno falla:
«Eu, cidadãos, queria, e melhor fôra
Antes deliberar; não quando os muros
Preme o inimigo. Inopportuna guerra
Temos com taes varões, com diva estirpe,
A quem prelios nem cansam, nem vencidos
Sabem depôr o ferro. Se estribaveis
No etolo auxílio, o desengano chega;

301-303 Fie em si cada qual: fraca esperança!
Como em ruína as cousas nos declinam,
Vossos olhos o vêm, as mãos o apalpam.

304-311 Ninguem accuso: obrou-se o mais possivel;
Em pêso o reino se bateu brioso.
O que hei na dubia mente, agora em pouco
Vol-o explano; attenção. Proximo ao Tibre,
Sôbre as sicanas raias, para o occaso,
Agro antigo possuo; o qual semêam
Os Rutulos e Auruncos, e as collinas
Arando, em pasto o mais esteril deixam.

312-314 Esta região e o celso píneo monte
Ceda-se ao Teucro; e, justas leis dictadas,
Em amizade e em paz nos federemos.

315-322 Se o quer, fique e entre nós se estabeleça;
Mas, se outra gente, outro paiz prefere,
E ir-se daqui, naus vinte ou mais teçamos
De italo sôbro, as que precisas fôrem:
Madeira jaz á borda; elles prescrevam
Pontal, número, fórma; nós prestemos
Dinheiro, arsenaes, braços. E oradores
Cem d'entre os nobres deputar me agrada;

323-326 Que, nas mãos a oliveira, em brinde offertem
Marfim, talentos de ouro, e a trábea e a sella
Curul, do reino insignias. Em consulta,
Provêde ao bem do combalido estado.»

327-331 Drances, a quem de Turno a glória punge
De vesga e amara inveja, em bens profuso,
Mais largo em lingua, timorato e imbelle,
Não máo no alvitre, em sedições potente,
De incerto pae, da illustre mãe suberbo;

332-335 Se ergue, e em Turno carrega e incita as iras:
«Cousa, ó bom rei, suades nada obscura,
E escusas consultar. O que insta e cumpre
Cada um murmúra, e expôl-o não se atreve.

336-341 Fallar conceda, e a tumidez remitta
Quem, por funesto auspício, ambicioso
(Digo, e armado elle a morte me commine)
Extinguiu tantos cabos, e a cidade
E o povo enlucta; emquanto, em pés fiado,
Tenta o phrygio arraial e aterra o mundo.

342-345 Aos dons que ao Teucro, optimo rei, prodígas,
Um accrescentes, um; ninguem violento
Véde ao pae dar a filha a genro egregio,
Em laço eterno e honroso a paz segures.

346-349 Se he tanto o susto, humildes o obtestemos,
Peçamos venia; á patria e ao rei se digne
O jus nosso outorgar. Autor de angústias,
Porque impelles o Lacio a taes perigos?

350-353 Infausta guerra! a paz queremos, Turno;
O inviolavel penhor a paz confirme.
E eu, que a ti crês infenso (o que ora passo),
Eu te supplico para os teus piedade;

354-358 Cessa, e repulso vai-te. Assás matanças,
Vimos assás os campos desolados.
Ou, se a fama te pica e insito esfôrço,
Em dote se esta régia obter anceias,
Ousa, ao rival te afoutes peito a peito;

359-362 Nem, para que a princeza espose Turno,
Nós, vil turba insepulta e illagrimada,
O agro junquemos! Tu, se o patrio brio
Te anima e alenta, provocado arrosta-o.»

363-366 De Turno arde a violencia a taes dicterios;
Do imo suspira, em colera trasborda:
«Sempre em phrases abundas, quando a guerra
Pede obras, Drances; nos debates primas.

367-369 Contêr mal pode a curia essas bravatas,
Que, entricheirado a salvo, te borbolham,
Emquanto em sangue os fossos não se inundam.

370-372 Toa a usual facundia: eu sou cobarde,
Sim; tu Phrygios em pilha amontoaste,
Mil trophéos as façanhas te assinalam.

373-375 Teu vívido valor provar te cumpre:
He não longe o inimigo, os nossos muros
Em roda assalta; vamos encontral-o.

376-378 Como! tardas? ou sempre tens Mavorte
Nessa balofa lingua e fugaz planta?
Eu repulso! ha, villão, quem tal me assaque?

379-384 Será quem viu de sangue o Tibre inchar-se,
Quem de Evandro abatida a estirpe e casa,
O Arcade profligado? Certo Bicias

Não me arguirá, nem Pândaro e milhares
Que, na trincheira hostil encurralado,
Mandei n'um dia á Estyge victorioso.

385-388 Infausta a guerra? ao capitão dardanio
E a ti, louco, esse agouro. Embrulha, espanta,
Nem cesses de exaltar os bi-captivos
E deprimir as armas de Latino.

389-391 Do Phrygio ora estremecem Myrmidones,
Tydides ora e o Larisseu Achilles;
O Aufido o curso adriaco desanda!

392-394 Finge o manhoso que de mim se teme,
Com seu medo fallaz me azéda o crime.
Nunca, descansa, mancharei meu braço;

395-403 N'um peito more torpe essa alma indigna.
Vólto-me, ó padre, agora aos teus projectos.
Se não tens confiança em nossas armas,
Se não muda a fortuna, e uma derrota
Nos destroe e nos perde sem regresso,
Paz roguemos, tendendo inermes dextras:
Bem que oh! se nos restasse o brio antigo,
Feliz na morte fôra e o mais egregio
Quem, por não vêl-o, o pó mordeu cahindo.

404-408 Mas, por nós frescas tropas se inda temos,
Florentes povos de ítalas cidades;
Se com tormenta igual de sangue e estragos

Tambem veio aos Troianos a victória,
Porque á primeira ignavos desmaiamos?

409-416 Trememos antesque a trombeta sôe!
Do tempo o vário andar melhora as cousas:
A muitos, que illudiu, fortuna instavel
Repoz em firme estado. Se Arpo etolia
O nega, auxílio nos darão Messapo
E o próspero Tolumnio, e os tantos cabos
De possantes nações; nem glória escassa
Aguarda a flor do Lacio e de Laurento;

417-426 E Camilla pugnaz, de illustres Volscos,
Turmas luzidas move e equestres fôrças.
Desafiado, apraz que eu só combata
Em proveito commum? não se me esquiva
Tanto a victória, que intentada enjeite
Essa esperança. Um proprio Achilles seja,
Vista e maneje o heroe vulcanias armas,
Contra animoso irei. Somenos Turno
A nenhum dos avós, te voto, ó patria,
E sagro esta alma. Enéas só me chama?

427-429 Chame, eu peço. Nem antes pague-o Drances,
Caso que o céo funesto se nos torne;
Nem sua intrepidez nos tire a palma.»

430-434 Entre a dubia contenda, o campo Enéas
Levanta e marcha. Um nuncio alvoroçado
Corre ao paço, e a Laurento enche de susto:
Que o teucro e tusco exército em batalha
Desce do Tibre, invade-se a campanha.

435-442 Turba-se o vulgo, os peitos se conturbam,
Não leve estímulo os furores cresce:
Armam-se á pressa, o moço armado freme,
Lamenta e rosna o velho; os ares fere
O discorde multíplice alarido:
Al não succede, se volateis bandos
Pousam no bosque, ou soam do piscoso
Pado em loquazes tanques roucos cysnes.

443-445 Turno o instante aproveita: «He bem, consocios,
Reuni conselho, a paz louvai sentados;
Elles de assalto ruam.» Nem mais dice;

446-449 Larga impetuoso a régia: «Tu, Voluso,
Volscas esquadras prestes, guia os Rutulos;
Messapo, e vós irmãos Catillo e Coras,
Derramai na planície os cavalleiros;

450-456 Parte as entradas guarde e occupe as tôrres;
A mais hoste me siga.» Eis da cidade
Corre-se aos muros. O conselho o mesmo
Latino pae suspende, e seus projectos

Nesta consternação tristonho adia:
Muito se accusa de não têr a Enéas
Por genro acceito e associado ao reino.

457-459 Pedra e estrepes carretam, fossos cavam:
Roncam buzinas o cruento a l'arma.
O muro, em varios grupos, lance extremo!

460-462 Coroaram matronas e meninos.
Dadivas, de Minerva ao celso alcaçar,
Com suas damas a raínha leva;

463-469 E ao pé, submissos os decoros olhos,
Vai, do mal causa insonte, a virgem filha.
As mães da comitiva o templo incensam,
Espargem do limiar carpidas vozes:
«Deusa da guerra, armipotente Pallas,
Quebra ao phrygio ladrão tu mesma a lança,
Prostado o abate, ás portas o destroça.»

470-477 Turno fogoso aos prelios se apparelha:
Já rutula coiraça eri-escamosa
Veste horrente, e nas pernas grevas de ouro,
Inda nu da cabeça, a espada á cinta,
Do castello, fulgindo, alegre pula,
E na idéa o triumpho se afigura:
Como, o cabresto quando emfim rebenta,
Livre o cavallo o aberto campo goza;

478-481 Ou vai-se ao pasto e ás eguas; ou, do rio
Nóto o banho, se deita á funda vêa,
A cerviz a entonar, viçoso rincha,
Brincam-lhe as crinas pelo collo e espadoas.

482-484 Vem Camilla encontral-o, e descavalga
Ás portas a raínha, antesque o façam
As volscas turmas, que depois a imitam.

485-487 «Turno, diz, se tem jus uma alma nobre
De em si crêr, de arrostar eu só te fico
Ilias cohortes, cavalleiros tuscos.

488-493 Estrear me permitte a guerra e os transes;
Tu defende as muralhas a pé firme.»
Turno olhos fixa na tremenda virgem:
«Que assás graças te posso, honra de Italia,
Aqui render? mas, já que a tua audacia
Tudo excede, comigo os riscos parte.

494-499 Enéas, como espias m'o confirmam,
Cavallaria avança que ligeira
Bata a campanha, e de ermos e arduos montes
Contra a cidade se despenha astuto:
Traço estar de emboscada em curvo atalho,
Soldadesca cercando as fauces bívias.

500-502 Tu, juntos os pendões, cahe nos Tyrrhenos;
O acre Messapo e as tiburtinas hostes
E as do Lacio terás: commanda em chefe.»

503-507 Vôlto a Messapo, o exhorta e os cabos todos,
E em busca do conflicto o passo aperta.
Apto ao bellico dolo, um valle inflexo,
Negra espessura o encerra; onde uma trilha
Por estreita garganta a custo guia.

508-511 Jaz de cima n'um cume, a cavalleiro,
Planura ignota, abrigo retirado,
Quer tentes atacar á dextra e á sestra,
Quer volver do cabeço enormes galgas.

512-518 Lá chega o joven por sabidas sendas,
E de atalaia está na iniqua selva.
Entretanto Latonia á veloz Opis,
Do seu virgineo côro uma das nymphas,
Lá no Olympo sentida assim fallava:
«Camilla, a quem mais prézo, á cruel guerra
Parte, cingida em vão das armas nossas;

519-525 Nem, Opis, este amor veio improviso
Obrar com doce estímulo em Diana.
Metabo, de Priverno antiga expulso
Por odio e prepotencia, entre os conflictos
Salva a trouxe do exílio companheira,
Tenra menina; com mudança pouca,
Da mãe Casmilla a nomeou Camilla.

526-528 Com ella ao collo por desertos soutos,
Longinquos serros, circumfusos Volscos
A perseguil-o a dardos o opprimiam.

529-536 Da fuga em meio, as nuvens desabando,
Eis o Amaseno alluvioso espuma:
Quiz nadar, mas temendo se reteve
Pela querida carga. Em si revolve,
E decide-se emfim: na mão robusta
Guerreiro tinha, de tostado sôbro,
Rija e nodosa lança; embrulha a filha
N'um cortiço, accommoda e a liga n'hastea;

537-539 E, com fôrça a libral-a, assim depreca:
«Alma virgem Latonia, a ti, cultora
Dos bosques, eu seu pae t'a voto serva;

540-542 Súpplice na tua arma eil-a que foge
Do inimigo; recebe-a, deusa, he tua,
Eu, t'a encommendo pelas dubias auras.»

543-546 Dice, e o bucho contrahe, o hastil contorce:
Brame o rio; a infeliz por cima voa
No estridente arremêsso. Então Metabo,
Urgido mais e mais, se entrega ás aguas;

547-550 Da relva, em que a depoz, na lança a virgem
Arranca vencedor. Nem tecto ou muro
O acolheu, nem as mãos altivo dera:
Solitario pastor vivia em brenhas;

551-553 E alli, criando a filha em gruta brava,
De egua armental ás tetas, lhe mungia
Ferino leite nos mimosos labios.

554-556 Mal que a pino a menina as plantas firma,
Dardo agudo pejando-lhe as mãozinhas,
Pendura-se-lhe ao hombro aljava e arco;

557-561 Por aurea coifa, por comprido manto,
Á costas lhe descahe tigrina pelle:
Já frechas pueris brincando joga,
Da cabeça em redor voltêa a funda,
Grou derriba strymonio ou branco cysne.

562-564 Nora a desejam muitas mães tyrrhenas;
Mas, dedicada a Phebe, amor eterno
Rende ás settas pudíca e á virgindade.

565-574 Oh! se bellaz não provocasse os Teucros,
E ora me fôsse companheira cara!
Sus, nympha, já que a preme atroz destino,
Do polo baixa manso onde os Latinos
Pugnam com sestro agouro. Ouve, e do coldre
Ultriz frecha prepara: Italo ou Phrygio,
Quemquer que a vulnerar sagrada e bella,
Com seu sangue m'o pague. Em nuvem cava
Trarei não desarmada a miseranda,
Porque em patrio jazigo a deposite.»

575-580 Não mais; e ella, em nublado escuro involta,
Pelas auras sonora se deslisa.
Mas já Teucros e Etruscos se appropinquam,
Toda a cavallaria em turmas certas:
Freme o sonípede, a pular garboso,
E aqui virado e alli, relucta ao freio;

581-586 Horrida em ferrea messe, arde a campina.
Com os latinos céleres Messapo,
E Coras com o irmão, Camilla e os Volscos,
Apparecendo oppostos, longe vibram
Zargunchos e hastas, retrahindo os braços:
De homens ferve o tropel, relinchos fervem.

587-595 A tiro, as hostes ambas fazem alto:
Rompe a cuquiada, incitam-se os cavallos;
Granizam como neve espessos dardos,
Que o céo tornam sombrio. Em reste as lanças,
Tyrrheno e Acônteo acerrimo ruídosos
Se investem logo, e os brutos se abalroam
Peito com peito: sacudido Acônteo,
Qual por trabuco o pêso, ou como raio,
Se precipita, e no ar a vida esparge.

596-604 Turbam-se; e, adargas para trás virando,
Os Latinos de trote aos muros voltam.
No alcance, o bravo Asylas quasi ás portas
Leva os Troas; e, em grita os collos dóceis
Revirando o inimigo, á redea sôlta

Por turno retrocedem: não diverso
Da maré que, alternada, ou rola ás terras,
E os cachopos orvalha, espuma e ronca,
Té lavar sinuosa a extrema arêa;

605-608 Ou, resorvidos os revôltos seixos,
Na ressaca lambendo ás praias foge.
Ora o Toscano ao Rutulo rechassa,
Ora o broquel tambem lhe ampara as costas;

609-612 Mas, no terceiro choque, barba a barba
Travam geral batalha: em ais e em gritos
Varões, corséis morrendo, e corpos e armas
Em sangue rodam, n'aspera carnagem.

613-616 A hasta ao frisão (que a Remulo tem medo)
Brande Orsilocho, espeta-o sob a orelha:
Da ferida o quadrupede impaciente,
Empinado, aos corcovos, escoucêa;

617-620 Vasa em terra o senhor. Catillo a Iolas
Derriba, e ao forte e corpulento Herminio;
Que nu de hombros, sem elmo a flava coma,
Rojões despreza, aberto affronta os golpes.

621-623 Fixo na larga espadoa o dardo treme;
O varão se contorce e á dôr se encurva.
O cruor mana, estragos multiplicam;

624-626 Mata-se, ou busca-se acabar com honra.
De aljava, cérceo um peito, em ar Camilla
De Amazona, entre a clade ufana e salta;

627-629 Já com pulso indefesso amiuda settas,
Já prompta esgrime a válida bipenne:
Soa o aureo carcaz, da Trívia as armas.

630-637 Se o dorso alquando vira, em retirada
O arco frechas alígeras despede.
Tulla a escolta e Larina, e erea secure
A manejar Tarpeia; ítalas virgens
Que, á divina senhora a côrte ornando,
Sam ministras na guerra e paz ditosa:
Quaes, de pintado arnez guerreiras thracias,
O Thermodonte as Amazonas pulsam;

638-640 Ou de Hippolyte em cêrco, ou da mavorcia
Raínha após o coche, uivando exulta
Com lunados broquéis femínea turba.

641-646 Quem primeiro, quem último, acre virgem,
Provou teu braço irado? a quantos prostras?
De Clycio o filho Euneu, com longo abeto
O opposto seio traspassado, arroios
Vomita rubros, traga o chão cruento,
Na chaga moribundo a convulsar-se.

647-649 Págaso e Liris cahe, um que ao varado
Bruto a cambalear sustinha as redeas,
O outro ao socio tendendo a inerme dextra;

650-653 A par os precipita. Ajunta o Hippotio
Amastro; enresta a lança, e a Demophoonte,
Chromis, Tereu e Harpalyco, persegue:
A môça a cada bote um varão mata.

654-656 Caçador, mas bisonho, Ornyto assoma
Em ginete iapygio: os hombros largos
Lhe arreia o espólio de brigão novilho;

657-661 Tem por elmo lupina ampla guela
E a queixada em que alveja a dentadura;
Empunha agreste chuça, e bizarrêa
E sobrepoja a todos. Ella o aterra
Sem trabalho, as catervas derrotadas;

662-664 Sôbre o corpo chasquêa: «Que! Tyrrheno,
Crêste que monteavas? chega o dia
Em que hasta mulheril te abata as roncas;

665-674 Porêm, não leve glória, aos patrios manes
Conta que de Camilla ás mãos succumbes.»
Rompe a Orsílocho e Butes, dous gigantes:
Entre o casco e a loriga a ponta em Butes
Crava, onde ao cavalleiro brilha o collo
E á séstra o escudo pende; em grande gyro
Do outro fugir simula, e mais por dentro

Corta as vóltas, seguindo o que a seguia:
Eil-a, alçada, a secure em armas e ossos
Mette ao varão que implora, os golpes dobra;

675-678 Quente no rosto o cérebro se esparge.
Com ella topa, estupefacto embaça
Do apenniniculo Auno o pugnaz filho,
Ligure em tretas guapo, emquanto poude.

679-682 Vendo que sem remédio era o combate,
Poisque instava a raínha; ardis e astucias
Comsigo meditando, assim começa:
«Em ligeiro frisão, mulher, te fias?

683-685 Não fujas, de mais perto em livre campo
A pé vem pelejar: saberás presto
A quem seja damnosa a fofa glória.»

686-688 Dice: ella em furia, accesa em dôr austera,
Dando o ginete á sócia, a pé galharda,
Ferro nu, puro o escudo, igual o espera.

689-691 Elle, o dolo efficaz julgando, abala,
Torce a brida na pressa, e com ferrado
Calcanhar o quadrupede esporêa.

692-694 «Ligure fanfarrão, de balde ufano,
As patrias artes lúbrico tentaste;
Salvo a teu pae a fraude não te renda.»

695-700 Nisto, ígnea a virgem com velozes plantas
Passa o cavallo, adversa o freio prende,
E se despica no inimigo sangue:
O sacro açor tam facil de alta penha
Adeja, empolga a remontada pomba,
De unhas aduncas no ar a desentranha;

701-707 Chove o cruor de cima e avulsas pennas.
Não descuidado olhando, o pae supremo
Do Olympo isto contempla; e, ao sevo marte
O etrusco Tárchon suscitando, o irrita
E estimula e exaspera. Entre a matança
E as frouxas alas eil-o a trote corre,
Grita aos seus, um por um nomêa e instiga;

708-711 Alenta e o prelio instaura: «Ó vis Tyrrhenos,
Fracos sempre e insensiveis, tanta ignavia,
Tal medo vos quebranta? as vossas turmas
Uma mulher derrota e as afugenta.

712-715 Porque o ferro cingis e empunhais lanças?
Lerdos não sois de noite em cyprias lides,
Ou, se aos coros vos soa a curva tibia,
Para o banquete lauto e lieus copos;

716-720 Vosso amor, vosso estudo: aos bosques santos
Ide, hostia gorda e o augur vos convida.»
Então, perecedouro, o bruto pica,

Turbido aferra a Vénulo e o desmonta,
Abraçado com impeto o arrebata.

721-724 Clamor se ergue; ante os olhos dos Latinos,
Tárchon fulgureo voa, e pelo campo
Leva o armado varão: quebra-lhe a choupa
Da haste, e a parte esquadrinha onde lh'a enterre.

725-730 Fôrça elle oppondo á fôrça, renitente
Sustêm, repelle do pescoço a dextra.
Quando aguia fulva a surto prêa a serpe,
Pés nella e a garra implica; vulnerado
O dragão volve as sinuosas roscas,
Hirta a escama, se enrija e silva e empina-se;

731-734 A aguia de bico adunco urge-o luctante
Mais e mais, e aleando açouta os ares:
Tárchon não menos da tiburcia prêsa
Folga; os Meonios com o exemplo investem.

735-741 Aqui, fadado á morte, o dardo em punho,
Á pista Arunte da veloz Camilla,
Catando a occasião, por onde as turbas
Furente ella penetra, cauteloso
A rodêa, e por onde vencedora
Do inimigo reverte, a furto o joven
Retorce tacito a ligeira brida;

742-749 Esta aberta em circuito e aquella tenta,
Improbo o dardo a menear certeiro.
Chloreu sacro a Cybele, outrora antiste,
Brilhando em phrygio arnez, mettia o espumeo
Ginete em obra, com xairel de pelle
De enea malha e aureas plumas recamado:
Luz em ferrenha púrpura estrangeira,
Lycio o corno a vibrar cortynias frechas;

750-753 Dourados arco e morrião lhe tinnem;
Crócea a roupa, do linho os rugidores
Seios colhe em nó fulvo, e tem bordadas
A tunica e as barbaricas polainas.

754-758 A virgem, porque em templo insignias troicas
Fixe, ou caçando fulja em aureo espólio,
Cega após elle, sem que os mais lhe importem,
Incauta se abrazava, entre as fileiras,
No amor femíneo da vistosa prêsa.

759-765 Eis que a tempo á traição dardeja Arunte,
Depois que assim depreca: «Summo Apollo,
Do Soracte custodio venerado,
Em cujo culto píneo ardor cevamos,
E afoutos na piedade, em vivas brazas
Entre a fogueira os passos imprimimos,
Dá-me apagar, ó padre, a nossa injúria.

766-769 Trophéo não peço da prostrada virgem,
Nem seus despojos, honrem-me outros feitos:
Como ao golpe desta arma a dira peste
Derribe, á patria me retiro inglório.»

770-774 Parte lhe ouviu do rôgo o deus benigno,
Parte em auras dissipa: á morte annúe
Da sorpresa Camilla, mas lhe nega
Revêr a excelsa patria; e pelos nôtos
As procellas a voz lhe dispersaram.

775-781 Ao despregar da rechinante vira,
Convergem todos á raínha os Volscos
Turbidos olhos. Ella não pressente
O ar, o estridor, a farpa, até que á cércea
Mama ferra-se a ponta e funda o sangue
Virgineo bebe. Acodem logo as socias,
Trépidas a senhora sustentando.

782-790 Entre alegria e susto Arunte escapa-se;
Nem mais confia em dardo, nem da virgem
Arrostar ousa as lanças. Quando o lobo,
Antesque os tiros chovam, por desvios
Vai-se, morto o pastor ou nedio almalho,
Na montanha esconder; conscio da audacia,
Pavido o rabo encolhe e as selvas busca:
De evadir-se contente, assim medroso,
Arunte no tropel desapparece.

791-793 A haste ella a morrer saca; mas o ferro
Pregado ás costas fica-lhe entre os ossos.
Desmaia, baça a vista, exsangue e fria;

794-798 Desbotam-lhe no rosto as frescas rosas.
A donzella, a expirar, dos seus cuidados
Á confidente e mui querida falla:
«Mais, Acca irmã, não posso; ao golpe acerbo
Falleço, e tudo se me ennoita em roda.

799-804 Já, leva de Camilla o final termo:
Turno succeda-me, e repilla os Teucros.
Adeus, adeus.» E então largando as redeas,
Da sella cahe; gelada a morte aos poucos
Solve-lhe o corpo, languida a cabeça
E o collo pousa, demittindo as armas;

805-808 Geme e agastada a vida aos manes baixa;
Subito grita immensa atroa os astros,
Mais se encruece a pugna; em mó concorrem
Teucros, Tyrrhenos e de Evandro as alas.

809-813 Mas, por Diana, ha muito em celso monte
Espreita Opis impávida as pelejas;
E, avistando entre os jovens clamorosos
Ao passamento a víctima rendida,
Exclamou suspirosa: «Ai! triste virgem!

814-816 De encarares o Phrygio atroz castigo!
Honrar a Trivia por desertos matos,
Nem hombrear valeu-te aljavas nossas.

817-820 Porêm tua raínha em tal affronta
Não sem lustre ou renome te abandona,
Nem morrerás inulta. As justas penas,
Quemquerque seja o temerario, pague-as.»

821-826 De um teso ás faldas, sob azinha opáca,
Do lacio rei Dercenno havia antigo
De terreo acervo o mausuléo: parando
O impeto alli, do combro a nympha bella
Pesquisa Arunte; a relumbrar tumente
Como o avistou: «Vem cá; porque te afastas?

827-836 Recebe de Camilla os dignos premios.
Que! vam manchar-se em ti de Phebe as armas?»
Dice, e do aureo carcaz ligeira setta
Qual Thracia tira, e infensa o corno atesa,
Encurva e puxa, até que ajunta as pontas,
E toca a séstra mão no ferro agudo,
Na têta o nervo e a dextra: simultaneo
Ouve Arunte o zunido e o ar sonoro,
Sente o farpão no corpo. Em mortaes vascas
No ignito pó gemendo, os seus o esquecem;

837-839 E Opis libra-se, adeja á casa etheria.
Morta a raínha, a leve turma foge;
Fogem Rutulos, foge o mesmo Atinas;

840-844 Chefes e esquadras, por salvar-se, ao muro
Em confusão galopam destroçados.
Ninguem resiste aos sitibundos Phrygios
E aos letíferos dardos: mal sustentam
Os bambos arcos nos languentes hombros;

845-848 No trote o chão pulvéreo as patas batem.
Volve ás muralhas turbida caligem;
E dos balcões, os peitos lacerando,
Aos céos clamor femíneo as mães levantam.

849-851 Os que attingem primeiro as francas portas,
Baralhado o inimigo os acabrunha:
Ao patrio umbral, da morte não se evadem;

852-856 Em seus lares expiram traspassados.
Parte, os portões cerrando, abrir não ousa,
Nem recolher os socios que o supplicam:
Dos que prohibem, dos que entrar forcejam,
Nasce triste matança; atroz conflicto!

857-860 Os de fóra, ante os paes e as mães chorosas,
Uns, na ância, aos fossos em despenho rolam,
Uns, sôlta a brida, no alvorôto cegos,
De encontro a hombreiras e batentes marram.

861-865 Camilla ao vêrem (santo amor da patria!),
No último transe intrepidas matronas
Das amêas por ferro precipitam
Pértigas, fustes, achas; e as primeiras
Por morrer na defensa alli se inflammam.

866-869 Na emboscada porêm, cruel notícia!
Acca enche a Turno do tumulto ingente:
Que, perdida Camilla e os Volscos rotos,
O hostil próspero marte arrasa tudo;

870-872 Que avança o Phrygio, e o medo ganha os muros.
Furente (assim o quer severo Jove)
O aspero colle e fauces desoccupa.

873-875 Extra-alcance, mal que elle os campos toca,
Entra a livre espessura o padre Enéas,
Supera o cume, sahe da escura selva.

876-879 E entre si longos passos não distando,
Ambos em veloz marcha aos muros correm.
Tanto que a fumear enxerga Enéas
Poento o plaino e os batalhões laurentes;

880-886 Turno as armas conhece e o bravo chefe,
E o nitrído e o tropel dos brutos ouve.
Logo a batalha e as brigas travar-se-iam,
Se já no ibero ponto o roseo Phebo

Os cavallos cansados não tingira,
Cedendo á noite o dia. Ante a cidade
Assentam-se arraiaes e se entrincheiram.

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XII

✦

1-8 Turno, lendo nos olhos dos Latinos,
Lassos do adverso marte e esmorecidos,
Que exigem-lhe a promessa, ignito e fero,
Mais se exaspera e mais. Qual, de afras brenhas
Ferido o leão no peito, encrespa as garras,
Do collo folga a sacudir a juba,
Do caçador estala o fixo dardo,
Ruge-lhe impavido a cruenta bôca;

9-12 Tal cresce a furia do abrazado moço,
Que embravecido ao rei dest'arte falla:
«Turno he prestes; não ha por que o recuse,
Nem retracte a palavra o Troa ignavo.

13-16 Já marcho: immola, ó padre, o ajuste assella.
Ou d'Asia o desertor eu só na Estyge
Despenho (assista o exército em repouso)
E a querella commum vinga este braço;

17-20 Ou vencido me entrego, e mais Lavinia.»
Tranquillo então Latino: «O' bravo joven,
Quanto em brio te excelsas, mais me cumpre
Temer por ti, pesar-te os casos todos.

21-25 Muito has valente a herança accrescentado;
Nem ouro falta e ânimo a Latino:
Possue Laurento e o Lacio outras donzellas
Não somenos. Verdades sem rebuço
Desabridas me escuta, e não te enojes.

26-30 A filha (homens e deuses m'o cantavam)
A nenhum proco antigo unir cabia:
Mas por nossa amizade e parentesco,
Pelo chôro da espôsa o nó desfeito,
Ao genro a fé quebrei com impias armas.

31-35 D'então vês quantos males hei soffrido;
Que transes tu mórmente. Já perdidas
Acções duas, de Italia nestes muros
Jaz a esperança; o campo alveja de ossos,
Mana do sangue nosso o Tibre quente.

36-38 Que indicisão! que insania me trastorna!
Se, Turno extincto, associal-os devo,
Porque, elle salvo, a guerra não termino?

39-41 Os consanguíneos Rutulos, a Italia
Que não dirá, se á morte (longe o agouro!),
Quando a filha me pedes, eu te exponho?

42-46 O lance he dubio; o velho pae condoas,
Que em Ardea lá te aguarda e lá te chora.»
Turno impaciente não se dobra: o achaque

Mais se aggrava ao remédio. Apenas poude:
«Por quem es, brada, ó pae, de mim não cures;

47-49 Deixa-me a escolha de acabar com honra.
Eu tambem sei jogar a espada e a lança,
E aos golpes deste pulso escorre o sangue.

50-58 Não tem cá deusa mãe que em névoa o encubra
Femínea, ou sombras vãs em que se esconda.»
Treme a raínha á condição da justa,
Retem desfallecida o ardente genro:
«Turno, por este pranto, se has de Amata
O pundonor a peito (pois columna
Me es na velhice, e de Latino o imperio
E inclinada esta casa em ti se esteia),
Desse duello desiste: eis quanto peço.

59-61 Delle, Turno, o teu fado e o meu depende;
A luz odiosa deporei comtigo,
Nem genro o salteador verei captiva.»

62-66 Á voz materna, em lagrimas Lavinia
Incende as faces, de rubor corando;
Fogo instantaneo o vulto lhe escandece:
Tal fica o indio marfim na grã sanguínea,
Ou purpurêa a rosa entre alvos lirios.

67-74 Pregando olhos de amor na casta virgem,
Turno em marte flammeja: «Ó mãe, em summa,
Com tal chôro e preságio não me afflijas,

Quando ao cru prelio desço: Turno alçada
Não tem na morte. Nuncio, Idmon, não grato
Leva ao tyranno phrygio esta mensagem:
Da Aurora crástina em puníceo coche
Ao roxear, os batalhões não mova;

75-77 Armas descanse o Rutulo e o Troiano;
Decida o sangue nosso; em liça aberta
Desputemos Lavinia; e cesse a guerra.»

78-81 Dice, e parte; os frisões demanda, e os mira
Dos relinchos alegre: de Orythia
Prenda honrosa a Pilumno, sobrepujam
No curso os ventos, no candor a neve;

82-88 De aurigas a mão côva os peitos logo
Fagueira trata, as crinas lhes pentêam.
De alvo orichalco e ouro a crespa cota
Elle aos hombros circumda, a espada ageita,
O elmo rubri-cornuto, a enorme adarga:
Fez-lhe a espada ao pae Dauno o rei do fogo,
E a temperou candente n'agua estygia.

89-96 Do Aurunco Actor espólio, hasta robusta
Péga, ao maior pilar do meio fixa,
E a brande a blasonar: «Ó tu, que nunca
Falhaste, lança, he tempo: Actor pojante
Manejou-te, ora Turno; dá que eu prostre

Válido, e arranque ao semiviro Phrygio
E lhe espedace a malha, em pó lhe suje
O frisado cabello ungido em myrrha.»

97-102 Furente e em sanha, o vulto lhe scintilla,
Em braza ardem-lhe os olhos: como o touro,
Que a lucta ensaia horrífico mugindo,
Tentando irar-se, aos troncos remettendo,
A cornadas os ventos desafia,
A arêa escarva, e á briga se aparelha.

103-105 Não menos fero nas maternas armas,
Enéas embravece e o marte afila,
Folga do ajuste que dirime a guerra.

106-108 Lembrando o fado, Iulo e os seus consola
Do susto; ao rei deputa, e lhe assegura
Que acceita a paz e as condições confirma.

109-114 Assimque doura o Sol os altos cumes,
Quando, ao surgir do pélago, os Ethontes
Luz de amplas ventas sopram; campo á justa
Medindo aprestam Rutulos e Teucros
Sob a grande muralha, e em meio focos
E aras gramíneas ás communs deidades;

115-120 Parte, agua e lume trazem, de verbena
E véos de linho as fontes coroando.
Pilos na dextra, a legião d'Ausonia

Rue de atulhadas portas; phrygia e tusca
D'alêm instructas variamente as hostes:
Como se Marte os chame a duro prelio.

121-123 Mnestheu ramo de Assáraco, fulgindo
Em ostro e ouro, entre milhares corre,
E o Neptunio Messapo e o forte Asylas.

124-128 Ao sinal, tomam pôsto, as hastas plantam,
Encostam seus broquéis. O inerme vulgo,
Avidas mães, enfraquecidos velhos,
Por cumieiras derramam-se e por tôrres,
De janelas e eirados se debruçam.

129-131 Do monte, agora Albano, já sem nome,
Lustre nem glória, attenta Juno a liça
E os exercitos ambos e Laurento.

132-138 Eis falla a deusa á diva irmã de Turno,
A qual, em paga do pudor virgíneo
Que o pae summo roubou-lhe, os resonantes
Rios preside e lagos: «Sabes, nympha,
Das ribeiras adôrno, entre as Latinas
Que entraram do meu Jove o leito ingrato,
Só me es cara, e no Olympo colloquei-te.

139-143 Teu mal, Juturna, aprende, e não m'o imputes:
O Lacio, emquanto aprouve á sorte e ás Parcas,
Hei protegido e a Turno; mas conheço

Que o moço lida com funesto auspício,
E que o termo fatal se lhe approxima.

144-148 A briga, o ajuste os olhos meus não soffrem.
Se algo ousas pelo irmão, convêm que o faças:
Talvez melhore o fado.» Aqui Juturna
Se lava em pranto, e vezes tres e quatro
A punhadas maltrata o seio lindo.

149-153 «Não he tempo de lágrimas, diz Juno;
Eia, o irmão de algum modo esquiva á morte,
Ou desmancha tal pacto e a guerra incita:
Esta empresa, eu t'a ordeno.» E a nympha deixa,
A quem tituba o coração dorido.

154-158 Com toda a pompa emtanto os rêis sahiram:
Em quadriga Latino, em cuja fronte
Brilha um dourado sol de raios doze,
Do avô debuxo; em alva biga Turno,
Que dous hastis sopesa de ancho ferro.

159-161 Dos Romuleos o pae do arraial marcha,
Fulgurando no escudo e arnez sidéreo,
E Ascanio ao pé, de Roma outra esperança;

162-171 Em veste pura, de uma cerda o feto
E intonsa o fecial aduz cordeira
Para as flagrantes aras. Ao nascente
Elles virados, salso farro espargem,
Com faca marcam na moleira as hostias,

Libam taças no altar. O pio Enéas
Despindo o alfange, orou: «Testemunhai-me,
Sol, terra por quem tanto hei padecido,
Omnipotente soberano padre,
E tu Saturnia déa, já mais branda;

172-174 Eu vos depreco; invoco a ti, Mavorte,
Arbitro das batalhas; fontes, rios;
E a vós do mar ceruleo e ethereos numes.

175-183 Se acaso triumphar o ausonio Turno,
Os vencidos, convenho, a Evandro passem,
Daqui se aparte Iulo; nem com armas
Contra este reino os meus, revéis conspirem:
Se a victória coroa o marte nosso
(Como antes cuido, e os deuses m'o concedam),
Eu não pretendo o imperio, e ao Teucro menos
O Italo sujeitar: em laço eterno
Lei justa invictos una os povos ambos.

184-186 No culto intervirei; na guerra o sogro:
Tenha o solemne mando. A nova Troia
Funde-se, e o nome seu lhe dê Lavinia.»

187-191 Enéas finda; e começou Latino,
Seu olhar para cima e a dextra alçando:
«Á terra, Enéas, juro, ao pégo, aos astros,
E aos gemeos de Latona e ao deus bifronte,
E ás potencias do abysmo e a Dite sevo;

192-201 Juro ao pae que a troar sancciona os pactos,
D'ara ás chammas que toco, aos numes todos,
Que, succeda o que fôr, jamais a Italia
A paz ha de romper, nem fôrça alguma
Della me desligar; bem que um diluvio
Nas ondas solva o mundo, o céo no inferno:
Como este sceptro (e o sceptro aqui sacode)
Nunca enverdecerá com sombra e folhas,
Pois extirpado, sem têr mãe que o nutra,
Depoz no bosque a ferro a coma e os galhos;

202-207 Arvore já, que industre mão de engastes
Ereos ornara aos regios paes latinos.»
Dest'arte as allianças confirmavam,
Em presença dos próceres; e as rezes
Degolam para o fogo, e sôbre altares
As entranhas em pratos lhes palpitam.

208-212 Muito ha que o duello desigual parece;
E de mais perto os Rutulos em susto
Observam como Turno a passo lento,
Livido e mudo o juvenil semblante,
Submissa a vista, as aras acatava.

213-219 Ao vêr a irmã Juturna que o murmúrio
Cresce, e desvaira o vacillante vulgo;
Fingindo-se Camerte (por avoengos
E paterno valor, por si preclaro),

Semeando rumores corre as filas,
Destra aos Rutulos clama: «Não vos peja
Que por tantos se arrisque uma só vida?

Em número e denodo iguaes não somos?
Eil-os presentes Arcades e Troas,
Da Etruria a fatal hoste infensa a Turno:
Cada qual seu contrário apenas temos.

Elle que aos divos se ale, aos quaes se immole,
Vivo na voz da fama; e em ócio quedos,
Nós cá, perdida a patria, ao jugo estranho
De suberbos senhores nos rendamos!»

Isto afoguêa os moços; e um sussurro
Pelas turmas serpêa. Já mudados
Laurentes e Latinos, que esperavam
Em seguro, a paz rôta e pugnar querem;

Do infortunio de Turno se amiseram.
Mais Juturna os instiga, e um sinal mostra
Que a proposito os animos conturba,
Do prodígio embaídos: aguia fulva
No rubro ether caçava um sonoroso
Leve marinho bando; e a vôo ás aguas
Presto resvala, e empolga um cysne bello
Na ávida garra. Os Italos se alentam;

240-242 E as aves todas, oh portento! a fuga
Ruídosas convertendo, em nuvem densa
Tapando os ares, o inimigo atacam;

243-245 Té que, cedendo á fôrça e á mesma carga,
Esmorece, e no rio a grave presa
Das unhas larga, e some-se nas auras.

246-248 Todos, prestes á lide, o auspício acclamam;
E brada o augur Tolumnio: «Isto, isto, ó numes,
Tanto roguei-vos; o favor acceito.

249-254 Comigo, arma, arma, ó gente amedrontada,
Quaes fracas aves, pelo atroz vindiço
Que estas praias devasta: elle não tarda
Vélas a dar corrido ao ponto fundo:
Cerrando as filas, defendei comigo
O rei vosso e da justa arrebatai-o.»

255-258 Dice, e logo um zarguncho infesto arroja;
Os ares frecha o estrídulo corniso:
Soa o alarido; horrífico tumulto
Os cuneos turba, os corações escalda.

259-264 A hasta, a voar por entre nove esbeltos
Irmãos, que de fiel tyrrhena espôsa
Houve o Arcadio Gylippo, alcança um delles,
De relumbrante arnez gentil mancebo,
Onde o cosido balteo o ventre pisa,
E a mordente fivela une as charneiras;

265-269 Traspassa as costas e na arena o estira.
Acres, cegos do nojo, os irmãos rompem,
Remêsso ou gladio em punho; os de Laurento
Contra avançam: de novo inundam Phrygios,
E arreiados Arcadios e Agyllinos.

270-272 Um só do ferro o amor domina em todos.
Saqueam-se aras; tolda os pólos torva
De rojões tempestade e chuva de aço;

273-276 Copas tiram, tições: Latino foge,
Da injúria aos deuses, da traição queixoso.
Qual emparelha o coche, qual de um salto
Cavalga lesto, qual desnuda a espada.

277-284 Messapo, que annular deseja as pazes,
Ao Tusco Auletes em reaes insignias
Remette o bruto: a recuar de espanto,
Atrás o triste rei de encontro ás aras,
Cahe de hombros e cabeça. Eis que Messapo
Do alto corsel malfere ao supplicante
Com trabal chuça, e férvido vozêa:
«Morre, esta he melhor víctima aos supremos.»

285-291 Acode a chusma, e os quentes membros despe.
Chorineu, de um tição do altar pegando,
A Ebuso, que despede e um golpe acena,
Chammêa o rosto: luz comprida a barba,

O chamusco a cheirar. De chofre ás grenhas
Deita-lhe a esquerda, mette-lhe o joelho,
Prosta-o sem tino, corre-lhe a estocada.

292-297 A Also pastor, que em frente arrosta e campa,
De alfange nu seguindo Poladírio,
O assuberba; Also, erguendo a machadinha,
Lhe escacha a testa e o queixo, as armas rega
Dos esparsos miollos: ferreo somno
O urge, e os lumes em noite fecha eterna.

298-300 Mas, patente a cabeça, a dextra inerme
Leva, e aos seus brada Enéas: «Suspendei-vos:
Que furor, que discordia vos despenha?

301-304 Ferido o ajuste, as condições compostas,
Devo eu só pelejar, deixai-me; os pactos,
Não receeis, confirmará meu braço:
Já destinam-me Turno os sacrificios.»

305-309 Nisto, setta a zunir no heroe se encrava:
Que mão, que impulso a desparou, se ignora;
Se aos Rutulos um deus, se o mero acaso
Tal glória permittiu: suppressa a fama,
Do golpe e arrôjo tal ninguem jactou-se.

310-316 Turno, ao partir Enéas, vendo os chefes
Consternados, fervente e esperançoso
Pede armas e corséis, no carro salta,
Menêa altivo as redeas. Vôa, immola

Muitos varões de prol, ou semimortos
Os roda, ou sob o coche esmaga immensos,
De hastas se apossa que aos fugidos vibra.

317-324 Se o truculento Marte no Hebro frio
Pulsa o broquel e incita os corredores,
Elles, bufando pelo plaino livre,
Zephyro e Nôto excedem; geme inteira
Ao seu tropel a Thracia; ao nume escoltam
A Ira, a Traição, do Susto o aspecto baço:
Tal em suor fumantes os cavallos
Braceja alegre Turno, e insulta os mortos;

325-327 Sanguíneo orvalho esparge e vérte a roda,
Na lenta arêa a unha o cruor calca.
Mata a Pholo e Thamyris á mão tente;

328-331 A Sthenelo de longe, e a Glauco e Lades
Irmãos, que em Lycia Imbraso pae criara,
E igualmente os armou, que a pé combatam,
Ou na equestre corrida as auras vençam.

332-337 Lá, do antigo Dolon guerreira prole,
Pompêa Eumedes, imitando em nome
O avô, no esfôrço o pae; que ousara, em paga
De ir espiar o acampamento graio,
De Achilles para si pedir o coche:
Mas de outro modo lh'o pagou Tydides;

338-347 Elle aos frisões do heroe nem mais aspira.
Turno, avistando na planicie o filho,
Joga-lhe um dardo pelos vacuos ares,
Pára, da biga pula, e ao semivivo
Que descahe sobrevem, no collo a planta
Lhe imprime, esbulha-o do punhal fulgente,
Na garganta lh'o tinge, e assim blasona:
«Mede jazendo, ó Teucro, o solo hesperio
Que vinhas conquistar: dos que me affrontam
Eis o premio; dest'arte os muros fundem.»

348-350 A botes lhe ajuntou Sybaris, Bustes,
Chloreu, Dares, Thersílocho, e Thymetes
Que aos trancos o animal da cerviz lança.

351-353 Qual, se do Egeu no pégo o Edonio Bóreas
Sopra sonoro e as ondas rola ás praias,
Do céo, por onde vara, espanca as nuvens;

354-356 Tal ao fogoso Turno as alas cedem,
E fogem batalhões: o impeto o leva,
Batem-lhe o carro as fluctuantes plumas.

357-359 Phegeu não lhe supporta o orgulho e sanha;
Ao coche avança, aos rapidos ginetes
Retorce os freios e espumantes queixos.

360-362 De rôjo e ás bridas preso, em descoberto
O apanha larga chuça, e a coira dobre
Rôta, a cutis lhe prova o golpe leve.

363-367 Elle se adarga, e já de estoque em reste,
Vôlto para o inimigo, auxílio pede:
Mas o eixo despedido e a roda o impelle,
Cahe por terra; e entre a cota e o casco Turno
Decepa-lhe a cabeça, e troncho o prostra.

368-371 Emquanto ufano tudo arrasa e estraga,
Mnestheu e Achates fido e Iulo ás tendas
A Enéas acompanham, que sanguento
No conto abordoava os tardos passos.

372-375 Raiva a luctar, e o meio quer mais prompto
Com que da haste quebrada a farpa arranque:
Abram de espada, e o golpe dilatando
Catem-lhe o ferro, porque á pugna torne.

376-379 Era presente o Iasidis Iapis,
Dilecto amigo do extremoso Apollo;
Que ledo as artes suas lhe doara,
O augurio, a musica, as ligeiras settas.

380-382 Elle, a fim que a seu pae retarde os fados,
Antes inglório conhecer as hervas
E exercer quiz a muda medicina.

383-391 N'hasta a bramir Enéas se estribava,
Cercado immovel de tristonhos jovens
E de Ascanio a chorar. Peonia a loba
O habil velho traçando, em vão tentêa
E usa as de Phebo virtuosas plantas,

Em vão sonda com geito e prende o ferro
Com tenaz pinça: nem fortuna o serve,
Nem seu mestre o soccorre; e mais no campo
Mais cruel medra o horror, mais perto avulta.

392-394 Já se ennovela o pó, já se ouvem rinchos,
No arraial chovem dardos; grita immensa
Dos combatentes soa e dos que morrem.

395-397 Venus, a quem do filho as dôres pungem,
No cressio Ida colheu de flor purpúrea
Dictamo, caule de pubentes folhas;

398-403 Não da corça ignorado, se expedita
Frecha ao dorso lhe adhere. Em névoa escura
Venus o traz involta: em vaso terso
De agua turva o infundindo, occulta o misto
Ella tempéra, e esparge-lhe os salubres
Succos de ambrosia e odora panacéa.

404-407 Inscio o longevo Iapis á ferida
O banho applica: logo a dôr se extingue,
O sangue estanca; a setta por si mesma
Já segue a mão; restauram-se-lhe as fôrças.

408-412 «Presto, armas ao varão; tardais? primeiro
Grita Iapis e os animos inflamma:
Não foi pericia minha ou arte humana
Que, Enéas, te curou; foi celso nume,
Que a façanhas grandiosas te reserva.»

413-418 Avido o Phrygio as canneleiras calça,
E as demoras detesta e brande a lança.
Depois que enfia o escudo e a cota enverga,
De ponto em branco armado abraça o filho,
Ergue a viseira e o beija: «O vero esfôrço
De mim, Ascanio, aprende e o soffrimento;

419-423 De outros, a dita. Agora a dextra minha
Vai segurar-te, o que reputo um premio:
Lá na idade madura não te esqueças
Do exemplo dos avós, nem de que houveste
Enéas por teu pae e Heitor por tio.»

424-428 Dice, e hasta ingente balançando parte;
Das portas após elle turba infinda,
Antheu sahe e Mnestheu; largando os vallos
Flue toda a gente: cego pó se enrola,
E ao pulsar do tropel treme a campanha.

429-433 De adverso marachão destingue-os Turno:
Gêlo aos d'Ausonia pelos ossos coa.
Primeira entre elles percebeu Juturna
O ruído, e vai-se trépida. Elle a vôo
Traz a atra nuvem pelo aberto plaino.

434-437 Quando, em siderea conjunção, borrasca
Do mar ronca, os agrícolas presagos
Ai! se arrepiam, que ella estrago e damno
Aos pomares prepara e ás sementeiras;

438-442 Sopra o vento, e um sonido ás praias chega:
Tal o chefe rheteu move as esquadras,
E em cuneo as cerra e densa. Ao grave Osiris
Fere e trunca Thymbreu, Mnestheu a Archecio,
Achates a Epulon, a Ufente Gyas;

443-446 Tomba o augur Tolumnio, o que o primeiro
Vibrou dardo infractor. Os céos atroa
Amplo alarido, e aos Rutulos agora
Fuga pulverulenta as costas vólta.

447-450 A nenhum dos que fogem, dos que atiram
Distante, ou perto o investem, não se digna
De derribar o heroe: só busca a Turno,
Por Turno clama, entre a caligem basta.

451-454 A virago Juturna, apavorada,
Por entre os loros a Metisco, auriga
De Turno, ao longe do timão sacode:
Monta, e maneja e dobra undantes bridas;

455-460 Finge a voz de Metisco e a fórma e as armas.
Qual de rico senhor por tectos e atrios
Fusca andorinha adeja, cata e indaga
Para os gárrulos ninhos o cibato,
E ora por vacuos pórticos, chilreira,
Ora por tanques humidos revoa;

461-469 Tal a trote Juturna, entre inimigos
Percorre tudo no ligeiro carro,
Do irmão fazendo alardo: á lucta o esquiva,
Por desvios o aparta. Enéas obvio
Lesto os rodeios corta, e á pista a vozes
De hostes esparsas pelo meio o chama:
Sempre que a Turno olhos desfere e emúla
O curso dos alípedes cavallos,
Juturna o evade retorcendo o coche.

470-474 Ah! que obrará? fluctua em varios estos,
E differentes cuidos o arrebatam.
Leve armado, Messapo dous virotes
Na sestra acaso tinha; um vibra e acerta:
Pára, escuda-se o Teucro, e a perna encurva;

475-481 Mas levou-lhe o farpão cimeira e plumas.
Surgem-lhe as iras; da traição coacto,
Mal sentiu que os frisões e o coche o evitam,
A Jove attesta e as aras violentadas,
Acerbo invade com propício marte,
E, sem descrime na fatal matança,
As redeas sólta á colera terrivel.

482-484 Qual deus, quem ha, que em verso me declare
Que estragos na campina e mortos cabos
Derramou Turno agora, agora Enéas?

485-490 E permittis, ó céos, que entre si luctem
Povos que tem de unir-se em laço eterno?
Ao Rutulo Sacron não tardo o Anchíseo
(Pugna que em seu furor deteve os Teucros)
De lado, onde he mais prompta a morte, o ferro
Mette, e a caixa do peito e as costas vara.

491-494 A Diores e Amyco irmãos desmonta
A pé Turno, um de espada aguda vindo,
Um de hasta longa; e de ambos as cabeças
Talha, e sangue estillando ao coche as prende.

495-499 O Dardanio a Talon, Cethego, Tánais,
Que investem juntos, mata, e o pobre Onythes,
Nome echionio, de Peridia nado:
Turno, uns irmãos da Lycia, a Phebo cara,
E a Menetes Arcadio, á guerra avesso;

500-502 Moço em Lerna piscosa afeito ás redes,
Sem dos grandes saber do pae na choça,
Que de renda um campinho semeava.

503-510 Como dá sôlto o incendio em sêcca mata
E crepitantes louros; como espumeos
Estrepitosos rios despenhados
Com vastadora quéda ao mar caminham:
Taes os dous campeões rutulo e teucro

Se precipitam; já fluctua interna
Raiva; já corações que o não cuidavam
Rasgam-se; os golpes desmedidos fervem.

511-522 Enéas a Murrano, que arrotava
Lacios avoengos de real prosapia,
Com seixo enorme em turbilhão derriba:
As rodas volvem-no entre o jugo e os loros,
E ingratos brutos com patada crebra
Conculcam seu senhor. De Hyllo, que immano
Fremente ameaça, ás temporas douradas
Contorce Turno um dardo, que pelo elmo
No cerebro se encaixa. Não o evitas,
Creteu, valente Graio. Nem de Enéas
A Cupenco seus deuses resguardaram:
De encontro o peito ao ferro, ah! nada embarga

523-528 O ereo broquel. Tambem laurentes agros
Viram-te, Eolo, vasto chão cobrindo:
Morres tu, que as phalanges não poderam
Grajugenas prostrar, nem do priâmeo
Reino o eversor Achilles: no Ida excelsas,
Excelsas casas em Lyrnesso tinhas;

529-534 Tens a méta em Laurento e a sepultura.
Tudo he baralha, os Teucros, os Latinos,
Briga tudo; Mnestheu, Seresto bravo,

E o picador Messapo e o duro Asylas,
Alas de Evandro e batalhões toscanos:
Com summo esfôrço cada qual porfia;

535-538 Larga, incessante, encrua-se a batalha.
Aqui Venus formosa inspira ao filho
Que assalte os muros, e a Laurento oppressa
Com mortandade subita consterne.

539-545 Elle, que, a Turno investigando, os lumes
Deita em redor, quieta e impune avista
A perfida muralha; e em marte acceso
Traça plano maior. Mnestheu, Sergesto,
Seresto forte chama; e n'um outeiro,
Onde reune os seus de escudo e lança,
Do alto brada: «Obedeçam-me de prompto;

546-550 Jupiter he por nós, executai-me
Não frouxos o repente. Hoje a cidade,
Causa do mal, e de Latino os reinos,
Se o freio me refusam não submissos,
Destruo, assolo os tectos fumegantes.

551-554 Esperarei que a Turno já vencido
A justa apraza? Da nefanda guerra
Eis, cidadãos, a summa, eis o remate:
Sus, reclame-se o pacto a ferro e fogo.»

555-558 Dice; e, formando em cuneo a densa mole,
Ataca os muros. A escalada, o incendio
Cresce: uns ás portas, retalhando os guardas,
A discorrer; o alfange a esgrimir outros;

559-564 O ar de tiros se obumbra. Entre os primeiros
No muro Enéas mesmo a dextra ferra;
Grita e accusa a Latino; os céos attesta
Que á batalha he forçado, que hostilmente
Os de Italia o aggrediram duas vezes,
Duas tambem ás convenções faltaram.

565-567 Dentro lavra a discordia: espavoridos
Uns abrir ao Troiano as portas querem,
E ao muro o mesmo rei comsigo arrastam;

568-574 Armam-se outros e insistem na defensa.
Tal, se na cresta o latebroso pomes
O rustico enche de vapor amargo,
Trépido errando o enxame em cereos vallos
Zumbe, a colera aguça: olor nos tectos
Forte recende, um murmurinho cego
No ouco soa, e no ar se engloba o fumo.

575-582 Mais quebranta os Latinos um desastre,
Que a cidade revolve e em lucto abala:
Vendo a raínha do inimigo a entrada,
Pelas casas o incendio, e que nem Turno
Comparece nem rutula phalange,

Morto o mancebo no conflicto julga,
E em turbida agonia a triste clama
Que de mal tanto e crime he fonte e causa;

583-585 Vocifera sem tento, e furibunda
Rasga o manto púrpureo, e atando um laço,
De alta viga pendeu com morte informe.

586-588 Corre a fatal notícia: as roseas faces
A filha dilacera e as flavas tranças;
Mestas em tôrno as damas esbravejam;

589-593 O pranto a régia estruge. Divulgada
A cruel fama, os corações prosterna:
A cidade em ruína, a espôsa extincta,
Latino attonito espedaça as vestes,
E as cãs em pó denigre enxovalhadas;

594-603 Muito se accusa de não têr a Enéas
De grado recebido e acceito genro.
Remoto o bellaz Turno, menos lesto,
Já dos frouxos cavallos descontente,
Persegue uns trasmalhados: eis que as auras
Trazem-lhe terror cego e vozeria,
E os ouvidos attentos lá percebem
Murmuro desalegre e som confuso:
«Ai! que rumor tamanho, lucto quanto
Rue dos oppostos perturbados muros?»

604-607 Dice, e as bridas retem, sem tino estaca.
Mas a irmã, que em Metisco disfarçada
Regía o coche, lhe tornou: «Sigamos
A via, Turno, que a victória indica;

608-611 Braços ha na cidade que a defendam.
Se ataca Enéas e atropela os nossos,
Com fero estrago os seus tambem rendamos:
Não te irás inferior na glória e feitos.»

612-614 Turno: «Irmã, respondeu, muito ha conheço;
Es tu que arteira, desmanchando o ajuste,
Na acção te ingeres: não me enganas, deusa.

615-617 Quem te enviou do Olympo a tantas lidas?
Vens do irmão assistir ao cru trespasso?
Que resta? que inda espero da fortuna?

618-622 Ante os meus olhos, só por mim chamando,
Murrano acaba, o meu melhor amigo,
De atroz ferida; o caro Ufente expira,
Por não testemunhar a affronta nossa:
Possue-lhe o corpo e as armas o inimigo.

623-625 Soffrerei, duro transe! os tectos rasos,
Sem que a Drances refute a dextra minha?
Vêr-me o Lacio dar costas! fugir Turno!

626-629 Pois morrer tanto custa? Vós ó manes,
Já que os céos me aborrecem, protegei-me:
Alma insonte e sem mancha, á Estyge baixo,

Dos meus grandes avós não terei pejo.»

630-634 Nisto, Saces no espúmeo alado bruto
Entre as filas hostis, frechada a cara
Mostrando, implora a Turno: «Es nosso amparo,
Turno; dos teus ha dó. Fulgúreo Enéas
De exicio ameaça as fortalezas nossas;

635-637 Já voam fachos. Em ti só fitamos
Os olhos, Turno, em ti: na escolha mesmo
De genro ou de alliança el-rei tituba;

638-640 E a raínha fiel, desesperada,
Suicidou-se a final. Messapo e Atinas
Sustentam sós ás portas o conflicto;

641-649 Ferrea hirta messe, densa turba os cérca:
Tu no deserto prado o coche rodas!»
Turno, ao se afigurar tam varios casos,
Tacito e quedo embaça; lucto, insania,
Vergonha, amor, estuam-lhe no peito,
Furias e o conscio brio. Assimque as trevas
Dissipa e a mente acalma, conturbado
A vista em braza revirando aos muros,
Do seu carro contempla a gran'cidade.

650-653 Eis que um vortice flammeo, ao céo montando,
Ondêa entre os soalhos de uma tôrre,
Que elle erguera de traves bem compactas
Com rodas e altas pontes. «Não me estorves;

654-658 O fado vence, irmã: já já corramos
Onde elle e um deus nos chama. Com Enéas
Braço a braço, a tragar a morte acerba
Disposto, irmã, não me verás sem honra:
Ah! deixa-me antes em furor cevar-me.»

659-661 Dice, e do carro apêa: entre armas e hostes,
Largando a irmã chorosa, pelo meio
Dos Teucros rompe com veloz carreira.

662-666 Qual, se por furacão do monte a penha
Róla avulsa, ou das chuvas aluída,
Ou por vetustos annos solapada,
De pricipicio em pricipicio aos tombos,
Selvas no impeto arrasta, armentos, homens;

667-669 Tal, com vasta ruína, aos muros Turno
Se despenha, onde o sangue alaga a terra
E de espessos farpões os ares zunem.

670-673 Acena e grita: «Ao ferro dai, Latinos,
Tregoas, e ao dardo ó Rutulos: a sorte
Qualquer que fôr, he justo que o tratado
Eu por vós desempenhe e só peleje.»

674-681 Todos se arredam, largo espaço abrindo.
Seu nome ouvido, accelerado Enéas
As fortalezas desampara; as obras
Interrompe de chofre, alegre exulta,
E horrendo em armas toa: o Athos, o Eryx,

Mesmo o Apennino padre, assim bramindo
Folga, e azinhos balança coruscantes,
E altêa ás auras o nivoso cume.

682-687 Phrygios, Latinos, quantos as muralhas
Frangiam com vaivens ou propugnavam,
Os olhos convergindo, o arnez dos hombros
Lassos depõem. Do encontro o rei pasmava
De heroes que, nados em distantes plagas,
Entre si valorosos combatiam.

688-691 Vazio o campo, á desfilada, lanças
De longe elles vibrando, o marte encetam,
E ereos broquéis resoam, geme a terra:
Crebros talhos de espadas já redobram;

692-697 Ardil, valor, fortuna, se confundem.
Se no celso Taburno ou Sila immensa
Dous touros fronte a fronte hostis concorrem,
Os maioraes se assustam; mudo o gado,
Surdo as novilhas tugem, sem que atinem
Qual, dono da manada, ao bosque sigam;

698-702 Luctam renhidos enganchando os cornos,
Mesclam-se os golpes; muito sangue inunda
Collos e espadoas; brama a selva e muge:
Dos heroes Teucro e Daunio assim retinnem
Broquéis e cotas, e o fragor rimbomba.

703-705 Ouro e fio a balança, os fados de ambos
Jove nas conchas libra, examinando
Quem na lide succumba e vergue ao pêso.

706-709 Turno então, ferir crendo impune, esgrime,
Com todo o corpo sôbre o gladio cresce;
De susto um e outro campo exclama attento:
Mas a perfida folha estala e falha;

710-715 E ao vêr, sem mais recurso o moço ardente,
Ignota empunhadura e a dextra inerme,
Como Euro foge. He voz que, ao primo assalto
Montando o coche, em vez do patrio ferro,
Do auriga arrebatou sem tino a espada:
Ella bastara a dispersar os Teucros;

716-718 Mas, á prova das armas de Vulcano,
Se desfez como gêlo o mortal gume,
E em pedaços brilhou na fulva arêa.

719-722 Turno deita veloz pela campina,
E mentecapto aqui e alli voltêa:
Lá fecham-no em coroa os Phrygios densos,
Arduos muros alêm, cá vasto lago.

723-728 Acre Enéas o acossa, e bem que ás vezes
Lhe impeça e aggrave os joelhos a frechada,
Urge ao medroso o pé com pé fervente:

Qual, se em rio o sabujo encontra o cervo
Incluso, ou do espantalho de punícea
Penna acuado, late e o corre e caça;

729-739 Da ribanceira e insídia espavorido,
Safa-se elle, anda e vira; o vívido umbro
Hiante o alcança, quasi quasi o aferra,
E, como se o pegara, os queixos range,
E a vã dentada o illude; a grita e os ladros
Retumbam na lagôa e em tôrno ás ribas,
Toa ao tumulto o céo. Na fuga Turno
Exprobra e os seus nomêa, exige e pede
A nota lamina. O rival commina
Morte, se alguem lhe acode, o estrago e exício
Da cidade, e ferido insta, amedronta.

740-742 Cinco vezes gyrando e regyrando,
Leves premios de jogos não pleitêam;
Da vida e sangue trata-se de Turno.

743-748 Sacro a Fauno, um zambujo havia acaso
De amara folha, aos nautas veneravel;
Onde o náufrago os dons pregar sohia
Aos deus, e as vestes suspender votivas:
Porque em plano combatam, sem descrime
A arvore santa os Phrygios extirparam.

749-752 A hasta Enéas impelle, que ás raizes
Se lhe apega tenaz: quiz arrancal-a
Com summo afinco e despedil-a a Turno,
A quem chegar a curso não podia.

753-759 Este louco de medo: «Ha mágoa, ó Fauno;
Retem a lança. eu te oro, amiga Tellus:
Sempre honrei vosso culto, e a guerra eneia
Profanado vos tem.» Não foi baldia
Sua oração; que sôbre o tronco o Phrygio
Curvo labuta, e não lhe vale o esfôrço
Do lenho a desfechar o morso rijo.

760-763 Emquanto mais se estriba e insiste, a diva
Daunia, em fórma do auriga, o irmão soccorre,
Dá-lhe a espada. A ousadia irríta a Venus,
Que baixa e da raiz despega a lança.

764-766 Refeitos de armas, de ânimo sublimes,
Este afouto no gladio, aquelle n' hasta,
Do anhêlo Marte no lidar proseguem.

767-771 Emtanto o rei supremo a Juno falla,
Que de uma nuvem roxa observa a pugna:
«Que resta, espôsa, e traças? Tu confessas,
Deve indígite Enéas, manda o fado
Séde no Olympo têr, subir aos astros.

772-775 Que urdes? que esperas em geladas nuvens?
A um deus violar convem com mortal golpe?
Render a Turno a espada (o que ousaria
Sem ti Juturna?) e acorçoar vencidos!

776-778 Basta, cede ao meu rôgo: não te roa
Tacito enfado; a revelar-me o peito
A tua doce bôca se acostume.

779-782 Veio o termo: agitaste o mar e a terra,
A discordia incendeste, em lucto infando
Invôlta a régia, as nupcias perturbaste:
Não mais, agora o vedo.» Cessa o padre;

783-785 E submissa contesta a irmã Saturnia:
«Teu querer conhecendo, eu constrangida
Abandonei, senhor, a Turno e o mundo;

786-788 Senão, curtindo ultrages, não me viras
Neste ar sózinha, mas na acção, de flammas
Cingida, em prelios consumindo os Phrygios.

789-793 Sim, a ajudar o irmão suadi Juturna;
Louvei que por salval-o ousasse tudo,
Mas não que de arco e settas contendesse:
Da implacavel Estyge á fonte appello,
Jura tremenda aos superiores numes.

794-804 Desisto alfim; batalhas já me enojam.
Favor obsecro não sujeito aos fados,
Pede-o Italia e dos teus a majestade:

Casamentos embora a paz componham,
E leis o pacto assellem; não permittas
Que os Latinos indígenas, perdido
O antigo nome, Teucros se appellidem,
Nem mudem lingua e trajo. Eterno viva
O Lacio, os rêis Albanos; herde Roma
O italico valor, propague e brilhe:
Troia acabou, tambem seu nome acabe.»

805-811 Surrindo o arbitro summo: «Irmã, lhe torna,
Segunda prole de Saturno, de iras
Estos volves no peito? O rancor cego,
Eia, amaina: de grado e ás preces tuas
Tudo concedo. Falla e usanças patrias
A Ausonia guarde, o nome seu conserve:
Consorciados fiquem-se os Troianos;

812-815 Farei que, em rito iguaes e em sacrificios,
Formando um povo, a mesma lingua tenham.
Virão do misto sangue ausonio e teucro
Homens pios que aos deuses se avantagem;

816-818 Nem haverá nação que te honre tanto.»
Juno eis annúe alegre, a mente aplaca;
Do ether já se retira e a nuvem deixa.

819-828 Outra cousa então Jove em si versando,
Resolve separar do irmão Juturna.
Ha duas pestes, por cognome Diras,

De um parto vindas com Megera estygia
Da escura Noite, que as liou de serpes
E azas lhes deu ventosas. Ante o solio
De Jove sevo e ao limiar assistem,
E o medo afilam dos mortaes, se alquando
Morbos elle prepara e o trago horrendo,
Ou pune as gentes com terrivel guerra.

829-832 Jupiter uma lá de cima expede,
Que ominosa a Juturna se offereça.
Ella, n'um turbilhão, qual frecha voa,
Que despara o cydonio ou partho nervo;

833-835 Arma incuravel que no fel untada
E cru veneno, alígera estrugindo,
Improvisa atravessa as leves sombras.

836-842 Desce a filha da Noite: e, mal que enxerga
Os exercitos ambos, no pequeno
Passaro contrahiu-se que a deshoras,
Pousando em cemiterios e ermas grimpas,
Cruja importuno e lugubre nas trevas:
De Turno em cêrco a peste assim revoa,
Guincha aleando, e lhe verbera o escudo.

843-848 Turpor novo o arripia, hirto o cabello,
Tronca a voz na garganta. A irmã, que ao longe
Distingue a Dira e as estridentes pennas,

As madeixas lacera, de unhas rasga
E afeia o rosto, e o seio com punhadas:
«Como ha-de agora, Turno, a irmã valer-te?

849-851 Ai! que me resta que te alongue a vida?
Posso a tal monstro oppôr-me? Eu deixo o campo
Já já. Não me aterreis, obscenas aves;

852-854 O som letal e esse adejar conheço;
Não me enganam de Jove as duras ordens.
Paga-me generoso a virgindade!

855-857 Fez-me eterna? oh pezar! se eu mortal fôsse,
Os desgostos findava, e aos tristes manes
Iria acompanhar o irmão querido.

858-860 Nada jamais sem ti me será doce,
Nada, meu Turno. Um boqueirão me engula,
E em seu profundo centro abysme a deusa.»

861-867 Cobre a cabeça então com verde manto,
E gemebunda se sumiu no pégo.
O troço arbóreo coruscando Enéas,
Insta com feroz peito: «Que demoras,
Turno? arrependes? não correr, mas cumpre
Luctar com sevas armas. Várias fórmas
Toma, usa embora todo o esfôrço e manha;

868-870 Sobe de surto aos astros, ou te occultes
Nas terreaes entranhas.» Abanando
Elle a fronte: «Esses feros não me assustam;

871-873 Jupiter sim e os inimigos deuses.»
Nem mais, e encara antiga pedra enorme,
Agrario marco, estôrvo de litigios;

874-881 Pedra, carga bastante aos mais robustos
Doze homens dos que a nossa idade cria:
Com tremor agarrando-a, heroe se empina
E na corrida a impelle; mas ignora
Se anda ou corre, se péga o ingente marco,
Se o move e arroja: faltam-lhe os joelhos,
Coalha o sangue. No vácuo roda a pedra,
E, sem que o termo alcance, o impulso esfria.

882-887 Como em sonhos, se languida modorra
Nos preme os olhos, ávida carreira
Tentando em vão, no meio esmorecidos
Succumbimos; a lingua e a voz nos falha,
Falham no corpo as fôrças: tal, por onde
Seu valor Turno ensaia, o impede a Furia.

888-892 Cem cuidos versa: os Rutulos contempla,
Olha a cidade; enfia, e da imminente
Lança estremece, de evadir-se o meio
Nem contra seu rival já vê recurso,
Nem mais a auriga irmã, nem mais seu carro.

893-903 Em quanto hesita, o lanço Enéas mede,
A hasta vibra fatal, forceja e sólta:
Nunca assim fremem do mural trabuco

Jogadas rochas, nem trovão rebrama:
Qual furacão letífera voando,
Da cota as orlas e os extremos orbes
Do septêmplice escudo a estrugir fura,
E a coxa lhe traspassa. Ao bote o moço,
Inflexa a curva, tomba; os seus altêam
Mesto clamor; remuge inteiro o monte,
E na selva o lamento amplo reboa.

904-908 Turno olha humilde, súpplice ergue a dextra:
«Bem mereço, he teu jus, perdão não peço;
Mas, se de um pae (de Anchises te relembres)
Commove-te a velhice, a Dauno eu rógo
Me entregues, senão vivo, ao menos morto.

909-918 Venceste, e viu-me emfim a Italia toda
As palmas levantar: Lavinia he tua;
Os odios não requintes.» O acre Enéas
Pára, os olhos voltêa, a mão reprime:
Iam-no as preces quasi enternecendo,
Quando o infeliz talim se mostra ao hombro
E a cravação do cingidouro fulge,
Despojos de Pallante, a quem menino
Prostrara Turno com letal fereza,
E essa devisa infesta em si trazia.

919-921 Da cruel dôr no monumento os olhos
Mal embebe, enfuriado o heroe vozêa:
«Que! tu me escaparás dos meus com presa!...

922-926 Nesta ferida immola-te Pallante,
Pallante vinga-se em teu impio sangue.»
No peito aqui lhe esconde o iroso ferro:
Gêlo os orgãos lhe solve, e n'um gemido
A alma indignada se afundou nas sombras

Une Sacra · edição 1.5 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0